Camilo Castelo Branco
Novelas do Minho

NOVELAS DO MINHO

(CONTOS)

CAMILO CASTELO BRANCO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

ÍNDICE

GRACEJOS QUE MATAM

O COMENDADOR

O CEGO DE LANDIM

A MORGADA DE ROMARIZ

O FILHO NATURAL

GRACEJOS QUE MATAM

Ao Dr. Tomás de Carvalho Ordinariamente, chamam-se, à francesa, espirituosos uns sujeitos dotados de génio motejador, aplaudidos com a gargalhada e aborrecidos àqueles mesmos que os aplaudem. São os caricaturistas da graciosidade.

O «espirituoso», à moderna, abrange os variados ofícios que, antes da nacionalização daquele estrangeirismo, pertenciam parcialmente aos seguintes personagens, uns de casa, outros importados: chocarreiro — trejeitador — arlequim — palhaço — proxinela — polichinelo — maninelo — truão — jogral — goliardo — histrião — farsista — farsola — vegete — bobo — pierrot — momo — bufão — folião, etc.

Esta riqueza de sinonimia denota que o bobo medieval bracejou na Península Ibérica vergônteas e enxertias em tanta cópia que foi preciso dar nome às espécies.

Ora, o «espirituoso» tem de todas. A antiga jogralidade, que era mister vil, acendrada nos secretos crisóis do progresso social, chegou a nós afidalgada em «espírito» e

com o foro maior de faculdade poderosa, cáustica, implacável.

Ainda assim, o estreme espírito português, por mais que o afiem e agucem, é sempre rombo e lerdo: não se emancipa da velha escola das farsas: é chalaça.

Há poucos meses, faleceu em Lisboa um «espirituoso» que andou trinta ou quarenta anos a passear a sua reputação entre o Chiado e o Rossio. As gazetas, ao mesmo passo que nos inculcavam o defunto como pessoa que vivera aventurosamente uns setenta anos tingidos com primoroso pincel, descontavam nestes defeitos a sua imensa graça e reproduziram nova edição melhorada das suas anedotas.

Averiguado o «espirito» do homem em coisas burlescas de que fez mercancia na feira política, liquida-se, quando muito, um folião que desbragava a pena e desembestava asselvajadamente o insulto. Por este, que não deixou nome sobrevivente para vinte e quatro horas — nem o terá aqui —, orça a maioria dos jograis que tenho visto, nos últimos trinta anos, esburgar o osso da fação que lhes alquila o engenho detraidor e acabarem antes da geração que os galardoou com a moeda falsa das risadas.

O satírico de sala e botequim é mais funesto e menos trivial que o político; mais funesto porque vulnera melindres — coisa que o caloso peito da política não tem nem finge; menos trivial porque o chiste de Sterne, de Byron, de Voltaire, do padre Isla, de Heine e Boerne não apegou aqui, nem se adelgaça à feição da nossa índole, bem acentuada nas chocarrices plebeias de Gil Vicente e António José.

É mais funesto, repito; porque me ocorre hoje, regressando das Caldas de Vizela, uma história funestíssima de que só eu posso lembrar-me. Duas chalaças terçadas entre dois amigos cavaram sepulturas de vidas e honras. Se as novelas pudessem ensinar alguma coisa, corrigindo aleijões da alma, eu pediria aos gracejadores que lessem isto; e, nas ocasiões em que a língua lhes descabe na boca, engrossada pela opilação da dicacidade, a refreassem com os dentes.

***

Era em 1851.

Apresso-me a declarar que, no tocante a nomes e localidades, desfigurei tudo, salvo generalidades vagas e o lugar em que começa a narrativa. O que menos monta na exatidão da história é o que aí se elide. Nomear pessoas e terras seria denunciar inutilmente um crime, O criminoso está diante do juiz inapelável e os seus filhos inocentes respeitam-lhe a memória.

Era, pois, em 1851, aos 15 de Junho, nas Caldas de Vizela.

Entre os salgueiros que enverdecem uma ilheta acima da ponte que hoje chamam «velha», à hora da sesta, emboscaram-se sete pessoas que preferiam aquele frescor acre do arvoredo, golpeado por meandros do rio, ao cheiro sulfuroso e até sulfídrico da «Lameira».

O grupo compunha-se de pessoas de diversas procedências:

D. Helena da Penha, chamada na sua terra a morgada velha. Cinquenta e tantos anos, viúva do capitão-mor de Athey, educada em convento, murmurando da educação e dos costumes do claustro, donde saíra com incertos conhecimentos no catecismo, e alguma instrução em bisca sueca, e no Feliz Independente, do padre Teodoro de

Almeida. Excelente senhora, que se conteve viúva desde os trinta e dois anos viçosos e temperados sanguineamente para não dar padrasto à filha única.

D. Irene, a morgadinha nova, vinte e sete anos, galante, mais menina que a sua idade, cheia de denguices, amimada, acriançando-se em trejeitos e dizeres, descompondo as artifícios pueris com uns ares de desgarro e desenvoltura — em bom sentido, aliás.

Decerto já observou, leitor, em senhoras de província, um desembaraço bronco, um remexerem-se e bacharelarem despropositadamente — desaires resultantes de lhes haverem dito que o pejo e o acanhamento são indícios de educação aldeã. Estes despejos improvisados sem delicadeza nem natural, quando topam diversa sociedade em praias ou caldas, dão-lhes ares do que não são e abrem margem a suspeitas indecorosas; porque elas, com tais artes, conseguem desornar-se dos comedimentos do pudor.

D. Irene eram assim. Depois veremos o que ela era mais compridamente.

Direi agora dos cinco sujeitos do grupo.

O abade de Santa Eulália, passante da meia-idade, pagão em literatura, mestre de Latim no seu concelho de Cabeceiras. Citava Virgílio apropositadamente. Quando alguém se dizia regalado com a frescura do salgueiral, declamava um trecho das Églogas em que havia sálices. Ao sentar-se na corcova do tronco retorcido de um amieiro, exclamava sempre, sibilando as delicias do meio-grosso: sub tegmine. Tinha reumatismo e contava muitos casos milagrosos. daquelas águas e outros casos de amores que ali passaram, quando ele acompanhava a sua mãe, no tempo em que as senhoras de Cabeceiras de Basto por lá faziam (dizia ele) o seu S. Miguel de amor. Em cavaco de homens, gretava-lhe a índole e declarava-se o personagem ou protagonista dos casos atribuídos a terceira pessoa em presença das morgadas. Honestava com citações de Ovídio (Ars amandi — passim) a lubricidade dos pecados da sua juventude; e dizia com unção de velhaco: Delicta juventutis meae, suspirando. Às vezes, encontrando senhoras sertanejas de Basto, acotovelava o companheiro de passeio, e murmurava:

«Aqui vem uma das tais» — Uma das tais vinha a ser uma das suas amadas, de 1825, a sílfide que ele havia ensinado a dançar o minuete e a gavota com outras prendas, e não dava agora, no pisar coxo e na gordura fofa, o mínimo vislumbre de ter sido silfídica e bastante leveira para o gingar picado da gavota. «Está como eu», dizia o abade.

.....

Mudado como eu, como ela,

Que a vejo sem conhecê-la!...

cantava Garrett de uma das suas estrelas cadentes. O abade, ao menos, conhecia-as, embora enrocadas em tecido adiposo, e remoçava-as na sua imaginação saudosa, alindando-as com o colorido escarlate da paixão. Bom e discreto conversador, se a matéria obrigava à seriedade; filósofo eclético, alegre, rijo de estômago, cabralista por amor da ordem, e herege, porque negava que o Espírito Santo concorresse ao Concilio Tridentino. Em ciências eclesiásticas, ignorantíssimo por livre vontade e voto deliberado. Eis o abade de Santa Eulália.

Álvaro de Abreu, da estirpe dos Abreus de Regalados, filho segundo da casa e Honra de S. Gens, em Refojos de Basto, bacharel em Direito, vinte e nove anos compacto de carnes, barbaçudo, cara plebeia, esbatida nas proeminências malares, testa descantoada e pilosa até aos arcos das sobrancelhas. Anel de ouro com armas: em campo vermelho cinco asas de ouro sanguíneas nas cortaduras postas em sautor; timbre, uma asa idêntica. As mesmas armas na cigarreira de prata, e nos botões dos punhos, e na ametista dos berloques antigos, pendentes em châtelaine do cós das calças. Tinha cavalo e lacaio fardado de azul com guarnições escarlates, botas de picaria com prateleira e espora amarela encorreada de branco. Era inteligente como a maioria dos bacharéis formados, e talvez mais. Em Coimbra, dado que não versejasse, era da roda do Couto Monteiro, do Luís de Beça Correia, do João de Lemos, do brasileiro Gonçalves Dias, do Lima poeta e do Evaristo Basto. Recitava sentimentalmente às morgadas os solaus dos irmãos Serpas; e as paródias do Beça e Couto Monteiro.

Cábula a minha pachorrenta e gorda

Quem dentre as folhas te espremeu dos livros!

Ou então, o caso da castelã que desafogava saudades:

.....

tangendo no mandolim,

e a chorar dizia assim:

«Ó fado que foste fado,

ó fado que já não és!»

Cito de memória, pouco fiel nestas coisas conspícuas.

Da convivência daqueles rapazes ficou-lhe um verniz epigramático. Flagelava os padres do seu sítio com chalaças, era mais fino nos remoques ao cirurgião, e fizera mudar da terra o boticário, com quem se inimizara inexoravelmente desde que ele, por causa de umas eleições municipais, solenizadas a arrocho, o doestou, no Periódico dos Pobres, de ateu e carbonário. Ainda havia carbonários e ateus naquele tempo. Hoje há mais fé… e petróleo.

Álvaro de Abreu tinha a saúde atlética e vermelha que eu desejo aos meus leitores.

Viera a Caldas porque ali namorara, no ano anterior, a morgada nova, a sua prima em quarto grau; visitou-a em Athey nas festas de Natal e Páscoa, e combinou então encontrarem-se em Vizela.

Outro:

João Pacheco, do Arco de Baúlhe, morgado de Vale Escuro.

Um gentil rapaz de vinte e quatro anos, educado em Lisboa, onde tinha nascido, quando o seu pai comandava uma brigada realista. Era órfão desde 1832. Aos vinte anos emancipara-se, e retirou-se para a província, onde possuía fartos bens e tias solteiras que muito lhe queriam e o indemnizaram dos mimos que não gozara na infância.

Asseveravam-lhe as tias que ele descendia de Duarte Pacheco Pereira — o Aquites Lusitano...

— Que morreu no hospital... — atalhava o rapaz.

— A infâmia a quem toca... — emendava a Sra. D. Isabel Pacheco, freira beneditina bastante instruída.

E, abrindo Os Lusíadas, apontava dois versos em que Luís de Camões vingava Duarte Pacheco da injuriosa ingratidão de D. Manuel:

Isto fazem os reis cuja vontade Manda mais que a justiça e que a verdade.

João Pacheco sorria-se.

A freira azedava com o desdém do sobrinho e repetia-lhe a ode pindárica de António Dinis, consagrada ao seu avô. Era, porém, quase ridículo o entusiasmo antigo da filha de S. Bento, declamando com teatral gesticulação a farfalhuda estrofe:

Cem faraós torveados

Donde por bocas mil brota

Mavorte Entre horrorosos brados,

Em fogo, em fumo, em sangue envolta a morte,

Zargunchos, frechas, que em chuveiros voam;

Elefantes bramindo a terra atroam;

Neptuno da batalha ao som horrendo

No fundo mar se espanta;

Nos eixos muda a terra está tremendo,

Mas nada o grande coração quebranta.

— O que eu penso desses versos — dizia o sobrinho da transportada senhora — é que o bravo Duarte Pacheco espatifou muito índio, fez espadanar muito sangue de povos que defendiam o seu lar, e nunca vieram aqui atacar o nosso. Ora, a Providência castigou o Aquiles Lusitano, baixando-o a tragar na barra dos desvalidos a miséria do rei de Calecut, arrojado por ele do trono à indigência.

Com poucos mais traços, está bosquejado o perfil ideal de João Pacheco.

Completá-lo-ão os sucessos ocorrentes nesta história.

A sexta pessoa do grupo, que povoava o sinceiral do Vizela, era um dos Saint-Preux portuenses, o modelo acabado da beleza varonil, já passante dos trinta e cinco anos, cansado, mas fingindo que amava sempre porque era deveras querido. Não sei se ele, à imitação do marselhês Louis Gauffredi, pactuara com o Diabo dar-lhe a alma em troca das mulheres que soprasse; o que sei é que as damas que

ele quis, sopradas ou não, amaram-no. Parte dessas estava nas Caldas, a abrir o apetite enfarado ou a diluir os empachos da nutrição rija. As meninas anémicas e eloróticas dos trovistas da atualidade, em 1851, pertenciam ainda à embriologia; assim como os bardos, que atualmente lhes receitam boi e vinho do Porto, fermentavam no ventre da Ideia... com I grande.

José de Almeida, o dom-joão do Porto, bem que reconhecesse os amavios corpóreos da morgada de Athey, chegara à idade em que o espírito, ganhando entojo às carnalidades, entra a namorar-se da beleza moral. Almeida zombava dos trejeitos, do palavreado, das relambórias denguices de Irene. Quem o atraia àquele grupo era João Pacheco; e quem atraía João Pacheco era o abade de Santa Eulália com o engodo das anedotas, com a simpatia das boas tolices e a prodigiosa arte de exorcizar a tentação do suicídio das pessoas que penam em Vizela quinze dias de Junho. José de Almeida me dizia a mim...

A mim?... para um homem muito diverso que há vinte e quatro anos tinha o meu nome, e esse tal era o último do grupo.

***

Dizia João Pacheco a José de Almeida uma vez:

— Este Abreu, se não tivesse cartas de bacharel, seria um homem regular; porém, como não advoga, nem faz leis, nem as interpreta, quer à força mostrar que a formatura lhe deu alguma distinção. Faz espírito. Traz sempre consigo as pilhérias requentadas que forrageou em Coimbra e não perde lanço das desfechar contra o abade ou contra mim, se D. Irene lhas pode vitoriar com o sorriso parvoeirão. Eu já lhe disse que os seus gracejos incomodavam o abade e me não lisonjeavam a mim. Se não se emendar, um dia jogo-lhe um remoque desagradável e amordaça-o na presença da menina.

Isto dissera João Pacheco naquele dia em que o grupo, à hora da sesta, se embrenhou no salgueiral.

Nesta ocasião, Álvaro de Abreu refinara no sestro da mordacidade. O coração tem crises de embriaguez e sobre-excitações sanguíneas que refluem às bossas cranianas. A

morgada naturalmente deixara-se apertar suavemente nas polpas do antebraço e correspondera à pressão voluptuosa. O bacharel, a meu ver, esponjava as suas chalaças da abundância do coração. Eu também tive dose na sua liberalidade. Estava eu a entalhar um M na casca de um amieiro. Era a inicial de uma das cinco Marias que eu amava.

— Esse M — disse ele galhofando — pode significar uma celebrada exclamação vociferada por Cambronne em Waterloo.

— Prove a exclamação histórica — interveio José de Almeida, vingando-me com aquele riso percuciente dele.

Todos perceberam, salvante as damas, que não conheciam os aromas da história de França.

— Que horas são? — perguntou enfastiada a morgada Irene.

— Cinco — responderam todos, abrindo os relógios, exceto João Pacheco.

— Singular caso! — disse ele —, tenho este relógio há doze anos; é a primeira vez que pára, tendo corda. Se o ar

sulfúrico de Vizela tiver sobre o dono a influência que tem sobre o relógio, serei obrigado a parar; e parar, diz não sei quem, é morrer.

— Mas é que tu precisas de corda... — remoqueou Álvaro.

— De corda preciso; de carrasco é que não, contando contigo — redarguiu Pacheco.

— Apanhe aquele pião à unha, Sr. Doutor! — exclamou o abade de Santa Eulália.

As duas morgadas riram-se com bastante inteligência; e José de Almeida, golfando três novelos de fumo da pipa do cachimbo turco, regougou:

— Bem boa!, bem boa!, essa vou escrevê-la...

E tirou a carteira.

Álvaro de Abreu enfiou. As damas fitavam-no de modo que o esporeavam a desforrar-se. O riso vingativo do abade torturava-o; e; por fim, o silêncio de todos era um comum vexame: sentia-se mortificada a gente.

D. Helena da Penha ergueu-se do seu frouxel de junco e relva, dizendo:

— Vamos dar um passeio na ponte.

***

Todos se debruçaram no parapeito da ponte, menos Álvaro de Abreu, que se retirou à entrada, pretextando o que quer que fosse.

— O doutor ficou entupido! — disse o abade. — Foi uma embarrilação bem merecida... Onde se dão aí se apanham. Cuidava ele que todos nós éramos espolinhadoiro do seu espírito!... Sempre com o dedo no gatilho da graçola! Uma graça atura-se; mas estar sempre com o dente mordaz arreganhado, isso é próprio dos botequins, em camaradagem de estudantes e banabóias.

— Tem razão, Sr. Abade — obtemperou D. Helena —, mas, a falar o que é verdade, o Sr. Pacheco respondeu muito forte.

Aceito a repreensão da vossa Excelência — disse urbanamente o cavalheiro —, mas peço licença para não me arrepender. Quem me considera talhado para a corda não se ofenda se eu o reputo digno de exercitar o instrumento da forca.

D. Irene exclamou:

— Credo!

Era a expressão espontânea do horror à palavra forca.

E, espevitando a língua, continuou saracoteando-se:

— Não gosto dessas coisas... Estou nervosa... O Álvaro ia pálido e trémulo...

Vejam lá se fazem algum desaguisado por causa de uma graça... Vamos embora, mamã!

Estou muito nervosa... veja...

E oferecia o pulso ao abade.

— Tem febre? — perguntou a mãe alvoroçada ao abade.

— Está agitadinha — confirmou o abade, envesgando para nós os olhos zarolhos de velhacaria. — Quer apalpar,

Sr. João Pacheco?

— Não percebo de pulso — disse o convidado.

Com licença... — interveio José de Almeida, — Eu vejo. —E, tateando o pulso de Irene com o relógio aberto, disse: — Cem pulsações por minuto. Isto não é febre.., é amor, a minha senhora...

— Boa! — disse a menina, retirando a mão —, o Sr. Almeida tem lembranças! O amor sente-se no coração, não é no pulso.

— O pulso é o denunciante do coração — retrucou o portuense. — O amor é o sangue mais apressado.

— Faltava-me ouvir essa! — notou D. Helena, jubilosa por ver que a menina já sorria.

— Em boa ciência é aquilo que diz o Sr. Almeida — confirmou o abade. — Efetivamente, o amor acelera a circulação do sangue.

— Aqui tem o voto de pessoa experiente — disse Almeida.

— Está feito... — assentiu o abade, dando à cabeça três ligeiras demonstrações de consentimento.

— É muito prendado, não tem dúvida... — respondeu ironicamente a viúva do capitão-mor de Athey. — Ora, tenham juízo!

— Que remédio senão tê-lo, a minha senhora! — redarguiu o clérigo pagão. — Sátiro velho não topa dríades nas florestas.

— Como estás, menina? — perguntou D. Helena à filha.

— Queria eu dizer, Excelentíssima Senhora, que o juízo em mim, velho de cinquenta anos, não se recomenda, lastima-se.

— Como estás, menina? — perguntou D. Helena à filha.

— Sobressaltada... Tenho medo de alguma desordem... O primo Álvaro tem tão mau génio...

E fez várias visagens.

— Agradeço a sua compaixão, a minha senhora — ocorreu João Pacheco —; mas peço-lhe que empregue a sua sensibilidade mais oportunamente.

***

Ao empardecer da tarde, José de Almeida foi procurado na farmácia da Lameira, onde então florescia um boticário que parecia imortal pelas sandices originais — e ninguém já hoje se lembra dele! Este pais não é para ninguém: desenganemo-tos.

Era João Pacheco a chamá-lo de parte para lhe dizer:

— Acabo de ser procurado por dois sujeitos de Braga, que se dizem padrinhos do desafio a que sou reptado por parte do Abreu. Respondi-lhes que eu enviaria pessoa com quem se entendessem, — Estou às tuas ordens — condescendeu prontamente Almeida, que era padrinho vitalício de todos os duelos daquele tempo na sua briosa cidade. — Que arma escolhes?

Sabre?, florete?, pistola?...

— Mais devagar — atalhou o morgado de Vale Escuro. — O Abreu não joga arma nenhuma. O meu mestre de tiro foi

o marques de Nisa, de sabre foi o Chico Belas e de florete foi o Petit. Sei pouco; mas sei mais que Álvaro. Se lhe aceito o duelo, vou seguro da minha superioridade, e, pouco mais ou menos, não sairei do campo com a consciência mais tranquila que um homicida. Vai tu, se me queres obsequiar, dizer isto aos padrinhos.

José de Almeida voltou à noite, — O Abreu teima em bater-se — disse-lhe ele. — Quer duelo de morte, pistolas carregadas e desfechadas à ponta de lenço.

— Vai declarar aos padrinhos que aceito — deliberou serenamente João Pacheco.

— Estás doido?!

— Faz o que te digo.

— Escolhe outra testemunha, enquanto eu vou avisar o regedor — retorquiu sorrindo José de Almeida. — Eu pensei que eras um rapaz valente e prudente. Não te batias, há pouco, porque as tuas vantagens repugnavam ao cavalheirismo; e aceitas o combate, dada a igualdade que pode dar-se entre dois assassinos estupidamente ferozes!

Pacheco ria-se: e Almeida discorria razoavelmente.

— Faz o que te digo — repetiu o morgado. — Pois tu, criança, persuades-te que o Abreu deseja bater-se em tais condições? Os covardes têm fantasias dessas enquanto o desafio procede nas incruentas conferências dos parlamentários. Assevera tu ao Álvaro que eu aceitei o combate à ponta de lenço; e espera o desfecho.

— Mas supõe que ele sustenta a palavra!...

— Sustentarei a minha. — E, batendo-lhe no ombro, acrescentou: — Vai sossegado.

O homem tem mais amor ávida que à honra. Ouviste? Se ele propuser o duelo à ponta de língua, declara logo que não aceito.

Os bracarenses, ouvindo a resposta de Almeida, ficaram embaçados e atónitos. O mais cordato, com o louvável intento de economizar sangue ilustre, ponderou que era uma desgraça matarem-se dois cavalheiros da primeira nobreza do Minho, e aventou o seguinte:

— Se João Pacheco lhe desse uma satisfação na presença das pessoas que ouviram a injúria...

— Satisfação.., como? — inquiriu Almeida. — Dizer-lhe que não o reputa carrasco?

A emenda é pior que o soneto. Não proponho isso. Deixá-los matarem-se! Morrem gloriosamente. Tanto faz morrer de cálculos na bexiga como de uma bala no coração.

João Pacheco já teve em Lisboa e Madrid quatro duelos de morte, e está vivo.

— Parece-me isso extraordinário! — observou maravilhado o braguês, supondo que no duelo de morte era obrigatório morrer.

— Não há nada de extraordinário. O estilo estatuído no Código de Honra é que as pistolas, uma cevada de pólvora e pelouro e a outra simplesmente de pólvora, sejam sorteadas. Pacheco teve sempre a sorte por si. Mas o nosso caso é outro. Morrem ambos irremediavelmente.

— E nós?, que há de ser de nós? — atalhou sobressaltado o filho da outrora circunspecta Braga.

— Nós? — respondeu Almeida. — Praticaremos a rara virtude de nos não matarmos, Os senhores fogem para a sua terra e eu para a minha. É o que legisla o Código de

Honra. As testemunhas, não podendo depor acerca da honra dos afilhados mortos, safam-se a unhas de cavalo. O restante da tragédia pertence ao coveiro.

Um dos padrinhos fez menção de lavar as mãos e disse:

— Eu cá de mim...

— É Pilatos neste negócio? — perguntou o portuense.

— E dois — respondeu também o outro, recordando e recitando três passagens pesadas de um livro do conselheiro Rodrigues de Bastos a respeito de desafios.

— Em que ficamos? — rematou José de Almeida. — Deixe lá o sermão.

— Vamos falar com o Abreu: e ou ele desiste de se bater, ou nós declinamos a missão.

— Pois não se demorem, que João Pacheco já está escrevendo as suas disposições testamentárias.

***

Conquanto a bravura não fosse o predicado mais proeminente do amador de Irene, deu-se nele um fenómeno de heroísmo que pertence aos milagres do amor. A nova, que os pálidos agentes lhe levaram, apenas o desfaleceu por instantes. A imagem da prima foi-lhe, como a visão de Palas aos guerreiros da Grécia de Homero, acoroçoando-lhe alentos sobrenaturais à sua índole.

— Pois morreremos! — exclamou ele com ar de Leónidas no desfiladeiro das Termópilas.

— Resolves então morrer? — perguntou um dos padrinhos.

— Que remédio?!

— Arranja outras testemunhas... — intimou o segundo padrinho. — Nós temos deliberado abrir mão desta asneira. Se te batesses por um motivo sério, verbi gratia, se o Pacheco te desonrasse uma irmã ou coisa semelhante, ou te chamasse algum nome injurioso, ladrão, verbi gratia, então estaríamos ao teu lado, e até seríamos os primeiros a defender-te com as armas na mão; ora agora matar-se um homem a troco de uma chalaça que não vale dois caracóis,

isso é a bestialidade maior que pode praticar um homem, se não está doido furioso! Lá que tu, verbi gratia...

— Não dês mais razões — atalhou Álvaro de Abreu. — Procurarei outros padrinhos...

Altercaram até às dez e meia da noite. Um dos dois bracarenses, que argumentava valentemente com o recheio do verbi gratia, repetiu as sãs doutrinas do conselheiro Rodrigues de Rastos, piorando-as na linguagem. O certo foi que a pertinácia do sensato amigo vingou abalar o ânimo renitente de Abreu, a ponto de lhe incutir por um lado da alma o raciocínio e pelo outro lado o medo.

Entretanto, no quartel do morgado de Vale Escuro ocorriam casos notáveis. José de Almeida, encontrando às onze horas da noite o abade de Santa Eulália, que vinha de fazer a partida de voltarete à morgada de Athey, disse-lhe ao ouvido:

— Os homens matam-se amanhã ao romper da aurora. O Sol, quando nascer.., verá dois cadáveres.

O abade não duvidou. A catadura do portuense tinha os assombros da catástrofe.

— Jesus, santo nome! — exclamou o padre. — Eu vou avisar o regedor, se me dá licença; e quer dê, quer não, o meu dever é evitar tal desgraça.

— Não evita nada, abade. O regedor só pode prendê-los no conflito de transgredirem a lei. Quem sabe o lugar onde eles vão matar-se?!

O abade apertou o passo, retrocedendo para casa de D. Helena. Entrou ofegante e roxo. Assoprava as palavras e embebia no lenço vermelho as bagas de suor que lhe bolhavam na testa. Referiu o que soubera de José de Almeida. Irene, que estava ceando bifes de cebolada, foi logo atacada de histerismo, e a mãe arrotava nas ânsias espasmódicas do flato. Outro padre que ali estava, capelão e administrador da casa de Athey, pegou a declamar contra a relaxação do País, desde 33 para cá.

— Sra. Morgada! — alvitrou o abade atalhando a objurgatória política do outro —, aqui perto de nós mora o Sr. João Pacheco. Se a vossa Excelência quer, vamos lá. É impossível que este cavalheiro resista às reflexões de uma senhora que ele tanto venera!

— É já — assentiu D. Helena cobrindo-se com o xale e recomendando ao capelão que fizesse companhia à menina.

Quando entraram, havia conferência entre os padrinhos de Álvaro e José de Almeida. João Pacheco, segundo o estilo, não era presente; mas, contra o estilo, em tais andanças, estava a dormir. Foi chamado para receber a visita da Sra. Morgada. Espertou estrouvinhado e foi à saleta onde a senhora dialogava ansiadamente com Almeida e com os outros acerca do desafio. O portuense havia já anunciado que as condições mortíferas do duelo estavam modificadas. Abreu, coagido pelos padrinhos, prescindira de morrer, e propunha o combate nos termos comuns.

A fim de aplacar as agonias flatulentas da viúva, Pacheco asseverou-lhe que não haveria ferimento de perigo. Quanto a recusar-se ao desafio, consoante a dama rogava, alegou que a sua dignidade lho proibia. Redarguiu a consternada senhora que ia pedir ao seu primo Álvaro que desistisse do duelo.

— Se ele desistir — observou Pacheco —, tem a vossa Excelência conseguido o seu bom intento; mas coloca o seu parente em má posição perante os cavalheiros em quem

confiou a desafronta da sua imaginária desonra. Vá descansada, a minha senhora. O seu futuro genro não sofrerá mutilação de espécie alguma. O nosso combate será um simulacro de esgrima, uma espécie de ginástica de sala com espadas sem ponta nem gume.

***

Ao repontar da manhã, atravessámos o Vizela por umas alpondras sobre as quais se encurvam hoje os arcos da Ponte Nova. Trinavam ainda os rouxinóis nas margens frondosas do rio e ao longe assobiavam melros e grasnavam as pegas nos pinheirais. A corrente murmurosa trapejava nas franças dos amieiros debruçados à flor da água. Daí ladeámos o Banho do Mourisco, à volta do qual estavam umas mulheres aldeãs espulgando-se nos seios com um despejo digno da inocência da Arcádia. Os homens respetivos escodeavam as calosidades calcâneas ou atarracavam tachas nos tamancos.

Depois subimos uma charneca declivosa por onde hoje se alarga e complana a estrada de Penafiel e entrámos numa encosta de tojeiras e sargaçais. Carregámos à esquerda, fraldejando o outeiro por sobre o bravio, e emboscámo-nos por boiças de carvalheiras até encontrarmos uma clareira chã e menos acidentada.

— É aqui — disse Almeida aos padrinhos de Álvaro.

Os combatentes despiram as quinzenas e os coletes.

Os pulsos de Álvaro negrejavam cabeludos e quadrados, de uns que o povo diz que têm só uma cana, como sinal de rijeza inquebrantável: os dedos eram penugentos e trigueiros, com as unhas sujas. As mãos de João Pacheco eram magras, translúcidas e depauperadas do bom sangue que tinge a epiderme. O que me deu a mim alento e esperança na vitória de Pacheco foi o sereno e risonho aspeito do rapaz e a confiança na arte que neutraliza os ímpetos da força.

Rompeu o combate à voz de José de Almeida. Álvaro de Abreu — caso singular! — fechou os olhos e floreou a espada em sarilho tal que o adversário lhe cedeu terreno,

aparando-lhe uns botes e esquivando o embate dos outros. Eu seguia ansiado aquele vertiginoso redemoinho do aço que lampejava e o tinido aspérrimo das lâminas. João Pacheco bradou:

— Pare lá.

Álvaro estacou, provavelmente pensando que o adversário estava ferido.

— Este homem — disse o outro às testemunhas — fecha os olhos, não se defende, e eu involuntariamente posso matá-lo!

— Se me permite uma reflexão — interpôs-se Almeida dirigindo-se a Álvaro de Abreu —, o senhor está enganado com o seu sistema de esgrimir às cegas. Como há de ver a espada do seu contendor?

— Não sei jogar espada — respondeu ele. — Faço o que sei e posso.

— Vejo que pode; mas o que sabe é perigoso — contestou Almeida. — a vossa Senhoria era já cadáver, se o quisesse o Sr. Pacheco. Bata como quiser, mas veja o que faz: abra os olhos.

— Parece-me acertado — obtemperou um braguês com assentimento do outro.

Recuaram ao ponto designado no terreno. Rompeu Álvaro no mesmo estilo de pancada de cego, mas com os olhos coruscantes e esbugalhados. João Pacheco fez-lhe uni golpe dos primorosos da arte, o coup de manchette, no antebraço, sobre os tendões que inserem no pulso, com destridade e limpeza dignas das artes benfazejas. Estava desarmado o possante Abreu. O discípulo do Chico Belas honrara o mestre. (*)

[(*) Chico Belas era D. Francisco de Castelo Branco, irmão do conde de Pombeiro. Foi oficial de cavalaria, teve vida de amores aventurosa e altíssima, morreu em 1862 cancerado, podre de embriaguez e de devassidão. Conheci-o, em 1861, idiota, a babar-se e a pedir um pataco para genebra. Os seus nobilíssimos parentes não puderam nada contra o destino deste homem, que exercitara o magistério na esgrima, na gineta e na galanteria bruta e... feliz!]

***

João Pacheco almoçou com José de Almeida para, em seguida, se recolher à sua casa do Arco. Percebia-se-lhe um

aborrecimento penoso do sucesso. Confessou que tinha vergonha deter ferido um homem que desconhecia o jogo das armas e fechava covardemente os olhos. Retirava-se para evitar o espetáculo em que havia de exibir-se logo que a triste façanha se divulgasse.

Acompanhámo-lo até Guimarães. Aqui nos disse ele:

— Não vos admireis se um dia vos constar que fui assassinado à traição. O rancor do Abreu há de respirar seja por onde for. Na família antepassada deste homem há crimes que dariam matéria para um romance sanguinário. Os próprios parentes dizem que o pai de Álvaro matara o irmão para lhe suceder no vinculo e matara um cunhado para administrar e desfalcar a casa da irmã. Era capitão-mor e amordaçava as suspeitas.

Este filho herdou-lhe a índole; mas, aquecido ao sol de outra civilização e mais cultivado que o pai, supura-lhe a peçonha na língua. Não o temo a ele; mas devo acautelar-me dos facinorosos que acoita na sua casa, como se prevalecessem ao novo sistema as antigas Honras dos paços senhoriais.

Quando voltámos de Guimarães, Álvaro de Abreu passeava na estrada, de braço ao peito, com as primas e com o abade de Santa Eulália.

— Íamos agora visitá-lo, Sr. Abreu — disse José de Almeida. — Ainda bem que o encontramos excelentemente disposto.

— Estou bom — respondeu secamente.

— Fê-la bonita o Sr. Pacheco!... — invetivou D. Helena.

— Ainda há de topar quem lhe abata as bazófias... — acrescentou a filha, chibatando com o guarda-sol um festão de madressilva.

— As minhas senhoras — contrariou solenemente José de Almeida —, o Sr. João Pacheco procedeu com extremado cavalheirismo.

— Muito cavalheiro!, pois não! — replicou D. Irene sarcasticamente com uns esgares lorpas.

— Com toda a certeza, muito cavalheiro — insistiu o portuense. — Aqui está o Sr. Álvaro de Abreu que me não desmente.

O invocado respondeu grunhindo:

— Hum.

E Almeida prosseguiu:

— Se as vossas Excelências, as minhas senhoras, não negassem a honradez generosíssima de João Pacheco, eu teria a conscienciosa obrigação de apelidar infame quem lha duvidasse. Assim, pedindo vénia a vossas Excelências para não dar peso à sua opinião em matérias tão alheias do seu juízo, sustento que é um biltre quem negar o cavalheirismo de João Pacheco na pendência que teve esta manhã com o Sr. Álvaro de Abreu.

E, fitando-o, esperava resposta, que não logrou.

— Acabou-se! — interveio o abade. — Com águas passadas não moem moinhos...

— Diz bem, Sr. Abade — aplaudiu a morgada velha. — Não se fale mais nisso.

— O que eu sei — juntou Irene — é que, no ano passado, gozámos em Vizela dois meses deliciosos; e este ano veio

aquele Sr. Pacheco lá de Lisboa perturbar a nossa alegria com as suas prendas de jogador de espada.

José de Almeida sorriu-se com o mais característico gesto de mofa, abaixou a cabeça sem se descobrir e retirou-se sacudindo a calça com o chicote de baleia.

Montado no cavalo de que apeara, quando avistou o grupo, disse-me rubro de cólera:

— Aquela mulher fez-me acreditar que é possível dar-se um pontapé na parte posterior do merinaque de uma senhora.

***

Quando, por fins de Junho, saímos de Vizela, mexericava-se que um rapaz do Porto, oriundo de família inglesa e celebrado por vinte e sete fraques que estadeava com os respetivos coletes, fora visto, à claridade da lua cheia, cochichar com Irene, ele no quinchoso e ela no muro do quintal.

Em fins de Julho, José de Almeida, no encalço de uma liteira portadora de certo objeto amado, voltou a Vizela e observou uns aleijões psicológicos na enfermidade crónica chamada o sexo pelas senhoras de Basto.

A saber:

Irene, admitida aos saraus e passeios das ilustres famílias da Torre da Marca, Machados Pindelas, Guedes da Costa, Alentém, Infias e Paço de Sousa, ouvir a motejar de Álvaro, à conta do desafio, por causa das grotescas arremetidas de esgrima pelo sistema obsoleto da cabra-cega. Alguns fidalgotes, às vezes, no meio das salas, sem se resguardarem da morgadinha, fechavam os olhos e terçavam as bengalas com atitudes farsistas. As gargalhadas atroavam, e Irene disfarçava o despeito perguntando às vizinhas que brinquedo era aquele. Afinal, teve uma sincera amiga que lhe explicou o libreto daquelas pantomimas, metendo a riso o Abreu.

Coincidiu então a chegada do sujeito dos vinte e sete fraques a Vizela, galhardeando em prendas de sala, e savoir vivre com mulheres, muito distintamente. De feito, Jacques Smith, educado em Londres, enfarinhado nos ademanes

franceses, enfronhado em vaidades de fidalgo que tinha os ossos do seu patriarca saxónio na Palestina, elegante e quase inteligente, formava de tudo isto, reunido aos vinte e sete fraques e respetivos coletes, uma personalidade capaz de sensibilizar damas no uso de caldas e amor.

A frescura montezinha da filha do capitão-mor de Athey, a garridice um tanto canhestra, os seus saltos de ovelha espantadiça e o fluido do olhar que ela derramava remirando-o de esconso escandeceram Smith. Era atrevido como todos os sujeitos de cerebelo grande, onde demora a bossa da amatividade. A lua cheia de Junho e Julho viu coisas que a poesia costuma idear nas varandas das Julietas e que a prosa espreita em qualquer horta de couve galega por entre festões de abóbora-menina.

O bacharel Abreu não viu tanto como a casta Lua; mas farejou. O rival tinha o prestigio que esmaga com a superioridade. O coração do homem traído abisma-se a chorar na consciência que diz: «Eu valho menos que o meu rival.» Enfureceu-se, e vozeou rusticidades à prima, que lhas escutou como quem as recebe impassivelmente com a condição de perjurar. Não se desculpou nem carpiu.

Aborrecia-o, porque era irrisório desde o duelo, e porque estava perdida de amor, fulminada por Jacques Smith, bom tipo da perfeição viril, tirante as escrófulas cicatrizadas no pescoço.

Álvaro de Abreu foi para a sua aldeia. Jacques voltou em princípios de Agosto, com José de Almeida, para a praia da Foz.

Perguntando-lhe Almeida se a morgadinha de Athey passara à história, respondeu:

— Pois então!

— Era uma rapariga fresca... — disse o outro.

— Sim, fresca e indigesta como a melancia.

***

Em uma gazeta do Porto, de 15 de Novembro do mesmo ano de 1851, lia-se esta correspondência datada no Arco:

Esta vila sofreu a perda irreparável de um cavalheiro consumado em toda a extensão da palavra e representante de uma família, talvez a mais ilustre das províncias do Norte, pois entre os seus avoengos se conta o grande e imortal Duarte Pacheco Pereira, por antonomásia o Aquiles Lusitano e o Leão dos Mares.

Ontem de manhã saíra o Sr. João Pacheco a visitar uma a sua prima em Refojos de Basto, onde passou o dia até às quatro da tarde. O cavalo em que montava era um potro não educado ainda e comprado nas manadas espanholas que vieram à feira de S. Miguel. Os seus amigos, posto que João Pacheco fosse ótimo cavaleiro, muitas vez s lhe observaram que os caminhos precipitosos destas aldeias eram impróprios para ensinar potros.

Fiado, porém, na destreza do pulso e firmeza de joelhos, o temerário cavaleiro rompia por esses algares e barrocais com um denodo digno de melhor emprego. Realizaram-se funestissimamente as previsões dos seus amigos.

Ao lusco-fusco entrou pelo portão da casa de Vale Escuro o potro sem o cavaleiro, com as rédeas e bridões despedaçados. O mesmo foi levantar-se na casa um clamor

a que todos os vizinhos acudiram. João Pacheco era extremosamente amado por três tias, respeitáveis senhoras, que não viam outra coisa neste mundo. Amigos e criados, salmos todos pelo caminho de Refojos; e a meia légua de distância, num barrocal fundo e lamacento (espetáculo doloroso!), encontrámos o cadáver de João Pacheco, de bruços, com as mãos submersas no lamaçal e sem gota de sangue que denunciasse o órgão ferido. Como já era escuro, e o cadáver só podia levantar-se depois do exame judiciário, ali ficámos alguns amigos até ao dia guardando os despojos de tão nobre rapaz, desastradamente morto na flor da vida! O cirurgião examinou-o e apenas lhe encontrou o crânio amolgado, sem extravasação de líquidos, exceto dois fios de sangue que derivavam do nariz. Presume-se com bom fundamento que o cavalo o cuspira contra uma rocha angulosa que forma um dos valados da barroca; porque também na palma da mão direita mostra contusões resultantes de se amparar contra as escarpas do penhasco. Não pode atribuir-se esta catástrofe a outra causa que não seja a queda. Se fosse homicídio, seriam outros os vestígios de ferimentos; além de que, João Pacheco era benquisto, honestíssimo,

respeitador da honra das famílias, não obstante haver sido criado e educado em Lisboa.

Além de rico, era um gentil rapaz; pois não consta que deitasse a perder algumas dessas centenas de jovens pobres que se consideram felizes quando os fidalgos as levam à vereda da desonra.

Nós, os seus amigos, chorá-lo-emos enquanto as suas virtudes lembrarem como exemplo a Filhos e cidadãos. Que descanse na perpétua morada da virtude o tão chorado mancebo; e peço ao altíssimo resignação para a sua inconsoláveis tias!...

Quando li compungido esta correspondência, lembraram-me as palavras de Pacheco, na última hora em que o vi: «Não vos admireis se um dia vos constar que fui assassinado à traição.» Comuniquei a minha desconfiança a José de Almeida, — Palpita-me que foi assassinado pelo Abreu! — concordou o meu amigo, e acrescentou: — Escrevo hoje ao abade de Santa Eulália, citando-lhe as palavras de João Pacheco e pedindo os pormenores do desastre.

O abade respondeu que eram infundadas as nossas desconfianças; porquanto, no dia 11, em que João Pacheco perecera, estava Álvaro de Abreu na feira de S. Martinho, em Penafiel, com ele, abade, e com as senhoras morgadas de Athey; e que por sinal nesse dia perdera o Abreu cento e tantas moedas de ouro ao monta, à vista de dezenas de pessoas que nunca o tinham visto jogar.

E rematava a carta deste teor:

Os namorados fizeram as pazes. A pequena veio das Caldas muito coada de cores e com grandes... Olheiras (ia a escrever «orei/ias»). Nos primeiros dias, enfanicava-se a cada passo e dava uns ais românticos como as damas de Basto de 1825. Infandum...renovare dobrem. Depois, a mãe, que é também matreira de 1825, escreveu ao Abreu dizendo-lhe que a sua filha era vítima da ingratidão dele. Aquela «lua cheia» de Vizela de que a vossa Senhoria me falava, não foi ouvida a tal respeito. Ora o Abreu quer-me parecer que sabia pouco menos que a referida Tétis e que o janota luso-britânico de que reza a crónica escandalosa das termas romanas do corrente ano, 1890, da era de César. Porém, como o património dele é magro e as fazendas de

Athey são de encher (e de fechar) o olho, a vossa Senhoria verá que, afinal, a morgadinha, embora não tenha de desatar a cinta virginal, apanha marido, parente, fidalgo e bacharel. Se. depois, as costelas lho pagarão, isso não é da minha conta. Lá se avenham; mas melhor será que ele se resigne, e feche os olhos como no duelo, porquanto saco com honra e proveito é raro, ou não o há, se o anexim é tão verdadeiro, quanto eu sou da vossa Senhoria amigo e venerador, Abade Silva

***

No ano seguinte, a floresta de amieiros do Vizela já não deu sombra e frescura a nenhum dos seus hóspedes do ano anterior.

A José de Almeida e a mim figurou-se-nos que as frondas do salgueiral afestoavam um túmulo. Doeu-nos pungentíssima a saudade de João Pacheco. Nunca mais ali voltámos.

Estavam nas Caídas a morgada velha e o abade de Santa Eulália.

Irene e o seu marido, Álvaro de Abreu, esperavam-se mais tarde.

Esperava-os D. Helena; mas o abade secretamente nos disse que D. Irene nem o marido tornariam a Vizela em dia da sua vida.

Segredou-nos que a morgadinha, ao oitavo dia de casada, tentara fugir para a mãe...

— Oh! — exclamou Almeida —, ao oitavo dia!, que lua-de-mel! — a meu ver — piscou o abade entortando a boca disformemente —, esta lua-de-mel recebia a luz reflexa daquela outra lua cheia aqui das Caldas, tão a sua conhecida, Sr. Almeida,,.

— Maganão! O abade é o calendário de todas as luas que iluminam há trinta anos os amores noturnos de Vizela...

— O que o senhor não sabe é que o marido lhe bate às cegas...

— Sim? Agora vejo que o homem, no duelo, obedecia ao costume.

— E, quando sai, fecha-a num quarto de cantaria que lá chamam a «torre», e até dos criados a zela!

— Que amor e que conceito lhe merece! — disse Almeida com a secura irónica do seu génio quando as situações demandavam piedade.

— Eu vi-a há quinze dias na igreja de Refojos. Que mudança! Está escaveirada, sem atavios, o desalinho da desgraça... Fez-me compaixão! O marido estava à beira dela; não pude sequer dizer-lhe que fugisse.

— Mas a mãe.., assim a deixa desprotegida?

— A mãe definha-se; e não saber tudo o que ela sofre, porque a filha não se queixa...

— Não entendo essa resignação! — objetou Almeida.

— Entendo-a eu. Irene era descompassadamente estúpida a respeito de certas coisas...

— A respeito de todas, pensava eu — emendou o portuense.

— Cuidou que o matrimónio era o conserto de certos aleijões com que fora daqui de Vizela.

— Fez do marido algebrista, percebo.

— É isso; mas o bacharel tem lá os seus Provarás...

— De cacete, hem?

— E a mulher tem medo que o marido peça contas à sogra dos desatinos da filha.

— As meninas que em tais condições se casam não temem as mães, abade. Casou ela livremente?

— Com toda a liberdade, e contra a vontade da mãe. Tanto assim que a velha, prevendo que o Abreu seria mau esposo, entregou-lhe simplesmente o que era do pai da noiva: setenta mil cruzados em propriedades. A casa vale o tresdobro. Foi velhacaria muito louvável; porque, dizia ela: «Se o marido a maltratar, ameaço-o com a privação do meu dote, que é privilegiado e isento da meação da casa.» É o que ela está ensaiando: já anunciou a venda de duas quintas. Veremos como ele se porta...

— Por essas duas quintas fechará o genro os olhos ao passado e ao futuro. Ele bem sabia que Irene o desprezou pelo Jacques Smith. Que alentado canalha salpicado de

brasões! Não posso despersuadir-me que foi ele o assassino do infeliz Pacheco...

— Juro que não foi: já o defendi.

— Então, mandou-o matar.

— Isso é uma hipótese sem nenhum fundamento, No cadáver de João Pacheco não havia sinal de ferro, nem de tiro, nem contusões de pancadas. Foi a queda do cavalo, que era bravo. Não dê vulto a essa suspeita aleivosa.

***

Joeirando as minhas reminiscências de coisas relativas a Irene, referidas pelo abade em cartas a José de Almeida, apuro o seguinte, na correnteza dos anos de 1853 a 1855:

Sem impedimento dos dissabores conjugais, Irene deu à luz o seu primeiro filho, e, mediante o prazo restrito para o fenómeno da geração, provou a sua fecundidade com segundo rapaz robusto. Donde se depreende que ele a não espancava incessantemente.

Irene vivia mais desoprimida desde que o marido reatara com uma raparigaça barrosã a mancebia interrompida pelo casamento. Ele pernoitava fora noites seguidas e não sofria em casa a menor inquietação com ciúmes.

Durante o primeiro ano, raro dia passava que a não atanazasse com perguntas cruamente torpes acerca de Jacques Smith. Depois, parecia esquecido ou reconciliado, se não era antes o receio de que a mulher lhe fugisse e a sogra alienasse as quintas.

No meado de 1855, a morgada velha faleceu nos braços da filha, recomendando-lhe que recorresse nas suas aflições ao abade de Santa Eulália. Desde este dia, recrudesceram em Álvaro de Abreu os desprezos, as injúrias e até a difamação da mulher. aos seus parentes, que o arguiam de devasso, respondia que lhe era mister aturdir uma desonra com outras: e, pondo em miúdos a frase anfibológica, delatava a fragilidade antematrimonial da sua mulher e parenta.

Apertada pelos insultos face a face, Irene disse-lhe um dia:

— Se eu tivesse um irmão que pegasse numa espada, você não me ofenderia assim...

— Se você tivesse um irmão que pegasse numa espada e me ferisse com ela, iria para onde foi um homem que uma vez me feriu...

Irene não percebeu o sentido latente da réplica; mas referiu ao abade a passagem, digna de ponderação.

«Quem sabe», dizia ele consigo, «se José de Almeida acertou quanto à morte de João Pacheco,.

Os criminosos asilados sob as telhas de Álvaro de Abreu favoreciam a suspeita: entre outros somenos na tuba da fama avultavam o José Pequeno, da Lixa, e o José do Telhado, que o neto dos senhores de Regalados sentava à sua mesa, quando Irene ficava no quarto. Entrou em averiguações o abade, e soube que os dois salteadores, quando João Pacheco morreu, estavam na casa dos Abreus de Refojos, jogando a esquineta com os criados.

Como quer que fosse, o abade entrou-se de medo bem entendido quando Irene lhe pediu que a protegesse e resgatasse da escravidão em que vivia.

«Este homem, se eu me intrometo nos distúrbios da sua casa, é capaz demandar um dos seus celerados apunhalar-

me!», conjeturava ele racionalmente.

Não obstante, indagava com cautela o modo de libertar Irene pelo divórcio, ou pela fuga para mosteiro ou casa de família honesta. As famílias honestas recusavam-se a receber a esposa difamada pelo marido; as menos honestas esquivavam-se a desavenças com Álvaro de Abreu, respeitando mais os hóspedes que o hospedeiro. Os donos das casas endinheiradas dormiam tranquilamente enquanto o amigo do José do Telhado e José Pequeno lhes não retirasse a sua estima.

E, naquele tempo, havia governadores civis, administradores de concelho, regedores, cabos de polícia, etc. Esta corporação de funcionários não prendia ladrões: fazia deputados.

***

Irene instava com urgentes rogos. Dizia desatinos ao abade. Traçava planos vulgares; mas de escândalo estrondoso. Fugiria para o Porto, onde estava um homem

que ela amava: iria pedir-lhe o amparo do amante ou a vingança do cavalheiro. Tinha lido o Palmeirim de Inglaterra; mas não conhecia o Cavaleiro da Triste Figura. O abade recomendava-lhe juízo e paciência; e pensava mais fervorosamente em salvá-la do amante que do marido. Falava-lhe dos filhos. A comoção era medíocre. As mães que desafogam as suas angústias, ajoelhando à beira de um berço, estão salvas. Irene carecia da virtude redentora das esposas, que fazem os seus anjinhos intercessores com a justiça divina. Era criminosa. O marido cuspia-lhe uma injúria, e ela abaixava o rosto indelevelmente manchado. Um dos esteios da honra quebrara-o a jovem solteira em Vizela: restava-lhe outro — o da sinceridade com o noivo aborrecido: quebrou-o também. Se a sorte lhe deparasse marido tão amante quanto generoso, a regeneração fá-la-ia o esquecimento do erro, e o segundo batismo da alma seria a unção das lágrimas nas faces cariciosas dos filhos. Havia uma chaga a cicatrizar na consciência de Irene; não lha leniram com o bálsamo do amor ou da caridade: exulceraram-lha a ferroadas de inúteis vitupérios. As mulheres assim, quando não se engolfam no tremedal, ou

são feias como o pecado, ou predestinadas como Santa Pelágia e Santa Maria Egipcíaca.

O abade de Santa Eulália solicitou a proteção de um prelado, o seu parente, a favor da desditosa Irene. Conseguiu-se a entrada da esposa fugitiva no Convento de Santa Clara de Coimbra. O abade avisou-a, guiando-a no passo da fuga. Irene deveria sair para uma das suas quintas de Cerva, onde costumava ir ao Outono, e fugir de lá com duas pessoas da confiança do abade. Aceitou alegremente a proposta; porém, dias depois que se transferira à quinta donde devia fugir, com efeito fugiu; mas não eram confidentes do abade as pessoas que lhe protegiam a retirada pela serra de Marão em direitura ao Porto.

A mulher de Álvaro de Abreu escondeu-se nos arrabaldes daquela cidade, no Bom Sucesso, numa casa-chalé, telhada e ladrilhada de asfalto negro à inglesa, com estores impenetráveis e à volta um silêncio sepulcral a ouvir — permita-se-me a expressão — os suspirosos murmúrios que lá dentro se atabafavam nas alcatifas e nos cortinados.

Aquela casinha abarracada era o chalé de Jacques Smith, o homem dos vinte e sete fraques para quem a frescura da

melancia era indigesta.

Não é natural que a esposa fugitiva fizesse por ali escala para o cubículo de Santa Clara.

***

Avisado Álvaro de Abreu que a sua mulher desaparecera da quinta de Cerva, deixando os filhos com recomendação às amas que os entregassem ao pai, não se afligiu desesperadamente. Sabia que Irene suspirava pelo convento e que o abade, confidente dela, era o agente desse plano. Procurou o abade na sua residência e perguntou-lhe, carranqueando, onde estava a doida.

— Não sei, Sr. Abreu.

— Não mangue comigo, abade... Em qual convento está Irene? O senhor tratou disso, foi a Braga, falou ao deão, etc.

— Sem dúvida; mas a Sra. D. Irene, quando foi procurada para entrar no Convento de Santa Clara de

Coimbra, já tinha saído da quinta.

— Não me conte lérias, abade! — retorquiu sarcasticamente o bacharel. — Eu estou a ler-lhe na alma. Irene vai requerer o divórcio, guiada pelos seus conselhos.

— Não é verdade, Sr. Abreu — atalhou o abade.

— Não me desminta. Que interesse tem o senhor, pastor de almas, em insinuar a desordem no seio de uma família?

— Já disse a vossa Senhoria...

— O senhor é tolo! Parece que não tem amor à pele... Repare no que lhe digo: se a justiça, a requerimento de Irene, me inquietar, quem paga as custas é o Sr. Abade de Santa Eulália. Fica avisado.

— Mas..., Sr. Abreu..., juro-lhe pela sagrada hóstia...

— Não me fio em hóstias!... Padres!, corja de marotos!, pensam que estamos ainda nas trevas do absolutismo!... Fica avisado, entende-me?

E saiu tinindo rijo com as esporas no pavimento e dando estalos com o chicote.

O abade era uma congestão de pavor, com o espírito estritamente necessário para pensar em transferir-se para outra abadia.

Nesses dias de sobressalto, escrevera ele a José de Almeida, contando-lhe as suas cólicas em linguagem picaresca. Mais egoísta que caritativo, dava ao Diabo do Inferno a tonta da Irene e perguntava onde iria parar aquela extravagante.

Quanto a mim [aventava o solerte abade], a mulher está aí no Porto, sob a proteção da bandeira inglesa, enquanto eu cá estou debaixo do cacete português do marido. Ela muitas vezes me disse que tinha aí paladino. Procure-a a vossa Senhoria; e, se tiver modo de lhe transmitir os meus cumprimentos pela bestialidade que fez, peça-lhe que não demande o marido, visto que as custas já eu fui citado para as pagar em moeda de costela. Entretanto, diligencio escapulir-me daqui. Está vaga uma boa abadia no Alto Minho. Vou requerer a mudança, esperançado no valimento da vossa Senhoria. O deputado do circulo há de fazer-me guerra, porque eu laboro nas fileiras da rainha e Carta e votei contra ele; mas, repito, conto com a vossa Senhoria e

com o José Bernardo. Não me desconviria nesta ocasião um canonicato em Braga, e já mó ofereceram os Srs. Cabrais em 1850; hoje torço a orelha... Ah!, femeaço!, femeaço!

Quando a política me agourava uma mitra, as mulheres far-me-iam rejeitar o chapéu de cardeal. Mulheres, piores que o Diabo, diz o Eclesiastes. Devia de estar velho quem disse isto... Finalmente, agora, em remate de cantiga, vem essa doida da Irene perturbar o meu repouso!... Quem me mandou a mim endireitar tuertos, se ela já estava retorcida!? Etc.

José de Almeida, contando com a fatuidade de Jacques Smith, mostrou-lhe a carta do abade e perguntou-lhe se ele podia informá-lo.

Smith riu à farta das graçolas do padre, encaracolou as guias do bigode, estirou três vezes os braços com sacudida elegância, assentou a gola do fraque décimo nono, fez meia volta sobre os tacões, enclavinhou os dedos alisando os vincos das luvas, e falou desta arte:

— Eu te digo. É uma pobre rapariga. Deixei-a, como sabes. Escreveu-me sempre.

Respondi-lhe de vez em quando. Quis fugir à mãe. Pediu-me que a fosse esperar a Guimarães. Dissuadi-a de tal parvoíce. Desesperou-se, quando soube que eu fora para Paris, e casou-se por despeito. Que estupidez!, uma mulher com duzentos contos!

Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus com raiva e lágrimas. Dizia que não lhe importavam as consequências... — que, se o marido a matasse, Deus me pediria contas. Compadeceu-me esta tolice!

Passados dois anos, escreveu-me uma história deplorável de dores íntimas. É vítima do amor que me teve. O marido mata-a lentamente e atormenta-a com o meu nome.

Respondi-lhe em nome suposto, com pesar, com dó, com saudade, queres que te diga?, amando-a!... Caprichos do coração... Primeiramente, aconselhei-a a que se separasse do bruto; depois aprovei o refúgio do convento; por fim, quando ela me disse: «Vou suicidar-me«, fui buscá-la. Andei cavalheiramente?

— Com toda a certeza. A ter ela de se matar, fizeste bem. Salvaste-a da morte e das penas eternas que esperam os suicidas — aplaudiu Almeida, casquinando frouxos de riso que eram uma satânica beleza na fisionomia dele.

— Estás a gracejar? — respondeu o outro com aprumo entre inglês e portuense.

— Pois tu falas tão fúnebre que eu deva ouvir-te com as lágrimas nos olhos? Rio-me dos advérbios que eu t tu usamos nestes casos. Cavalheiramente! Foste buscá-la cavalheiramente! E se tivesses casado com ela, na ocasião em que a comparavas à melancia fresca e indigesta, com que advérbio celebrarias a tua ação?...

— Casar!... Porque não casas tu?...

— Isso é outra questão...

— É a mesma: porque não casas tu com.,.

E recenseou meia dúzia de nomes tão respeitáveis presentemente que só cada um de per si bastaria para desbotar o pudor das Pórcias e Cornélias.

José de Almeida, em verdade, no terreno da morigeração, estava deslocado.

Mudou sensatamente de rumo; e, voltando ao ponto, disse:

— Que queres que eu responda ao abade?

— Diz-lhe que D. Irene está comigo; e que o diga ao marido, se isso convier à sua defesa. Quanto a demandas, que não se assuste o selvagem nem o abade.

Fez uma pirueta congenial, acenou ao jóquei, sentou-se de um pulo no coxim do mail-coach e silvou a pita do pingalim na crina dos alazões, que saíram curveteando.

«Aí vai um perfeito feliz», dizia a mocidade portuense verminada de invejas.

Seria um pouco mais feliz que um mendicante sadio se não tivesse um aneurisma a arfar-lhe no coração. Compensações.

***

O abade, recebendo a resposta do portuense, procurou Álvaro de Abreu e disse-lhe:

— Lamento a desgraça de que não tenho a mínima culpa. A Sra. D. Irene está... onde a levou a fatalidade. Se a vossa Senhoria me admite um conselho, não se divulgue tal desgraça.

E, contando-lhe com melindrosos rodeios que O. Irene vivia com Jacques Smith, ofereceu-se para intervir no remédio deste escândalo.

— Como? — interpelou Álvaro iradamente.

— Meditarei no modo da encaminhar ao convento.

Abreu ringiu os dentes e rosnou:

— O senhor, se não fosse uma besta, seria um canalha que vem aqui avisar-me da infâmia dessa mulher!...

— Oh, senhor! — exclamou o abade, conturbado do ímpeto do fidalgo. — Pois eu venho participar-lhe,..

— O quê? Que vem o senhor participar-me? Que estou desonrado? Ora ponha-se no meio da rua antes que o despeje pela janela! Quem perdeu, quem prostituiu essa

devassa, foram os seus conselhos, O abade limpava o suor e gaguejava.

— Rua! — bradou Álvaro —, e mude de terra, quando não.... faço-o esfolar. Você teve quinhão nas devassidões da mãe; que lhe importa a devassidão da filha?

Era uma seva calúnia, propalada por Álvaro de Abreu e aceite pela opinião pública. O abade então chorou, ergueu a cara com arrogância e bradou:

— O senhor informa as honradas cinzas da sua sogra! Eu não posso vingá-la, mas Deus nos vingará, a ele e a mim!

— Fora, hipócrita! Rua!

O padre saiu aturdido. Zuniam-lhe os ouvidos e congestionava-se-lhe o sangue na cabeça.

E, desde esta hora — dizia ele —, nunca mais teve saúde nem descanso. Apagou-se-lhe a clara e serena satisfação da vida. Fechou a aula de Latim. Insulou-se da convivência dos amigos. Tinha cinquenta e seis anos. A filosofia socrática não bastava a robustecer-lhos contra os abalos da religião de Jesus. Entrou-lhe no espírito a memória severa do seu

passado licencioso. Pesares, abafados pela dúvida, exulceraram-se em remorsos. Ara o assombro dos fregueses. O relâmpago da fé abrasara-o. Fez-se missionário e, no púlpito, desentranhava a invencível e penetrante eloquência das lágrimas.

Acaso vi o nome deste padre na lista de missionários que uma gazeta injuriava.

Comuniquei o espantoso achado a José de Almeida.

O meu amigo escreveu-lhe, Na volta do correio, a resposta dizia assim:

O desgraçado a quem escreveis morreu. Subsiste um penitente a rogar vos de mãos postas que, antes do inverno da vida, ofereçais a Deus as vossas lágrimas em desconto das que fizestes chorar.

— Que celebreira! — disse Almeida. — Quem havia de esperar isto de um padre tão patusco!

E mais nada — celebreira! Que desabrimento com umas ingentes dores, dobradamente deploráveis, se são quimeras!

Eu, de mim, compreendi aquela transformação, porque decifrara os segredos dela na minha alma. Aos vinte e um anos estudara eu Teologia, com o propósito de ir missionar entre os vituperados da loucura da Cruz. Recai, propelido pela zombaria do mundo; mas aprendi a não zombar.

***

Por aquele tempo, um cavalheiro de Basto, o Sr. Paulino Teixeira Botelho, murava um terreno lavradio que nos anos anteriores fazia parte da feira de S. Miguel, em Refojos. A política de campanário introduzira a sua garra nesta contenda de propriedade. O povo, acirrado pelos adversários políticos do Sr. Paulino Teixeira, ameaçara derribar o muro e invadir a propriedade a ferro e fogo. O proprietário, forte do seu direito e bravo do seu natural, aceitou a luva, aguerrilhou criados e caseiros e avisou as autoridades que tomaria sobre si o desempenho dos deveres que incumbiam aos fiscais da segurança pública.

Os amotinados eram, pela maior parte, jornaleiros, soldados com baixa, a ralé Intima das aldeias, poucos lavradores e alguns caseiros de casas afidalgadas. Entre estes, sobrepujava na investida e na bravura da excitação um Manuel Fialho, que tinha sido lacaio de Álvaro de Abreu, e àquele tempo era o seu feitor em duas quintas nas margens do Tâmega. Fora ele quem arremetera primeiro ao muro e aperrara um bacamarte ao peito de um criado da casa agredida.

Rompeu a espingardaria, menos trovejada que o alarido da multidão. As balas zuniam na ramagem dos castanhais. Milhares de pessoas, de envolta como gado espavorido, despejavam a feira. O povo inerme açodava com o alarido os combatentes.

Dos de fora, alguns caíam feridos, outros baqueavam sob os muros derruídos.

O mais pimpão, Manuel Fialho, caíra atravessado por um pelouro do peito às costas. Acudiram a levantá-lo do chão lamacento alguns dos seus sequazes.

— Quero confessar-me! — rouquejava ele. — Levem-me onde esteja um padre!...

Depressa, que morro!

Olharam em redor, e viram um sacerdote que, de mãos postas, sem receio das balas que lhe sibilavam de perto, pedia ao povo que se retirasse.

— Além está o Sr. Abade de Santa Eulália! — exclamou um dos amparadores do agonizante.

Outro correu a dar-lhe parte de que estava ali um feitor do fidalgo de Refojos mortalmente ferido que se queria confessar.

— Trazei-mo depressa, eu o espero nesta primeira casa... —disse o abade.

O moribundo, nos braços de dois homens, entrou para um quarto onde o esperava o confessor. A confissão e a vida duraram-lhe dez minutos.

***

Álvaro de Abreu, quando, ao fim da tarde, lhe disseram que Manuel Fialho, antes de expirar, pedira confessor e morrera nos braços do abade de Santa Eulália, acusou nas alterações de cor e fixidez dos olhos alvoroço aflitivo.

Os dois filhinhos, conduzidos pela despenseira, iam beijar a mão do pai para se deitarem. Álvaro manteve quieto entre eles, prostrado numa cadeira, abstraído, enquanto as crianças lhe contavam a batalha da feira, imitando a troada dos tiros com a boca e a estratégia com umas manobras infantilmente graciosas. A despenseira, pensando que o pai se entretinha com os pequenos, retirou-se admirada. Era raro deter-se Álvaro cinco minutos com os filhos; e, quando eles se demoravam, afastava-os desabridamente.

Neste comenos, anunciou-se o abade de Santa Eulália.

Abreu levantou-se de golpe, fincou na cabeça os dedos engrifados e resmoneou:

— É certo...

O criado, que dera o anúncio, esperava a resposta.

— Que entre!... e leva estas crianças... — disse Álvaro.

O criado foi à sala de espera e fez sinal ao abade que entrasse pela porta da direita.

— Deixe ir comigo os meninos — disse o abade, tomando-lhos cada um na sua mão.

As crianças, pondo no rosto caricioso do velho os seus grandes olhos, iam alegremente, saltando sobre um pé, e floreando as suas espingardas de cana fabricadas expressamente para darem aos criados um simulacro do tiroteio daquele dia.

— Com licença. Louvado seja o nosso Senhor Jesus Cristo — saudou o abade à entrada da sala, introduzindo as crianças.

— Entre! — disse o fidalgo.

O missionário, entrado à sala, fechou a porta e disse:

— As crianças podem entrar porque são anjos e não entendem as nossas palavras.

Em nome delas, tenho de pedir: e elas pedirão comigo.

Álvaro de Abreu escutava-o em pé, imóvel, hirto. O abade mal o divisava na quase escuridão da vasta quadra,

assombrada de castanheiros seculares.

— Sr. Álvaro de Abreu — prosseguiu o abade com a voz tremente —, ouvi de confissão, em artigo de morte, Manuel Fialho, o homem que matou João Pacheco, com a pancada de um mangual na cabeça, e à traição na Barroca das Duas Fontes, ao anoitecer do dia 11 de Novembro de 1851. Este homem só compreendeu e temeu a justiça divina quando se sentiu varado por uma bala. Eu venho rogar a vossa Senhoria que compreenda e tema a justiça divina manifestada na morte violenta do seu criado Manuel Fialho, homicida do inocente João Pacheco. Não lhe direi que se tema da justiça humana, porque o único homem que podia acusá-lo é morto; e eu não o acusarei na Terra; porém, se Deus chamar a minha alma a depor no tribunal divino, direi que de mãos postas e na presença do seus filhinhos lhe pedi que se curvasse pela contrição e pela penitência aos pés de Jesus Cristo misericordioso.

E ajoelhou aos pés de Álvaro com as criancinhas adiante de si.

— Levante-se, Sr. Abade! — balbuciou o marido de Irene, erguendo-o nos braços. — Eu sou um miserável, sou

indigno da sua estima... Perdoe-me as injustiças que lhe fiz...

— Não tenho que perdoar... Adeus, anjinhos — disse o padre beijando as crianças. — Ide ver-me algumas vezes à residência, que vos ensinarei a orar a Deus por o vosso pai e... por a vossa mãe.

— A mamã? Onde está? — perguntou o menino mais velho, que tinha quatro anos.

O abade passou o canhão da batina pelos olhos e saiu.

A voz lamentosa do padre soou no deserto, as lágrimas caíram sobre o penhasco estéril.

Álvaro desdava as roscas da serpente do remorso sem grande esforço: era ateu.

Bazofiara sempre de racionalista; mas da sua razão era excluído Deus. Acreditava, tal qual vez, nas vantagens sociais da virtude e nos perigos do crime; mas para além da torrente negra da morte não aceitava sequer a discussão absurda.

Apalpava-o agora duramente a desgraça. Havia um homem que podia acusá-lo de assassino covarde; tinha uma esposa adúltera que passeava ao grande sol das praias e das praças o seu escândalo; rareavam à volta dele os cavalheiros considerados; acanalhavam-no os celerados que se acolhiam às suas quintas; as autoridades judiciárias, açuladas pela imprensa, aguilhoavam os regedores a assaltarem-lhe as casas.

Perderam-lhe o respeito, e até nos periódicos o amalgamavam com os hóspedes, invocando os manes dos condes de Regalados.

Convulsionavam-no frenesis, exasperos que ninguém mitigava com o amor ou com os linimentos da amizade, Os risos das crianças irritavam-lhe a misantropia. Era-lhe impossível a quietação e baldado o paliativo das deleitações brutais.

Deliberou viajar. Não podia vender quintas sem o consenso da mulher.

Hipotecou-as com enormes usuras. Embolsou o dinheiro à farta para demoradas viagens e saiu, entregando os filhos

para uma cunhada, esposa do irmão morgado.

Desde 1857 a 1861 triunfou a vida nas principais cidades da Europa. Conheceu todos os salões e todos os antros. Viu a devassidão no espavento das pompas do Louvre, onde as duquesas apresilhavam diamantes nos bicos dos peitos, e remirou-se nos grandes espelhos dos bordéis em que as mulheres, nuas como as bacantes, se espreguiçavam sobre divãs, com os seios aljofrados de pérolas e os cabelos aromatizados de grinaldas de jasmim. Em Veneza, Milão, Paris, Londres, Madrid, em todas as cidades capitais, comprava um daumont, dois cavalos e uma mulher dar mais cotadas; às vezes, comprava duas mulheres e quatro cavalos. Chamavam-lhe conde, porque nos seus trens fizera pintar a coroa dos Abreus, condes do Pico de Regalados.

D. Irene viajava simultaneamente com Jacques Smith. Uma vez, no Prado, em Madrid, o faeton de Smith perpassou pelo breque de Álvaro, que boleava.

Refestelavam-se nos coxins duas francesas do café-concerto. Jacques acotovelou Irene e disse-lhe, risonho:

— Aos pares, hem? E tu a imaginá-lo a semear calondros em Basto...

Irene chorava.

— Porque choras?

— Por os meus filhos, que não têm pai, nem mãe, e hão de ficar pobres.

Álvaro avistara a mulher, cravara-lhe os olhos indecisos, reconheceu-a, e não tenho a certeza se lá no intimo da sua pessoa lhe chamou descarada.

É natural que sim.

O honesto era ele.

***

Em 1862, um padre que administrava as quintas de Álvaro de Abreu não achou usurário que lhe adiantasse mais dois contos de réis que o fidalgo pedia com urgência.

Um legitimista minhoto que visitara O. Miguel na Alemanha propalou. que vira Álvaro de Abreu em Florença muito doente, descarnado, tossindo, com o peito retraído, as gengivas brancas e as orelhas secas. Os usurários enfiaram de pavor. Se ele morresse, a viúva e os órfãos, alegando lesão enormíssima e ilegalidade dos contractos, levantar-se-iam com os rendimentos hipotecados das propriedades. Álvaro esperava em Londres a letra. O padre-mordomo enviou-lhe algum dinheiro, desculpando os capitalistas com o boato da sua enfermidade.

Resolveu repatriar-se, a fim de restabelecer-se no Minho. A sua doença era o corolário da libertinagem: a caquexia. Os médicos franceses aconselharam-lhe as águas minerais de Cauterets nos Pirenéus. Mudou de rumo. Era-lhe grata a esperança de voltar à Pátria restabelecido e gordo para desmentir o legitimista. Bebeu as águas sulfúricas de Cauterets, consumou o esfacelamento dos intestinos baixos, e morreu medicinalmente.

Além de um titular português que lhe assistiu na morte e enviou a Portugal a notícia, ninguém, por afeto ou caridade, lhe humedecera os beiços na derradeira febre. Contou o

titular a José de Almeida que o tal Abreu tinha um pasmo de olhos horrendo quando agonizava.

Veria o espectro de João Pacheco?

***

O abade de Santa Eulália rezava uma missa por alma de Álvaro de Abreu quando D. Irene, trajada de luto rigoroso, entrou na casa de Refojos, onde esperava encontrar os filhos. Disse-lhe o mordomo que os meninos, por direção do abade, estavam a educar no colégio de Landim, oito léguas distante. Escreveu ao missionário, pedindo-lhe que lhe levasse a sua amizade e o seu perdão. O velho, que ela não vira nos últimos nove anos, era tão acabado, tão decomposto, que Irene chorava, comparando-o ao festivo e juvenil abade que radiava alegria na casa de Athey.

— Afinal.. — murmurou o padre.

— Aqui estou... — soluçou Irene.

— Quer ver os seus filhos?

— Sim...

— Vou mandá-los buscar. Cuidei deles, porque a sua cunhada não podia sofrê-los: e as criancinhas amavam-me... E preciso, a minha senhora, salvar o que puder desta casa por amor destes meninos. Com ordem e economia, se Deus me der vida, tudo se fará.

Irene apressava o inventário, resgatava as vendas ilícitas, anulava hipotecas, afanava-se em liquidar o que devia pertencer-lhe da meação do casal e dos rendimentos absorvidos na totalidade pelo marido.

Observara-lhe o abade que um tamanho apuro de contas iria, sem ela querer, cercear o património dos filhos.

— Se a vossa Excelência acrescentava ele — tenciona reduzir as suas despesas ao viver aldeão, sobra-lhe tanto do que percebe da sua metade que talvez possa deixar intactos os rendimentos dos órfãos.

— Tenciono ir viver no Porto.,. — explicou ela.

— Ah! — exclamou o abade. — Com que então, a minha senhora... ainda não?

— Ainda não... O quê?

— Nem o grito da consciência? Nem o grito do exemplo? Nem a presença de dois filhos? Bendito seja Deus!

Este diálogo constrangido foi cortado por um servo que entregava a correspondência.

— Não veio carta? — perguntou ela agitada.

— Não, a minha senhora, veio somente esta folha.

Era o Comércio do Porto. D. Irene atirou-o sobre uma jardineira, com enfado, e encostou a face à palma da mão, carregando o sobrolho, O abade chamara o menino mais novo, que tinha oito anos, e disse-lhe:

— Vem cá, Manuel Filipe, lê-me aqui as noticias deste jornal; quero que a tua mãe veja que lês correntemente.

E deu-lhe o jornal aberto. A mãe parecia estranha ou aborrecida.

O menino procurou a secção de notícias, e leu:

OBITUÁRIO.

Ontem, pelas sete horas dá manhã, desapareceu do número dos vivos um dos mais estimados e gentis cavalheiros desta cidade. Um aneurisma no coração arrebatou fulminantemente o Sr. Jacques Smith, que...

Irene levantou-se arrebatada bradando:

— Que ê? Que é?

E, pegando no jornal que tremia nas mãos do menino assustado, leu as primeiras linhas que ouvira ler, premiu o coração asfixiado pela angústia, rolou nas órbitas os olhos turvos sob as pálpebras convulsas e caiu sem alentos.

— Porque foi?! — perguntou o aflito menino ao abade. — Ela morre?

— Não, Manuel Filipe. Isto não há de ser nada. A tua mamã conhecia esta pessoa que morreu, e... teve pena.

Depois, dobrou o Comércio do Porto e meteu-o na algibeira da batina para que o filho de O. Irene de Abreu nunca mais tornasse a ler o nome de Jacques Smith.

***

Em 1871, Manuel Filipe de Abreu e o seu irmão Jerónimo de Abreu e Lima, ambos terceiranistas da Universidade, vieram às Caldas de Vizela, com a sua mãe, a Sra. D. Irene.

Esta ilustre e respeitada fidalga de Athey não contava ainda cinquenta anos e estava hemiplégica — metade do corpo paralítico. Era transportada em cadeira de rodas ao Ranho da Bomba Forte. Uma vez, quis ir até à Ponte Velha, que não via desde. 1851.

Em frente da ilheta onde em 15 de Junho daquele ano Álvaro de Abreu e João Pacheco trocaram os fatais gracejos, mandou parar a cadeira. Quedou-se longo tempo absorvida na contemplação do salgueiral; depois enxugou duas lágrimas. Que lágrimas, ó leitor!...

Os filhos perguntaram-lhe porque chorava; e ela, estrangulada pelos soluços, contorcia-se, pedindo-lhes que a tirassem dali, que sentia já o frio da morte.

Levaram-na apressadamente para o quartel numa das casas situadas no local chamado o Médico. Ao nascer do Sol do seguinte dia dobravam a finados os sinos de S.

João das Caldas. A fidalga de Athey expirara nos braços dos seus dois filhos.

Perguntei ao capelão desta senhora se ainda era vivo o abade de Santa Eulália, muito afeiçoado à senhora falecida.

— Não, senhor. Esse santo morreu há três anos: a paixão da fidalga foi tamanha que caiu na cama; e, quando se quis erguer, estava lesa. Os meninos ainda choram por ele.

***

CONCLUSÃO

Das sete pessoas que, em Junho de 1851, estiveram no sinceiral do Vizela, vive somente uma, que sou eu.

O conselheiro José de Almeida expirou, no Inverno passado, na casa de saúde do médico Ferreira, do Porto.

Na derradeira vasca do longo paroxismo, circunvagou os olhos baços à volta do seu leito. Era irmão, era esposo e era

pai. Não viu a irmã, nem a esposa, nem o filho.

Finara-se no desamparo e desamor dos indigentes a quem a caridade dos hospitais empresta um catre ainda quente de outro cadáver. A sua existência tinha sido um continuado festim: o que houve formidavelmente sério na sua vida foi a morte. Morrem assim os que não radicaram, em anos vigorosos, a santa amizade no coração da família.

José de Almeida não podia ter uma desvelada amiga, porque, nos seus anos de gentilíssima juventude, espezinhara as mulheres que o adoravam com aquela cegueira misteriosa das paixões absurdas; e, já na sazão glacial da vida, esposara uma que o acalcanhou com o desprezo dele e da sua própria infâmia, quando lhe viu a epiderme arrugada e o bigode branco.

A sociedade recebera-o e bajulara-o quando ódios e invejas lhe denegriam o nome, aureolado de aventuras amorosas. A beira do seu leito de enfermidade esquálida e do seu ataúde soterrado na vala comum eram seis os restantes dos seus centenares de amigos.

A noite era de Outubro. O nordeste assobiava nas gradarias dos túmulos e ramalhava os ciprestes gotejantes do zimbro da tarde.

Nos camarotes tépidos do teatro lírico falava-se do defunto; e algumas senhoras idosas, refluindo vinte anos na corrente da sua vida remansosa, olhavam para a cadeira onde então José de Almeida se assentava. E algumas dessas, voltando o rosto, escondiam as lágrimas rebeldes, para não serem vistas dos maridos e das filhas.

E perdoaram-lhe.

S. Miguel de Seide, 26 de Agosto de 1875.

O COMENDADOR

A D. António da Costa Em testemunho da regalada leitura que a vossa Excelência me deu com o seu Minho, lhe ofereço uma das novelas de cá. O Minho tem o romanesco da árvore e o romance da família. A paisagem sugeriu-lhe, o meu caro poeta, as prosas floridas do ridente livro, o seu estilo tem a macia luz do luar das noites estivais e o cadencioso murmúrio das ribeiras onde o céu estrelado se espelha.

O Minho lucra muito, visto assim de passagem, na imperial de uma diligencia, lá muito no galarim do tejadilho, onde as moscas não se alem a ferretoar-nos a testa e a sevandijar-nos os beiços convulsos de lirismo.

Viu a vossa Excelência perfeitamente o Minho por fora: as verduras ondulando nas pradarias, os jorros de água espumando na espalda dos outeiros, os fraguedos às cavaleiras dos milharais, a amendoeira a florejar ao lado do pinheiral bravio, as ruínas do paço senhorial com os seus tapetes de ortigas e guadalmecins de musgo ao pé da chaminé escarlate e verde do negreiro a golfar rolos

turbinosos de fumo indicativo de panelas grandes e galinhas gordas, lardeadas de chouriços. Simultaneamente, ouviu a vossa Excelência o som da buzina pastoril ressonando a sua longa toada nas gargantas da serra; viu os espantadiços rebanhos alcandorados nos espinhaços dos montes e os rafeiros à ourela das estradas com os focinhos nas patas dianteiras, orelhas fitas e olhar arrogante. Reparou decerto na pachorra estoica do boi cevado, que parece estar contemplando em si mesmo a metempsicose em futuro cidadão de Londres mediante o processo do bife. Tudo isto, que é a forma objetiva do Minho romântico, viu a vossa Excelência, afora o mais que aformoseia o seu livro, os encarecimentos, as lisonjas, as feitiçarias da arte com que a vossa Excelência disputa primores à natureza.

Mas o que D. António da Costa não teve tempo de ver e apalpar foi o miolo, a medula, as entranhas românticas do Minho; quero dizer — os costumes, o viver que por aqui palpita no povoado destes arvoredos onde assobia o melro e a filomela trila.

Ah!, o meu amigo! Romances, tecidos de casos cândidos e inocentes, apenas os fazem por aqui os pássaros em Abril

quando urdem e afofam os seus ninhos. O restante dos animais não ovíparos vista-mos a vossa Excelência no Catarro ou no estabelecimento da famosa Sra. Cecília Fernandes; da Travessa de Santa Justa, que eu lhos farei representar ao vivo no próprio coração do Minho — entre Farto e S. João do Calendário — as cenas contemporâneas da fina Baixa e piores.

A peste, que infecionou os costumes destas aldeias, não sei decidir se veio das cidades para aqui, se foi daqui para lá. Sá de Miranda considerou isto tudo estragado quando viu correr pardaus por Cabeceiras de Basto Imagine a vossa Excelência o que terá feito o esmeril do progresso a descodear e a brunir este gentio há três séculos! Não faz ideia, o meu amigo! Até a fotografia, abarracada nas cabeças dos concelhos, tem feito colaborar o sol e o clorureto de prata na relaxação dos costumes. Os «conversados» permutam retratos e beijam-se reciprocamente em papel-cartão, aguçando o instinto da natureza bruta. Verdade é que os pastores minhotos, há trezentos anos, já traziam ao pescoço os retratos das

pastoras pintados em madeira, como se depreende destes versos de Diogo Bernardes, o rouxinol do Lima:

Pendurei num salgueiro a minha lira,

Ouvi-la ao som do vento é uma mágoa,

Em lugar de tanger geme e suspira.

Maríla que pintada numa tábua

Aqui no seio trago, também chora;

Seus olhos dão-me fogo, e os meus dão-lhe água.

Não obstante, o fogo, que acendrava a paixão nos peitos daqueles Bieitos e Melibeus das éclogas, era uma espécie de lume sacro que velava a virgindade... dos retratos pintados em tábua. Porquanto, deve a vossa Excelência lembrar-se que os pegureiros do Minho tais fornalhas faulhavam do peito que os vizinhos iam lá prover-se de lume para cozinhar a ceia, como se colige das lástimas deste pastor do canoro Bernardes:

A viva chama. aquele intenso ardor

Que brando sinto já pelo costume,

De noite de si dá tal resplandor

Que mil pastores vem a buscar lume.

É verdadeiro e bonito. Os mestres da vernaculidade mandam que a gente leia isto, e mais os outros líricos seiscentistas — caldeirada de favas clássicas com as quais o entendimento se opila e encrua; mas a língua cresce.

Como quer que seja, entre os retratos em tábua quais os pintava S. Lucas e o retrato em fotografia aperfeiçoado por Fox Talbot mede a distância que etnologicamente separa as Nizes e Fílis de Diogo Bernardes destas Joanas e Tomásias que hão de florejar nas Novelas do Minho.

Ouço dizer que a via férrea, sulcando o seio virginal desta província, afugentou com. O estridor das suas asas os pardais, a mala-posta e a Probidade.

É possível. Os caixeiros do Porto, sadios e sanguíneos, com as suas luvas amarelas e todo o verniz que lhes coube em sorte nos pés, entraram Minho dentro, e derramaram a dissolvente chalaça nas aldeias. Por outro lado, a raça turdetana de Braga fechou pelo norte a barreira à inocência espavorida. A cidade santa de os nossos pais e

dos cónegos, a esposa de Fr. Bartolomeu dos Mártires, Braga despeitorou-se, desnalgou-se, sofraldou as saias e mostrou a liga sobre o joelho desde que um jornal da terra lhe chamou segunda Paris. Eu não reparo na desproporção do confronto, quando ali me vejo no Café Faria, a sentir-me arquejar numa das artérias do grande corpo da civilização chamada Europa, como lindamente diz o Sr. Vaz de Freitas na sua Guia do Viajante em Braga, por seis vinténs. Tudo me leva à persuasão de que me acho na segunda Paris, quando a Guia me assevera com exatidão, ainda não contraditada pela inveja, que Braga encerra nos seus muros sete procuradores de causas, e que aí os barbeiros superabundam. Fazia-se ainda pelos modos uma terceira Paris com a superfluidade dos barbeiros!

A categoria modesta em que o jornalista afidalgou a sua terra justifica-se principalmente nas estalagens. Aí, é aí onde o viajante se sente saturado de Paris, a ponto de, pensando que acorda alvoroçado pelas campainhas elétricas do Grande Hotel no Boulevard des Capucines, achar-se em Braga, no Hotel Aveirense, Largo dos Penedos. Avantajam-se ainda às hospedarias bracarenses, no ponto

de vista zoológico, os hotéis da princesa do Minho. Os forasteiros dados a pesquisas de anatomia comparada podem, mediante uma gratificação razoável, passar as suas noites em vigílias úteis estudando insetos sem queixos e sem asas, de membros articulados, consoante a classificação de Cuvier. Ali se lhes oferecem exemplares em barda da pulga braguês (Pulex bracharensis). Convencer-se-á que as seis pernas deste parasita são desiguais, o que assim se faz mister para o salto. Não duvidará que ele tem o bico alongado com duas cerdas, e guarnecido na base de dois palpos escamosos. Se reparar bem nas pulgas maiores, dissipará suspeitas de que tem asas, que realmente não têm as do Hotel Leão de Ouro nem as do Hotel Transmontano. Encontram-se nestes dois estabelecimentos larvas das mesmas, cilíndricas e sem pernas. O olho armado pode observá-las a mudarem-se em ninfas, que não são exatamente umas de quem cantava Garrett:

As ninfas invoquei do Tejo ameno

Que em mim criassem novo engenho ardente

Etc.

CAM., c. IV.

Nem as outras de quem dizia o Épico:

Caem as ninfas, lançam das secretas

Entranhas ardentíssimos suspiros...

LUS., canto IX.

Verdade é que o acessório das secretas, inclusas no verso de Camões, deixa supor que ele quisesse falar das ninfas dos hotéis de Braga. Que estude o caso o Sr. Visconde de Juromenha, e não o desampare a Academia Real das Ciências.

Nos hotéis de Braga, finalmente, dão-se as mãos o espavento das modernas indústrias, as refinações da decoração, a obra-prima de marcenaria e vidraria — um luxo levantino, como em recâmaras de nababos —, e

sobretudo a higiene expansiva de saúde a dar cambalhotas na brancura virginal dos lençóis; e à mistura com tudo isto ressalta não sei quê de arqueológico naqueles quartos! A gente, quando vai deitar-se, imagina que naquela mesma cama dormiu na noite passadas. Pedro de Rates ou Gonçalo Mendes da Maia.

Por fora das estalagens ainda há proeminentíssimas feições de Paris em Braga. O jardim, por exemplo. Vossa Excelência já esteve no jardim? Impressionaram-no com certeza uns rumores, «ora sufocados, ora estrepitosos», que ali se escutam nos domingos de tarde? Também a mim. Não pôde soletrar em sons articulados aquele confuso burburinho? Nem eu. Quem explica o fenómeno, trivial nos Champs Elysées e no Parc de Monceau, é o já citado Sr. Vaz de Freitas na sua Guia do Viajante em Braga, por seis vinténs, p. 41. A coisa é isto:

O chilrear das crianças, o devanear das poetisas, o queixume sonolento dos poetas, a conversação pesada e metálica dos proprietários, todos estes murmúrios vagos ou alegres, sufocados ou estrepitosos (hic) infundem uma vida

nova e excecional ao passeio, que o tornam atraente ou deleitoso.

Théophile Gautier, o Benvenuto Cellini da prosa francesa, não rendilharia com tão subtis filigranas de frase a explicação dos ruídos babilónicos do Luxembourg. Donde se colhe que Braga tem poetisas que exibem delirantemente os seus devaneios no jardim, ao mesmo tempo que os poetas se queixam sonolentos. Paris, tal qual. Note a vossa Excelência o contraste no sexo destas pessoas que bebem na Castália: elas devaneio, apostrofando a gritos o arrebol da tarde e a brisa que cicia e se perfuma nas cilindras; eles, cabeceando marasmados pelo ópio do narguilé, queixam-se sonolentos, porque não os deixam dormir as poetisas. São homens gastos, estafados, roués. Saíram do Café Faria intoxicados do absinto de Espronceda, de Nerval, de Larra e de Musset. Entraram no jardim com o cérebro anestesiado, querem dormir; e elas, à imitação do femeaço da Trácia, projetam escalavrar aqueles Orfeus dorminhocos, Márcias que elas, filhas de Apoio, querem esfolar. Segunda Paris.

Aí vê a vossa Excelência a razão dos «estrépitos» explicada na Guia. Pareciam outra coisa pior.

Eu, afora isto, conheço outras analogias entre Braga e Paris, que estudei, sem subsidio — entendamo-nos. Há três meses senti-me ali adoecer da nevropatia, que é moléstia endémica dos grandes centros de população, onde os deleites requintam e o fluido nervoso se desperdiça-o que sucede em Londres, em Braga, em Nova Iorque, em Paris, quando a gente desconhece as leis da relatividade dos prazeres, como diz o professor escocês Bain. Confiando nos anti-histéricos, fui comprará botica do Sr. Pipa, na Rua do Souto, um frasco de cápsulas de éter sulfúrico, e preparava-me para pagá-las com trezentos réis (um franco e cinquenta cêntimos) — preço corrente no Porto — quando o praticante da farmácia me mandou entender o preço da droga com mais cinco tostões, e mostrou-me que o sinal aritmético de um franco estava emendado em dois. Ainda assim, observei-lhe que dois francos cambiados em moeda portuguesa eram quatrocentos réis. O interlocutor refutou triunfantemente a minha objeção, alegando que em Braga dois francos eram oito tostões.

Esta fisionomia da botica bracarense dá feições à terra, não de segunda, mas de primeira Paris. A segunda é a outra que os geógrafos ignaros nos inculcam primeira.

Corrija-se.

Dou de barato que as referidas poetisas do jardim consumam cápsulas de súlfur copiosamente nas suas eterizações e que os poetas sonolentos se despertem com elas, não querendo usar economicamente das cócegas; deve-se talvez às condições especiais das musas bracarenses o preço superlativo dos anti-espasmódicos: assim mesmo, Paris segunda não pode arbitrariamente dobrar o valor da moeda de Paris primeira, nos géneros que importa, ao mesmo passo que, no valor legal da moeda francesa, exporta para França os seus chapéus, os seus cavaquinhos e a sua frigideiras.

Aqui tem, pois, D. António da Costa, o foco de progresso que esparge raios de luz para as aldeias setentrionais do Minho, enquanto o Porto alastra no Sul os caixeiros contaminadores, que levam consigo a corrupção dos romances e as tentações do cabelo untuoso com a risca ao

meio da cabeça, lasciva como o dorso de um gato de Angora.

É neste meio que eu me abalanço a esgaratujar novelas. Há treze anos que apeguei por esse Minho, em cata do bálsamo dos pinheirais e das fragrâncias das almas inocentes. Diziam-me que a rusticidade era o derradeiro baluarte da pureza e que os lavradores do Minho, nivelados com os saloios da Estremadura, eram os cândidos pastores da Arcádia comparados aos malandrins de Gomorra. Um dos meus estudos, no intuito de me habilitar para o confronto do saloio com o minhoto, — da raça sarracena com a galega — é esta historinha que lhe dedico, o meu nobre amigo.

De Coimbra, aos 15 de Outubro de 1875.

PRIMEIRA PARTE

6 de Janeiro de 1832. Manhã chuvosa e frigidíssima. O zimbro rufava nas frestas envidraçadas da igreja de Santa Maria de Abade. Ringiam as carvalheiras varejadas pelo norte. Ao arraiar do dia, a devota dos Três Reis Magos, a Tia Bernabé, tecedeira — viúva do operário Bernabé, que lhe deixara o nome e uma cabana com a sua horta —, ergueu-se, foi à residência paroquial pedir a chave da igreja; e, sobraçando a vassoura de giesta para varrer o chão e, almotolia para prover as lâmpadas, entrou no adro. Ao passar em frente da porta principal, ajoelhou, persignou-se e orou. Neste momento, ouviu o vagir convulso e ríspido de criança. Voltou o rosto para o lado donde lhe parecia sair aquele choro. Não viu alguém. Espantou-se.

— Jesus! Santo de nome de Jesus! Isto é coisa ruim! — exclamou ela, pousando no degrau da porta a vasilha e a vassoura.

E o chorar da criança cessou.

A Tia Bernabé debruçou-se na parede baixa que murava o adro e viu entre as grossas raízes de uma oliveira secular um embrulho de baeta azul, donde saiu um vagido. Saltou a parede, agachou-se à raiz da árvore e pegou na criança, aconchegando-a do calor do peito e bafejando-a no rosto azulado do frio. A baeta estava ensopada da chuva que escorria da ramaria da oliveira. Tirou-lha apressadamente, envolveu o menino no avental e agasalhou-o entre o seio e o farto jaqué de picotilho. Depois desandou para a residência e mandou dizer ao abade que topara no adro uma criança, que parecia estar a despedir.

— Pois que quer ela então? — perguntou o abade, expondo uma parte do nariz e metade do olho esquerdo à frialdade do ar. — Que tenho eu com isso? Que a leve a Barcelos. Aqui não há roda de enjeitados.

A criada do abade deu o recado.

— Torne lá, Sra. Joana — replicou a Tia Bernabé friccionando os pés álgidos do recém-nascido com a barra da sua saia de saragoça —, e diga ao Sr. Padre que este

menino, se morrer sem batismo, é um anjinho do Céu que se perde. O Sr. Abade há de saber isto melhor que eu...

A criada repetiu a réplica e juntou:

— A Tia Bernabé diz bem. Salte daí pra fora, o seu calaceiro! — E deu-lhe uma sonora palmada na nádega esquerda. — Um rapaz de vinte e sete anos está aí enteiriçado como um velho! Upa!

— Está quieta, Joana, olha que me fazes vento!

E ela puxou-lhe pelo pé direito, que excedia o volume de três pés; e ele, com o outro, despedido à toa, sacou-lhe do baixo ventre um som timpânico de odre cheio.

— T'arrenego! — bradou ela, recuando com as mios postas na parte molestada. — Você atira? Tem má manha!

— Cheguei-te? — respondeu ele risonho, embiocando-se na felpuda coberta e encostando-se à almofada de chita que estofava o espaldar do leito.

— Que brincadeira! — queixou-se a rapariga, arrufada. — Podia-me matar com o coice, se me dá aqui no coração!...

E punha a mão no estômago.

— Isso não é nada, rapariga!... Olha se amuas!

— Nada, não é... não que a barriga é a minha...

— Pois tu, com este frio de mil diabos, vens-me mexer na roupa, e de mais a mais puxaste-me pelo pé do joanete que tem a frieira aberta!...

— Então dissesse-o... — disse ela com rosto ajeitado à reconciliação. — Salte daí!... Vá batizar o enjeitado; que, se ele morre sem batismo, verá que ingranzéu se levanta na freguesia. Bem basta o que já dizem...

— Calça-me as meias de lã; mas tem cuidado que não se despegue o emplasto da frieira.

E, enquanto a jovem com jeitosa meiguice lhe encanudava nas pernas cerdosas as grossas meias, alisando-lhas ao correr da tíbia, resmungava ele:

— Quem seria a grande bêbada que enjeitou a cria?

— Isso há de ser de fora da freguesia...

— Também me parece... Cá não me consta... E vem-ma cá pôr no adro!... Ah!, bom estadulho!...

— Fica uma coisa pela outra. As de cá também as levam às outras freguesias, quando acontece — disse Joana.

E nomeou várias ovelhas fecundas e tinhosas, enquanto o pastor lavava a cara no alguidar vermelho que a raparigaça lhe chegava, com a toalha no ombro.

Ao pegar na toalha, sacudindo a cara e assoprando ruidosamente com a sensação do frio, o abade apertou a polpa da espádua à jovem com ternura felina. Este carinho confirmou as pazes. Joana arregaçou os beiços ridentíssimos até às orelhas e mostrou-lhe nos dentes de brilhante esmalte que o seu amor infinito resistira à prova do coice.

A Tia Bernabé, afligida, porque o menino soluçando se esverdeava, chamou outra vez Joana com encarecidos rogos.

— O Sr. Abade está já vestido — disse a rapariga saindo à janela. — Passe você por casa do Tio Isidro da Fonte, e diga-lhe que vá prá igreja e deite água na pia.

***

O padre saiu de casa carrancudo e bocejando. De cada vez que escancarava as mandíbulas, traçava no envasamento da boca três cruzes com o dedo polegar.

A tecedeira, que o esperava no adro, abeirou-se dele mostrando-lhe a cara roxa da criança. O padre olhou-a de esconso e perguntou:

— É macho ou fêmea?

— É um menino — respondeu a viúva.

— Acenda um daqueles cotos — disse o abade ao Isidro, apontando para os sórdidos castiçais de chumbo de um altar. — A pia tem água?

— Vem aí o meu rapaz com o cântaro.

— Vocês são os padrinhos? O rapaz há de chamar-se Isidro, ou então põe-se-lhe o nome do santo de hoje — observou o abade, boquejando e benzendo a boca, no limiar da porta travessa onde a mulher esperava, segundo o ritual.

— Hoje é dia dos Santos Reis — disse ela.

— É verdade — confirmou o padre, e pensou se Reis seria nome ou apelidos. Não se lembrava de ter estudado esta espécie.

— Os Santos Reis Magos eram três — prosseguiu a Tia Bernabé.

— Bem sei — acudiu o padre, — Um chamava-se S. Belchior, outro S. Gaspar, outro S. Baltasar — explanou a devota dos magos orientais: — O menino pode chamar-se Belchior, se o Sr. Abade quiser.

— Eu quero tudo que vocês quiserem. Vamos a isto, que está um frio de rachar. — E, recolhendo-se à sacristia, esfregava as mãos bufando-as com os gases do estômago ainda perfumados do vinho da ceia.

— O meu rico anjinho, irá ele morrer na água fria? — lamentava a boa criatura bafejando-lhe as duas faces.

O abade enfiou a sobrepeliz, revestiu a estola, mandou chegar o enjeitado ao batistério, fez um resumo do latim cerimonial e disse:

— Vão-se à vida.

— Vou-me daqui às Lagoas a ver se a Teresa do Eido me dá o peito a este anjinho, até ver se arranjo que algum lavrador me faça a esmola de um bocado de leite de cabra — disse a Tia Bernabé.

Então você não o leva à roda? — perguntou a abade esbugalhando o espanto nos olhos.

— Agora levo eu à roda o meu enjeitadinho! Já que Deus me não deu filhos...

— E tem muito que lhe dar você?

— Enquanto eu puder fiar uma meada e tecer uma teia, dou-lhe eu o meu caldo e o meu pão; depois, quando eu não puder, dá-mo ele. Casa e dois palmos de horta, graças a Deus, tenho eu, e não na devo a ninguém... O pior é que o pequeno, se lhe não acudo, morre de fome... Ai!, o meu Deus!, há cadelas mais amoráveis que algumas mães.

— Ande lá... meta-se em trabalhos... — concluiu o abade, safando-se com os cabeções do capote apanhados na testa.

***

A criança vingou, espigou e saiu robusta e menos mal encarada: Entre os sete e onze anos aprendia à ler, e nas horas vagas enchia as canelas do fiado ou dobava meadas.

Belchior Bernabé (assinava-se assim com satisfação da. mãe adotiva), deparado a algum romancista imaginoso, daria trela ao esvoaçar alto da fantasia, quanto à sua origem. A mãe poderia ser uma fidalga de Famalicão ou de Santo urso. O pai, com toda a verosimilhança, poderia fantasiar-se algum dos generais do exército realista ou liberal que, por aquele tempo, manobraram nessas paragens. Com estes dois elementos, a fidalga e o general, qualquer mediano talento, aproveitando o acessório das batalhas, compunha um romance de maus costumes, pelo que respeitaria ao enjeitado, e um livro histórico, pelo que interessaria à história da restauração da Carta Constitucional e do sistema representativo. Feito isto, o pequeno lucrava muito, sabendo nós que a sua mãe era uma devassa recatada que, por noite desabrida de Janeiro, o mandou expor entre as raízes de uma árvore, em que os cevados foçavam luras com o focinho, e &não devoraram

naquela madrugada porque estavam ainda cerrados nas suas pocilgas.

Contanto que esta mãe desnaturada enjeitasse o filho, em respeito ao brasão e ao crédito, a criança ser-nos-ia mais simpática, as linhas de fina casta extremá-lo-iam entre as caras boçais da plebe, a auréola de nascimento misterioso banhá-lo-ia então da luz de um melancólico romance. Assim é; mas eu não sei quem fossem os pais de Belchior Bernabé. O rapaz, segundo ouvi dizer aos que o viram criança e adulto, era feio, espesso de cara, achamboado de pernas. Ninguém lhe farejava o pai nem a mãe pela semelhança do rosto: parecia-se com todas as mulheres e com todos os homens daquelas freguesias, onde as caras são achatadas sem ressalto de protuberância, ou, angulosas como as pêras de sete cotovelos.

É maravilhoso este capricho fisiológico! A terra da Maia é um alfobre de raparigas bonitas, com os seios altos e alvos como pombas no ninho; os quadris elásticos e boleados têm saliências que vos levam cativo e vos levarão doido se lhes virdes as lisas colunas em que a hera do verso de Camões lembra sempre...

Desejos que como hera se enrolavam.

E lembra sempre este verso e os outros convizinhos por serem Os Lusíadas um poema que se lê nas escolas e se encontra no açafate de costura das educandas que puderam subtrair-se à morigeração pestilencial dos lazaristas.

Transpostos os limites da Mala, a primeira mulher que se vos depara na primeira freguesia do concelho de Famalicão é feia e suja até ao asco, escanelada, escalavrada no peito, veste-se a frisar com a desgraça da sua má figura. E daí até Braga, se vos apraz, podereis inalar em todo o seu perfume a pura flor da castidade. Se há terra onde possam ermar e defecar-se de sensualismo santos tentadiços, é ali. Cada mulher é uma figa benta de que fogem os três inimigos da alma, principalmente o último.

***

Belchior, aí por Maio, mês das flores, da brotoeja e doutras fatalidades especificas, começou a amar. Tinha dezanove

anos, carnadura rubra, ombros largos, assobiava como um melro, tangia cavaquinho e amava a Maria Ruiva, filha do Silvestre Ruivo, o maior lavrador da freguesia. Este amor resguardava-se como um delito, e por isso mesmo se escandecia e refinava até à quinta-essência da paixão, que está paredes meias do desastre. O enjeitado, se se afoitasse a alardear preferências nas atenções de Maria Ruiva, seria espancado pelos rivais ou por algum dos três padres tios da cachopa.

Eram três clérigos afamados por façanhas de estudantes em Braga. Tinham militado nas guerrilhas da usurpação; terçaram de novo as armas em 1846, na carnificina de Braga; recolheram a casa depois da morte de Mac Donald, e diziam missas a oito vinténs para não se descaçarem no ofício.

Uma noite, quando um dos padres recolhia, enxergou um vulto esbatido no escuro do murtal que formava o tapume da eira da sua casa, e lobrigou por entre a sebe o alvejar de uma saia a fugir. Cresceu sobre o vulto como pau em programa de bordoada, e ouviu o estalido do peno de pistola. Susteve a pancada e perguntou:

— Quem está aí?

— Sou o Belchior Bernabé.

— Que fazes aí?

— Nada, Sr. Padre João.

— Porque te escondeste?

Não faço mal a ninguém, Sr. Padre João.

— Mas engatilhaste uma arma de fogo! — E acercou-se dele ¶arremetendo. — Que queres tu desta casa, enjeitado? Servem-te as minhas sobrinhas...? — E atirou-lhe um epíteto que definia a natureza da mãe incógnita.

— Sr. Padre João, olhe que, se me bate, eu, bem me custa, mas... atiro-lhe. Siga o seu caminho e deixe estar quem está quieto e manso.

Padre João Ruivo sobraçou o marmeleiro ferrado e murmurou:

— Tomo-te à minha conta, brejeiro!

E passou avante.

Ao apontar do Sol, esporeou a égua para Famalicão, demorou-se com a autoridade administrativa, com os membros da comissão distrital, com o regedor, e saiu alegre. Ao outro dia, na porta da igreja de Santa Maria de Abade, lia-se «Belchior Bernabé, enjeitado» entre os mancebos apurados para o recrutamento.

E, entretanto, Silvestre, o pai de Maria, chamou ao sobrado da tulha três filhas que tinha e disse:

— Qual foi uma de vocês que esteve esta noite na eira a conversar para o quinchoso com o enjeitado da Bernabé?

Duas responderam logo ao mesmo tempo:

— Eu não! E acrescentaram:

— Cega eu seja de ambos os olhos!

— Quebradas tenha eu as pernas!

— Má raios me partam!

A terceira, Maria, abaixou a cabeça, levou o avental de estopa aos olhos e chorou.

— Foste tu? — exclamou o pai; e, pegando de um engaço, ia cravar-lhe os dentes na cabeça, quando as duas

filhas lhe ferraram o pulso. O pai, homem possante de quarenta anos, sacudiu-se a custo das presas das valentes raparigas, largando-lhes o engaço esmurraçou a outra com tamanho ímpeto de raiva que Maria caiu atordoada.

Em seguida, voltou-se para as duas filhas e disse:

— Esta mulher fica fechada aqui, entendem vocês? Se quiserem, tragam-lhe o caldo; se não, que morra para aí, que a levemos diabos!

E, saindo, rodou a chave e guardou-a na algibeira interior da véstia.

***

A tecedeira, quando Belchior, lavado em lágrimas, lhe disse que ia ser soldado, encostou o queixo às mãos postas em súplica, relançou os olhos à imagem do Bom Jesus do Monte, deteve-se instantes e disse serenamente:

— Não irás para soldado, o meu filho. O Tio Silvestre Ruivo já me ofereceu dois centos por esta casa, com a

condição de me deixar morrer nela. Vende-se a casa, ficas tu sem ela, mas onde quer se vive. Para soldado não vais, Belchior. Dás o dinheiro aos governos, como fazem os filhos dos lavradores ricos, e estás livre.

Belchior não cessava de chorar, e de Vez em quando, por entre soluços, articulava palavras que a tecedeira, um tanto surda e de todo alheia dos amores do rapaz, não percebia.

— Não chores, rapaz! — insistia a velha, repetindo o expediente de vender a casa; e Belchior, por fim, obrigado a explicar-se, rompeu nesta exclamação:

— A Maria Ruiva está perdida e desgraçadinha!

— Credo!... Tu que dizes, Belchior?!

O rapaz arrepelava-se; apanhava com as mãos a nuca e batia com os cotovelos um contra o outro. Atirava-se de trambolhão sobre uma grande caixa de castanho e jogava de cabeça contra os joelhos com a pasmosa elasticidade da sua aflição. Fazia aquilo porque não sabia as frases que nós, os maus romancistas, costumamos emprestar a esta espécie de sujeitos:

A Tia Bernabé, ora lhe pegava na cabeça, ora nos braços, dizendo-lhe as mais carinhosas consolações. Por fim, o enjeitado, erguendo-se de salto e olhando em redor tão sinistramente quanto cabe na rubrica de um drama e na pupila fulva do Sr. Isidoro Sabino Ferreira na tragédia, disse com o esbofar das angústias vertiginosas:

— Assim como assim… mato-me!

Aqui foi um alto soluçar da tecedeira, um desentoado choro que alvorotou a vizinhança.

Belchior, assim que viu a casa a encher-se de gente, fugiu pela porta da cozinha, saltou valados, emboscou-se numa seara de centeio, e aí, estirado por terra sobre as louras gabelas, chorou copiosamente.

A Tia Bernabé pedia entretanto aos vizinhos que fossem atrás dele, porque o seu Belchior dissera que se matava.

O enjeitado deixou-se trazer como um ébrio nos braços dos vizinhos; e, chegando a casa, pediu que o deixassem deitar. Depois, ganhando ânimo — que é sempre certo, esgotadas as lágrimas–, contou à Tia Bernabé a sua curta história com

Maria Ruiva, concluindo-a com uma revelação que eriçou os cabelos da velha.

***

Nessa mesma hora, a tecedeira saiu, cambaleando e encostada às paredes, em demanda do abade.

Era ainda o mesmo que batizara Belchior. Envelhecera e engordara. Meditava depois de jantar no destino da sua alma, assim que o destino do corpo lhe parecera consumado. Joana, a das sapatadas naquela anca de Hércules Farnésio, havia muito que cauterizava a consciência chagada, cortando o cabelo e cilhando os rins pecadores com a corda nodosa dos cilícios. O abade também sofrera um abalo rijo de contrição, a ponto de não substituir Joana e calçar as meias direta e pessoalmente. Nesta espécie de amputação espontânea, não podendo criar processos de filosofia nova, como Pedro Abélard, comia às suas horas e profanava com silabadas o latim do missal. Prometia acabar bem.

A Tia Bernabé referiu-lhe o que Belchior lhe confessara a respeito de Maria Ruiva.

— Eu bem lhe disse a você, mulher, que se metia em trabalhos, lembra-se? — recordou o abade.

— Sim, senhor, lembra... mas então? Ainda me não arrependo, se o Sr. Abade me fizer a caridade de falar ao Silvestre e dizer-lhe que o melhor é, já agora, deixar casar a rapariga.

— Você — atalhou o padre —, você, Bernabé, deu-lhe volta o miolo! O Silvestre dar a filha ao enjeitado!... Ora, mulher, peça a Deus juízo, e diga a esse tratante que se vá quanto antes sentar praça, antes que lhe deem cabo da pele. Com que então!... O alma do diabo foi às do cabo, bem?

A tecedeira ouviu-o com o rosto lavado em lágrimas; e ele, solfejando as palavras iracundas ao compasso do rufo que fazia com a caixa prata sobre o braço da cadeira, prosseguiu:

— Forte maroto! Atrever-se a conversá-la, já era muito: mas isso que você me diz, mulher, só na forca! E então..,

uma rapariga sem nota, que já foi pedida pelo Francisquinho das Lamelas, que colhe oitenta carros e vinte pipas, afora o azeite!... E, vamos lá, era a melhor das irmãs, uma mocetona!... Com que então, esse patife disse-lhe mesmo que ela.., daqui a pouco... já não pode esconder o fruto do seu crime?

— Sim, senhor — balbuciou a Tia Bernabé.

— Isto só no Inferno! — respondeu o abade, rebitando a ponta do nariz para dilatar a circunferência das ventas sobranceiras à pitada — Isto só no Inferno!...

— Valha-me Deus, Sr. Abade! — replicou timidamente a tecedeira. — Então a religião do nosso Senhor Jesus Cristo não dá remédio a estas desgraças, que tantas vezes acontecem? No melhor pano cai uma nódoa. Logo que eles se casem, está tudo remediado, pois não está?...

— Está o quê?... Então uma rapariga de boa família, que tem três tios padres e que é filha de um capitão de ordenanças, casa-se assim com um enjeitado que você encontrou na bouça da igreja entre o mato!?...

— E verdade; mas todos somos filhos de Deus — argumentou a Tia Bernabé; e mais longe iria na sua preleção de caridade ao pastor, quando uma vizinha a chamou à porta da residência para lhe dizer que Belchior estava preso, entre seis cabos da polícia que o levavam para soldado, e ele a mandava chamar para se despedir. Ainda desceu precipitadamente as escaleiras a trémula velhinha; mas, a poucos passos, caiu de joelhos, amparou-se no valo e debruçou-se desmaiada.

Entretanto, o regedor ordenava aos cabos que levassem o preso, visto que a Tia Bernabé fora levada sem acordo para a residência. Belchior pediu que o deixassem ir lá despedir-se da sua mãe. O regedor voltou-lhe as costas e acenou aos cabos que marchassem.

***

Em Famalicão deram-lhe uma guia e enviaram-no entre seis espingardas para Braga. Ao outro dia era soldado.

A Tia procurou-o no quartel do Pópulo nesse mesmo dia. Quando o viu de cabeça tosquiada como cão morrinhoso e coleira de couro preta, estonteou-se o juízo e esteve a pique de cair. O recruta, chorando com ela nos braços, apiedou o comandante da guarda, que os mandou entrar na casa das tarimbas. Daí a duas horas, tocou a corneta a recruta.

Belchior já não tinha nome. Era o 29.

— Salta daí, 29! — bradou-lhe um anspeçada.

— Que é? — perguntou a tecedeira.

— Vou para o exercício, a minha mãe.

Ela viu-o marchar com outros para o campo do exercício; e logo, a meio caminho do terreno das manobras, um furriel barbaçudo e de chibata lhe assentou na parte sobrejacente às pernas um pontapé instrutivo. Diga-se a verdade — era o primeiro.

A tecedeira, quando isto presenciou, saiu do campo estrangulada por soluços, entrou na Sé, e orou largo tempo com o rosto no pavimento. Depois levantou-se, reanimada, e foi para a sua aldeia executar o que ficara convencionado com Belchior: vender a casa e substitui-lo.

Pregou anúncios na porta da igreja e nas árvores vizinhas das estradas. O pai da Maria Ruiva muito queria comprá-la para arredondar um campo com a horta e armar na casa térrea um estábulo de bois para embarque; porém, receando que o seu dinheiro servisse a resgatar o soldado, consultou os irmãos clérigos. Padre João foi a Braga mexer os pauzinhos, disse ele; e, voltando, sossegou o irmão:

— Compra a casa, que o enjeitado as correias não as bota fora do lombo.

O lavrador tinha oferecido duzentos mil-réis, quando a tecedeira não pensava vender a casa onde nascera; mas agora, por terceira pessoa, mandou-lhe oferecer cento e quarenta.

A desventurada velha ia ceder, pensando que vinte moedas de ouro bastariam a resgatar o filho; neste aperto, uma beata de freguesia distante, e confessada do abade, lhe propôs a compra, a fim de passar a estação das penitências ali à beira do seu diretor espiritual. Esta mulher, que era virtuosa, foi desde logo difamada pelos padres Ruivos à conta do confessor que a dirigia; e o lavrador, pela sua parte, enraivava-se sabendo que a Bernabé vendera a casa

por duzentos mil-réis. Padre João, conversando a tal respeito com o abade, desfechou-lhe esta ironia entre duas pitadas:

— Quando se está assim gordo, Sr. Abade, é preciso trazê-las para perto...

E o pastor, exulcerado na sua candura, cascalhou uns frouxos de tosse de esgana e gosmou:

— Se eu trouxesse para esta freguesia ovelhas de fora, talvez que o padre João me deixasse em paz as do meu rebanho...

Entendiam-se.

*

A Tia Bernabé foi a Braga com o dinheiro e com um o seu cunhado, que tinha sido embarcadiço, e então era calafate em Vila do Conde. Por felicidade, viera ele à terra ver os parentes; e, condoendo-se da paixão da cunhada, se oferecera a dar em Braga os passos necessários à baixa do Belchior. O requerimento foi indeferido. O calafate andou por advogados que lhe escreviam réplicas inúteis. Por fim, compreendeu que o rapaz havia de gemer sob o peso da

vingança do lavrador. E como ele passara quarenta anos no mar e aí ganhara ódio às misérias da terra, tanto que soube que o rancor era de padres e o crime do rapaz era de amores, voltou-se para a cunhada e disse:

— O rapaz vai de hoje a quinze dias para o Brasil. Tu pagas-lhe a passagem, e o resto fica por a minha conta. Daqui até Vila do Conde é desertor; assim que sair a barra, é livre... Olha... vês aquela andorinha? É livre como ela!

— E não hei de tornar a vê-lo? — atalhou ela chorando.

— Se o não tornares a ver, que monta? Tens tu que fechar os olhos para sempre ou não? Qual queres tu: vê-lo aqui soldado, ou saber que ele está no Brasil a manobrar a sua vida? Deixa-o ir. A rapariga, quando ele chegar a Pernambuco, já lhe não lembra; e, se enjoar, então, é como quem deita o coração pelas goelas fora. Tu vens para Vila do Conde comigo. Tens que comer e uma enxerga onde durmas.

***

Em Março de 1852, fez-se à vela de Vila do Conde a barca Conceição. Entre os passageiros ia o desertor. Chamava-se aí Manuel José da Silva Guimarães, e nunca mais ouviu proferir o seu nome.

Quando a polícia deitava inculcas no concelho de Famalicão procurando a paragem da Tia Bernabé, rendia ela a alma ao seu Criador em Vila do Conde. Vira desaparecer as velas da barca Conceição, ajoelhada no terraço do castelo. Depois, ficara de bruços a chorar. Levaram-na nos braços a casa do cunhado. As lágrimas secaram-se. Veio a febre e o delírio. Chamou, chamou pelo seu filho, até que Deus a chamou a ela. Não foi confessada nem ungida; mas morreu santa porque vivera santamente. Achara aquele enjeitadinho, criara-o, amara-o, venderá um cordão para o vestir jeitosamente a fim de mandar à escola, vendera as arrecadas para lhe comprar fato novo quando foi à primeira confissão, vendera a casa e o tear e o leito onde morrera a sua mãe para o remir de soldado. Padeceu grandes angústias quando soube que o filho do seu coração era culpado na desgraça de uma rapariga honesta. Cuidou que o padre, o pregador da caridade e da igualdade dos servos

de Jesus Cristo, iria admoestar o lavrador abastado a conceder a filha para esposa do pobre. Esta santa cegueira da cristã é de crer que Deus lha perdoasse. Por fim, de virtude em virtude e de dor em dor, logo que aos setenta anos de idade viu sumir-se para sempre o seu querido enjeitado, pediu a Deus por ele, por si, e... morreu.

SEGUNDA PARTE

Vinte anos passam-se tão depressa, que eu, neste salto que o leitor vai dar, não me despenderei a encher-lhe de frases o passadiço. O melhor é fechar os olhos e saltar, Vinte anos! Que são vinte anos?

Nós ainda ontem éramos rapazes, é velhos! Este ontem gastou vinte anos a resvalar para hoje. Que se passou neste lapso fugitivo da nossa vida entre a juventude e a velhice? Nada! Temos ao nosso lado filhos homens e netos que amanhã serão homens; e, todavia, parece que ainda ontem, com um raio de sol e com o perfume de uma rosa, compúnhamos o sorriso da loura mãe destes homens, que está hoje velha! Ainda ontem éramos poetas pelo amor, afoitos pela aspiração, valentes pela mocidade. Que grandes coisas devem ter-se passado nesse instante de vinte anos, enquanto esperávamos outras que nunca vieram! A pensar sempre com o futuro não o víamos passar. Afinal, parou; e deixou-se conhecer porque marchava

pesado, tardio e triste: era a velhice. Chegou de repente; escureceu-se-nos tudo como se as alegrias nos fulgissem do seio de um relâmpago. Esta treva foi instantânea e gastou vinte anos a condensar-se. Que são vinte anos?

***

Em 1872, hospedou-se no hotel de Famalicão um brasileiro a quem os seus criados negros e brancos chamavam simplesmente o Sr. Comendador. Não viera recomendado a algum dos barões da terra. Enviara adiante a recomendação da parelha das horsas, da caleche, dos lacaios. Representava quarenta anos florentíssimos. Basto bigode, suíça inglesa, espesso cabelo levantado em novelos crespos que lhe encantavam a cara. Espáduas amplas, à proporção das pernas que se moviam rijas e baseadas em pés infalíveis como os alicerces das pirâmides dos faraós. Trajava a primor, de preto, com um ar de pessoa que passeava de tarde na estrada de Braga, com o intento de ir à noite a Covent Garden, ao Royal Italian Opera. Fumava

sempre uns charutos que vaporavam os aromas das recâmaras das sultanas. Na mesa, era de uma elegância frugal que desmentia a procedência. Olhava para o bife com um fastio tal e tamanha tristeza que fazia lembrar Tertuliano quando, meditando na metempsicose, olhava para o boi cozido e dizia: «Estarei eu comendo o meu avô?» Conquanto nem ele nem os criados declarassem os seus nomes e apelidos, os jornais do Porto tinham anunciado a chegada do maior capitalista de Pelotas, o Sr. Manuel José da Silva Guimarães.

Nada de bioquices com o leitor: aí está Belchior Bernabé, o enjeitado.

***

Ao terceiro dia de hospedagem em Famalicão, o comendador cavalgou, acompanhou-se do lacaio e seguiu na direção de Santiago de Antas.

— Vai ver a igreja que fizeram os Mouros... — calculou outro comendador da terra, e assim o comunicou a mais

dois comendadores, atribuindo aos Mouros a igreja dos cavaleiros de Rodes.

— Há de ser isso — confirmou o mais correto. — Este homem é mágico. O Guimarães do hotel já lhe perguntou se era nascido cá no Minho, e ele respondeu...

— Que não tinha a certeza — concluiu o outro. — Tem grande telha!

— Ontem, na feira, estava ele a ver vender duas juntas de bois para embarque.

Quem nas vendia era o Silvestre Ruivo...

— Bem sei, o irmão daquele padre João que morreu há três anos de apoplexia.

— E isso. O telhudo, que não fala com ninguém, pôs-se a conversar com o Silvestre a respeito dos bois: depois levou-o à hospedaria e deu-lhe de jantar. O Silvestre esteve depois comigo e vinha espantado de ver dois criados de casaca, bota de verniz, gravata branca e luvas, a servir à mesa. — E em que falaram vocês? — perguntei-lhe eu. Disse-me que o comendador lhe perguntara coisas e tal et etecetera cá da província e que ficara de ir a casa dele ver

a corte dos bois. Mágico ou não? Olhem vocês!! Vai ver os bois!

— Se fosse aqui há dez anos atrás — disse o comendador Nunes, — valia-lhe a pena de ir ver as bezerras... Você conheceu as Ruivas, a Antónia e a Chica, ó Sor Leite?

— Ora, se conheci! Que fatias!...

— Que diriam vocês — respondeu o Sr. Nunes — se conhecessem a Maria, que eu m'alembro de ver antes de ir ao Rio... Que pimpona! Apanhou-a um enjeitado...

— Já ouvi contar esse caso.

— Você não sabe nada, perdoe. O enjeitado entrava na escola do Zé Batata quando eu sala já pronto. Depois, lá tive notícias no Rio que a rapariga dera em droga. Ele foi preso para soldado e desertou; e ela nunca mais ninguém lhe pôs o olho no lombo.

Uns dizem que está num recolhimento de convertidas, outros dizem que está fechada, desde que isso foi... há de haver, João Nunes, há de haver bons vinte anos...

— Isso é que é pai de febras!... Fez muito bem! — aplaudiu o mais devasso.

***

Entretanto, chegava o comendador Guimarães à porta do ex-capitão de ordenanças Silvestre Lopes, de alcunha o Ruivo. Era esperado.

No patamar da escada que conduzia à vasta quadra chamada «a Sala dos Padres» estava o lavrador, entre três clérigos venerandos pela sua idade: devia contar qualquer deles bastantes anos sobre setenta.

O comendador deu as rédeas do seu alazão ao lacaio, subiu prazenteiramente, apertando a mão a Silvestre, e cortejando os padres.

— Vossa Excelência, não se perdeu nos atalhos? — perguntou o lavrador.

— Quem tem boca vai a Roma — respondeu o comendador; e referindo-se aos padres:

— São os seus manos, Sr. Lopes?

— Dois são; o outro é o Sr. Abade.

O hóspede encarou-o muito a fito e perguntou:

— É abade há muitos anos nesta freguesia?

— Vim para aqui paroquiar em 1828, na idade de vinte e cinco anos; tenho setenta e seis; conte lá a vossa Excelência.

— Está aqui há quarenta e quatro anos feitos. — acrescentou o padre Bento Lopes.

— Justamente — confirmou o clérigo que batizara Belchior, o enjeitado exposto na manhã de 6 de Janeiro de 1833.

O comendador não via naquele ancião um sé traço do corpulento abade.

Conversaram sobre a guerra do Paraguai, sobre a emigração dos Minhotos, sobre o estado florescente da indústria e agricultura portuguesa. O lavrador, apoiando o comendador, encarecia a nossa prosperidade com este conciso, pesado e até certo ponto bicórneo argumento:

— Vejam o dinheirame que dão os bois!

Estava a mesa posta no sobrado imediato e à cabeceira da mesa a cadeira destinada ao hóspede.

— Vossa Excelência vem para aqui — disse o lavrador apontando-lha com urbana homenagem. — Ninguém mais se sentou nessa cadeira desde que morreu o nosso irmão mais velho, padre João. Faz agora três anos que morreu de um estupor...

— De apoplexia — emendou o padre Hipólito.

— Tanto faz — replicou Silvestre. — Estava a dizer missa e caiu redondo no altar.

— É de crer que a sua alma estivesse preparada para esse transe — observou o comendador em tom compungido.

— Era bom padre — disse o abade, talhando à faca os canudos flexuosos da sopa de macarrão —, isso era, coitado! Deus o tenha à sua vista!...

— Está aqui toda a sua família, Sr. Silvestre? — perguntou o hóspede. — Se bem me recordo, disse-me na feira de Vila Nova que tinha filhos...

— Filhos, não, o meu senhor. Tenho duas filhas.

— Três... — emendou o abade.

— Duas! — retorquiu desabridamente o lavrador, coruscando-lhe os olhos irados.

— Ah!, sim.., duas... eu agora estava distraído... — remediou o indiscreto.

E o comendador não perdia a mínima expressão das quatro fisionomias.

— Tenho duas filhas — repetiu o pai de Maria. — Uma está casada fora com um proprietário, já tem um filho em Braga para padre e outro a doutorar-se em Coimbra. A outra está em casa. Não quis casar e já está a caminhar para os trinta e sete anos. E a que governa a casa.

Este incidente passou. O comendador mostrava-se profundamente abstraído.

Comeu pouquíssimo e quase nada disse. Apenas, terminado o suplício da exposição do peru, do lombo de porco de vinho e aios, da perna de vitela e do leitão; pediu licença

para retirar-se. pretextando a precisão de estar cedo em Vila Nova.

O abade acompanhou-o, porque o brasileiro mostrou o desejo de ver umas sepulturas notáveis, de que certo romance dava notícia, no adro da Igreja de Santa Maria.

Os outros padres quiseram ir também; mas o comendador dispensou-os com delicada violência, prometendo voltar a vê-los mais de espaço.

O abade, mostradas as duas campas vazias, convidou o ricaço a subir à sua pobre residência.

— Com muita satisfação, Sr. Abade: simpatizo com a vossa Senhoria, quero mesmo granjear a sua amizade.

— Ó Excelentíssimo Senhor!, que valho eu, pobre velho, e pobre abade da mais pobre das abadias!... Aqui gastei a vida, já agora quero que esta terra, onde dormem tantos que batizei, tantos que casei, me coma também os ossos.

O padre estava lugubremente palavroso. Havia ali uma flor de poesia elegíaca a entreabrir-se um pouco borrifada de mau vinho do Porto. Sentia-se expansivo.

Pensava o brasileiro em ocasionar conversação acerca do incidente, acontecido no jantar, sobre se eram duas ou três as filhas de Silvestre. Não foi preciso rodeios. O padre endireitou logo com o assunto nestes termos:

— O Silvestre é bom sujeito, bom paroquiano, amiguinho dos seus interesses, isso sim: mas desse pecado, se o é, está o Inferno cheio. Porém, Excelentíssimo Senhor, tem este homem um modo de pensar a respeito da honra que não se conforma com a religião da caridade e do perdão. Vossa Excelência havia de notar a ira com que ele disse que as suas filhas eram duas, quando eu, por descuido, disse que eram três. Conheci logo que andei mal, e emendei-me contra a minha consciência; mas enfim, eu estava a jantar em casa do homem, estava ali um cavalheiro respeitável, a civilidade mandou-me tapar a boca...

— Sim... eu notei que a vossa Senhoria, cedendo ao número das duas, fê-lo constrangidamente.

— Pois, por isso mesmo que eu percebi que a vossa Excelência notou, é que devo à minha posição de padre esclarecer a verdade diante do Sr. Comendador. Se quer

ouvir a história... mas a vossa Excelência disse que tinha pressa...

— Não, senhor. Queira dizer. Tenho muito tempo.

O abade saiu à janela e disse para fora ao criado que fosse levar a égua pela fresca ao mato. Depois, fechando o trinco da porta da saleta, continuou, fazendo sentar o hóspede numa cómoda cadeira de estofo e ocupando ele outra de pregaria com espaldar de moscóvia:

— O Silvestre não tem duas filhas, tem três. A mais velha, que eu batizei há trinta e nove anos, chama-se Maria. Esta rapariga, aqui há vinte anos, andou de amores com um enjeitado que por aqui se criou em casa de uma santa criatura, que o encontrou no mato da igreja, pelo lado de fora das campas que a vossa Excelência viu há pouco. O diabo do rapaz desviou-a do bom caminho e pô-la na mais mísera situação que em tais casos é possível. Enfim, a rapariga sentia-se mãe, quando um dos padres, que já lá está na presença de Deus, deu com eles em palestra de noite. Daí a dias, o Belchior (chamava-se assim o enjeitado), foi daqui preso para Braga, e deitaram-lhe as

correias às costas. Passado pouco tempo, o soldado desertou e foi para onde estivesse seguro.

Agora falemos da rapariga. O pai moeu-a bem moída de pancadaria, fechou-a no sobrado de uma tulha, e mandava-lhe dar todos os dias duas tigelas de caldo, dois pedaços de pão e uma caneca de água. Dois ou três meses depois, apareceu-me aqui um calafate de Vila do Conde, que vinha a ser cunhado da tal Bernabé que criara o Belchior, e disse-me que a sua cunhada morrera de saudades do desertor que não podia mais voltar à Pátria; e que, antes de expirar, lhe pedira que viesse ter comigo e me rogasse, pelo divino amor de Deus, que fizesse eu todas as diligências por haver à mão o filho do seu Belchior, que ele, calafate, se encarregava de levar para Vila do Conde. A falar verdade, era empreitada de costa arriba meter-me eu neste delicado negócio com o Silvestre; mas pedi forças a Deus e fui-me ter com ele. Contei-lhe o estado da filha e ofereci-me para dar à criança, quando nascesse, o único destino possível em harmonia com os interesses da terra e os da divina religião da caridade de Jesus, que mandava chegarem-se a Ele as criancinhas. O homem ouviu, praguejou, berrou que ia

matar a filha; e eu então, resolvido a tudo, disse-lhe sem temor que se ele matasse a filha iria eu acusá-lo de matador de duas vidas. O homem teve medo e concluiu afinai que a criança me seria entregue; mas que a rapariga nunca mais veria sol nem lua... Estou maçando o Sr. Comendador...

— Pelo amor de Deus!, estou interessadíssimo nessa triste historia...

— Tristíssima, Excelentíssimo Senhor! Eis que nasce um rapaz, e quem assistiu ao nascimento e mo trouxe foi uma viúva serva de Deus, a minha confessada, que vivia aqui na casa que comprara à tal Bernabé. Fui eu que lhe pedi que merecesse a divina graça por esta obra de misericórdia. Já cá estava então em casa de uns parentes o calafate à espera do filho do Belchior. Entreguei-lho, e lá foi o pequeno para Vila do Conde, depois que o batizei com o nome do seu pai.

— E esse menino... — atalhou o comendador, arrancando a pergunta das ânsias que a débil vista do abade não divisava.

— Eu lhe conto, o meu senhor. Dois anos depois, morreu o calafate, e eis que a criada dele mo remete para aqui, dizendo que o patrão assim lho ordenara, para que eu o entregasse às irmãs e sobrinhas dele que moram aí numa freguesia ao pé. Chamei as tais mulheres, mostrei a criancinha, dei-lhes o recado do calafate falecido, e elas responderam que não queriam saber de histórias; que tomasse o avô e a mãe conta dele, que eram bem ricos. A serva de Deus que morava, como já disse a vossa Excelência, na casa que fora da Tia Bernabé, tomou conta do enjeitadinho. Havia nisto mistério profundo! O pai fora criado na mesma casa onde era criado o filho, ambos sem pai nem mãe! Desgraçadamente, quando o pequeno ia nos seis anos, morre a benfeitora de morte repentina. Os parentes sacudiram dali o mocinho, e o Silvestre comprou a casa, botou-a abaixo e fez uma corte de bois. Ali daquela janela pode a vossa Excelência ver a corte onde foi a casa das duas santas mulheres. É aquela que branqueja por entre aqueles dois carvalhos.

O comendador foi à janela, reconheceu os arredores da extinta casa da sua infância, enxugou as lágrimas, voltando

as costas ao abade, e voltou a sentar-se em frente ao ancião.

— Que havia eu de fazer-lhe? — prosseguiu o abade. — Trouxe para aqui o pequeno e mandei-o à escola.

— Muito bem, muito bem! — exclamou arrebatado o brasileiro. — Muito bem, honrado homem! — E apertou-lhe a mão, levando-a aos lábios.

O abade, retirando a mão húmida de lágrimas, disse comovido:

— Fiz o meu dever, senhor! Oxalá que esta boa ação me seja descontada nas muitas que tenho ruins na minha vida...

— E depois, o pequeno... — atalhou pressurosamente o hóspede.

— O pequeno, eu digo-lhe... Agora tornemos a falar da mãe... Três anos e meio esteve fechada no tal cárcere. Via apenas uma irmã que lhe levava o alimento, Depois esteve em perigo de vida e pediu um confessor. Fui eu o chamado à falta de outro. No ato da confissão, disse-lhe que o seu filho estava na minha casa e que passava por ser o meu

parente. Outros, Sr. Comendador, diziam que ele era o meu filho e da mulher que o amparara. Perdoei aos caluniadores, para que Deus me perdoe os escândalos que dei: era justo que me difamassem porque eu dei azo a isso com os desatinos da minha mocidade. Maria, quando soube que tinha o seu filho vivo, ganhou forças, quis viver, e venceu a doença. Dizia-me ela:

«Se eu viver, hei de ter alguma coisa desta casa, e o que eu tiver será do meu filho: e, se eu morrer ficará pobrezinho de pedir.» De pedir não — disse eu —, porque vou mandar-lhe ensinar um ofício, logo que ele chegue à idade de poder trabalhar.

Perguntou-me então se eu sabia alguma coisa do Belchior. Fora da confissão, respondi-lhe que o calafate muito em segredo me dissera que ele fora para o Brasil. No primeiro ano, o calafate recebia a miúdo cartas do Belchior, que o rapaz escrevia à mãe adotiva, pensando que ela estava viva. O calafate escrevia para lá que a Bernabé tinha morrido; e o rapaz a escrever sempre à Bernabé. A opinião do calafate era que o Belchior andasse lá pelos sertões onde nunca lhe chegavam as cartas idas de Portugal.

Depois, o calafate morreu. O que se passou daí em diante não sei. Foi isto que eu contei a Maria. Por fim, espalhou-se por aí que o Belchior tinha morrido; e eu aproveitei a notícia, quer fosse verdade, quer não, a fim de ver se o pai da pobre rapariga lhe dava alguma liberdade. Falei nisto ao Silvestre, e em nome de Deus o fiz responsável pela privação em que a tinha da missa e dos sacramentos. Tanto lhe bati à porta da consciência dura, que consentiu deixá-la confessar-se e ouvir missa ao menos uma vez de três em três meses. Pouco e pouco, obtive que ela viesse à igreja de quatro em quatro semanas, e nessas ocasiões já ela sabia que o seu filho era o menino que me ajudava à missa. Uma vez entrou na sacristia, não estando mais ninguém na igreja, abraçou-se no Olho e desfez-se em lágrimas. Deixei-a, coitadinha!, mas depois pedi-lhe que não tornasse a fazer tal imprudência, porque, se alguém a visse, não tornaria a sair do seu cárcere. O rapaz quando fez catorze anos, lia e escrevia correntemente. Mandei-lhe ensinar o ofício que escolhesse: quis ser carpinteiro, para o que tinha muita habilidade. Essa cadeira em que a vossa Excelência está sentado fez-ma ele. Veja que bonita peça!, pois ainda não

tinha dado um ano ao ofício quando fabricou essa obra que parece feita no Porto!

— E está aqui nesta freguesia o tal Belchior? — perguntou o brasileiro.

— Não, o meu senhor, está trabalhando em Braga; mas vem aqui todos os meses ver a mãe no dia em que ela se confessa.

— Todos os meses?

— Sim, senhor, na primeira segunda-feira de cada mês. De hoje a oito dias, se eu viver, hei de ouvi-la de confissão, e dou de jantar ao meu Belchior.

— De hoje a oito dias? Que prazer a vossa Senhoria me dava, Sr. Abade, o meu honrado e querido amigo, se me consentisse que eu contemplasse na sua igreja essa mártir a rever-se no seu pobre filho! Seria possível?

— Pois não é?! Apareça a vossa Excelência na segunda-feira aí pela seis horas da manhã, que é quando eu a confesso e lhe dou a comunhão. Vê-a a ela e vê o rapaz, que é ainda quem me ajuda à missa e ministra o jarro da água à mãe, depois que ela comunga.

Eriçaram-se os cabelos ao comendador por uma espécie de eterização, mescla de entusiasmo, de arroubamento e de tristeza, Apertou ao seio as cãs do ancião e beijou-o na cara. O padre encarava-o com assombro, e ele murmurava:

— A sua história arrebatou-me!... Eu sou um homem que tenho a loucura da admiração pelas ações grandes. Se até hoje não acreditasse em Deus, cairia de joelhos aos seus pés, confessando-o!

— Quem é que não acredita em Deus, o meu amigo?! — perguntou o velho enxugando as lágrimas.

***

A segunda-feira aprazada ralou com todas as pompas e músicas e perfumes de uma aurora de Julho. O comendador Guimarães chegara de Braga, por volta da meia-noite, e ordenara ao escudeiro que o chamasse às quatro horas da manhã, Supérflua recomendação. Não dormira. Antes do alvorecer da manhã, chamara ele os criados e mandara aparelhar os cavalos.

Às cinco e meia da manhã estava ele encostado para uma das campas do adro de Santa Maria de Abade. A distância, escarvavam os cavalos insofridos na terra barrenta de um montado calvo. O sol verberava numa das frestas da igreja. Os pardais pipilavam na oliveira, naquela mesma que, trinta e nove anos antes, dera, nas suas raízes recurvas à flor da terra, um berço empapado de chuva àquele homem que ali se sentia feliz até ao extremo em que as palpitações de júbilo laceram o coração como as famas da agonia. As andorinhas chilreavam em redor da cornija da igreja e, esvoaçando-se por longos círculos, cortavam de notas embaladas pelas ondas da luz o grande hino, que na Terra se completa com as lágrimas dos que podem chorá-las de gratidão à Divina Providência.

Ele, Belchior Bernabé, chorava essas lágrimas benditas, contemplando a terra onde a tecedeira pobre se ajoelhara para o levantar regelado até ao peito e ressuscitá-lo com um milagre da caridade.

Às cinco horas e três quartos ouviu passos que soavam na trempe de ferro que forma o limiar do adro. Correu pressuroso ao cunhal da igreja e viu uma mulher, com um

capote aconchegado da face, encaminhando-se para a porta transversal. Simultaneamente chegava, transpondo de salto a parede, um rapaz de boa presença, vestido de azul, com o seu chapéu de felpo branco na mão. O comendador parou, encostado ao cunhal A mãe e o filho abraçavam-se, quando repararam daquele homem estranho.

— Quem é? — perguntou Maria.

— É figurão! — disse ele. — Eu vi aquele homem em Braga com o Sr. Deão e entraram no paço do Sr., Arcebispo. Ali abaixo na bouça estão dois cavalos e um criado de libré. Hão de ser dele...

— Queres tu ver que é um comendador que esteve em casa do teu avô faz hoje oito dias? Tua tia viu-o e disse-me que ele era assim de bigode e suíças...

— Que estará ele a fazer aqui?

— Ele olha para nós?! — perguntou a mãe olhando-o de través por entre a fresta formada pelo capote em que se encapuzava.

— Não tira os olhos da gente... e parece que está assim a modo de quem quer perder os sentidos.

— Estará doente?,.. Ainda bem que aí está o Sr. Abade.., — E lá vai falar com ele, a minha mãe...

— Então é o mesmo que eu te dizia.

— Belchior! — chamou o abade —, pega lá a chave e entrem, que eu já vou.

O rapaz foi buscar à chave, beijou a mão ao padre e abaixou a cabeça ao senhor desconhecido, O comendador, com os olhos cravados nele, movia-se num balanceado arfar de peito: era o esforço que punha em resistir aos ímpetos que o impulsionavam pana o filho. O carpinteiro abriu a porta e entrou com a mãe na igreja, dizendo-lhe:

— Aquele sujeito estava a olhar para mim de um modo que parecia querer falar-me...

O brasileiro, depois que respondeu ao cumprimento do abade, perguntou-lhe:

— Vossa Senhoria terá dúvida em me ouvir de confissão?...

— Com muito contentamento, Sn. Comendador. Quando quer, a vossa Excelência?

— Agora. Desejo receber a comunhão juntamente com a sua confessada.

— Pois seja agora.

E dizia entre si o padre: «Este homem foi iluminado pela graça divina e Deus o nosso Senhor escolheu o mais pecador dos seus servos para instrumento da sua misericórdia com outro pecador!» Entraram no arco da igreja de passagem para a sacristia, O abade curvou-se ao ouvido de Maria, que fazia oração no altar do Santíssimo, e disse-lhe:

— Demora-te um pouquinho, que eu vou confessar uma pessoa. — E chamando Belchior: — Vai a casa, abre o segundo gavetão da cómoda e traze a toalha grande de rendas que está engomada, para ministrar a comunhão àquele senhor que vou confessar.

***

O comendador saiu da sacristia meia hora depois e foi ajoelhar no primeiro degrau do altar-mor. Maria, como visse sair o abade e acenar-lhe para o confessionário, ergueu-se, passou rente do desconhecido com os olhos no chão e a gola do capote apanhada nas faces.

Belchior tinha vindo com a toalha de folhos encanudados, que desdobrava e ajeitava para o sagrado ministério, Depois entrou na sacristia com o galheteiro, renovou a água e o vinho, dobrou e sacudiu a toalhinha de modo que a porção ainda não maculada servisse ao lavatório, De vez em quando, saia ao limiar da sacristia e ficava a olhar para o comendador, que se conservava de joelhos, bom a cabeça abaixada, amparando a cara nas mãos erguidas, O abade saiu do confessionário a manquejar trôpego, amparando-se à teia gradeada de um altar, O filho de Maria Ruiva foi dar-lhe o braço, e o ancião queixava-se de dores reumáticas nos joelhos e nos rins. A confessada subiu até à capela-mor e ajoelhou atrás do brasileiro, lendo atos de contrição e a ladainha.

O abade começara a revestir-se para ir celebrar, quando o comendador se levantou e, de passagem para a sacristia,

relançando os olhos a Maria, pôde ver-lhe o rosto iluminado pela réstia refrata do sol que lampejava palpitante através da fresta, na superfície metálica de uns tocheiros dourados. Não a conheceria se a encontrasse.

Aquele rosto tinha sido purpurino, acetinado como as pétalas das rosas húmidas pelo rociar das formosas madrugadas. Tivera as curvas boleadas e lisas da saúde, da força, dos atritos do ar forte e do sol que enrubesce a epiderme e cobra o sangue.

Estava magra, angulosa e lívida como as santas esculturas sob a inspiração do martírio; mas esta maceração era a formosura divinal da alma, era a santificação da mulher aos olhos daquele homem.

Entrou na sacristia e, com trémula voz, disse ao padre:

— Sr. Abade, peço-lhe que antes de subir ao altar chame aqui a sua confessada.

— Aqui?! — perguntou o abade com espanto. — Ela é muito acanhada...

Presumia que o comendador desejava simplesmente ver de perto a mulher cuja desgraçada história o comovera.

— Não importa — respondeu o brasileiro —, é urgente que ela aqui venha antes que o Sr. Abade nos dê a comunhão.

— Sim?! — respondeu o padre. — Pois bem...

E, saindo ao umbral da sacristia, chamou a filha de Silvestre.

Ela entrou com timidez e assombro. O filho, que suspendia ainda nas mãos as dobras da alva que o padre estava vestindo, largou-as, deixou pender os braços e empedrou na expressão imóvel da curiosidade.

Neste lance, o comendador apresentou ao abade meia folha de papel selado e pediu-lhe que a lesse. O padre pediu a Belchior que lhe chegasse os óculos, pô-los tremulamente, acercou-se de uma fresta e, lendo primeiro a assinatura, disse:

— E a assinatura da sua Eminência o Sr. Arcebispo de Braga?... Conheço-a...

Ergueu a vista ao alto da folha e leu:

Concedemos ao abade de Santo Maria desta a nossa diocese, no concelho de Vila Novo de Famalicão, que possa, sem prévia leitura de banhos, celebrar o sacramento do matrimónio entre os contraentes de maior idade...

Aqui, o abade estacou, abriu demasiadamente os olhos, acertou os óculos na base do nariz, premiu as pálpebras com o dedo polegar repôs de novo os óculos e disse ao filho de Maria:

— Ó rapaz, que nomes são estes que estão neste papel?

O carpinteiro leu:

...entre os contraentes de maior idade Belchior Bernabé, filho de pais incógnitos, e Maria Lopes, filha legítimo de Silvestre. Lopes e...

— Que é isto? — exclamou o abade. — Santo Deus!, que é isto?

— Belchior Bernabé — disse o rapaz com o mais cândido assombro — sou eu!...

— Belchior Bernabé é teu pai, o meu filho! — exclamou o comendador, abraçando-o; e, ao mesmo tempo,

encurvando o braço pelo colo de Maria, puxou-a para o peito, tocou-lhe com os lábios ardentes como as lágrimas na face e murmurou-lhe soluçante: — Aqui me tens, a minha desgraçada Maria! Aqui está o pobre enjeitado!...

Ela expediu um grito estridente como o da alegria dos encarcerados, dos condenados à eterna desonra que viram inopinadamente golfar-lhes na treva a luz do Céu e a reabilitação da honra. Queria reconhecê-lo, tateando-lhe as faces; mas faltou-lhe a claridade dos olhos e a lucidez da razão. Ela pedia luz, pedia a Deus que a não deixasse morrer e desfalecia pendente do pescoço de Belchior.

***

A felicidade de Maria era santa: custara vinte anos de afrontas sofridas com paciência, sem revolta contra a implacável barbaridade do pai, nem contra a imobilidade das forças divinas. Esperara em Deus, esperara sempre. Dizia ela que sonhara aquilo mesmo — a vinda de Belchior e a restauração da sua honra.

Contava-o ela ao abade, e ao esposo, e ao filho, à porta do templo: e ele, o ancião, com as rugas da face luzentes de lágrimas, dizia:

— Fui eu quem vos batizou e quem vos casou os meus filhos. Agora, enterrai-me vós, que eu não tenho ninguém.

Belchior Bernabé exigiu como dote da sua mulher o estábulo dos bois edificado sobre os alicerces da casa onde fora recolhido e aquecido ao seio da tecedeira. Ali, onde foi cabana de candura e oração, está hoje um palacete com as mesmas coisas divinas, acrescentadas pela felicidade do amor. Vê-se de longe o palácio do comendador Belchior; e lá ao pé, no interior do palácio, as pompas da arquitetura e das decorações desaparecem deslumbradas pelo que há de imortal nas obras humanas: a virtude. Lá está o abade resignatário de Santa Maria entrevado: mas todas as manhãs é transferido da cama para a cadeira que lhe fez o seu Belchior Júnior, aquele rapaz que não resiste à vocação de carpintejar e está fabricando uma nova cadeira de rodas e molas para o seu velhinho.

O CEGO DE LANDIM

Foi há treze anos, numa tarde calmosa de Agosto, neste mesmo escritório, e naquele canapé, que o cego de Landim esteve sentado. São inolvidáveis as feições do homem. Tinha cinquenta e cinco anos, rijos como raros homens de vida contrariada se gabam aos quarenta. Ressumbrava-lhe no rosto anafado a paz e a saúde da consciência. Tinha as espáduas largas; cabia-lhe muito ar no peito; coração e pulmões aviventavam-se na amplidão da pleura elástica. Envidraçava as pupilas alvacentas com vidros esfumados, postos em grandes aros de ouro. Trajava de preto, a sobrecasaca abotoada, a calça justa e a bota lustrosa; apertava na mão esquerda as luvas amarrotadas e apoiava a direita no castão de prata de uma bengala.

Eu não o conhecia quando me deram um bilhete-de-visita com este nome:

ANTÓNIO JOSÉ PINTO MONTEIRO.

Em S. Miguel de Seide, uma visita que se fizesse preceder do seu cartão era a primeira.

— Quem é? — perguntei ao criado.

— É o cego de Landim.

— E esse cego quem é?

O interrogado, para me esclarecer superabundantemente, respondeu que era o CEGO, como se se tratasse de um cego por excelência e de histórica publicidade:

Tobias, Homero, Milton, etc.

Mandei que o conduzissem ao meu escritório. Ouvi passos que subiam rápidos e seguros uns doze degraus; e, no patamar da escada, esta pergunta muito sacudida:

— À esquerda ou à direita?

— À esquerda — respondi, e fui recebê-lo à entrada.

Estendeu-me firme dois dedos e desfechou-me logo, em estilo de presidente de câmara municipal sertaneja às pessoas reais, uma alocução à minha imortalidade de romancista, lamentando que eu ainda não tivesse em Portugal uma estátua... equestre; parece-me que ele não disse estátua equestre. Achei-lhe razão. Eu também já tinha lamentado aquilo mesmo; porém, cumpria-me rejeitar

modestamente a estátua, como o duque de Coimbra, agradecendo a virginal lembrança do Sr. Pinto Monteiro.

— Tenho ouvido ler os seus livros imortais — disse ele. — Não os leio porque sou cego.

— Completamente? — perguntei, parecendo-me impossível a cegueira absoluta com a segurança da sua agilidade nos movimentos.

— Completamente cego, há trinta e três anos. Na flor da idade, quando saudava as flores da minha vigésima segunda primavera. ceguei.

— E resignou-se...

— Se me resignei!... Morri de dor e ressuscitei em trevas eternas... O sol, nunca mais!

Pungia-me a compaixão. Disse-lhe consolações banais; citei os mais luminosos cegos antigos e recentes. Nomeei-lhe o príncipe da lira peninsular, Castilho, e ele atalhou:

— Castilho tem o génio que vê as coisas da Terra e do Céu. Eu tenho as duas cegueiras do corpo e da alma.

Achei-o eloquentemente sóbrio e ático; figurou-se-me até literato dos bons.

Lembrei-me se ele vinha convidar-me para fundarmos um jornal em Landim, ou se viria pedir-me para o propor sócio correspondente da Academia Real das Ciências.

Discreteámos de parte a parte em variados assuntos, até que ele explicou as suas pretensões. Tinha um litígio pendente sobre a posse disputada de umas azenhas que lhe tinham custado três contos de réis, e pedia a minha valiosa preponderância a fim de que os juízes de 2ª instância lhe fizessem justiça inteira.

Observei-lhe que a minha influencia poderia ser-lhe necessária se a justiça estivesse da parte do seu contendor; porquanto, quem não tem justiça é que pede.

— Apoiado! — interrompeu ele. — A razão diz isso; mas acontece que o meu contendor pede porque não tem justiça; ora não vão os juízes pensar que eu tenho mais confiança na lei do que neles...

Pareceu-me sagaz, argucioso e um pouco germânico o cego. Deu-me quatro memoriais, acendeu o terceiro

charuto e ergueu-se. Acompanhei-o até ao portão e vi-o cavalgar com garbo quase marialva uma vistosa égua, passar as rédeas falsas pelas outras com destreza, esporear e partir sozinho.

Ora o cego perdeu a demanda das azenhas porque as azenhas não eram perfeitamente dele, t eu não podia pedir aos desembargadores que as tirassem ao dono e mas dessem a mim para eu as dar ao cego.

Nunca mais o vi. Retirou-me a sua admiração e mais a estátua. E, cinco anos depois, morreu.

A história dos homens descomunais deve começar a escrever-se a lâmpada do seu túmulo. À luz da vida tudo são miragens nas ações dos heróis e estrabismos na contemplação dos panegiristas. E tempo de bosquejar o perfil deste homem esquecido, e quem quiser que o tire a vulto em mármore mais persistente. Pretendo desmentir os aleivosos que reputam Portugal um alfobre de líricos, romancistas salobros de amorios de aldeia, porque não temos personagens bastantemente suculentos de quem se espremam romances em quatro volumes.

***

Nascera em Landim em 11 de Dezembro de 1808.

1808! Os biógrafos portugueses, se escrevem de pessoa nascida naquela data ou por perto, relatam-nos derramadamente a Revolução Francesa a começar em Luís XVI, exibem a Guerra Peninsular, e concluem o curso de História Moderna ligando fatidicamente à evolução social o nascimento daquele sujeito.

No ano de 1808, uma das muitas pessoas que nasceram sem pesarem um escrópulo, pelo peso velho, na balança dos lusos destinos, foi aquele António José Pinto Monteiro.

O seu pai barbeava em Landim com ferocidade impune. A espada de Afonso Henriques e as navalhas dele têm tradições sanguinárias. Ainda hoje, transcorridos setenta anos, os netos dos seus fregueses parece que herdaram a sensação dos gilvazes dos avós. Em Landim fala-se dele como de Torquemada em Valhadolid. Aquele barbeiro é

uma lenda como a de Gerião, assassinado por Hércules, e a do monstro de Rodes, cantado por Schiler.

António, o primogénito deste esfolador, estudou primeiras letras com rara esperteza. Aos onze anos era prodígio em tabuada e bastardinho. Aos doze imitava firmas com perfeição despremiada e vingava-se do menospreço em que Estado o esquecia, estabelecendo correspondência entre pessoas que não se correspondiam, mediante as quais, uma vez por outra, agenciava alguns pintos.

Como talentos tais não se atabafam muito tempo debaixo do alqueire, o rapaz sofreu algumas contusões. Um monge beneditino de Santo Tirso compadeceu-se do jovem, em tão verdes anos perdido, à conta da sua habilidade funesta: pagou-lhe passagem para o Brasil, porque sabia que os ares de Santa Cruz são como os do Éden para refazer inocentes.

Empregou-se como caixeiro no Rio. Foi estimado nos primeiros três anos.

Estremava-se dos seus broncos patrícios no dom da palavra, nas lérias aos fregueses, nos ardis lícitos do balcão, nas ladroíces consuetudinárias que afirmam a

vocação pronunciada, as quais, no calão da ótica mercantil, se chamam «lume no olho». Nas horas feriadas, lia aplicadamente e tangia violão. A sua especialidade literária era a eloquência tribunícia. Estudara francês para ler Mirabeau e Danton. Enchera-se deles e ensaiava repúblicas federalistas com os caixeiros, pedindo cabeças de reis para uns pobres parvajolas que suspiravam apenas por cabeças de gorazes.

Os patrões não farejaram um acabado Robespierre no caixeiro; mas, como desconhecessem a vantagem da apoteose dos girondinos numa loja de molhados, expulsaram-no como republicano.

Pinto Monteiro intrometeu-se na política brasileira, iniciou-se na maçonaria em 1830, fez discursos vermelhos contra o imperador e escreveu clandestinamente. Esteve assim na caraira do pais prometido aos eternos Paturots. É indeterminável o estádio que ele ganharia se um militar imperialista lhe não cortasse o rosto com um látego. Uma das tagantadas contundiu-lhe os olhos. Pinto Monteiro cegou.

***

Reagiu ao desastre com peito de ferro. Menos rija alma engolfara-se na espessura da sua treva. Ele não. Pediu ao Inferno luz emprestada para entrar na vereda das suas vitimas. Acendeu interiormente, no cárcere do seu espírito, a lâmpada do ódio. A vingança levá-lo-ia pela mão, como Malvina ao cego de Macpherson. Perdoa-me a comparação, ó bardo caledónio! — que eu já vi Marat comparado a Jesus Cristo.

Quando lhe deram alta na barra da enfermaria, pediu o seu violão, saiu às praças, preludiou e cantou umas trovas com arpejo triste, às portas dos argentários e dos taberneiros. As trovas faziam saudades da Pátria e a música gemia as toadas dos lunduns do Minho. Os ouvintes contemplavam-no com dó e davam-lhe esmolas avultadas para regressar a Portugal, ao ninho o seu. Tinha ele um rapaz: era português-ilhéu, alguns anos mais novo. Levara-o a doença, a podridão do vício, à mesma enfermaria; e a penúria e o instinto vincularam-no ao cego. Chamava-se Amaro Faial; mas os que lhe conheciam as prendas corrompiam-lhe o

apelido e chamavam-lhe o Amaro Falante. Pessoas escassas de caridade indulgente diziam que a maldade do cego e os olhos do rapaz completavam dois refinados maraus.

Pinto Monteiro trajava limpamente, banqueteava-se à proporção e dulcificava os confortos caseiros com o amor de uma aventureira mal prosperada como tantas que o arquipélago açoriano exportava consignadas aos Cressos da Rua do Ouvidor, que paxalizavam nos pomares da Tijuca. Criara uma sociedade nova. Acercara de si toda a vadiagem suspeita, os ratoneiros já marcados com o estigma da sentença, os misteriosos, famintos sem ocupação, negros e brancos, não topados ao acaso, mas inscritos nos registos da polícia e afuroados pela sagacidade de Amaro Faial. Tinha lido as Memórias de Vidocq — o celebrado chefe da polícia de Paris. Encantara-o a equidade do governo que elevara Vidocq, a ladrão famoso, àquela magistratura; porque ele, por espaço de vinte anos, exercitara o latrocínio e granjeara nas galés os amigos que depois entregava à grilheta.

Pinto Monteiro organizou a boémia que, até àquele ano, roubando sem método nem estatutos, exercitara a ladroeira

de um modo indigno de pais em via de civilização.

Fez-se eleger presidente por unanimidade e nomeou o seu secretário Amaro Faial. Havia um propósito quase heroico neste feito, como logo veremos. Investido desta presidência incompatível com as artes líricas, depôs o violão e, à semelhança do poeta latino, emudeceu os cantares, tacuit musa. Sentia-se no congresso uma alma nova, cheia de fomentos e apontada a rasgar horizontes dilatados.

Quem ouvisse discursar o presidente sociologicamente, ficaria em dúvida se furtar era ciência ou arte. Pinto Monteiro enxertava nas suas preleções acerca da propriedade umas vergônteas que depois enverdeceram com estilo melhor nas teorias de Cabet. Os malandrins mais inteligentes, depois que o ouviram, desfizeram-se de escrúpulos incómodos, e entre si assentiram que não eram ladrões, mas simplesmente deserdados pela sociedade madrasta e vítimas de uma qualificação já obsoleta. A terminologia do livro v das Ordenações num pais jovem, exuberante, e que tem o sabiá e o coco, era uma anomalia.

Desta arte organizada a quadrilha, sob a influência auspiciosa de um cérebro pensante, os cidadãos eram

roubados mais artisticamente: na empalmação dos relógios conhecia-se que havia ideias de física, de mecânica, de equilíbrio, de dinâmica e ciências correlativas. Os alunos da reforma pareciam colaborar no Manual do Prestidigitador, de Roret, e abandonavam como arcaísmo aos poderes públicos a Arte de Furtar, de quem quer que seja.

A sociedade prosperava a olhos vistos, posto que o presidente não tivesse olho nenhum — nesta independência dos órgãos de relação prova a alma a sua imortalidade.

Foi então que Pinto Monteiro e o secretário, munidos dos livros de registo e de toda a escrituração, se apresentaram ao chefe da polícia, Fortunato de Brito.

Eis aqui a reputação de um homem sacrificada à extirpação do crime. Os Codros e os Cúrcios, na restauração da moral pública, fazem isto.

O chefe da polícia conveio nas propostas de Pinto Monteiro, que estatuíra conservar-se na confidência dos ladrões e delatar a paragem dos roubos quando no descobri-los redundassem à polícia créditos e interesses. O cego esclarecera Fortunato sobre a organização do

funcionalismo policial em Paris, ensinara-lhe alvitres ignorados e prometia auxiliá-lo num ramo ainda mal cultivado no Brasil — a espionagem política.

Surtiu os previstos resultados a perfídia. Os larápios mais soezes eram arrebanhados para a casa da correção; mas os ladravazes mais ladinos poupava-os o presidente para não perturbar de improviso o equilíbrio do cosmo. E necessário que haja escândalos, diz o Evangelho.

Como agente secreto da polícia recebia do cofre do Estado; como chefe da Associação dos Deserdados, auferia o seu quinhão do pecúlio comum, afora as forragens da presidência, etc.

Este período da vida do cego durou cinco anos; as duas rendas sobravam-lhe à fartura do passadio; principiou Monteiro a engrossar o pecúlio, quando a delator e agente juntou o estipêndio de espião.

Voltando às suas antigas camaradagens políticas, falou nas sociedades secretas com exacerbada virulência; e, vítima de despotismo militar, mostrava os olhos estoirados e baços

com a dolente majestade do general Belisário, vencedor dos Hunos.

Constou ao Governo que Pinto Monteiro ousara pedir um Cromwell de quem ele, cego, fosse o Milton. A comparação seria modesta, se não fosse sanguinária. O Governo brasileiro, com subtileza própria dos cérebros formados com tapioca e ananás, entendeu que o pescoço do Sr. D. Pedro II era ameaçado pelo cego com a tragédia de Carlos Stuart.

A Fortunato de Brito foi ordenado que vigiasse e processasse sedicioso cego.

Entalação! O chefe da polícia foi explicar ao sei ministro que os discursos de Pinto Monteiro eram boízes armada a pássaros bisnaus de mais alta volateria. O conflito remediou-se prescindindo o espião da oratória, e atendendo somente a seguir rastilho das revoluções urdidas no Rio, para rebentarem nas províncias.

Como no meio da tanta lida ainda lhe sobrava tempo, Monteiro ensaiou pela sua conta, e sem auxílio da malta,

uma reversão de propriedade, termos adequados à sua qualidade de deserdado.

Havia morrido um carroceiro quando, avençado com o cego experimentava a sua fortuna em aventuras de moeda falsa, mandando abrir os cunhos no Porto.

A cidade da Virgem tem tido filhos de raro engenho na gravura; mas os seus concidadãos, desamoráveis com as graças do buril criaram à volta deles uma atmosfera fria de desalento, e no pedes tal em que os sonhadores, como Morggen e Bartolozzi, entreviram a glória a oferecer-lhes umas sopas de vaca, o menospreço público pôs-lhes a fome. Seria bonito para o martirológio da arte que q honrados alunos da Academia das Belas-Artes se deixassem perecer de anemia; porém, as poderosas reações do estômago impulsaram-nos a aceitar o único lavor que se lhes oferecia: abrir cunhos de moeda.

Este ramo das artes imitativas floriu no Porto como planta indígena, a termos de haver ali trabalhos excelentes e muito em conta. Já se conheciam os gravadores portuenses como hoje se conhecem os capelistas da Rua de Cedofeita — o Primeiro Barateiro, o Rei dos Barateiros, o Barateiro

sem Competidor. Faziam-se notas a 5% quando a arte estava no berço ainda timorata: depois, à medida que a prosperidade das empresas internacionais aumentava o pedido, os bons artistas davam de mão aos brasões dos sinetes, às chapas dos portões e às firmas dos anéis; e, rivalizando-se no primor e na barateza da obra, já davam um conto de notas falsas por dez mil-réis sinceros.

Era este o preço da dezena de contos que o carroceiro mandara comprar por intermédio de Pinto Monteiro, e não chegara a receber, atalhado pela morte. Deixara, porém, segredado à viúva que se entendesse com o seu amigo Monteiro quando lhe entregassem a encomenda.

Não sei se estas notas eram parte de uns trezentos contos que por esse tempo saíram do Porto para o Brasil dentro da imagem do Senhor dos Passos. Não averiguei as profanações que se deram nesta remessa: o que sei é que a viúva avisou o cego; e que, no mesmo dia do aviso, o chefe da polícia colhia de sobressalto a viúva, escondendo o rolo das notas entre o guarda-infante e a parte subjacente que ela julgava intangível aos contactos brutos dos esbirros.

Levada a interrogatórios, foi pronunciada; mas, desde que ela entrou no cárcere, Pinto Monteiro, consternado até às lágrimas, assistiu-lhe com a mais desvelada benquerença, constituindo-se o seu procurador.

Esta mulher herdara a independência. Gemeu em ferros seis anos, cumprindo a comutação de uma sentença que a condenava a degredo para a ilha de Fernando. Essa comutação custara-lhe o restante dos seus haveres, absorvidos, pelo cego de Landim.

Quando saiu do cárcere, e se viu roubada pelo amigo do seu marido, e reduzida a mendigar, denunciou ao chefe da polícia a cumplicidade de Monteiro no negócio das notas. Fortunato de Brito conveio que o seu agente era infame maior da marca: mas fazia-se mister que tivesse aquele tamanho para dar pela barba à corpulência da corrupção. O cego de Landim gozava a inviolabilidade de mal necessário.

A extorsão feita à viúva divulgou-se e acerbou os antigos ódios contra Pinto Monteiro. Demais a mais, ele tinha ofendido o espírito dos estatutos, que eram obra a sua.

Os consócios acharam irregular e menos honesto que o seu presidente levasse o egoísmo à extremidade de reivindicar só para si direitos de propriedade comum. Toda a propriedade alheia era deles todos, pelos modos. Alguns destes, mais penetrantes, incutiram no falanstério a suspeita de que o chefe tivesse inteligências com a polícia.

Um mulato de grandes brios, notável capoeira e muito sumário nos processos daquela espécie, fez lampejar o aço da sua faca e declarou que ia anavalhar o redenho do cego.

Quando esta cena tumultuária se passava na taberna do João Valverde, na Rua do Catete, Pinto Monteiro e Amaro Faial já estavam a bordo da galera Tentadora, que velejava para o Porto.

***

Em Setembro de 1840 apareceram em Landim Pinto Monteiro e o seu chamado guarda-livros. Acompanhava-os a açoriana, intitulada honorificamente esposa do cego.

Era uma mulher desnalgada, sardenta, ruiva, alta e possante, com brotoejas rosáceas na testa e um caracol de barba no queixo inferior. Galhardeava moirées, calçava botas verdes e trazia uns merinaques que rugiam como as cavernas dos ventos.

Pinto Monteiro alugou casa enquanto reedificava outra sobre o casebre do seus pais. O guarda-livros dizia com certo resguardo que o patrão era muito rico.

Convergiram logo das freguesias circunvizinhas bastantes cavalheiros a visitá-lo, uns porque tinham sido os seus condiscípulos na escola, outros por parentesco não remoto.

O cego banqueteava os seus hóspedes com iguarias incógnitas apimentadas por cozinheiras negras. Os comensais, gente saturada de vegetais e milho, comiam à tripa forra e levavam em si daquela mesa lauta raras indigestões, muitas saudades e cópia de vinhos, O cego tinha uma irmã, dez anos mais nova, que surgiu com bandós, dom e espartilhos dentre um balão da cunhada. Falou-se do casamento da jovem, dotada pelo irmão com dez contos. Os morgados já curveteavam os seus potros por Landim, e de longes terras vinham propostas de

casamento, por intermédio de padres e beatas. A rapariga, que eu conheci a encanecer na decadência dos cinquenta anos, devia ter sido uma trigueira sanguínea com as mordentes graças das sobrancelhas travadas e negras como a penugem do bigode.

Pinto Monteiro passava temporadas no Porto com Amaro Faial. Era ali que ele cumpria a mensagem a que fora enviado pelo chefe da polícia fluminense. Viera, sob condições estipuladas, relacionar-se com os exportadores de moeda falsa e estatuir,. de harmonia com os interessados, bases orgânicas e auspiciosas para negócio menos precário. O resultado, previsto pelo cego e aplaudido por Fortunato de Brito, era a polícia conhecer no Império Brasileiro os cúmplices dos agentes que residiam no Porto e, de uma vez para sempre, abranger em rede varredoura os principais.

Conseguira captar a confiança dos dois gravadores mais habilidosos e conhecidos além-mar; mas um deles, Coutinho, o ancião que eu vi morrer na enfermaria da Relação em 1861, não delatou as pessoas com quem negociava, posto que o cego lhe garantisse uma velhice

abastada nos confortos da honra. O outro artista, que morreu rico, apesar de se ter remido da cadeia à custa de dezenas de contos, também não denunciou os seus fregueses; mas convidou o cego a mercar-lhe au rabais uns cinquenta contos, resto da última edição.

E o cego comprou-os.

Em 1841, a hospedaria dileta dos brasileiros de profissão (distingam-se assim dos brasileiros do Brasil) era a do Estanislau, na Batalha. Ali havia a sem-cerimónia do chinelo de liga à mesa-redonda; os colarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceiras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos; cada qual podia comer o arroz com a faca e o talharim com o garfo; a laranja era descascada à unha e os caroços das azeitonas podiam ser cuspidos na mesa, bem como as esquírolas do pernil do porco desenlatadas a palito das luras dos queixais. E era até de direito comum cada qual caçar de guet-apens a importuna mosca na cara e decapitá-la publicamente. Estava-se ali à vontade, como nos jantares de Peleu e Pátroclo, com um grande estridor de mastigação e arrotos.

O cego hospedava-se no Estanislau e dizia ao secretário:

— Estamos com a nossa gente, Amaro amigo.

A idade, a compostura e o palavreado, com a reputação de rico, deram-lhe na mesa o lugar mais autorizado. Os brasileiros vindos do Rio conheciam aquela figura; alguns sabiam que o homem se tinha arranjado com expedientes misteriosos; mas isto mesmo era qualidade meritória e relevante no comensal. Rosnava-se de moeda falsa; até alguém teve a ousadia de repetir o boato corrente ao guarda-livros. Amaro Faial deu aos ombros, sorrindo, e disse:

— A moeda falsa é comércio como qualquer outro, com vantagens em proporção dos riscos. Negócio execrando só conheço um: é o da escravatura. Há também uns negócios que, depois de muitos anos de estafa, não deixam nada: esses chamam-se negócios tolos. Assevero-lhes que a riqueza do Sr. Pinto Monteiro não se fez com a escravaria.

Estava lançado o dardo. Esta franqueza deu margem a discussões, nas quais o cego e o Faial descobriram entre os contendores os menos escrupulosos. Volvidos alguns dias, Pinto Monteiro tinha vendido os cinquenta contos de notas

para um brasileiro da Maia e era encarregado de agenciar cem contos para outros que o primeiro aliciara.

Nesta transação cobrara o cego percentagem e pedira sociedade no quinto dos interesses, com a cláusula de dirigir no império a circulação da moeda-papel. Pactuaram a viagem para Julho daquele ano. Pinto Monteiro convencionou acompanhá-los, a fim de liquidar o restante dos seus haveres, dar impulso ao negócio e vir depois descansar na Pátria.

Depois de uma demora de dois meses, Pinto Monteiro recebeu do Porto a infausta nova de que a açoriana, cativa das negaças de um espanhol operador de catarata, fugira com ele para a Galiza. Bacorejou-lhe ao cego que estava roubado, e o palpite funesto realizou-se.

A quantia devia ser valiosa, porque o traído amante suspendeu as obras começadas e desfez contractos apalavrados de compras. Ficou na memória dos contemporâneos a respeito da pérfida uma palavra do cego, significativa da sua índole:

— Se o espanhol levasse a mulher e me não levasse o dinheiro, penhorava-me bastante. Como me tirou as cataratas do coração, pagou-se pelas suas mãos o patife!

A opinião pública de Landim irritou-se quando soube que a fugitiva era simplesmente manceba dó cego. A moral exigia que ele fosse marido, para não se desvaliarem os quilates do escândalo.

***

No mês aprazado, Pinto Monteiro regressou ao Rio de Janeiro, acompanhado da sua irmã D. Ana das Neves. Embarcaram no Porto com ele os amigos e sócios granjeados no hotel. O brasileiro da Maia, comprador dos cinquenta contos, levava algumas pipas de vinho verde, e uma destas vasilhas tinha sido fabricada conforme o modelo que dera o cego e sob a fiscalização de Amaro Faial. No reverso das quatro aduelas do bojo pregaram um quadrado de madeira com chanfradura onde envasasse o rebordo de um caixote de flandres; a pregagem do

quadrado ficava oculta debaixo de quatro dos arcos de ferro. O caixote continha duzentos contos em notas brasileiras e era estanhado nas junturas, de modo que o liquido as não penetrasse, através de uma grossa capa de chumbo.

Chegados ao Rio, a carregação entrou nos armazéns da Alfândega, e Pinto Monteiro, com a sua família, hospedou-se em casa de Fortunato de Brito. Ao apontar o dia seguinte, os passageiros delatados pelo cego eram presos; a pipa despejada e desfeita; e o caixote das notas conduzido ao tribunal para se lavrar auto. Os quatro portugueses morreram no degredo, perdidos os haveres que já tinham adquirido honradamente. Pinto Monteiro recebeu dez contos de réis, os 5% estipulados e deduzidos da presa.

O leitor vai descobrindo que eu não estou escrevendo um romance. Consta-me que, no Rio, os homens que já o eram há trinta anos recordam estes factos com algumas miudezas que não pude obter, nem já agora inventarei. Os meus apontamentos são exatíssimos no sumário das

excentricidades do cego; mas escassos dos pormenores que eu rigorosamente quisera não omitir.

Aqui me contam eles os amores da morena filha de Landim com o chefe da polícia. Este episódio poderia ser o esmalte do meu livrinho, se num chefe da polícia coubessem cenas de amor brasileiro, mórbidas e sonolentas, como tão languidamente as derrete o Sr. J. d'Alencar. Em país de tanto passarinho, tantíssimas flores a recenderem cheiros vários, cascatas e lagos, um céu estrelado de bananas, uma linguagem a suspirar mimices de sotaque, com isto, e com uma rede — ou duas, por causa da moral — a bamboarem-se entre dois coqueiros, eu metia nelas o chefe da polícia e a irmã do cego, um sabiá por cima, um papagaio de um lado, um sagui do outro, e veriam que meigas moquenquices, que arrulhar de rolas, eu não estilava desta pena de ferro! Mas eu não sei se me acreditariam coisas tão peregrinas entre o virginal Fortunato, chefe da polícia, e ela, a Menina Neves, que já havia colhido as boninas de vinte e nove primaveras nas florestas do seu Minho, onde a maroteira é pré-histórica!

Amores e desventuras de pior natureza nos levam a outro incidente, e aí veremos que Pinto Monteiro fareja todos os latíbulos em que se acoite algum crime e não consente que a corrupção do século XIX ponha pé em ramo verde no novo mundo Certa carioca, esposa de um João Tinoco, português, fizera assassinar com veneno o marido por um escravo; mas com tal resguardo que o conjugicídio não escoou dos muros da quinta onde ela impunemente se dava às delicias de Agripina. Isto de chamar Agripina à viúva de João Tinoco é excesso de erudição. Ela não tinha ideia nenhuma de ser posta em paralelo histórico com a envenenadora de Cláudio; o que ela queria era que a deixassem gostar as alegrias da viuvez de um marido que entrara em casa do seu pai como aguadeiro e, exaltado a esposo, a quisera forçar a fidelidades incombináveis com o clima, desenvolvendo de mais a mais um excedente de calórico na esposa com o atrito do murro português de lei.

Tinoco tivera um caixeiro que expulsara quando lhe descobriu capacidade para o adultério, segundo informações de um marçano que vira piscarem-se reciprocamente os olhos direitos a sinhá e ao caixeiro. Eis o

fio que conduz o cego até ao tálamo infamado, e daí à campa do multo João Tinoco. O assassinado tinha irmãos abastados no Rio.

Pinto Monteiro revela-lhes que o seu mano morrera de morte violenta e, coberto de lágrimas, não podendo mostrar os intestinos dilacerados de Tinoco, como António a túnica de César, põe as mãos convulsas no ventre e exclama:

— Despedaçaram-lhe as entranhas as agonias do arsénico! Etc.

Fez terror.

Rugem vingança os irmãos; o cego dá vulto às dificuldades das provas judiciárias; franqueiam-lhe dinheiro sem conta e um grande prémio, se a prova se fizer.

Vejam os profundos segredos do Céu! Os crimes obscuros quase nunca é a lâmpada da virtude que os descortina; são sempre os cerdos que foçam e tiram à tona dos lamaceiros as podridões submersas.

Pinto Monteiro fez surdir à flor da terra as podridões de Tinoco e a toxicologia declarou que o homem morrera

envenenado pela massa de Frei Cosme. Não vá o leitor pensar que entra na novela um frade que manipulava massas homicidas. Não, senhor. A massa de Frei Cosme é uma farinha saturada de arsénico.

A viúva não pôde defender-se, desde que a negra confessou que envenenara o amo num timbal de borrachos, por ordem da senhora. Degradaram por toda a vida a ré convicta, privando-a dos bens herdados do esposo. Com a quinta preciosa foi galardoada a benemérita solicitude de Pinto Monteiro — o vingador de Tinoco e da Moral, que eu sempre escreverei com o M maior que eu puder.

Fortunato de Brito, o chefe da polícia, foi demitido por este tempo. António José Pinto Monteiro resolveu repatriar-se. A denúncia dos moedeiros açulara-lhe muitos e poderosos mastins. A imprensa brasileira insultava a colónia portuguesa pelo facto do crime e pelo facto do delator. A equidade foi estranha aos ódios e injúrias que golpearam Monteiro. Não lhe descontaram na perfídia as vantagens comerciais que derivaram dela. Cessara o pânico e o terror iminente de um cataclismo no crédito e nas casas bancárias. A polícia, iluminada pelo cego, sabia as veredas

que em Portugal conduziam aos balancés. A gente honesta, o comércio honrado, rejubilavam com a traição de Pinto Monteiro; mas, atidos ao velho prolóquio onde não reluz faúlha de filosofia prática, execravam o homem que levara às plagas do degredo os salteadores da probidade incauta.

Esta vitima ainda não estava inscrita no martirológio dos grandes lapidários da civilização.

***

Os meus informadores, que mais privaram na intimidade de Pinto Monteiro, dizem que ele, no segundo regresso a Portugal, trouxera, além de secretário, dois filhos, que deixara no Porto a educar no Colégio da Lapa, e uma filha ainda muito na flor da mocidade. Da mãe destes meninos, que pouco há vivia ainda nos arrabaldes do Rio de Janeiro, não há nada romanesco; mas bem pode ser que houvesse da parte dela um profundo sentimento de dó com muitíssima abnegação de si mesma; e no coração do cego com certeza houve extremoso amor de pai. Os tigres

sempre tem e os homens costumam ter às vezes este santo instinto de amarem os filhos.

Vinte e tantos contos perfaziam os haveres de Pinto Monteiro. Concluiu as obras iniciadas, comprou terras e dirigiu pelo tato as benfeitorias que fez no prédio que habitava. Há duas horas que eu estive a reparar, por cima do muro do jardim, na graciosa vivenda que ele enchera de luz como se um beijo do sol de Agosto pudesse descondensar a álgida escuridão do seus olhos. Ali passaram alegres dias os seus convivas sob os caramanchéis das parreiras. O grande prazer de Monteiro era dar banquetes opíparos.

Ouvia ler as Artes de Cozinha, conhecia Brillat-Savarin, enchia-se do fino sentimento dos guisados; e, apontando a pituitária aos vapores das caçarolas, marcava quando era sobejo o cravo ou escasso o colorau. Fazia pensar se a vista, voltando-se para o interior, penetrava nos refegos membranáceos o ideal do estômago! Se um cego ilustre deplorava o perdido paraíso, outro cego parecia tê-lo encontrado na cozinha.

Ele, que na América pusera o cautério à ladroagem, à falsificação das notas e ao adultério agravado pelo homicídio, não sabia como amordaçar a maledicência dos seus conterrâneos, senão ocupando-lhes as línguas no trabalho da deglutição. A cada injúria que lhe chegava aos ouvidos, mandava comprar dois leitões.

— Mano António, dizem que tu entregaste os ladrões ao chefe da polícia — dizia a Menina Neves.

— Dizem? Pois, visto que não os posso entregar a eles, compra um peru e dá-lho amanhã com recheio.

— Mano António, agora dizem que denunciaste os da moeda falsa.

— Compra anhos e capões; atasca essas línguas em pudim de batata, embola-mos com almôndegas, deita-lhes aziar de ovos em fio, afoga-lhes os escrúpulos em vinho de 1815, menina.

E, depois, tinha outra paixão que o deliciava: arranjar casamentos.

Florescem hoje em Landim alguns casais de pessoas ditosas que ele ajoujou, vencendo estorvos à custa de

engenhosas intrigas e até de liberalidades das suas abatidas posses.

A filha de um cabaneiro, que se criava pela sua casa, era o passatempo do cego.

Chamava-se a Narcisa do «Bravo» — alcunha paterna. Até aos treze anos andava vestida de rapaz e media-se com os mais gaiatos a trepar à grimpa de um pinheiro, no assalto noturno às cerejeiras, em duelos à pedrada, no jogo do pau e no murro. Era virilmente bela e bem feita; mas os meneios adquiridos nos trajos de rapaz desengraçavam-na vestida de mulher. Ela mesmo olhava para si com zanga e puxava a repelões as saias esfrangalhando-se. Pinto Monteiro dava tento destes frenesis, ria-se muito e contava-lhe casos de mulheres portuguesas que batalharam incógnitas, cobrindo os seios com arnês de ferro.

Estava no plano do cego casá-la. Narcisa dizia-lhe que não pensassem em tal, porque à primeira pirraça que o marido lhe fizesse, favas contadas, esmurrava-lhe os focinhos. Este programa não assustou Pinto Monteiro, visto que os focinhos ameaçados eram os do marido.

A rapariga foi pretendida extra matrimonialmente por vários devassos de Landim, Santo Tirso e terras circunjacentes. A virago tinha perrexil do que morde nas línguas já embotadas; mas também tinha mãos nervudas e uns dedos nodosos que se fechavam em forma de boxe, assim que os pimpões lhe cantavam desafinados.

Um destes era um forte lavrador de Sequeirô, o Custódio da Carvalha.

Apaixonou-se com a resistência e falou-lhe sério em casamento. Narcisa contou a passagem ao cego, que batia as palmas com veemente júbilo, exclamando:

— Ó rapariga, aproveita antes que o rapaz se arrependa! Olha que ele colhe trinta danos e é um bonacheirão... E que tal o achas de figura?

— Eu sei cá!...

— Tu gostas dele ou não gostas?

— Como se nunca nos víssemos.

Então, não o conhecias há muito tempo já?

— Nunca o vi mais gordo.

— Mas queres casar com ele ou não?

— Tanto se me dá como se me deu; mas o padrinho diga-lhe que, se se faz fino comigo, eu pinto aí a manta, que ele não sabe de que freguesia é. Eu não ponho unhas em foicinha nem sachola, ouviu? Não fui criada na lavoura. Se ele pega a mandar-me sachar milho ou segar erva, temo-las armadas.

— Casa, que tu amansarás... — dizia o cego.

E casou.

Monteiro deu-lhe magnífico enxoval, cordão, cabaças, anéis, broche; vestiu-se de fino pano; foi padrinho do casamento, banqueteou os noivos com muitos convidados, chamou a música de Paiva de Ruivães e queimou dez dúzias de bombas reais.

O marido sentiu as fascinações que enchem de delicias o inferno dos corações escravos. Ela manietou-o sem violência de mau génio, com as suas caricias de gata que desembainha as unhas brincando. Folia rija! Romagens, quantas havia no Minho: festanças com três clarinetes e requinta todos os domingos na eira; a Cana Verde e o

Regadinho saltados pelas maiatas mais frandunas; bródios e vinho, festa fora. Comprou égua de marca, vestiu-se de amazona, e ela aí ia com o marido corcovado, sonâmbulo, a choutar na mula esparavonada atrás dela por essas feiras e romarias. As vezes, se os moleiros não despejavam depressa os caminhos atravancados com os seus jumentos carregados de foles, verberara-os com o chicotinho e chamava-lhes canalhas. Em questões com os vizinhos, por causa de regras ou invasões de gado, fazia ameaças sanguinárias. Carregava as espingardas do marido e atirava aos gaios com pontaria infalível. Quando soube que as senhoras do Porto usavam colete e gravata à laia de homens, exultou, como quem vê triunfar a sua ideia, e quis vestir calções e botas à Frederica.

O lavrador, já no cairei do abismo, vendidas as melhores propriedades, quis reagir. Viu que tinha pela frente um virago de fibras. Afrouxou por medo e por amor. O pusilânime vergava ao prestigio da força. Narcisa ofuscava-o com a rutilante beleza do Demónio, disfarçado na lendária Dama Pé de Cabra e noutras damas que o leitor conhece com pés chineses.

Dobados dez anos de vertiginosa dissipação, o lavrador resvalou do idiotismo à sepultura amando ainda a mulher que vendera um lençol para lhe comprar a última galinha. E Narcisa, viúva aos vinte e oito anos e ainda formosa, atirou com a honra às goelas do dragão da miséria e não chorou uma lágrima.

Havia uma amiga que lhe dizia palavras dolorosas, com sincero dó: era a irmã do cego. Pobre Neves!, quem te predissera o suplício dos teus derradeiros anos, ligada ao destino da mulher que tu criaras com maternal ternura!....

***

Entretanto, o padrinho de Narcisa não escarmentava no sestro de casamenteiro; é certo porém que semelhantes casos assim funestos não se repetiram nas suas operações matrimoniais. Por esse tempo, casou ele a filha com diminuto dote e abriu a carreira do sacerdócio para um filho, que outras vocações depois afastaram da Igreja. Os seus teres, com judiciosa economia, seriam bastantes à

decência aldeã; porém, privar-se da mesa farta e franca era privar-se de amigos que lhe festejassem as anedotas. Pinto Monteiro, no dia em que falisse de auditório, começaria a morrer no abafador silêncio da célula penitenciária.

Empobrecia rapidamente: mas dava a perceber que a filosofia de Job é a última moeda com que o homem decaído compra a resignação e a glória eterna, par dessus le marché, dizia ele.

Amaro Faial, confidente dos secretos desfalques do patrão, pensou em retirar-se para o Brasil, visto que não tinha secretaria para fiscalizar, nem desprendimento tamanho que aceitasse outra vez o ofício de rapaz de cego.

É aqui o lugar de repetir literalmente uma acusação que todos os meus informadores, sem discrepância, irrogam ao cego de Landim.

Um lavrador da Lamela, induzido por Pinto Monteiro, vendeu as suas herdades por alguns contos de réis, a fim de ir negociar no Brasil e centuplicar o seu dinheiro.

Saiu Monteiro com destino ao Rio, levando na sua companhia o lavrador. Passados dias, aparece em Landim o

cego, fingindo-se doentíssimo, e diz que o seu companheiro embarcara e de retrocedera forçado pela moléstia. Ora, do lavrador nunca mais houve notícia; mas no Governo Civil de Lisboa fora visado o passaporte de José Pereira da Lamela e o mesmo nome inscrito na lista de passageiros. Isto não obstante, o cego era acusado de haver matado em Lisboa o lavrador, não podendo roubá-lo por maneira mais suave; e a certeza confirmou-se quando parentes que o Lamela tinha no Rio, perguntados a tal respeito, responderam que nunca viram tal homem, nem, depois de chamado pela imprensa de todas as províncias, aparecera. Asseveravam, porém, que um nome semelhante se lia na lista de passageiros desembarcados no Rio, no mesmo navio e mês em que de Portugal se informava que ele partira.

Seria mais natural supor que José Pereira morrera obscuramente nalguma roça; mas à calúnia pareceu mais romântico decidir que o cego o matara.

— Como presumem os senhores que o cego matasse o lavrador? — perguntei.

— Não sabemos; o mais provável é que o atirasse ao rio quando o bote ia para bordo da galera.

Esta era e é a opinião corrente. Pelos modos, o cego, em pleno sol do Tejo, na presença dos barqueiros, alijou o passageiro ao no e fez remar para terra o bote com a bagagem do morto; depois, saltou no Cais das Colunas com a mala do dinheiro debaixo do braço e às apalpadelas lá se foi pacificamente a caminho de Landim.

Corre parelhas em maldade e estupidez esta aleivosia, é certo; mas o lavrador, de feito, fora assassinado em Lisboa.

Agora, posto que tardia, aí vem a reabilitação de António José Pinto Monteiro.

Quem induzira o lavrador da Lamela a vender as terras foi Amaro Faial, oferecendo-lhe sociedade em negócio que rendia 200%. O Pereira da Lamela era calaceiro. O trabalho agrícola pesava-lhe: as suas terras, avaliadas em cinco contos, rendiam escassamente o passadio grosseiro do lavrador minhoto. Calculou, firmado na prova matemática das cifras de Amaro, que, ao fim de cinco anos, devia ter cinco contos dez vezes multiplicados. É claro: 200% — 5 vezes 10 — 50 contos. Vendeu as terras e partiu com o ex-secretário do cego. Pinto Monteiro, sinceramente afeiçoado ao seu confidente de vinte anos de vária fortuna,

acompanhou-o até ao Porto e dali voltou para Landim algum tanto enfermo, e às pessoas que lhe perguntavam pelo Pereira da Lamela respondia naturalmente que tinha embarcado. Dava-lhe, porém, que pensar não estar o nome de Amaro Faial, na lista dos passageiros.

O leitor já descobriu que o assassino do lavrador foi Amaro; que o passaporte do morto serviu para o matador: mas ignora os pormenores do crime, e eu também os não sei.

Passados anos, um correspondente de gazeta escrevera o essencial da calúnia que assacava o homicídio ao cego. O delegado de Vila Nova de Famalicão, Soares de Azevedo, e advogado de Pinto Monteiro em diversas demandas, aconselhou-o que justificasse a sua inocência neste crime que lhe imputavam, porque deixá-lo à calúnia e à revelia era arriscar-se a perder todos os seus pleitos. O cego, com a lúcida intuição de quem tinha longa prática de crimes tenebrosos, explicou a morte do lavrador, comprovando-a pelas circunstâncias do passaporte, peia omissão do nome do homicida na lista dos desembarcados no Rio e pela certeza que lhe deram de Amaro Faial ter morrido poucos dias depois que chegara, no hospital, com o roubo ainda

intacto, segundo vira na notícia dos espólios dos falecidos. Replicou-lhe o delegado que semelhante justificação era insuficiente: o cego redarguiu que não tinha outra, nem essa mesma daria, se Amaro Faial fosse vivo, porque no seu braço se amparara vinte anos, vinte anos vira pelos olhos dele e mal remunerado o despedira, sem que o seu guarda-livros murmurasse da mesquinhez da paga.

***

Em 1858, o cego, escasso de posses, escorregava na ladeira da pobreza. Havia vendido ou hipotecado as terras. Perdera demandas valiosas: parece que em quase todas influiu a sua má nota a desculpar a injustiça. Duas quintas lhe foram extorquidas com tão estranho desaforo que é mister aceitar-se intervenção de jurisprudência divina para que o homem as perdesse, pois é de crer que as adquirisse com dinheiro desonrado.

Dizia ele que viera encontrar em Portugal espécies de ladrões fleumáticos e frios, que não topara nos, climas

quentes; e que o larápio luso-brasileiro era francamente analfabeto e lerdo, ao passo que o ladrão. estreme e puramente luso, era, por via de regra, além de perverso, bacharel formado. Aludia a dois adversários jurisconsultos que eu escondo à curiosidade do leitor, porque me sustém o pulso um quase religioso respeito à memória honesta de Paiva e Pona, e também de Pegas.

Com as últimas moedas, abriu Pinto Monteiro um botequim em Famalicão, faz hoje dezassete anos. A vila, nesse tempo, estava na apojadura das suas prosperidades.

Choviam ali brasileiros que nem maná nos areais da Mesopotâmia. Dos pauis alagadiços irrompiam casas de azulejos variegados. Vila Nova era o centro da locomoção do Minho, da mercancia agrícola, da vilegiatura dos Portuenses; mas não tinha o café — a prova real da civilização.

Pinto Monteiro contava com as leis do progresso; porém, Vila Nova, que hoje, na extrema decadência, tem três cafés com dois limões sorvados e três garrafas de licor de canela, em tempos florentíssimos não sustentou o botequim do cego, em que havia conhaque, curaçau, chartreuse,

kermann e absinto. É porque, há dezassete anos, o progresso material desconhecia a precisão dos cafés, paragens de uns ociosos que se putrificam, raça amolentada no sibaritismo da cerveja de quartola, com grandes orgias de cigarros de Xabregas.

O cego apenas vendia algum capilé aos vigários encatarroados e orchatas aos adiposos. A ruína ia consumar-se, e o botequim fechar-se, quando chegou à vila e se hospedou no hotel um brasileiro doente vindo do Rio com a sua esposa. Pinto Monteiro conhecia de nome o enfermo.

Visitou-o e acompanhou-o nos desalentos da caquexia, animando-o ou distraindo-o com a sua variada e jovial conversação. Alvino Azevedo afeiçoou-se-lhe a ponto de, chegado ao termo dos sofrimentos; lhe confiar a sua mulher, pedindo-lhe que a protegesse e guiasse na administração dos seus haveres. A esposa do enfermo estava um pouco distante da idade em que as viúvas correm perigo se as não vigiam: tinha setenta anos feitos e já não conservava toda a frescura das suas dezoito primaveras, nem os dentes completos. Os dons do espírito

não era transcendentes nem talvez bastantes para seduzirem outro marido: D. Joana Tecla era idiota.

O caquético expirou nos braços do cego, despedindo-se da esposa com uma olhadela cheia de saudades e talvez de esperanças no paraíso de Mafoma, em que as mulheres velhas remoçam. Ela chorou copiosamente e declarou que aquele morto era o terceiro marido que lhe fugia para o Céu. Eles tinham tido razão em fugir todos.

D. Tecla passou para casa do cego, com todo o resguardo da sua pudicícia, acompanhada pela mana Neves.

Passados os três dias de nojo, perguntou-lhe Pinto Monteiro se queria voltar ao Brasil, a sua pátria, ou ficar em Portugal, recebendo os rendimentos dos seus prédios no Rio. A viúva respondeu que a sua posição era muito melindrosa; que uma senhora não podia ir sozinha para tão longe; que o mundo estava cheio de homens malcriados que mediam tudo pela mesma rasa; que não queria sujeitar-se a algum desaguisado por essas terras de Cristo; que, enfim, não ia para o Brasil sem ter família muito honesta com quem fosse, — Mas então, a minha senhora — redarguiu o cego —, quer, entretanto que não vai, viver sozinha em Vila

Nova, ou dá-nos o prazer da sua companhia? o seu defunto esposo encarregou-me da dirigir; eu, porém, o que farei é conformar-me com a vontade da senhora, que já tem suficiente idade para saber o que lhe convém.

— Não sei nada do mundo — acudiu Tecla. — Estou muito verde. O senhor é que há de guiar-me.

— Deus lhe dê melhor guia do que um cego, a minha senhora;... mas aí tem a minha mana, que lhe será companheira e irmã.

No dia seguinte, Monteiro fechou o botequim com um sorriso sarcástico e o ar solene e vingativo de quem fechava a porta que franqueara à civilização de Vila Nova.

Ele vociferou que os habitantes de Famalicão eram indignos do café, deu volta à chave e foi caminho de Landim com a hóspede e a irmã.

***

Os dois prédios que a viúva possuía na Rua da Quitanda valiam quarenta contos de réis fracos; as suas joias, dádivas de três maridos, eram muitas e nem todas de pedras falsas. A idade da viúva animava um quarto marido, na hipótese de caber a esse quarto em vez de a ver fugir para o Céu a ela. O certo é que andavam já dois empregados de Fazenda e outros tantos da Administração a espiarem a oportunidade de lhe seduzirem a inexperiência, quando a viram ir empertigada numas andilhas, caminho de Landim, a choutar e a rir-se dos solavancos do macho.

Os pretendentes pegaram de gritar contra o cego, assacando-lhe o rapto e a coação da viúva. O juiz de direito viu-se obrigado a deferir ao requerimento de um curioso que pedia uma visita domiciliária ao cárcere privado de D. Joana Tecla Alves.

Efetivamente, a hóspede de Pinto Monteiro foi interrogada, em presença de testemunhas, se estava naquela casa pela sua livre vontade, não coagida nem seduzida.

Respondeu que estava muito contente e que podia estar onde quisesse.

O juiz concordou.

Algumas cartas amorosas em papel perfumado lhe enviou o mais galã dos funcionários de Famalicão. Joana Tecla relia as cartas com secretas delicias; mas, no exterior, fingiu-se de uma isenção que faria envergonhar Artemisa, viúva de Mausolo, e as combustíveis viúvas de Malabar. Perguntava à sua amiga Neves quem era o tolo que lhe escrevia; e, rindo com a garridice arisca dos dezasseis anos, dizia que seria grande pagode mangar com ele, respondendo-lhe às cartas.

A mana do cego segredava ao irmão:

— Olha que a velha é tola, mano António; trata de cortar os voadouros à cegonha; senão, hás de vê-la voar aos braços do quarto marido.

— O quarto marido hei de ser eu! — disse o cego com uma visagem de mártir voluntário. — Hei de ser eu o quarto marido — repetiu ele, tragando um copo de rum para ganhar alma —, porque, a ter de entrar nesta casa o espectro da miséria, é melhor que entre Joana Tecla. Não me lembra como se chamava um cego que dava graças a

Deus porque não podia ver um certo tirano; eu também as dou, porque não posso ver a minha noiva. — E enchia o copo esvaziado, mascava o charuto e fazia com as duas pernas um curso de geometria. — Sacrifico-me a ti e aos meus filhos. Vou ser o bode expiatório das minhas e as vossas prodigalidades; mas levo a certeza de que ela ao menos me será esposa fiel — o que é raro antes dos setenta anos. O seu terceiro defunto disse-me que Tecla era uma paz de alma, bruta, sim, mas boa. Enfim, mana, sonda-ma; vê se lhe achas vontade de casar quarta vez.

— Tomara ela! — acudiu a irmã. — Está sempre a dizer: «Isto de mulher sem homem é como peixe fora de água.» Põe papelotes todas as noites e faz caracóis quando se ergue. Que quer isto dizer? Queres que eu lhe toque no casamento contigo?

Toca; que eu começo hoje a fazer-lhe a corte.

Na tarde desse dia, passeava Monteiro, debaixo da parreira do seu quintal, pelo braço da viúva. As calhandras e os pintassilgos trilavam os seus requebros às margens do rio Pele. As rãs coaxavam nas poças e as auras ciciavam na

ramaria dos álamos. Era uma tarde de tirar amores do olho de uma couve lombarda.

Passeavam silenciosos, quando ao longe, no pinhal do mosteiro, cantou um cuco.

— Olhe o cuquinho a cantar! — disse ela com meiguice.

— Gosta de ouvir o cuco, Sra. D. Tecla? — perguntou o cego.

— Eu gosto de toda a passarinhada — respondeu ela com as denguices infantis da Lili de Goethe.

— O cuco é pássaro de mau agouro! — disse ele. — Eu, com medo de tal ave, não quis casar.

Tecla riu-se descompassadamente, provando que conhecia a linguagem simbólica da ave agoureira. E o cego, nesta entreaberta de galhofa, beliscou-lhe a polpa do braço esquerdo.

— Ai! — exclamou ela. — Isto que foi?!

— Não se ria assim das fraquezas do próximo, Joaninha! —respondeu o cego, dando ao beliscão o ar inocente de um gracejo familiar. — Eu não quis casar nunca porque o meu

coração nunca sentiu ao perto nem ao longe a mulher digna dele. Cheguei aos cinquenta e dois anos, pode-se dizer, sem ouvir a este coração as palpitações que estou agora ouvindo. E a primeira vez... — e estreitava-lhe o braço contra o lado esquerdo com umas pressões trémulas —, e a primeira vez que amo; porque é esta a primeira vez que encontro a mulher, a esposa digna da minha ternura. Que me responde, Tecla? Não me responde, prenda adorada? — instava ele, sacudindo-lhe a mão com transporte.

A viúva inclinou a face para o seio, deixou-se apertar com o indolente abandono das suas faculdades sensitivas, esteve impando como quem suspira a custo e murmurou:

— Devagar se vai ao longe, Sr. Monteiro.

***

Aquilo foi depressa. O fervor reciproco dos noivos e o preceito do poeta pagão que manda não adiar os prazeres abreviaram quanto possível a identificação das duas almas. O reitor, que os recebeu, era um padre bom a jovial que

está a estes noivos disse o que dizia a todos: «Eu espero o vosso primeiro filho daqui a nove meses.» A noiva entreabriu à flor dos beiços um hipotético sorriso de pudor; o cego, porém, ferido na infecundidade da esposa, disse, carregando o rosto:

— Neste ato, Sr. Reitor, são impróprias as chalaças.

O padre, querendo emendar eruditamente a inadvertência, respondeu:

— As Santas Escrituras falam de Sara...

— Eu não sou Abraão — replicou o cego, voltando-lhe as costas.

Reverdeceram os contentamentos da mesa lauta e das intimas palestras ao fogão.

D. Tecla Monteiro confessava que nunca tão felizes lhe derivaram os dias da existência.

O cego sentia-se docemente ameigado e bem, com o rosto no regaço da esposa.

Saboreava os santos aconchegos da companheira canónica. Revendia-lhe o ninho dos seus amores lícitos um

patriarquismo anterior ao sacramento do matrimónio, é verdade, mas puro como os conúbios de Jacob e Lia, de Rute e Bom. Ela não o idolatrava como maior frenesi, mas aquecia-lhe no Inverno os lençóis com botijas e de manha levava-lhe uma chávena de sagu, que pessoalmente cozinhava com todos os primores de uma vocação especial para os mingaus.

Na venda das propriedades liquidara Monteiro menos do seu valor; mas ainda assim não desceu de vinte contos de réis o dote da esposa. Parte deste capital empregou-o numa quinta no Alto Douro, outra pane na reincidência de pleitos que havia perdido e o restante nas opulências da mesa e nas liberalidades com os renovados amigos. Do mesmo passo que a opinião pública encarecia a velhacaria do cego, formava-se uma confederação de sujeitos que lhe exploravam a perdulária generosidade. Emprestava facilmente dinheiro e não negava esmola, nem se desculpava com a falta de cobres. «Tal desculpa seria boa», disse ele, «se os mendigos se ofendessem com as pratas.» E também dizia: «Ninguém da esmolas mais às escondidas do

que eu, porque nem vejo as pessoas a quem as dou!» Triste gracejo proferido por um cego.

Pinto Monteiro, que tanto refinara em astúcias, no último quartel da vida deixava-se enganar por qualquer velhaco montezinho. A quinta do Alto Douro, comprada por seis contos de réis, foi uma venda fraudulenta: a propriedade estava hipotecada à Fazenda Nacional e o vendedor, apresentando títulos falsos, recebeu o dinheiro no Porto e fugiu. Os convivas do cego rejubilavam a cada arremesso novo que a desfortuna lhe dava para a pobreza e as pessoas contemplativas observavam às incrédulas que o enorme delinquente estava sofrendo retaliações providenciais. É de crer que sim.

Lance admirável! Pinto Monteiro mantinha serenidade socrática e impertérrita a cada lançada que lhe resvalava na rodela da filosofia. Se a irmã ou a esposa choravam, e ele dava tento disso, dizia-lhes: «É uma vergonha chorar quando a vida é tão curta! As dores são um sonho mau de que se acorda na sepultura.» Ao sentir desfibrar-se-lhe a corda tenaz da paciência, digna de um cristão, emborcava garrafas de genebra e fumava sempre até cair marasmado

pelo álcool e pela nicotina; mas, se antes da prostração se exaltava em desvarios de ébrio, as frases reflorescíam os raptos de eloquência que aos vinte e cinco anos o arrebatavam nos clubes fluminenses. Nestas ocasiões, projetava ir ao Parlamento, e ensaiava discursos tão bonitos que pareciam ser decorados no Diário das Câmaras. As vezes pedia à mulher e à irmã que lhe fizessem «apares» para o picarem. A boa D. Tecla dava-lhe para se rir, ou pedia-lhe amorosamente que se deitasse — pedido que a gente não pode fazer a todos os oradores parlamentares.

Nestas intermitências, quase sempre risonhas, se passavam os dias e boa parte das noites naquela murmurosa casa de Landim. D. Tecla desmentira os vaticínios que a deploravam, esbulhada do dote e abandonada à piedade do Asilo das Velhas do Camarão. Não teve uma hora de tristeza esta senhora; nem sequer ligeira borrasca de ciúme, em sete anos de casada, lhe nublou as suas alegrias de esposa leal. As setenta e seis primaveras seguiu-se um inverno rigoroso de catarrais e gota, com perturbações no aparelho digestivo, timpanites e cólicas flatulentas. A morte

arrebatou-a em Dezembro de 1861 dos braços do marido, que, pela primeira vez na sua vida, chorou.

***

Sete anos de glacial solidão gearam sobre a alma de Pinto Monteiro. As portas da sua casa raro se abriam. Concordemente se disse que o cego estava pobre pela terceira vez. Era verdade: estava pobre — vendia o restante das joias da mulher.

As vezes entrava naquela casa a Narcisa do Bravo, sentava-se à mesa ainda abundante do padrinho e matava a fome. A irmã do cego debulhava-se em choro a confrontar aquela desgraçada de rosto empolado com esfoliações rubras à formosa noiva de Custódio da Carvalha, à gentil amazona por amor de quem alguns fidalgos de Guimarães terçaram as suas badines de cauchu na romaria de S. Torcato.

Sobre todas as famas repelentes, ganhara Narcisa, com legitimo direito, a de ladra, e ladra à mão armada. Os mais queixosos eram os que lhe colheram as flores já outoniças

da beleza e a rejeitaram com a brutalidade do tédio. Narcisa saía-lhes de rosto nas concavidades das congostas escuras e abocava-lhes à cara uma pistola de dois canos: e eles, com um fingido sorriso de piedade desprezadora, atiravam-lhe a forçada esmola. Outras vezes, escalava as janelas das alcovas conhecidas e entrouxava os bragais como se inventariasse o espólio de um esposo falecido. E temiam-na como para um celerado disposto a vender cara a vida, porque ela deixava entrever a coronha da pistola entre os atacadores do colete escarlate e, se sofraldava as saias, quando saltava as poldras dos ribeiros, mostrava a faca de ponta atravessada na liga. Os regedores das freguesias que ela frequentava tinham ordem da capturarem; mas o medo, predicado pacifico destes magistrados, era a ressalva de Narcisa.

O cego de Landim não ignorava a desastrosa saída da sua afilhada; conselhos, naquela extremidade, eram perdidos; censuras, a si próprio as fazia o cego porque encetara a perdição daquela rapariga, tirando-a da arribana do seu pai, para a criar nas regalias da abundância, sem vislumbres de religião, em plena liberdade de se viciar com

as travessuras e gaiatices que lhe festejavam. Narcisa era talvez uma das polés que torturaram o cego nas impenetráveis agonias dos seus últimos seis anos.

Contava um rapazinho, criado de Pinto Monteiro, que ouvira, uma vez, a sua ama dizer a Narcisa que ia mandar vender dois cobertores porque não havia dinheiro em casa; e que Narcisa lhe dissera que não vendesse os cobertores, porque ela ia vender a sua pistola por meia moeda. Não tenho outro lance generoso que possa referir de Narcisa do Bravo.

Quando este caso passou, entrava António José Pinto Monteiro nos paroxismos da morte. A 28 de Novembro de 1868, pelas dez horas da manhã, disse à irmã que lhe acendesse um cigarro e abrisse as janelas, que sentia grande calor e ânsia. Sentou-se no leito e inspirou consoladoramente a coluna de ar frigidíssimo que lhe bateu no rosto, ao abrir da janela. Pediu uma chávena de café, e, enquanto a irmã o fazia, Narcisa veio para a beira do padrinho.

— Quem é? — perguntou o cego.

— Sou eu, padrinho. Está melhor?

— Vou estar melhor, filha. Isto vai acabar. Quando eu morrer, faz companhia à minha pobre irmã.:.

Narcisa chorava, beijando a mão do cego, que se estorcia nas, dores da cistite. Ao cair da noite, a prostração, a febre, os soluços e o frio das extremidades diagnosticavam a gangrena. No 1º de Dezembro, o cego de Landim expirou reclinado ao seio de Narcisa, que se sentara no leito para o amparar nos derradeiros arrancos.

As suas últimas palavras, no delírio que precedeu a morte, encerram toda a moralidade desta biografia:

— Eu tinha três filhos que criei com tanto amor... Que é deles?...

E mais nada.

Os três filhos do cego de Landim afrontar-se-iam com o nome do seu pai? Para ter um peito amigo que o amparasse na agonia, foi mister que a sociedade remessasse para dentro da alcova do moribundo uma mulher perdida. Mas, lá ao longe, no Brasil, houve lágrimas saudosas, no coração

de uma filha. Pois quando é que Deus consentiu que uma filha as não chorasse... num epitáfio?

***

CONCLUSÃO

No cemitério de Landim está uma sepultura com este letreiro:

AQUI JAZ ANTÓNIO JOSÉ PINTO MONTEIRO

NASCEU A 11 DE DEZEMBRO DE 1808

FALECEU A 1 DE DEZEMBRO DE 1868

TRIBUTO DE GRATIDÃO DE ETERNA SAUDADE QUE LHE DEDICA a sua INCONSOLÁVEL FILHA GUILHERMINA

Ana das Neves ideara uma perspetiva de felicidades: viver os restantes anos em recatada pobreza, morrer mais desamparada que o irmão e ser levada como quem remove um entulho ali para aquela sepultura onde se pulverizavam os ossos execrados do cego.

Estas felicidades não as goza quem quer.

Um dia, a justiça, perseguindo Narcisa pelo roubo de uma coberta de felpo, soube que a Neves a mandara vender. A ordem de captura envolveu-a como recetadora de roubos. Invadiram-lhe judicialmente a casa e encontraram, para maior prova do crime, um açafate de maçãs camoesas, dois calondros e algumas batatas que Narcisa recolhera, de colheita aliás suspeitosa, nas lojas da casa da sua protetora. A irmã do cego foi capturada e, sem fiança, encarcerada na lôbrega enxovia de Famalicão. Dias depois, davam-lhe a companhia de Narcisa, que se entregara à prisão, arrojando a pistola, quando lhe disseram que a Neves estava presa. O juiz misericordioso condenou-as a oito meses de prisão, dado que os jurados as sobrecarregassem de crimes beneméritos de degredo perpétuo.

Cumprida a sentença, D. Ana das Neves Miquelina Monteiro vendeu a casa que o irmão comprara em nome dela. Com o produto dessa venda transferiu-se, em 1872, ao Brasil, e levou consigo Narcisa na Bravo. Parece que não tinha outros amores neste mundo e desejava expirar, como o seu irmão, nos braços dela.

E visto que não estamos dispostos a deixá-la morrer nos nossos braços, ó leitor, parece-me caridosa coisa que a não fulminemos com a nossa honrada raiva. Sou de opinião que sejamos inexoravelmente severos com os desgraçados e com as desgraçadas, quando eles e elas repelirem a felicidade que nós lhes oferecermos.

S. Miguel de Seide, Julho de 1876.

A MORGADA DE ROMARIZ

Vi esta morgada, há três anos, em Braga, no Teatro de S. Geraldo. Estava em cena Santo António, o taumaturgo. A comoção era geral. Tanto a morgada como o seu marido, o comendador Francisco José Alvarães, choravam, às vezes; e, outras vezes, riam-se.

Era uma senhora de espavento, avermelhada, com as frescuras untuosas e joviais dos quarenta anos sadios, seios altos e atlantes, pulsos roliços e averdugados pela compressão das pulseiras cravejadas de esmeraldas e rubis.

Riu-se a morgada quando aquele Santo António do século XIII recitou às raparigas uma poesia madrigalesca de Brás Martins —bom homem que esteve quase a regenerar o teatro nacional como ele deve ser. A poesia rezava assim nesta prosa inocente:

Mimosa nasce a flor e vive ainda,

Se arrancada não foi logo ao nascer;

Assim a virgem nasce e vive pura,

Se o vício não trabalha pra perder

Et etecetera, com a mesma unção e música.

A morgada sorrira-se para o marido; e ele, para lhe provar que também percebera o chiste, formou um tubo com os beiços carregados de chalaças mudas e disse com aticismo velhaco:

— Versalhada...

Ora, a morgada de Romariz, lagrimando com inteligência na prosa da oratória, assim que algum personagem pegava de rimar, ria-se. Persuadira-se de que a missão dos versos era como a das cócegas. A natureza dera-lhe ao espírito aquele feitio.

Remirei-a de esconso por sobre a espádua do esposo.

Ela bocejava nos entreatos, até mostrar as campainhas; ele tosquenejava, e às vezes, espreguiçando-se, grunhia:

— Estou maçado.

— Pudera... — obtemperava a esposa —, a comedia bonita e... mas não há nada como estar a gente na sua cama, Zezinha!

E dava tons lúbricos ao diminutivo.

— Quem me lá dera... — respondia Alvarães, deslocando as botas e dando folga e frescor aos pés no aprazível túnel dos canos. — O polimento estorcega-me os calos... — queixava-se com azedume. — Comédias... Ora adeus! Patranhas...

— Modos de vida, homem...

E abriam juntos as bocas espasmódicas.

— Ao menos se eu viesse ceado... — dizia ele.

— Fizesses como eu...

— Não me cabia cá... — E batia com os dedos dobrados no alto ventre como se faz às melancias suspeitas.

— Já agora, hemos de ver acenada glória, que é o mais bonito... — opinava a esposa.

Neste comenos, visitou-os um o meu conhecido de Famalicão. Ao erguer do pano, saiu de lá e entrou no meu camarote. Foi ele quem me disse o nome das duas pessoas, acrescentando:

— Ali, onde a vê, tem romance; dá matéria para dois temos...

— Picarescos? Não me servem... Eu quero filosofia: os meus leitores querem filosofia, percebe o senhor?

— É o que ela tem mais que dar.

— Ora essa!... O senhor sabe que ela tem isso? Queira apresentar-me...

— Deus me defenda... Eu disse à morgada que você era romancista...

— E ela que disse?

— Riu-se.

— Riu-se?! É boa!... E o marido...

— O marido disse: «Arreda!»

***

Vejamos a filosofia que eles têm.

Melhor que uma estirada narrativa, desfigurada talvez pela imaginação do informador, li um processo que o sujeito me emprestou. Correra o pleito entre panes que litigavam em matéria de casamento. Figurava uma donzela depositada judicialmente. O pai da nubente impugna e alega que o pretendente a sua filha é um birbante de vilíssima relé. O noivo, contrariando, expõe que o pai da sua futura é de origem tão canalha que, apesar de ser fidalgo da casa real, é filho de um salteador de estradas, como é público e notório. dizia o noivo; e acrescentava «que não havia ainda vinte anos que o seu contendor exercitara ofício de fogueteiro em Vila Nova de Famalicão». Neste conflito, a depositada trancara o pleito vergonhoso aceitando outro marido que o pai lhe inculcou.

A menina questionada era aquela morgada de Romariz e o marido o comendador Alvarães.

Quanto a filosofia, este acontecimento pareceu-me assaz chocho; eu pelo menos não fita encontrei, por mais que virasse do carnaz os personagens do processo. Louvei» procedimento da jovem injuriada na pessoa do seu progenitor; mas o fermento da tal filosofia não me dava para levedar massa de cinquenta páginas. Abri mão do assunto e larguei-o às imaginações florentíssimas da minha pátria. Porém, transcorridos dois anos, num livro impresso por 1815, li uns nomes que tinha visto nos autos escandalosos.

Examinei de novo o processo e trasladei certas passagens que, alinhavadas a outras do referido livro, deram esta novela, em que, por felicidade do leitor e a minha, não há filosofia nenhuma, que eu saiba.

***

Quando Vila Nova de Famalicão era um burgo de cem vizinhos com um juiz pedâneo, saiu dali para a corte, em 1744, um rapaz de quinze anos, que começara com o seu

pai o ofício de pedreiro. Assinava-se António da Costa Araújo, escrevia limpamente e era esperto. Chamara-o a Lisboa um tio, mercador de panos, estabelecido na Rua dos Escudeiros, que até ao terramoto de 1755 ocupava parte do terreno hoje compreendido na Rua Augusta. Matias da Costa Araújo, irmão do pedreiro, engraçou tanto com o sobrinho que, apesar dos poucos meios, mandou-o às aulas dos Jesuítas no Pátio de Santo Antão, a fim de habilitar para o clérigo, contra a propensão mercantil do rapaz.

Matias tinha sido infeliz no comércio e dizia que era mau modo de vida aquele em que a prosperidade se desavinha da honra.

No 1? de Novembro de 1755, o constrangido destino do estudante transtornou-lho a catástrofe em que o seu tio pereceu debaixo da abóbada da Igreja de S. Julião, onde assistia às missas dos fiéis defuntos. Os seus medianos haveres armazenados devorou-lhos todos o incêndio. Ficou portanto em desamparo grande o estudante, e tratou de amanhar a sua vida, deixando arder sem saudade a gramática latina do padre Álvares com os cartapácios correlativos.

Nicolau Jorge, mercador abastado, vizinho e amigo do defunto Matias, condoído do sobrinho, chamou-o, ouviu-o discorrer a respeito da espécie de mercadoria em que mais seguro negócio deveria tentar-se na crise do terramoto e, aplaudindo-o, emprestou-lhe duzentas moedas de ouro. Leiloavam-se então, nas ruas e praças, fazendas avariadas por água e fogo. António da Costa Araújo arrematou por preço ínfimo fardos equivalentes ao seu avultado capital, pagando-os no mesmo ato com grande espanto do desembargador Torciles, presidente das arrematações. Estabeleceu-se Costa Araújo no Campo de Sant'Ana e ganhou, no primeiro ano, com estas fazendas avariadas, doze mil cruzados. Volvidos seis anos, era um dos mercadores mais opulentos da cone; morava no primeiro quarteirão da Rua Augusta, à esquerda, indo do Rossio, e era geralmente conhecido pela alcunha de Joia. Tinha camarote efetivo na ópera, banqueteava personagens de alta condição, recebia nos seus armazéns a mais luzida sociedade de Lisboa com fidalga cortesia: chamava «joias» às damas, e daí lhe pegou a ele a alcunha desmaliciosa. Confluía ao seu balcão a flor da cidade, porque ninguém o excedia na fina escolha dos atavios, no primor do gosto e

em probidade de contractos. «Ali vinham», diz o coronel Francisco de Figueiredo, «comprar-se os enxovais para os grandes casamentos, o vestuário para todas as grandes funções, de que houve muitas, entrando neste número os casamentos dos nossos soberanos, nascimentos de príncipes, os dias de anos de toda a real família e os três dias das funções da inauguração da estátua equestre do Sr. Rei D. José, o 1º, de tão gloriosa memória.» Costa Araújo não compelia os devedores a pagarem-lhe judicialmente; que o infortúnio dos que não podiam gozar a honra e o prazer da pontualidade fazia-lhe dó.

Quis o marquês de Pombal nobilitá-lo como fizera a outros comerciantes, mais para abater a fidalguia histórica do que para levantar a burguesia industriosa. O Joia nunca pediu nem aceitou distinções. Foi toda a vida mercador, sempre ao balcão, ou encostado à ombreira da porta, como hoje o não fazia um caixeiro com a cabeça cheia de socialismo e óleo de amêndoas doces.

À volta dos sessenta anos, António da Costa Araújo enfermou de paralisia. Era solteiro. Chamou para a sua companhia um irmão que tinha na terra natal, pedreiro

como o seu pai e que nunca deixara de trabalhar, posto que o irmão rico lhe desse boa mesada, sem todavia lhe aconselhar ofício menos grosseiro, por entender que são muitos os pedreiros felizes e pouquíssimos os grandes do mundo que a inveja dos pequenos não perturbe.

O paralítico fez testamento, em que repartiu o seu capital por diversos amigos, e deixou ao seu irmão Bento da Costa três mil peças de 7$500 réis.

Falecido o Joia, apareceu em Famalicão Bento pedreiro, envergando um tabardo velho de briche, que exibia com visagens consternadas, dizendo que não herdara outra coisa do irmão, o qual tudo gastara e morrera pobre. O pedreiro, supondo que o acreditavam, era boçal à proporção de avarento; faltava-lhe a velhaca finura que hoje em dia ilustra os Minhotos. Verdade é que não havia ainda gazetas que assoalhassem as verbas testamentárias; mas a notícia da herança de Bento chegara a Famalicão primeiro do que ele. Cinquenta e seis mil cruzados e tanto! Quem poderia herdar secretamente riqueza tamanha num tempo em que bazofiava por Lisboa um argentário a quem chamavam o Trezentos Mil Cruzados porque ele, vindo do

Brasil, manifestara aquela colossal e quase fabulosa quantia! Cem contos de réis, hoje em dia, é quase uma vergonha possui-los; a quem não fingir que tem essa soma quadruplicada é um homem que, se souber governar-se com muito prumo, poderá talvez dispensar-se de ser recolhido para um asilo de mendicidade.

O pedreiro era viúvo, vivia só e tinha um filho soldado de artilharia do regimento do Porto, aquartelado em Valença. Quando a notícia chegou ao quartel, o rapaz, insano de alegria, desertou, confiado na herança. Entupiram-no, porém, o espanto e a consternação quando encontrou o pai à orla da estrada a brocar uma penedia por conta de um lavrador. Recobrado do assombro, perguntou-lhe se não herdara três mil peças de ouro.

O velho pôs os olhos espavoridos no céu, abanou a cabeça como os personagens da Ilíada, desfechou contra o filho um esgar desabrido e bradou:

— Três mil peças?! Três mil diabos que te levem a ti e mais a quem levantou essa aleivosia! O que eu herdei foi um reguingote de saragoça já no fio. Se o queres, vai

buscá-lo, que ele lá está pendurado num gancho... Com que então, Joaquim, vinhas ao cheiro das peças?

— Vinha pedir-lhe, Sr. Pai — respondeu o rapaz com tristeza e respeito —, que me livre de soldado, porque já não posso com o serviço. Estou doente e preciso de mudar de vida.

— Trabalha, faz como eu, que também não posso, e estou aqui a furar este calhau.

Quiseste ser soldado.., lá te avém.

— Sr. Pai, olhe que eu saí da praça sem licença... sou desertor...

— Não me digas isso segunda vez, que te rejeito esta broca à cabeça!

— Faz-me vossemecê uma esmola — replicou serenamente Joaquim —. que eu antes quero a morte que as chibatadas... Sabe que mais, Sr. Pai? — prosseguiu o desertor limpando o suor e as lágrimas —, ou vossemecê me livra, ou eu vou juntar-me à quadrilha que anda na Terra Negra.

— Capaz disso és tu, alma do diabo! Sai-me da vista dos olhos, que eu já te não enxergo, ladrão!

E, arrojando a broca e o maço de ferro pelo respaldo do penedo, sentou-se com os cotovelos fincados nas pernas e pensou alguns segundos com a cara tapada pelas mãos esfoliadas e negras de terra.

O filha esperava, indeciso entre o ódio e a compaixão. Pensava que o pai herdara as três mil peças e o deixava optar entre a chibata e a malta de ladrões, Joaquim sentia-se tremer de raiva; se, porém, a herança era uma invenção, o ar aflito do velho sujo, roto e quebrado de trabalho compungia-o.

Nesta vacilação, ergueu o pedreiro o rosto menos descomposto e disse:

— Vai para casa, que eu vou daqui falar com o teu padrinho... Aí tens a chave; procura as peças, e leva-as, que eu dou-tas...

Esta zombeteira liberalidade incutiu logo em Francisco dúvidas da herança.

Entrou em casa e examinou toda aquela antiga e conhecida pobreza. Na lareira, entre cinzas, a panela de barro desbeiçada e duas tigelas na trempe; o escabelo corroído de caruncho e a espaços espumado de gorduras lustrosas; o catre de bancos e a enxerga rota e arrepiada de palhiço; a candeia de ferro enganchada na parede; por baixo, pingada de sal, uma banca de pau-santo com pés torneados, mas com as roscas esborcinadas e gavetas de pinho em bruto com puxadores de corda. Sobre a miséria dos trastes, o lixo, a sordícia que o filho do pedreiro nunca assim vira, porque a sua mãe ainda vivia, quando ele assentou praça. Aos pés da cama havia uma rima de cascabulho, grabatos de lenha, ferramentas quebradas, rodilhas e cacos. numa forquilha de quatro esgalhos pregada na trave mestra pendia, coberto da fuligem da lareira, o albornoz poido que o irmão do Joia dizia ter herdado.

O desertor sentou-se na arca de pinho, contemplou aquela indigência e pensou consigo:

«Acho que me mentiram... O meu pai não herdou nada... Dantes ainda nesta casa havia uns lençóis lavados e pão à farta, quando recebíamos todos os meses a moeda que o tio

tios dava... E agora que há de ser de mim?... Estou perdido!...» Neste comenos, assomou ao limiar da porta um vizinho, que vira entrar o soldado.

— Estás por aqui, Joaquim Faísca?! — perguntou o Luís Meirinho.

Convém saber que o filho de Bento ganhara alcunha de Faísca desde que mostrou, aos dezoito anos, extraordinária destreza em ferir lume no fósforo dos ossos dos adversários. O outro chamava-se o Meirinho, porque o tinha sido do corregedor de Barcelos, e na opinião pública passara de quadrilheiro da justiça a capitão da quadrilha que infestava a Terra Negra. Continuava o ofício, diziam alguns, ganhando na carreira três postos de acesso.

— Vieste com licença? — perguntou o Luís Meirinho.

— Não, senhor. Pedia-a, e não ma deram — respondeu Joaquim, com o propósito de se acolher ao valimento do vizinho, se o pai lhe não acudisse. — Eu estou doente do peito e não posso com esta vida de soldado. Ouvi lá dizer que o meu pai estava muito rico com a herança do meu tio. Desertei, pensando que ele me livraria com dinheiro; mas

agora mesmo o topei no Vinhal a quebrar pedra e ele me disse que herdara um albornoz velho que ali está.

— E tu acreditaste? — atalhou o outro velhacamente.

— À vista da miséria em que eu encontro esta casa...

— Pois fica sabendo que o teu pai herdou três mil peças. Sabes quanto fazem três mil peças?... Cinquenta e seis mil e tantos cruzados. Sabe toda a gente da vila que o teu pai está riquíssimo. Posso. mostrar-te a cópia do testamento. O teu pai é um miserável, é a vergonha dos homens! Mata-se à fome, come duas tigelas de caldo por dia e diz mal do irmão porque lhe deixou um albornoz coçado,. quanto toda a gente sabe que o deixou rico...

— E o dinheiro? — acudiu Joaquim circunvagando os olhos pelos cantos da casa e lareira.

— Dizem uns que o deixara em Lisboa a render e outros querem que ele o tenha enterrado aí nesse chiqueiro; mas a minha opinião é que o teu pai, se trouxe o dinheiro, não o tem em casa. Meteu-o debaixo de alguma fraga aí da serra por onde ele anda sempre a quebrar pedra.

— E que hei de eu fazer, se. ele me não livrar? — perguntou Joaquim.

— Eu sei lá, rapaz! Se o teu livramento depende do dinheiro do teu pai, não quisera eu estar-te na pele! Levas as chibatadas da lei tão certo como eu quisera valer-te e não posso. Conheço-te desde rapazito, e nunca me há de esquecer que vai agora em dez anos, na romaria das Cruzes de Barcelos, me acudiste num aperto e quebraste três cabeças, enquanto eu quebrei duas. Olha, Faísca, se te vires em apuros, procura-me; livrar-te de desertor, isso não posso eu; mas das chibatadas e da farda eu te livrarei...

— Como?

— Isso são contos largos... Aí vem teu pai ao fundo da rua. Vou-me embora, que não posso encarar aquele sórdido avarento! Se eu soubesse que ele tinha o dinheiro no bucho, tirava-lho pelas goelas e dava-to, rapaz!

***

O pedreiro ainda vira o vizinho a safar-se da sua testada.

— Que fazia aqui o Luís Meirinho? — perguntou ele carranqueando.

— Nada; conversávamos...

— Eu cá à minha porta não quero conversas com ladrões, ouviste?

— Ladrões!... O Luís não me consta... que...

— Passa tu na Terra Negra com dinheiro de modo que ele to bispe, e lá verás quem é o Meirinho. Há de haver três anos que deixou o ofício, que rendia pouco; e, desde que não tem ofício, comprou casa, tem cavalgadura, trata-se à regalona, come carne do açougue e bebe do da companhia. E eu, que trabalho há bons quarenta anos, custa-me a amanhar para uns feijões e bebo água da fonte.

— O Sr. Pai assim o quer... — atalhou Joaquim entre receoso e risonho. — Perca o amor às peças...

— E tu a dar-lhe!... — respondeu iracundo o pedreiro. — Já te disse que as procures!...

Não herdei nada!, não herdei nada! — E berrava convulsionado freneticamente, sacudindo os braços.

— Não grite assim, que não faz mingua barregar! — atalhou o filho. — A gente está conversando... às boas... Hem?

No aspeto do Faísca ressumbravam sentimentos pouco filiais. A ironia franzia-lhe os cantos dos beiços, ao mesmo tempo que a ira lhe avincava a testa. No ar com que se sentara na arca, dobrando o corpo e bamboando as pernas em gingações de tarimba, denotava quebra de respeito e disposição a questionar faceiramente com o velho.

— Com que então... — prosseguiu Joaquim. — Vossemecê não herdou três mil peças?

— Não! — bradou o pai. — Não!, com mil diabos (Deus me perdoe), não!

— E se eu lhe mostrar a cópia do testamento... — respondeu Joaquim esbugalhando os olhos, abrindo a boca e pondo fora a língua em todo o seu comprimento. — Que me diz vossemecê, Sr. Pai?, se eu lhe mostrasse a cópia do...

— Tu acho que vieste cá para dar cabo de mim! — interrompeu Bento, desentalando-se da sua aflição por aquela estúpida réplica. — Amaldiçoado sejas tu!... — E, com os dentes cerrados e as mãos na cabeça, ia e vinha da lareira para a porta, considerando-se o mais desgraçado homem que Deus criara.

— Sr. Pai! — continuou mansamente o filho —, isto não vai a matar. Tome fôlego e escute o seu Joaquim. Lembre-se que não tem outro filho a quem deixar os seus cinquenta e seis mil cruzados...

— Olha o diabo! — regougava o velho.

— O que eu lhe peço pouco monta. Livre-me de soldado e dê-me alguma coisa para eu casar com a Rosa de S. Martinho. O pai dela decerto ma dá, se eu levar mil cruzados. Vou ser lavrador, terei saúde e alegria, e nunca mais lhe peço nada, Sr. Pai.

Joaquim, desde que proferira o nome de Rosa de S. Martinho, mudara de tom e gestos. Os olhos imploravam e a voz tinha as modulações do respeito. O seu amor de dez anos, golpeado de saudades, quebrara-lhe os pulsos. Se o

pai naquele instante abrisse no rosto uma ténue claridade de esperança, Joaquim acabaria a súplica de joelhos.

— Mil cruzados! — resmoneava o pedreiro. — Onde queres tu que eu os vá roubar?

Esta interrogação varreu do rosto do Faísca os sinais da boa reação.

— Eu não quero que os vá roubar, valha-me Deus! — respondeu Joaquim. — Mas, a falar verdade, quem tem três mil peças do seu também pode ser ladrão da felicidade de um filho que ainda lhe não custou seis vinténs desde que pode trabalhar... Olhe, Sr. Pai, repare bem no que vou dizer-lhe... Eu para a praça não torno. Sou desertor.

— Venho de casa do teu padrinho — acudiu o pai menos torvo —; o Sr. Coronel Lobo da Igreja dá-te uma carta para o comandante, e diz que tudo se há de arranjar.

— Não torno para o quartel, já lhe disse. Estou doente, preciso mudar de vida.

— Que te leve a breca... Não quero saber de contos. Lá te avém. Dinheiro não tenho; sé se queres que eu venda a

casa e me vá depois pedir um eido nos palheiros dos lavradores à beira dos cães.

— Está bom — concluiu Joaquim erguendo-se e espreguiçando-se —, vou ouvir a opinião do Luís Meirinho, que, de um modo ou doutro, prometeu livrar-me da farda e da chibata...

— Vais falar com o Meirinho para isso, ó alma perdida?

— Pois então! Aquele é amigo do seu amigo e se me for necessário dinheiro...

— Ensina-te a roubá-lo...

— E ele que sabe onde o há... — respondeu Joaquim bocejando e fazendo três sinais da cruz na boca escancarada.

— Eu te deito a minha maldição — bradou o velho com solenidade bastante para a cena final de um ato, porém insuficiente para abalar o 32 da 7ª companhia do regimento de artilharia do Porto.

O Faísca sorriu e murmurou:

— Vossemecê parece que tem mais maldições que pintos... Pois cá vou com a sua maldição e depois... veremos se ela nos empece a ambos.

Bento, ao pular-lhe o coração em saltos de ruim presságio, ainda deu três passos para chamar o filho e avençar-se com ele mediante quantia necessária ao livramento; mas a imagem de um pote de ferro cheio de peças bateu-lhe rija no peito.

Quedou-se como empedrado a olhar para a soleira da janela de peitoril, cujas portadas quatro travessas de castanho esfumado imobilizavam.

***

Poucos dias depois, o juiz-de-fora de Barcelos incumbia ao ordinário do julgado de Vermoim a prisão do desertor Joaquim da Costa Araújo, de alcunha o Faísca. A gente mais grada de Famalicão, convencida da riqueza do avarento sem entranhas, advogou a favor do infeliz rapaz, rodeando o pedreiro com rogos e até com insultos e ameaças. O

pedreiro, assustado, foi ter-se com o seu compadre, o coronel Lobo da Igreja Velha; e, bem aconselhado pelo fidalgo, cujo credor era, deu o dinheiro necessário para abafar o processo militar, comprar a baixa e substituir a praça no regimento.

Em seguida, quando se viu esbulhado das economias que amealhara antes de herdar as três mil peças, entrou-se de tamanha paixão, espicaçaram-no tantas saudades do seu dinheiro, que morreria abafado se não desafogasse no ódio ao filho. As vinte e quatro moedas de ouro que lhe custara a liberdade de Joaquim representavam fomes e sedes, desconfortos de frio em noites de Inverno, muitos suores em dias de Estio nó trabalho da serra a horas de sesta. E lembrava-se com bastante remorso que a sua mulher padecera sem cirurgião e morrera sem botica e fora indigentemente enterrada, tudo isto assim desgraçado e infame, porque ele não quisera bolir naquelas vinte e quatro moedas.

No entanto, Joaquim, bem que muito grato ao pai, não se mostrou tão penhorado que prescindisse de julgar obrigado

a dar-lhe modo de vida. O velho mostrou-lhe um ferro de monte, um pico, um camartelo, e disse-lhe:

— Se queres modo de vida, segue o meu. Anda daí brocar uma fraga, e saberás quanto me custaram a ganhar as minhas vinte e quatro... — E, ficando entalado, esfregava os olhos debruados de roxo com o encodeado canhão da jaqueta.

O filho não se compadecia daquelas lágrimas; antes se sentia bravejar de condição com remoques e até com ódio à avareza do pai. Mau foi convencer-se Joaquim da herança e supor que o velho podia morrer sem testamento nem declaração do esconderijo do tesouro.

Debalde lhe espiava os movimentos, os olhares, as caminhadas no monte, a fim de farejar a lota das mil peças. Bento de Araújo ia frequentemente quebrar esteios de pedra nos penhascais de Vermoim e vendia-os aos lavradores para especar parreiras. As desconfianças do filho seguiam o velho entre fraguedos, chamados o Castelo; e o pai, que se julgou espreitado, alegrava-se secretamente e não se mostrava ofendido.

Entretanto, continuara Joaquim a sua velha afeição a Rosa de S. Martinho; e, confiando que a fama da riqueza do pedreiro seria bastante a que o abastado lavrador, esperançado na herança, lhe cedesse a filha, pediu-a afoitamente; mas o pai da Rosa tinha mediana confiança em sapatos de defunto e disse que só daria a sua filha se o noivo trouxesse mil cruzados em dinheiro ou terras. O novo namorado abriu de novo o seu peito ao pai, que parecia apertar os cordões da bolsa à medida que o coração do rapaz se abria. Joaquim, bem aconselhado pelo seu amor, socorreu-se do padrinho, o coronel da Igreja Velha, pedindo-lhe que movesse o velho a dotá-lo.

Era o fidalgo a única pessoa que exercia influência em Bento de Araújo, e tamanha que pudera arrancar-lhe alguns mil cruzados a juros, sob juramento de não dizer a alguém que lhos devia. Mandou-o chamar e aconselhou-o a que desse dote a Joaquim. Avultou-lhe as funestas consequências da sua teimosia em querer passar por pobre quando toda a gente estava convencida do contrário; pintou-lhe os perigos em que ele punha o filho sem ofício que o salvasse da camaradagem de vadios suspeitos com

que patuscava nas tabernas da Lagoncinha e outros lugares infamados. Afinal, como o velho insistisse desaforadamente em dizer que não tinha senão o dinheiro que o seu compadre lhe devia, o coronel rendeu-o com esta honrada deliberação:

— Pois bem: tudo se arranja, querendo Deus e tu. Devo-te três mil cruzados; não tos posso pagar, enquanto algum dos meus filhos não trouxer esposa com dote; mas irei tirar quatrocentos mil-réis a juro nalguma confraria, e esse dinheiro vais tu dá-lo ao teu filho para casar com a rapariga, que é de boa gente, e há de ter dobrado ou mais do que ele tem.

As últimas palavras de Bento, nesta pendência, definem cabalmente a sua natureza. Quando o compadre lhe disse:

— Tu virás de hoje a oito dias receber os quatrocentos mil-réis para os dares ao teu Joaquim no ato da escritura do casamento —Bento acudiu impetuosamente:

— Eu não quero ver o meu dinheiro! Arranje a vossa Senhoria cá isso de modo que eu não veja o meu dinheiro!...

Ele sabia que, no ato da contagem dos mil cruzados, seria capaz de agarrar a saca e fugir com ela do escritório do tabelião.

Assim mesmo, o pedreiro, se tinha muitas maldades de avarento, possuía também algumas belas qualidades de pai; e uma, digna de bastante memória, é que, tendo ele em casa arsénico para matar os ratos, não o administrou ao filho.

***

Joaquim de Araújo entrara na vida por má porta. Oito anos de caserna bastariam a degenerar-lhe as boas qualidades: mas, com certeza, o Faísca já tinha ganho esta alcunha à custa de turbulências, quanto assentou praça, e não se regenerara, como é de supor, no ofício de soldado.

A sua nova posição de lavrador não lhe quadrava: a pesada rabiça do arado dava-lhe engulhos no estômago, quando a sacudia do rego aberto para romper outro; o cabo da enxada empolava-lhe as mãos; de sáfaras não sabia nada;

ignorava todo o tráfego da lavoura; e, em vez de aprender, como queriam a mulher e o sogro, ia bandarrear por feiras, quatro vezes por semana, na sua égua rabona, de pau de choupa debaixo da perna, mão direita à cinta, chapéu braguês na nuca e besta travada que não havia outra daquela andadura.

As impertinências do sogro respondia que não precisava de labutar sujamente na terra, porque o seu pai tinha o melhor de cinquenta mil cruzados em peças; e aos queixumes da mulher amante e ciosa voltava as costas enfastiado. O lavrador de S.

Martinho, a fim de se desfazer do genro, repartiu a casa por três filhos, ressalvou uma pequena reserva, deu em terras o dote estipulado a Rosa e mandou-os viver onde quisessem.

A libertinagem do Faísca foi até onde os dois mil e tantos cruzados da mulher chegaram; e naquele tempo, quem os desbaratasse em seis anos alcançava reputação dos que no nossos dias derivam à miséria sobre ondas de ouro. Antes de conhecer as primeiras necessidades, Rosa morreu na flor da idade, deixando um filho de seis anos entregue ao

avô, porque o marido havia muitos meses que demorava pela Galiza, amaltado com jogadores de esquineta, os seus antigos camaradas, uns com baixa, outros desertores.

O filho de Rosa breve tempo viveu da caridade do avô, que faleceu pouco depois.

Quando Joaquim de Araújo voltou a S. Martinho por saber que estava viúvo, encontrou o menino de sete anos esfarrapado, sem amparo de parentes, a esmolar o pão e o agasalho dos vizinhos, porque o seu pai não tinha casa própria e todo o património da sua mãe estava vendido. Quem recolhera o rapazinho era um fogueteiro, o mais remoto e desprezado parente da sua mãe. O pequeno ajudava-o a afeiçoar as canas e encher os canudos para os foguetes com bastante jeito e disposição para o ofício. Perguntara-lhe o pai porque não fora procurar o avô a Famalicão. O fogueteiro respondeu que lá fora com ele quando a mãe morreu, mas que o avô dissera que estava também muito pobre, e apenas lhe dera estopa para umas calças e um chapéu de Braga mais rapado que a escudela de um cão. Lembrou-se Joaquim do padrinho; mas a morte cortara-lhe esse recurso. Foi ter-se com o filho sucessor na

casa, a ver se quereria protege-lo como o seu pai. O fidalgo da Igreja recebeu-o com furiosas declamações contra o Bento pedreiro, a quem chamava ladrão porque lhe pedia dois mil cruzados e juros que o pai lhe ficara devendo.

Neste tempo, o irmão do honrado Joia já não podia trabalhar. Passava os dias sentado ao sol no degrau da porta e dava alguns chorados vinténs por semana para uma vizinha que lhe levava as couves e a broa.

Nesta situação o achou o filho, quando voltou da Corunha, trajando à castelhana, mas delatando na jaqueta safada e suja a miséria que o trazia à porta do pai. Pediu-lhe dinheiro com suplicante brandura, com muitos atos de arrependimento e promessas de reformação de costumes.

— Se puderes reformar os teus costumes, fazes bem; eu é que não posso desfazer-me em dinheiro — dizia o velho. — Tudo o que eu tinha estava na mão do teu padrinho; ele morreu, e o ladrão do filho não me paga.

— O que o padrinho lhe devia — disse Joaquim — são dois mil cruzados; mas vossemecê herdou cinquenta e tantos...

— Não sei o que herdei — replicou o pedreiro —; tudo o que tinha dei-o a guardar ao coronel, Deus lhe fale na alma, e tudo lá ficou.

— O meu padrinho não era capaz de roubar, Sr. Pai! Vossemecê está metendo a sua alma nas mãos do Diabo! Há de morrer para aí como um mendigo e o seu dinheiro há de ajudá-lo a cair nas profundas do Inferno...

No calor da discussão figurou-se ao velho que o filho seria capaz de praticar alguma violência. Teve medo — o medo que devia ser-lhe uma agonia fulminante, se o gozo de sentir-se rico não prevalecesse às angústias de recear-se em perigo na presença do filho. Abriu com as mãos trémulas a arca, tirou um pé de meia, atado pelo calcanhar com uma guita, deu-o ao filho e disse-lhe com a voz cortada de soluços:

— É tudo quanto tenho. Recebi ontem esses vinte cruzados novos dos esteios que vendi. Se queres dar-me metade, dá; se não queres, leva tudo.

Joaquim ficou alguns minutos a olhar para o pai com piedoso aspeto; e, depois de pensar na repartição dos

pintos, ouvindo filialmente a consciência e a razão, deliberou.., não repartir nada. Saiu com mais duas maldições tácitas, e foi relatar o caso ao Luís Meirinho.

Neste tempo, o antigo aguazil do. corregedor de Barcelos andava muito acautelado das justiças da comarca. A sua reputação de salteador de estradas estava feita; mas as provas que legalizassem a captura eram insuficientes. Os latrocínios de encruzilhada amiudavam-se na Terra Negra, na Lagoncinha e nas serras distantes do Ladário e da Labruja. Algumas casas afamadas de dinheirosas eram assaltadas por quadrilhas que venciam pelo número a resistência; e, quando esses roubos estrondeavam, Luís Meirinho e outros sujeitos da sua familiaridade nunca estavam em Famalicão ou nas aldeias circunvizinhas. Era sabido que as maltas se reuniam num grupo de cabanas numa cafurna de pinheiros chamados os Ribeirais, não longe da vetusta igreja dos templários de Santiago de Antas. Ainda hoje estão em pé, mas ninguém as habita, essas choupanas execradas pela tradição de serem aí enterrados os ladrões que voltavam mortalmente feridos dos seus assaltos.

Como quer que fosse, a maledicência não caluniava Luís Meirinho, nem ele por modéstia escondeu do Faísca a superior categoria de capitão de ladrões a que o promovera a voz pública.

Joaquim ouviu estas confidências íntimas sem pavor nem sequer estranheza. A esquineta era-lhe bastante iniciação para ser admitido aos mistérios da Terra Negra. O Meirinho encareceu-lhe as vantagens e desfez nos perigos do ofício. Principiando pelo argumento mais insinuante a favor dos ladrões, ofereceu-lhe, de uma grande saca, dinheiro que ele afiançava ter adquirido sem escândalo nem efusão de sangue. Umas das suas regras de bem viver era (dizia ele ao Faísca) matar somente um última necessidade: talvez a «justa defesa» que a lei indulta. Rómulo, o salteador que fundou Roma, não exibia ideias mais benignas.

A granjeada de um bravo para a jolda foi fácil. O Faísca, numa das próximas noites, foi apresentado na estalagem da Lagoncinha aos seus irmãos de armas e achou-se em melhor sociedade do que ele previra. Condecoravam a cáfila alguns sujeitos que pareciam andar naquela vida aventurosa por amor das impressões rijas: eram artistas,

como hoje diríamos. Filhos segundos de casas honradas e coutadas desde os reis da primeira dinastia, recrutas foragidos, desertores, jornaleiros, indivíduos barbaçudos vindos de longes terras, facinorosos escapulidos das cadeias ou dos degredos, gentes várias, como se vê, mas todos alegres, chalaceadores, benquistos nas aldeias por onde residiam temporariamente, liberais nas tabernas com conhecidos e desconhecidos, armados até aos dentes e, segundo a excelente máxima do capitão, matando somente em última necessidade. A malta, por espírito de imitação, chamava-se «Companhia do Olho Vivo». Florescera outra, com igual denominação, na corte, capitaneada por José Nicós Lisboa Corte Real. Quarenta anos antes tinham sido enforcados os mais graduados da companhia, salvante o capitão, porque era protegido do infante O. António, tio de el-rei D. José I. Um dos mais novos dessa horda de ladrões, que teve um período de esplendor, fugindo à perseguição, ainda funcionou na malta do Minho, à qual legou o saudoso nome da outra.

A «Companhia do Olho Vivo» não prosperou no ano em que o filho de Bento de Araújo se alistou. O terror afastara os

passageiros dinheirosos do trânsito por serras infamadas e os proprietários das povoações sertanejas mudaram para as vilas e cidades as suas residências.

No programa de Luís Meirinho estava desde há muito inscrito Bento de Araújo; mas, como ainda há pessoas de bem, ao capitão repugnava-lhe propor em conselho que se planeasse o expediente mais plausível na exumação das três mil peças do pai do Faísca. Os sécios mantinham entre si estes decoros, o que não sucede em todas as companhias com estatutos legalizados.

Entretanto, como a necessidade apertava, e à notícia do Faísca chegara a má nova de que o seu pai, acariciado por uns sobrinhos de Gondifelos, tratava de se passar para a companhia deles, o capitão, forte de razões aconselhadas pela prudência e aplaudidas por Joaquim, pôs em discussão a matéria, quanto ao modo de obrigar o pedreiro a confessar a lura do tesouro. O Faísca tirou a salvo, porém, que o tinham de dispensar de assistir ao assalto porque, enfim, o homem… sempre era o seu pai, e o sangue gritava.

Ninguém se riu na assembleia da sentimentalidade daquele filho: é que as ideias grandes e fundas abalam toda a casta

de alma. Foi apoiado calorosamente Joaquim e até abraçado por um sócio de Felgueiras, processado por parricida.

***

Naquele tempo, Famalicão, às nove horas de uma noite de Novembro, negrejava silenciosa e rodeada de pinheirais e carvalheiras. Aqueles palacetes brasonados com os seus titulares campeiam hoje onde então rebalsavam extensos nateiros de lama, a espaços habitados por cabaneiros. A quadrilha de Luís Meirinho podia manobrar sem temor e desassombradamente no centro da vila como nas Rodas do Marão.

Em uma dessas noites, o chefe, com uma dúzia de escolhidos, entrou na Congosta de Enxiras, onde morava Bento de Araújo. Ele, com mais dois, acercaram-se da porta; os outros postaram-se de atalaia nas extremidades da viela.

O pedreiro estava ainda sentado à lareira. Desde que lhe disseram que o filho pernoitava às vezes em casa do Meirinho, velava até ser dia claro. O receio de ser assaltado era tamanho que já três vezes, em noites tempestuosas, gritara à d'el-rei. Os vizinhos, à primeira, acudiram vozeando das janelas com invulnerável intrepidez, e viram dessa feita que um porco vadio, atraído talvez pelo cheiro de pocilga, foçava contra a porta de Bento. Depois, ainda que ele gritasse, ninguém se mexia, atribuindo a porco as agressões incómodas ao avarento.

Foi o que aconteceu naquela noite de Novembro. O pedreiro sentiu o abeirar-se gente da sua porta e reparou do raspar de ferro entre a ombreira e o batente. Gritou; mas parecia já gritar com os colmilhos apertados. A língua da fechadura estalou, e a porta foi diante de dois possantes ombros tão rapidamente que os homens, como duas catapultas, entraram de roldão e só pararam filando-se à garganta do velho empedrado.

Por entre eles, e à luz do canhoto que flamejava, o pedreiro viu lampejar o aço de uma navalha e ouviu, através dos

lenços com que os hóspedes cobriam as caras, uma voz disfarçada:

— Se grita, você morre aqui já. Se quer viver, entregue as três mil peças que herdou, e ande depressa. Não nos conte lérias, nem faça lamúrias. É decidir: o dinheiro ou a vida.

Bento erguera as mãos suplicantes e pedira, soluçante, que o não matassem.

— Onde estão as três mil peças! — perguntou o Meirinho.

As três mil peças?! — gaguejou o velho como tolamente espantado de que lhe perguntassem por três mil peças não tendo ele do seu três moedas de seis vinténs.

— Mate-se este diabo! — acrescentou o Meirinho — e vamos levantar o soalho — Eu não tenho aqui o dinheiro, os meus senhores... — acudiu o pedreiro desfeito em lágrimas.

— Então, onde o tem você?

— Enterrei-o debaixo de uma fraga...

— Perto daqui? Avie-se.

— Não, senhor, muito perto não é. São três quartos de légua... em Vermoim.

— Bem — concluiu o capitão. — Salte para diante de nós e venha desenterrar o dinheiro. Mexa-se!

O homem sentiu certos alívios nesta mudança de situação, como se expor a vida, salvando o dinheiro, lhe fosse uma considerável melhoria de fortuna.

A malta, precedida do velho, embrenhou-se nos matos, atravessou o outeiro que toca nas faldas da serra de Vermoim e por S. Cosme do Vale trepou ao espinhaço de penhascos que lá chamam o Castelo.

— Você não vá aflito — dizia-lhe o Meirinho —, porque há de ter o seu quinhão com que pode viver regaladamente. O necessário não se lhe tira; nós o que queremos é o que lhe sobre. Somos honrados ou não, o seu velhote?

E dava-lhe palmadas nos ombros.

— Sim, senhor — dizia o Bento, e recolhia-se a pensar na situação perigosa em que se via e no modo da esconjurar.

— Ande depressinha — tornava o chefe empurrando-o brandamente.

— Será bom ajudá-lo com alguns pontapés — alvitrava outro, receando que a manha lhes viesse tolher a empresa.

Chegados ao cabeço da serra, espigado de rochas, disse o Meirinho:

— Cá estamos. Onde é a fraga?

— Não enxergo bem... Só quando for dia é que eu conheço o sítio — respondeu Bento.

— Temo-las arranjadas... — disse o Meirinho com um sorriso agoureiro de más coisas. — Ó Freiamunde, petisca lume e faz aí um archote de codessos para este tio ver onde está o arame.

— Parece-me que o melhor seria ilumina-lo com a luz da pólvora... — observou Freiamunde, bebendo alguns tragos de aguardente de uma cabaça que trazia a tiracolo.

— Quer lá, capitão? Se lhe parece, dou dois goles ao velho como se faz aos perus...

— Tio Bento — insistiu Luís Meirinho —, você acha a pedra ou não acha? O dinheiro ficará enterrado; mas você também fica de papo para o ar à espera que o enterrem. Veja lá no que ficamos; lembre-se que está tratando com homens de palavra.

No entretanto, um da companhia petiscara fogo e comunicara o lume da mecha à manada de fetos secos apanhados debaixo de uma rocha que figurava um dólmen.

— Aí tem luz que farte — disse Luís. — Veja lã agora qual é a pedra, Tio Bento.

— Parece-me que é aquela... — respondeu ele a tiritar, já convencido de que estava chegado às últimas.

— Parece-lhe ou é? — instou raivoso o Meirinho. — Ande. Mostre lá o sítio. Ó Zé Landim, se for preciso desenterrar o morto, serve-te da tua faca. Patrão, estamos às suas ordens, diga lá onde quer que se cave; a cova há de fazer-se ou para sair o dinheiro ou para entrar você.

Bento caixa sobre os joelhos como ferido de súbita apoplexia e começou a gaguejar uns sons ininteligíveis.

— Este alma de dez diabos que está a mastigar? — disse Freiamunde.

Neste momento, o pai de Joaquim caiu de borco, batendo com a face na pedra; e, quando dois homens o levantaram de repelão e o viram à luz dos fetos, estava morto.

Este incidente nem levemente impressionou aqueles homens fortes. Ninguém fez a mínima reflexão acerca do lance em teatro tão lúgubre. Os mais preocupados bebiam aguardente a frouxo, dizendo que o homem morrera de frio. Nem uma ideia filosófica, nem sequer um dito elegíaco! Luís Meirinho discorreu brevemente sobre a certeza de que o morto os tirara de casa para os desviar do lugar onde tinha o dinheiro. Decidiu que se aproveitasse o restante da noite indo a casa revolver a terra quanto se pudesse; e, no caso de lá não aparecer o dinheiro, viriam na seguinte noite escavar debaixo da rocha, no Castelo.

Assim se fez. Bento de Araújo ficou deitado de costas sobre uma moita de codessos, com os braços hirtos e abertos em cruz, os punhos cerrados e os olhos envidraçados de lágrimas. Ao alvorecer do dia, uma nuvem pardacenta, que ondulava pela costa da serra, rasgou-se em saraivada

glacial, que lhe batia no rosto e saltava pelo peito nu e descarnado. Chovera e nevara depois, durante muitos dias. Nenhum pastor subira com o rebanho àquelas cumeadas, sempre escondidas na negridão da névoa e perigosas, se o lobo uiva faminto.

Quando o tempo estiou, quem denunciara o cadáver já disforme no rosto fora uma revoada de corvos que crocitavam pairando sobre os restos do seu banquete disputado às feras.

***

Contava-se assim o caso em Famalicão:

Que o Bento de Araújo, receando os ladrões os seus vizinhos, desenterrara as suas riquezas que tinha debaixo da lareira e, indo escondê-las nos montados de Vermoim, numa noite de grande inverneira, morrera tolhido pelo frio e traspassado da neve.

Fundavam-se os desta versão em que a pedra da lareira estava deslocada e no seu lugar uma cova funda; e debaixo dos bancos da cama outra escavação, e no entulho uns cacos de panela, onde com certeza estava porção do tesouro, e a outra porção debaixo da lareira.

Outro boato:

Que a malta da Terra Negra assaltara o pedreiro, roubara-o. matara-o e levara o cadáver ao castelo de Vermoim. Não se dava a razão deste saimento a três quartos de légua; mas também não era necessária a lógica para explicar tal coisa.

A versão, porém, mais popular e que tinha o sufrágio das pessoas mais razoáveis era que Joaquim assassinara o pai na serra, quando o velho voltava do seu trabalho de brocar pedra; e, depois, deixando-o morto, viera a casa desenterrar o dinheiro. Em confirmação do boato, alegava-se o facto de ele ter aparecido em Famalicão a procurar o pai e a indagar dos vizinhos se tinham dado conta do arrombamento da casa — isto no dia em que o pai já estava morto.

A voz pública forçou a autoridade a prender o Faísca; mas, na noite seguinte à da prisão, algumas dúzias de homens armados arrombaram a cadeia de Famalicão e tiraram de ferros o inocente.

Esta fuga completou a ruína de Joaquim de Araújo. Acreditou-se geralmente no roubo e no parricídio. As aldeias do julgado de Vermoim, com Famalicão à frente, deram montaria à quadrilha da Terra Negra, com o reforço militar de Guimarães e Braga. A malta dispersou, mortos alguns dos mais audazes; e os dispersos engrossaram, na Póvoa de Lanhoso, a celebrada quadrilha que tem a sua história num livro dignamente esquecido.

O filho de Bento pedreiro morreu em 1809 no Carvalho de Este, defendendo a Pátria da invasão francesa comandada por Soult. Bateu-se com o heroísmo do suicida, ao cabo de dezoito anos de salteador, arrostado a todos os perigos, mas fugindo a que o filassem vivo, porque tinha grande horror à forca. Afinal, inscreveram-no entre os valorosos defensores da nossa autonomia, e o seu cadáver foi mais acatado que o do general Bernardim Freire, assassinado por outros patriotas da laia do Faísca.

***

Hão de lembrar-se que Joaquim de Araújo tinha um filho, que aprendera em S. Martinho do Vale o ofício de fogueteiro com o parente da sua mãe.

Aos vinte e seis anos, quando o seu pai acabou, estava ele ainda na companhia do velho benfeitor e mestre, ganhando alegremente o seu pão. Falecido o parente, alguém lhe disse que ele tinha em Vila Nova de Famalicão a casa, boa ou má, do seu avô, que ninguém lhe podia disputar.

Facilmente se habilitou herdeiro de Bento de Araújo e tomou posse do casebre, desabitado desde 1790. Às vezes, os mendigos, nas noites quentes, levantavam a aldraba, que era um cavaco de castanho, e albergavam-se no sobrado podre, contando os casos horrendos que ali passaram — o parricídio e o roubo. As covas estavam ainda abertas e o desentulho em montículos de redor.

Silvestre de S. Martinho, o filho do Faísca, não usava dos paternos apelidos: do pai aproveitara somente a casa,

transigindo com a honra o necessário sem prejuízo o seu.

Apossado da casa, deu-lhe um jeito para poder habitá-la e pendurou meia dúzia de foguetes e bombas reais à porta. Era habilidoso, principalmente para as bonecas de pólvora. Gabava-se de haver inventado o barbeiro a amolar navalhas na roda e levara à perfeição da indecência a velha que despedia contra a cara combustível do barbeiro um repuxo de chispas pela pane posterior, tudo com uma graça portuguesa que era um estoirar de riso o arraial!

Corria-lhe bem a vida e já tinha casado com uma rapariga dura e trabalhadeira, quando o descuido de um aprendiz, na ausência dos patrões, deixou pegar o lume num feixe de bombas. Houve explosão, que sacudiu em estilhas o teto da casa e abrasou todas as madeiras. Quando Silvestre voltou com a mulher da romagem da Santa Eufémia, nas terras da Maia, encontrou quatro paredes denegridas e o interior da casa a fumegar, cheio da brilhante claridade da Lua. O aprendiz, carbonizado, estava já na cova.

Tiveram compaixão do pobre fogueteiro os Vila-Novenses. Diziam-lhe que construísse uma cabana com as esmolas que lhe iam tirar pela freguesia; mas que a fizesse noutra

pane, porque naquela casa, onde um filho matara o seu pai para o roubar, pesava a maldição de Deus. Um vizinho comprava-lhe o terreno da casa amaldiçoada para acrescentar à sua; mas deixava-lhe a pedra, que era boa para o fogueteiro edificar noutra parte. Silvestre aceitou, convencido de que o sangue do seu avô funestara para sempre aquele teatro do grande crime.

Recebido o terreno de esmola, principiou Silvestre a demolir as paredes da casa queimada. Fazia ele este serviço, com ajuda da mulher, enquanto o carreteiro ia carreando a pedra.

Às três da tarde de um sábado o carreteiro, consoante o costume, despegara do serviço; mas Silvestre e a mulher continuaram a desfazer o último lance de parede que lhe restava, com o fim de na próxima segunda-feira acabarem o trabalho da demolição.

Observara o fogueteiro que este lado da parede quadrilátera era mais grosso um palmo que os outros que formavam o recinto, reentrando para o interior o excedente da grossura. Estava coberta de pasta de barro e caleada como as outras. Divisava-se ainda no barro gretado o risco

traçado pelo atrito de qualquer como que se encostara à cal ainda fresca.

Por esta raspadura, conjeturou Silvestre que ali devia estar o banco da cama do avô, até porque ouvira dizer que parte do tesouro estivera enterrado debaixo da cama; e ele, quando tomara posse da casa, ainda vira a cova aberta, dois palmos distante daquela parede.

— A pedra aqui é mais larga — disse o fogueteiro à mulher.

— Agora é! — emendou ela. — O que a faz parecer mais larga é a camada de barro; senão, olha.

E começou a picar ao longo da parede com a extremidade aguda da alavanca, e o barro, esboroando-se e desacamando a pedaços, deixava descobrir a superfície da pedra, que não era mais grossa que a outra.

— Dizes bem, é isso — aprovou o marido. — Vamos apeando a parede por esse lado, que o bano, ele se despegará.

E, dizendo, pegou noutra alavanca e começou a derribar as capas da parede, enquanto a mulher, para não estar com as

mãos debaixo dos braços, ia descaliçar a camada barrenta. Quando atirava rijamente com a ponta da alavanca à parede, notou que o ferro batera e se cravara em pau.

— Aqui há madeira — disse ela.

— E alguma cascaria que tinha mão no barro — explicou Silvestre.

A mulher repetiu os golpes em diversos pontos na circunferência de dois palmos e tirou sempre o mesmo som.

— Parece que bate em vão... — notou ela.

— O quê?! — acudiu o marido, descendo do andaime em que trabalhava. — Bate em vão! Que dizes tu?!

— É o que te eu digo... Olha... Ouves?

— Ó mulher! — exclamou ele, cravando-lhe os olhos cheios de palpites que a língua não ousava formular.

E como nesse comenos passasse gente, e parasse a olhar para as ruínas, o fogueteiro fez um trejeito à mulher, que ela entendeu, calando-se.

— Ajunta a ferramenta, Maria, e vamos embora, que já mal se enxerga — disse ele.

— Lá vai a casa do Bento pedreiro, Deus lhe fale na alma! — disse o mais ancião dos curiosos. — Que dinheirão aqui esteve neste pardieiro! Cinquenta e seis mil cruzados! Era o homem mais rico da vila e o seu termo, e tanta necessidade passava aquele alma do diabo, Deus lhe perdoe, para afinal o dinheiro ser repartido pela quadrilha do Luís Meirinho, que também o levou berzabum com duas balas que lhe meteram na barriga ali à ponte de Santiago!

— São fadários, Tio Simeão!... — disse Silvestre.

— Você podia a esta hora estar rico como um porco, se tivesse outra casta de pai... — disse o velho.

— Assim é; mas não o quis Deus. Desgraças...

— Ora faça você de conta que tinha achado aí o dinheirame do seu avô!

— Ainda venho a tempo!...

— Pois sim; mas faça de conta que o topava! Você que fazia, ó Sor Silvestre?

— Eu sei cá, Tio Simeão!

— Foguetes é que você não fazia mais!, aposto dobrado contra singelo!

— Não falemos nisso... Foguetes é que eu hei de fazer toda a minha vida, e Deus me dê saúde para os fazer.

— Ámen; mas você, se se pilhava com as três mil peças, metia a vila toda num chinelo e pintava aí o diabo a quatro!

— Está enganado!, não pintava nada... Comprava uns benzinhos, e havia de trabalhar neles, como trabalho nos foguetes.

— Vem daí, homem — disse Maria, já aborrecida das impertinentes perguntas do Simeão, que, encostado à sachola, parecia jubilar nas pachorrentas hipóteses e nas delícias de coçar uma perna com a outra alternadamente.

Simeão foi o seu caminho com os outros; e o fogueteiro e a mulher seguiram para casa; mas, assim que as portas e janelas se fecharam na rua, aí estavam eles outra vez sobre o cascalho, raspando com ferramentas pouco ruidosas a parede no espaço em que o som do vácuo respondia ao toque do ferro.

No termo de curta fadiga tinham descoberto uma superfície lisa de madeira, envasada na parede como a portada de um postigo. Facilmente desencaixilharam a tábua do envasamento de pedra, porque não tinha dobradiças nem outra firmeza além da que lhe dava a espessa camada de barro. Silvestre introduziu a mão e topou um corpo frio.

— Que achas? — perguntou Maria ofegante com as mãos postas.

— É um panela de ferro... — balbuciou ele. — O mulher!... tem mão em mim, que não sei o que me dá pela cabeça!...

— Nossa Senhora! — exclamou ela — a nossa Senhora!...

E, em vez de ter mão no homem, meteu ambos os braços até achar a panela, enquanto Silvestre abria e fechava a boca em trejeitos de tão estúpida felicidade que só a suprema desgraça os poderá fazer iguais.

Nisto, a rija mocetona arrancava da lura o peso enorme de ouro; e, caindo de cócoras com o pote no regaço, exclamou sufocada:

— Ai Jesus!, que eu morro de alegria!...

Silvestre apertava o ventre com as mãos. Esta postura não é ridícula nem inverosímil para os que sabem que os intestinos quase nunca são estranhos às comoções grandes.

Aos primeiros assomos da seguinte aurora, a parede estava arrasada. Os vizinhos ouviram o ruído da assolação e pensaram que a derrubara um pegão de vento.

Mas, na semana seguinte, a obra da casa nova parara. O fogueteiro dizia aos seus benfeitores que ia mudar de terra e talvez mudar de vida.

***

Por esse tempo, um fidalgo da corte de D. João VI mandou vender as suas vastas propriedades na província do Minho. Nos arrabaldes de Barcelos demorava a principal das quintas que tinha sido paço senhorial. Chamava-se a Honra de Romariz e já fora dote de D. Genebra Trocosende, no século XII, casada com D. Fafes Romargues, filho de D.

Egas, que gerara D. Fuas, e tão copiosa e compridamente se geraram uns dos outros que afinal degeneraram na pessoa do fidalgo que mandou vender a casa solarenga, para cruzar ricamente uma dançarina sobre os leões rompentes do seu escudo.

Chamava-se Silvestre de S. Martinho o comprador, que contara na mesa do tabelião de Barcelos vinte e cinco mil cruzados em peças de 7$500 réis. Quantos casais e leiras o filho de Joaquim Faísca pôde comprar à volta da Honra de Romariz incorporou-os no cinto de muralha que foi alargando a termos de arredondar a mais vasta e formosa vivenda do coração do Minho.

Em 1826, quando Silvestre já desesperava da fecundidade da esposa, em anos bastante serôdios, deu-lhe ela uma menina que se chamou Felizarda. Aos oito anos, a rapariga, filha única e conhecida pela morgadinha de Romariz, já bastante espigada e gorda, levava folgada infância. Aos dezoito anos, compuseram-se-lhe as feições com proeminências grandes, mas esbeltas. A fertilidade do peito dizia com a curva tumecente das espáduas. Felizarda tinha

uns arquejos de cansaço que lhe alinhavam o carmim do bom sangue.

Um bacharel formado, que aspirava de longe os olores desta flor de girassol, queixando-se da demora que ela pusera em chegar para uma festividade de igreja, fez-lhe o seguinte improviso, depois de trabalhar três dias a rima:

Eu, que sou fogo, não tardo,

ela, que é gelo, é que tarda.

Se eu, que amo, feliz ardo,

FELIZARDA feliz arda.

Ela deu pulos a rir como se tivesse a critica de Mad. Girardin. Por esse tempo, 1846, Silvestre de S. Maninho estava muito rico, mas muitíssimo aborrecido na diluente ociosidade de tantos anos. Às vezes mandava comprar pólvora bombardeira, furava canudos, apertava-os com guita alcatroada e fazia foguetes para se distrair. Felizarda,

bastante entretida com a arte, pedia à mãe que lhe ensinasse a fazer valverdes e bichinhas de rabear.

A Sra. D. Maria, excelente matrona e mãe, não se enfastiava, como o esposo, porque mourejava sempre na casa e na quinta, fiava ou dobava nas noites grandes com as criadas à lareira e envergonhava os servos calaceiros batendo as meadas no lavadouro, ou padejando as broas na cozinha.

Mas o marido, que, tirante as diversões pirotécnicas, não fazia nada, andava dispéptico e clorótico, quando teve de optar entre fogueteiro e político.

Era no tempo da Patuleia. Silvestre manifestara-se progressista nas belicosas eleições de 1845, em Barcelos, e sentiu-se invadido pela paixão sociológica por causa do canibalismo dos fuzilamentos de Alvarães. No ano seguinte, influiu no movimento de Maio e manteve-se nas ideias avançadas até Outubro, em que os agentes da junta do Porto lhe embargaram, no Largo da Aguardente, duas carruagens que iam à praia da Foz buscar a mulher e a filha. Neste conflito, oscilou politicamente entre os irmãos Passos, que amamentavam a República nos seios

dessorados da liberdade caquética, e o padre Casimiro José Vieira, o Defensor das Cinco Chagas, que proclamava D. Miguel I no Bom Jesus do Monte.

Aliciaram-no ao seu partido alguns sectários da realeza absoluta, que viam desde a ponte de Barcelos a política europeia e traçavam com as bengalas no Campo das Cruzes as evoluções militares e triunfais dos exércitos russos. Silvestre não subia nestas compreensões tão alto como os seus foguetes de três respostas, mas entendia que, tendo as coisas de dar volta, não lhe seria mau adotar o partido vencedor. Ofereceu dinheiro ao Dr. Cândido de Anelhe e ao advogado Francisco Jerónimo para se enviará à Lua.(*)

[(*) Os realistas usavam nas suas correspondências termos convencionais. Lua era o general-chefe Macdonnell. Este general, quando foi batido pelo conde de Casal em Braga, deixou ali um volumoso dicionário manuscrito, curiosamente elaborado pelos realistas de algum vulto lexicológico, com bastantes documentos que hoje estão esquecidos e mais tarde a história não saberá onde procurá-los. Neste dicionário criptográfico os vocábulos mais engenhosamente disfarçados são estes:

Inimigos — BESTAS.

Inimigos em movimento — BESTAS DESINQUIETAS.

Inimigos em marcha contra nós — BESTAS DE JORNADA.

Os liberais, se intercetassem a correspondência, não suspeitariam decerto que os miguelistas chamassem aos seus adversários bestas.

Leia-se a Carta Dirigida ao Cavalheiro José Hune, Membro do Parlamento, sobre o Último Debate Havido na Câmara dos Comuns a Respeito dos Negócios de Portugal, etc., Lisboa, 1847.

O tradutor e anotador anónimo desta obra, a mais noticiosa que ternos da revolução chamada da Maria da Fonte, foi António Pereira dos Reis, notável escritor político, falecido em 1850.]

À sua generosidade respondeu magnanimamente a assembleia realista condecorando-o com a comenda de S. Miguel da Ala. Ele já era Rosa Cruz, graduado na hoje extinta viela da Neta, por José Passos. Abriu-se um pleito de liberalismo entre Silvestre e a cabeça visível de el-rei absoluto. Boa porção das peças intactas do defuntíssimo

Joia passaram para o cinturão do aventureiro escocês Macdonnell, e depois para os bornais dos soldados de caçadores que o espingardearam em Sabroso. Ó fados do dinheiro! Que estremeções não daria na cova o cadáver do Bento pedreiro, se os corvos e os lobos o não tivessem comido na serra!

Extintas as fações políticas, Silvestre, por insinuações da mulher, entrou a desconfiar que era tolo e que o Sr. D. Miguel não o conhecia. Retirou-se da política, cheio de desenganos e ridículo. Os funcionários administrativos e judiciais de Barcelos zombavam dele e, no Periódico dos Pobres, um «Amigo da verdade» escreveu que o Silvestre de Romariz, no auge da sua dor, fabricava foguetes de lágrimas. Alusão perfurante que ele soletrou na folha.

A respeito de soletrar, a morgada recebia cartas de um amanuense da Câmara de Barcelos; mas só abriu sete que juntara quando uma costureira lhas leu. Felizarda criara-se sem letras e vivia, a respeito de literatura, como as raparigas gregas antes de Cadmo, filho de Agenor, introduzir na Grécia o alfabeto fenício; mas, em compensação, tinha muita flor nativa e fresca de acres

aromas naquele aflante seio e folgava de ouvir trovas de chula e desafios de cantares em que às vezes a frase estava pedindo a intervenção da polícia.

Direi do amanuense da Câmara Municipal de Barcelos:

Era um sujeito que perlustrara as regiões da ciência por toda a extensão do Manual Enciclopédico do Sr. Emílio Aquiles de Monteverde. Era autor de charadas impressas. Só a Felizarda. Tinha este rapaz, José Hipólito de nome, imensa fé na brisa, no paul, na justiça e no arcanjo da poesia de 1840. Os duendes das suas visões noturnas nas margens do Cávado sangravam-no. Era melancólico e magro como um galgo doente. A sua paixão grande, não falando na falta de dinheiro, era Felizarda.

Ganhava três tostões na escrivaninha da Câmara e devoravam-no aspirações a ter cavalo e carrinho. Entretanto, andava pelas casas a recitar a poesia de Paimeirim:

Que poeta que não era

Da linda Inês o cantor;

ou, da lua de Londres, o

É noite; o astro saudoso

Rompe a custo o plúmbeo céu, etc.

E chorava quando os versos coavam fúnebres.

Felizarda não parecia talhada (sem calemburgo) para este homem; ele, porém, talhara-se para ela. Far-se-ia boi, como Júpiter, para arrebatá-la, bem que os seus instintos voláteis o levassem para cisne, se Felizarda tivesse, além dos próprios, os instintos um tanto bestiais de Leda.

Escreveu-lhe sete missivas profusas e tristes como os sete pecados mortais. A costureira que as leu debulhava-se em lágrimas e decorava períodos para responder às cartas de um furriel do 13 de infantaria. Felizarda ouvia aquelas coisas com a atenção de uma rã que emerge à flor do lago os olhos espantadiços e escuta um rouxinol. Como as prosas levavam recheio de quadras, assim que a morgada

dava tento da rima, espirrava um frouxo de riso, tal qual como no lirismo de Santo António, no Teatro de S. Geraldo.

Tinha aquele aleijão! Era — quem sabe? — a preexistência desta enorme gargalhada que hoje atabafa os golfos da poesia subjetiva.

A costureira interpretou-a e respondeu, vestindo a ideia de Felizarda com palavras inocentes, mas facinorosas em ortografia. O amanuense amava-a deveras: leu a carta, em que era chamado bem da menina com v; e, dando os pêsames ao seu Monteverde, fez votos de educar Felizarda nas quatro panes da gramática, se um dia conjugasse o verbo amar, que só é verdadeiramente regular quando o matrimónio o defeca.

Trocaram-se cartas assíduas. Felizarda começava a ser um pouco séria, pouseira e sensaborona. Amava. Entre a psique e a outra abriram-se as válvulas de comunicação.

Tinha morbidezas de Ofélia e indigestões por falta de exercido. Não saia do mirante que olhava para o caminho do carro. José Hipólito passava por ali aos sábados de tarde; e, se a solidão era absoluta, perguntava-lhe como

passou. E Julieta, debruçada sobre o varandim do miradouro, com a face rubra e o seio ondulante, dizia-lhe que passou bem.

Nas cartas, falou-lhe em matrimónio, o amanuense. Ela respondeu que sim. José Hipólito, esporeado pelo amor, abalançou-se à interpresa de que os amigos o dissuadiam. Pediu-a ao pai, e arrependeu-se. Silvestre perguntou-lhe quem era e quanto tinha. Ouvida a resposta, disse gesticulando um esgar de desprezo:

— Ora adeus... O senhor, se não é tolo, parece-o.

Despediu-o apontando-lhe para a porta. Depois chamou a filha e perguntou:

— Que diabo é isto? Onde conheceste o pelintra que te veio pedir para mulher?

Ela contou ingenuamente o caso, mostrou as cartas, confessou quem lhas lia, quem lhes respondia, e concluiu:

— Assim como assim, já agora quero casar com ele.

O pai expediu berros cortados de interjeições brutas. A filha fugiu, a soluçar, e não apareceu ao jantar nem à ceia.

E a mãe, a mulher laboriosa que nunca pensara nas soberbias implacáveis da riqueza, dizia ao marido:

— Se ela gosta do rapaz, deixa-a casar... Bem me pregava o meu pai que não casasse contigo porque tu eras filho de quem eras. E daí? Casei e nunca me arrependi.

— Queres dizer na tua que dê a minha filha com oitenta mil cruzados para um troca-tintas que não tem casa, nem leira, nem...

— Tem-na ela, homem. A riqueza chega para os dois. Trata de saber se ele é bom rapaz; e, se for, deixa-a casar, que tem vinte anos.

***

José Hipólito criara protetores esperançados no bom êxito da tentativa. Os inimigos políticos de Silvestre de Romariz coadjuvaram-no a tirá-la judicialmente.

O juiz prestou-se a interrogar a morgada, visto que ela não podia requerer pelo seu pulso. Supridas legalmente as

formalidades, Felizarda foi depositada em Barcelos, no seio da família Alvarães.

Trava-se então a luta nos tribunais. O pretensor, mal dirigido pelo seu advogado, responde com retaliações pungentíssimas a insultos que o argentário lhe dirige ao seu nascimento obscuro e à sua pobreza. A pugna passara a ser um assanhado pugilato dos dois causídicos.

Um dos membros da família Alvarães era jovem, chamava-se José Francisco e estudava o 5º ano de Latim a ver se aprendia o necessário para cónego da colegiada barcelense. Tinha quatro reprovações conscienciosas em Braga; mas ao 5º ano já distinguia o verbo do complemento objetivo e traduzia com poucos erros a Ladainha.

A família Alvarães era antiga e abastada; contava muitos frades bernardos na prosápia e um governador numa praça da Ásia, donde trouxera navios de especiarias que formaram o casco da riqueza. A casa tinha pedras de armas e uma liteira brasonada que antigamente ia a Alcobaça buscar os frades a rusticar nas pescarias do Cávado e a encher as roscas da caluga, balofas pela inércia do claustro.

José Francisco, o estudante, era sanguíneo, nédio, com as maçãs do rosto vermelhas e os olhos enfronhados nas pálpebras sonolentas. Felizarda, a noiva depositada, pareceu-lhe bem, ao passo que o amanuense da Câmara lhe era um antipático bandalho, desde que em plena praça o enxovalhara perguntando-lhe, no 3º ano de Latim, o acusativo de Asinus. Opusera-se José Francisco à receção da morgada para haver de casar com José Hipólito, filho do Manuel Colchoeiro; mas força maior obrigara os Alvarães a protegerem o amanuense.

Às vezes, o futuro cónego pasmava-se a contemplar Felizarda e sentia em si as suaves dores da natureza em pano do primeiro amor. Se ela, a morgada, olhava para ele a fito, produzia-lhe no rosto o efeito do Sol que aponta em dia de calma — avermelhava-o até aos glóbulos das orelhas; e José coçava-se a disfarçar, ou esbofeteava as moscas que lhe passeavam sobre a epiderme oleosa e faziam titilações incómodas nas fossas nasais.

A morgada achava-o bonito e dizia às irmãs que era pena fazerem-no padre. José, quando soube isto, criou umas esperanças que o tresnoitavam e tinha as

sentimentalidades doloridas de Jocelin e de um ou outro clérigo de Barcelos que deixava vingar-se a natureza.

Procurava José Francisco Alvarães modos de conversar com Silvestre de Romariz e contava-lhe o que a filha dizia a respeito do Hipólito. Levava à depositada cartas do pai e lia-lhas às escondidas da família. O amanuense suspeitara-o e tratava de remover o depósito, alegando subornos que a lei não facultava.

Ora, naquelas confidentes leituras, estabelecera-se intimidade bastante entre a morgada e o intérprete das lástimas do seu pai. de uma vez que Felizarda enxugava as lágrimas, ouvindo ler o adeus que o pai enfermo lhe enviava, José Francisco, transportado num rapto inconsciente de entusiasmo, pegou-lhe na mão e disse com terníssima meiguice:

— Não case contra vontade do seu pai... Tenha pena dele, que está tão acabadinho...

A morgada pôs-se a torcer e a destorcer o seu lenço branco e a lamber uma lágrima que lhe pruía no beiço superior; mas não respondeu.

Alvarães foi contar isto ao velho. Silvestre pegou no processo que o seu advogado lhe enviara e disse-lhe:

— Faça-me o Sr. Josezinho o favor de levar estes autos e ler a minha filha o que o tal patife, que quer ser o seu marido, aqui diz do seu pai: leia-lhe isto, e veja o que ela diz.

O leitor já sabe, por eu lho haver dito nas primeiras páginas deste livrinho, que o indiscreto amanuense consentira que se escrevesse que o pai de Silvestre fora salteador de estradas e que o pai de Felizarda exercitara o baixo mister de fogueteiro em Famalicão.

Tudo isto era expendido na tréplica de José Hipólito com grande lardo de zombarias e sarcasmos em estilo picaresco. A morgada ouviu ler as injúrias entoadas com veemência por José Francisco, que as declamou como se estivesse traduzindo um período de Eutrópio.

Concluída a leitura, Felizarda, antes que o leitor a interrogasse com os olhos, exclamou:

— Quero ir para a casa do meu pai, e há de ser já. O Josezinho vai comigo. Mande dizer ao meu pai que me

mande a burra.

José foi dar parte à família da súbita resolução da morgada; o depositário foi dar pane ao juiz, e o juiz respondeu que a lei não podia empecer à vontade da depositada.

Quando estas altercações chegaram à notícia de José Hipólito, a filha de Silvestre ia já caminho de casa, acompanhada pelo estudante e pelas irmãs.

O pai e a mãe receberam-na nos braços, ofegantes de júbilo, a pedir-lhes perdão da sua doidice. Silvestre abraçava José Francisco Alvarães chamando-lhe o salvador da sua filha e da sua honra. A santa mãe de Felizarda olhava para o estudante com os olhos cheios de riso e dizia:

— Não queira ser padre, Sr. Josezinho... Olhe que o meu homem já disse que, se a vossa Senhoria quisesse a nossa rapariga, que lha dava, e eu também.

José olhou estupefacto para o velho; Silvestre entendeu o espanto e disse-lhe:

— Não olhe para mim, que eu não sou o que caso; olhe para a minha filha e veja o que ela diz. Felizarda, queres casar com o Sr. José Francisco?

— Se o pai quiser... também eu. — E escondeu o rosto no seio da mãe com umas visagens que pareciam de entremez mas que eram da maior naturalidade.

As irmãs de José Francisco rodearam-na e beijaram-na sofregamente, enquanto o noivo, iluminado por aquele improviso e inesperado lampejo de felicidade, achou no coração estas frases que balbuciou, abeirando-se da morgada:

— Se a menina casasse com o outro, eu acho que morria de paixão, e mais nunca lho disse.

***

CONCLUSÃO

Quando os vi em Braga, no Teatro de S. Geraldo, estavam casados havia já vinte e cinco anos. Na casa de Romariz, durante essa temporada, apenas pesaram dias funestos

quando se fecharam as sepulturas de Silvestre e a sua mulher.

José Francisco Alvarães era um modelo raro de continência conjugal. Em Portugal só se conhecem dois exemplares: el-rei D. Afonso IV e ele. As diversões da vida, convencionalmente chamadas prazeres, não perturbaram a sua monotonia de Romariz.

D. Felizarda apenas conhecia na arte dramática o Santo António, de Brás Martins, e a “Degolação dos Inocentes”, por onde entrou na vida infame de Herodes. As noites de Dezembro aligeiravam-se em Romariz a dormir. Ceavam e digeriam serenamente. Ao pé de um bom estômago coexistiu sempre uma boa alma. Acordavam alegres para continuar as funções animais. Viviam para crédito da fisiologia: eram duas pessoas que se adoravam e faziam reciprocamente o seu quilo num só órgão.

Tinham um coração, um fígado e um pâncreas para os dois. Nesta vida vegetal havia ternuras cupidíneas, como as das cilindras e acácias florescentes; e, quando extravasavam da órbita fisiológica. jogavam a bisca de três; mas ordinariamente entretinham-se mais com o burro.

De S. Miguel de Seide, Julho de 1876.

O FILHO NATURAL

PRIMEIRA PARTE

Os fidalgos de terras de Basto vão-se acabando. Tenho pena e saudades. Aqui há trinta anos, com os brasões e apelidos das famílias heráldicas dentre Vizela e Tâmega recompunha-se a história lendária de Portugal. Quem soubesse ler a simbólica das arrogantes armas encimadas nos portões das quintas podia lecionar um curso de História Pátria com tanta filosofia como Fr. Bernardo de Brito e o Sr. João Félix Pereira, o das várias faculdades. Em redor daqueles paços senhoriais pesava um silencio triste e torvo. Era o luto de Portugal de D. João II e de D. Manuel.

Cada portal bojava os seus granitos folhados de acantos, entre dois ciprestes; as legendas dos escudos denegridos e musgosos pareciam inscrições tumulares; por sobre os paquifes dos elmos desgrenhavam as suas madeixas os chorões, escurentando as avenidas daqueles solares carrancudos, como se por ali se entrasse para as

catacumbas da Ordem Terceira de S. Francisco, na, sobre todas, honrada e pia cidade do Porto.

Não era assim melancólico o viver intestinal daquelas baleias de pedra que pareciam esmoer de papo acima as famílias em soporosa digestão. Se lá dentro as tradições históricas apenas se conservavam em alguns pires e jarras esbeiçadas de louça, que um sétimo avô trouxera da Ásia, a Ideia Nova, que esvoaça na atmosfera como os aromas de todas as flores e os eflúvios de todas as podridões, chegara a terras de Basto, aninhara-se brincando nos açafates das meninas como as andorinhas alegres nas cornijas dos seus palacetes sombrios. A Ideia Nova, que brincava no açafate da costura e no bastidor, eram as traduções da Biblioteca Económica, em que a velha virtude e a velha linguagem portuguesa soluçavam os últimos arrancos, nos braços do Feliz Independente, do padre Teodoro de Almeida. O romance deu aos corações das senhoras de Basto feitios e jeitos novos, ensinando-lhes o que diz a aurora, o que segredam as transparências cetinosas do arrebol, o que se deve pensar quando as fontes trépidas murmuram, e tudo o mais respetivo a flores, brisas e pássaros.

Desde a fundação da monarquia até el-rei D. João VI, o Minho não florejara poetisa conhecida, salvo a viscondessa de Balsemão, D. Catarina; porém, desde 1848 a 1860. contam-se por dúzias as cantoras que pousaram gorjeando nos periódicos do tempo com grande riqueza de charadas e muitíssimos Suspiros dignos dos círculos mais lagrimosos do Dante. O amor, que até então fora de frutos, fez-se de flores; a mulher entrou na idealização; obrigou o cavalheiro de Basto a ser psicológico e sujeitar-se nos seus desejos amorosos um pouco ao metro e à rima. Foi ela, pois, quem refez o homem, descascando-o, adelgaçando-o, cepilhando-lhe as rudezas, obrigando-o a cantar a xácara dos Dois Renegados. Por este tempo entrou em terras de Basto a caixa de música, e logo depois o manicórdio. Faz agora vinte anos que ali se inaugurou a perfectibilidade lírica: ouviu-se um piano-forte em Cabeceiras e outro na Raposeira. Era o último ponto da craveira nos avanços do progresso. Como Babilónia e Cartago, Basto, refinando em civilização, começou a desandar. Não houve em Refojos nem em Mondim um Catão Censorino que se levantasse, como em Roma, contra a inoculação pestilencial das belas-

artes e letras. A poesia e o piano tinham corrompido a terra de Santa Senhorinha.

A degeneração do fidalgo de Basto promoveu-a o sistema representativo. O ato eleitoral foi a rampa traiçoeira por onde aqueles partidários do trono absoluto escorregaram à democracia. Verdade é que o sufrágio cedido aos seus correligionários era um sincero sufrágio pelos fiéis defuntos. Os seus enviados ao Parlamento sentavam-se venerabundos, cheios de Febo Moniz, com, ares de senadores romanos em frente das zombarias daqueles Brenos, que tinham as línguas de Cunha Sotomaior e José Estêvão, cortantes como as achas galo-celtas. Não pediam estradas, nem abadias, nem campanário, nem comendas, estavam ali com os ouvidos atentos à espera do que vinha da Rússia. Afinal, o temperamento sanguíneo dos cavalheiros de Basto borbulhou em comichões de novas ideias, e todos eles se coçaram mais ou menos com a Carta Constitucional. A liberdade vencera; mas as proeminências congénitas daquela plêiade de Bayards, quase todos capitães-mores, desvaneceram-se nas brumas da epopeia, que nunca mais terá pessoa em que pegue naquela região,

onde já não há tradição da velha tirania dos patíbulos, exceto o vinho; que ainda é de enforcado.

***

Um dos mancebos mais completos, por património, nascimento e gentileza, no concelho de Celorico, era o fidalgo de Agilde, Vasco Pereira Marramaque, vigésimo terceiro neto de Gonçalo Mendes, o Lidador. Se eu tivesse de ir, ao arrepio, na peugada genealógica deste sujeito, encontrava-me com o macaco de Darwin. É família muito antiga a dos Marramaques — são anteriores à história e talvez aos macacos. E, se me não falha a conta dos avôs apurados nesta linhagem, o dilúvio universal está desmentido.

Vasco era um rapaz moderno então. Em 1846 tinha vinte e três anos e trocava costaneiras genealógicas encadernadas em vitela por canastras de romances de Arlincourt e Eugéne Sue. Não era caçador nem potreiro: era um sonhador trigueiro familiarizado com certas estrelas,

hipocondríaco, olheiras, fastio, um grande aborrecimento de tudo e principalmente do estilo dos parentes, que lhe chamavam mágico.

Ele tinha dado à luz no Periódico dos Pobres uma poesia na qual declarava que era um anjo caldo em lodaçal de javardos. Aludia aos primos. Isto fez sensação em todo o Basto. Um poeta de Refojos mordeu-o com uma sátira que começava assim:

Ó bardo de Celorico, Quem te deu tamanho bico?

Vasco Marramaque enviou-lhe o seu cartel por dois intrépidos ex-oficiais de milícias de Braga. O outro, que era discípulo de Alceu e de Horácio no lirismo e no amor do seu corpo, fugiu de Basto como o seu mestre fugira dos legionários de Octávio.

Poetas, por via de regra, não querem nem devem morrer em batalhas: o seu ofício é dar a imortalidade aos bravos, O de Refojos pensava assim; e O de Celorico ia mais para os citaristas das cruzadas, que morriam como Raul de Coucy entre duas rimas e três cutiladas.

Este incidente deu ares heroicos a Vasco. Fizera fugir o versista de Refojos, que satirizava as autoridades nas gazetas, assinando-se Juvenal em Cabeceiras.

As senhoras amaram-no quase furiosamente.

As mulheres das terras frias e regadas pelas torrentes das montanhas amam os trovadores valentes. Querem que o poeta lhes diga:

Para sentir-vos, braço às armas feito; Para cantar-vos, mente às musas dada.

Vasco provou a mão nos solaus, e dizia sempre que ia afinar o arrabil. Era o instrumento de 1848, o arrabil. Mas, de vez em quando, no Eco Popular, do Porto, aparecia uma pergunta anónima:

Ó bardo de Celorico, Quem te deu tamanho bico?

***

Vasco Marramaque viveu do amor das castelãs dos seus solaus com exemplar castidade por espaço de seis meses.

Os frutos destas inocentes mancebias eram umas trovas em redondilha, quase todas aleijadas. Procurava uma menina acomodada ao molde da sua imaginação; mas terras de Basto não lha forneciam. Ali as meninas eram cheias como as abóboras — abóboras-meninas. Ele queria a mulher vaporosa. Naquele tempo era moda o vapor nas senhoras como encanto; hoje os poetas realistas malsinam-nas de anémicas e cloróticas. Nós, os rapazes que tínhamos alma e lira, queríamos que as nossas amadas, por várias razões, se alimentassem do aroma das finas flores, como Camões refere de certas famílias vizinhas do Ganges; ora os poetas da última hora, com o zelo de corretores de restaurantes, arguem, acaudilhados pelo Sr. R. Ortigão, as senhoras magras porque não digerem uns tantos quilos de boi com mostarda, nem bebem cerveja preta, nem barram de manteiga fresca o seu pão.

Não eram assim que o fidalgo de Agilde anelava a mulher que lhe preluzia dentre a poeira de ouro das suas visões.

Procurou-a no Jardim de S. Lázaro do Porto. Se vai no domingo anterior, encontrava cinco meninas de transparência cristalina, bastante lidas no Telémaco,

sabendo de cor as passagens mais sentimentais do Eurico e a Vivandeira, de Palmeirim.

Eram as cinco joias do Porto em delicadeza de espírito e de cintura — tão subtis que pareciam almas deplorativas da Divina Comédia envoltas em tarlatanas. Estas meninas, de famílias diversas, davam preocupação aos pais; porque, em matéria de matrimónio, diziam todas à uma que não achavam no Jardim de S. Lázaro, nem na Filarmónica, nem na missa das onze, homens que as compreendessem. Cada uma delas, portanto, devia ser a visão realizada de Vasco Marramaque; infelizmente, porém, ele chegou oito dias tarde, porque as cinco incomprises tinham casado naquela semana com cinco brasileiros.

Percorreu o Pais, farejando todos os centros, todas as constelações de senhoras neste o nosso sistema planetário de terra a terra. Esteve em Sintra, em Cascais, no Circo Laribau, nos gineceus doutos das Ex.mas Kruzes e nos celebrados bailes dos Srs.

Marqueses de Viana. Ouviu de perto o rugido das leoas e o metálico frescor da frase sacudida das damas aristocratas. Apertou na sua mão fria os dedos febris e opalizados das

filhas dos marqueses; sentiu no rosto, em polcas vertiginosas, as doces crispações dos boucles, que descobririam o galvanismo no homem, se Galvani o não tivesse já achado nas rãs. Pois não sentiu nada! Pela palavra nada! Quando saiu a barra de Lisboa, com o coração a disputar à algibeira primazias do vácuo, conta-se que, pendido o rosto para o peito, chorara copiosamente; e que, em frente das Berlengas, perguntara ao destino surdo se a mulher dos seus sonhos estaria naqueles penedos.

Voltou pára a sua casa de Agilde, aprendeu a jogar o gamão com o farmacêutico Macário Afonso e enfronhou-se em política com o juiz ordinário. Este magistrado, galopim condecorado com o hábito de Cristo, incitava-o a ir ao Parlamento, assegurava-lhe a uma, contando-lhe os rombos que fizera nela sempre que foi preciso fazer triunfar a justiça.

Entretanto, Vasco, enquanto o boticário manipulava os seus basilicões, namorava-lhe a filha, com uns jeitos cínicos de quem vinha de Lisboa. Era ela uma rapariga fresca e perfumosa como o rosmaninho e sécia de alegres cores como a flor da hortênsia.

Chamava-se a Tomazinha da botica. Lia novelas, que o fidalgo lhe emprestava, traduzidas do francês. A Salamandra, de E. Sue, fez-lhe estranhos abalos no organismo.

Aquele personagem chamado Saffie, por quem as mulheres morriam de amor, enxertou-o em Vasco. Assimilava capítulos como quem ingere cabeças de fósforos. O pai gostava da ouvir declamar os diálogos dos romances; e, moralizando aquelas histórias com bastante juízo, dizia:

— Tomásia, isso parecem-me petas!...

E, a respeito do Saffie, acrescentava:

— Dá-me vontade de dar dois pontapés nesse safio!

Ele bem via que a filha desatremava no governo da casa; não pegava em meia nem fazia peruas de missanga; dava-lhe as peúgas esburacadas e as ceroulas sem nastros. Trauteava as xácaras da Moura e do Pajem de Aljubarrota com o lacerante sentimento das enormes desgraças. Às vezes chorava sem saber porquê. Punha a mão na testa, afastava com frenesi os cabelos e murmurava: «Anátema!», como Cláudio Frolo.

E o pai dava-lhe chás de tília e de valeriana para o nervoso e óleo de mamona de quinze em quinze dias para o flato.

Tomásia, medicada com diluentes enérgicos, esmaiou-se e desmedrou; mas alindava-se com a palidez doentia do sangue empobrecido, afilaram-se-lhe os dedos, desceu a cinta dos vestidos quando os quadris abaixaram, tinha um languir, um desfalecer tão senhoril, que o pai, ao vê-la morbidamente reclinar-se no escabelo, dizia sorrindo sobre posse:

— Pareces-me a Inês de Castro que eu vi representar em Amarante!

Este bom homem, noite alta, folheava a sua livraria, copiosa em veterinária; erguia-se para escutar a respiração da filha e correr-lhe a vidraça nas noites quentes; porque ela, quando a aurora de alvava a curva do horizonte, estava ainda na janela a ouvir os últimos gorjeios dos rouxinóis.

Contemplai uma vitima dos romances, é pais e mães de famílias!

***

Por uma noite de calma, o boticário acordou estrouvinhado com um áspero choque de raspão na face esquerda. Sentou-se espavorido no leito e viu dois morcegos a esvoaçarem-se contra a vidraça com fortes pancadas e voltearem pelo ar uns voos estridentes que faziam oscilar a luz da lamparina. Pareceu-lhe agouro; mas a reflexão levou-o a meditar no modo como os morcegos se lhe meteram no quarto, estando a janela fechada. Conjeturou que a invasão se fizera pela janela de Tomásia, ou pela porta do quintal, e afligiu-se na suposição de que a pequena adormecera exposta ao relento. Foi de mansinho, envolto no lençol, pelo corredor, com um rolo aceso; parou à porta da alcova, que estava aberta; ergueu a luz para projetar a claridade sobre a janela, e viu-a fechada. Fez com a mão direita um abat-jour, a fim de não despertar a filha com o clarão, e manteve quieto a ouvi-la ressonar. Nem o leve ciciar das expirações lhe ouvia.

Assustou-se; e, roçagando o lençol como os espectros dos Mistérios de Udolfo, transpôs o limiar do quarto. A cama estava feita; a dobra do lençol alvejava na colcha escarlate.

— Tomásia! — exclamou o pai, como se ela pudesse estar naquele pequeno recinto.

— Minha filha!

Assalteou-o uma suspeita angustiosa. Desandou, desceu à cozinha precipitadamente e viu aberta a porta do quintal. Neste lance assomou à porta do seu quarto a criada, que despertara com õ rumor dos passos; mas, vendo o amo vestido tão insuficientemente como o poderia estar o nosso primeiro avó, se fugisse do Paraíso depois de inventar o lençol, recuou trespassada de pudor.

— Onde está a menina?! — perguntou o atribulado pai.

— Onde está a menina?! — repetiu a criada com as costas voltadas para o escândalo.

— Sim... Onde está?

— Onde há de estar? Na cama.

— Não está! — bradou ele.

— Vossemecê está a sonhar... Faça favor de sair daí, que eu vou procurá-la... Estará no quintal.

Nisto deu três horas o relógio da botica.

— No quintal às três horas? — observou ele menos alvoroçado.

— Pois então? Era a primeira vez!... Faz favor de sair daí, Sr. Macário? Olha que feitio de homem! Que preparo! Quero sair.

Foi então que o boticário, reparando em si, viu que estava quase indecoroso.

Voltou aceleradamente ao seu quarto e vestiu-se, enquanto a criada chamava Tomazinha do patamar da escada; e, como lhe não respondeu, correu ela o quintal com uma luz e, vendo aberta uma porta que entestava com a rua, levantou um grande choro, chamando as almas benditas.

O amo estava já encostado ao beiral do poço, porque não podia mover-se nem falar desde que ouviu o chorar da criada. Aquela dor nunca o ameaçara nos seus sobressaltos de pai. Atormentara-o o susto da perder; mas nunca se lhe antolhava a filha desonrada; morta é que ele a chorara e preferira.

— Eu estou acordado?! — dizia ele entre si. E friccionava com a mão o rebordo do poço, para se afirmar

na consciência da vigília.

Nas árvores do quintal começaram a chiar os pássaros; ao longe soaram as nove badaladas das ave-marias; na rua passavam ranchos de jovens que iam para as segadas cantando o S. João com acompanhamento de viola. Que formosa aurora de um dia de Julho!

***

Ilustremos o sucesso. Quando Macário chamou de rijo a filha na alcova vazia, estava ela com Vasco no quintal, e já três vezes se tinham despedido, e três vezes reabraçado. Não me lembram agora uns versos maviosos de Ovídio que ele fez em conjunção análoga; mas toda a gente que teve namoro num terceiro andar — altura onde os suspiros exalados desde a rua chegam em temperatura honesta — sabe quantos adeus se repetem, quantos juramentos se renovam, até que a patrulha vem chegando com a Moral e com a baioneta.

Tomásia, quando ouviu bradar o pai, encolheu-se como criança espavorida ao seio de Vasco e soluçou:

— Estou perdida! Não me deixes!

O lance era apertado — não havia tempo a refletir. Se ele a amava cegamente, o expediente inquestionável era a fuga; se ele a amava nos limites ordinários da prudência, tinha de ser uma de duas coisas — infame ou cavalheiro. Ora ele era da geração dos Marramaques: tinha brios.

— Vem comigo! — disse fidalgamente, e deu-lhe o braço.

E ela sentia-se feliz e invejável ao transpor a soleira da porta como se por ali se evadisse ao desdouro. Aconchegava-se ao braço do amante com estremecimentos de gratidão e vaidade. na sua doce turvação nem sequer a imagem do pai lhe azedou com uma lágrima a taça daquele haxixe das ébrias do amor. Vasco parecia contente do seu feito pundonoroso. A submissão amorosa da sua protegida para uma desonra incondicional era-lhe agradável ao orgulho. Como a paixão lhe não empoava já os olhos da alma, podia ver em si um homem extraordinário que, por simples impulso de cavalheirismo, dava na sua casa bizarra

homenagem para uma rapariga da baixa condição de umas a quem a sociedade não costuma pedir contas...

Parece-me que estou a fazer frases.

A falar verdade, se Vasco, em vez de levar Tomásia, lhe fizesse um discurso admoestando-a a conservar-se na casa paterna, e ela transigisse, perdendo ao mesmo tempo a estima do pai, a estima de si própria e o amor do amante, nós, os que temos em conta de infames aqueles que o mundo chama finórios, havíamos de pôr aquele opróbrio dos Marramaques a tormento nestas páginas, cheias de cóleras sagradas, e fustigá-lo a ele e aos seus parceiros com os alexandrinos tartarizados do Sr. Guerra Junqueiro:

[...] Brutos sem B maiúsculo, A consciência é um ventre e o coração é um músculo!

Cantai, gozai, bebei até romper a aurora!

Atirai o pudor pelo janela fora Como um charuto mau que se apagou. Canalhas!

***

Macário não abriu a botica naquele dia, nem consentiu que se abrissem as janelas.

— Faço de conta que ela morreu. Está morta. Aconteceu o que eu esperava, mas doutro modo. Tanto choro eu por ela assim como choraria se lhe estivessem agora rezando os responsos na igreja.

E, dizendo, as lágrimas rolavam-lhe a quatro pelas faces e pareciam sulcar-lhas como se dez anos de vida amargurada se condensassem na tortura de algumas horas.

No fim de três dias, o farmacêutico apareceu vestido de luto carregado. Se alguém proferia palavra a respeito do luto ou da filha, ele, apertando os beiços com o dedo polegar e o indicador, fazia um gesto de silencio. E, em seguida, sumindo-se na casa traseira da botica, ia chorar. Passados oito dias, quem abriu a botica foi um caixeiro que viera de longe.

Macário saiu de Celorico de Basto e foi administrar outra farmácia de uma viúva, dali quatro léguas, onde eu estudava latim. Ali o conheci. Teria cinquenta anos. Foi o

meu mestre de gamão e damas. Durante onze meses nunca lhe ouvi falar de Tomásia. No fim do ano, aliviou o luto; mas, como não pudera despi-lo da alma, entrou a embriagar-se. E então falava da filha, fazia-me confidências, vociferava palavras brutais e tinha arrebatamentos de fúria em que os olhos lhe ofegavam e rompiam das órbitas. Estas crises terminavam dormindo.

Tomásia devia conjeturar tamanhas dores que a Providência lhe estava debitando no grande livro que um dia se abre diante do devedor. Que livro esse quando se abre!

Parece que as pessoas, as coisas, as forças vivas e as impassibilidades mortas, tudo nos pede contas, tudo tem uma garra invisível que nos arranca do coração as mais pequenas parcelas!

***

Vasco Pereira Marramaque contava vinte e seis anos quando a filha de Macário, ao cabo de dezoito meses de

incauta alegria na convivência do fidalgo, lhe ouviu dizer:

— Esta vida não pode assim continuar. — E prosseguiu enchendo o cachimbo. — É preciso ter alguma utilidade. Não hei de ficar toda a vida metido em Agilde...

Tomásia escutava-o com dolorosa estranheza, enquanto ele, com ares enfastiados, dizia que o viver das aldeias era estúpido; que envelhecia naquele sequestro de gente com quem falasse; que cortara as suas relações com as casas de Basto, para que o deixassem só, e que as não queria atar de novo. E concluiu:

— Arranja-se-me ocasião de poder ser eleito deputado por Braga, e estou resolvido a fazer todos os esforços para ir à Câmara.

— Tomara eu ver-te fazer figura! — acudiu Tomásia com este sincero plebeísmo; e acrescentou carinhosa: — Eu vou contigo, sim?

— Para Lisboa?... Ora essa! Nem os deputados casados levam as mulheres.

— Isso que tem? — replicou ela amorosamente. — Eu não te deixo ir sem mim...

— Demais a mais, não vês que eu, se for eleito, venho a ir daqui a três meses? Para esse tempo...

— Ah! — atalhou Tomásia. — É verdade... E tu nessa ocasião não hás de estar ao pé de mim... e... do teu filhinho?! Serás capaz de me deixar sozinha...

— Com as tuas criadas...

— Ora!... Tomaram as tuas criadas ver-me pelas costas... Têm-me um ódio!...

— Imaginações tuas... Demais, eu venho de Lisboa assim que for tempo, menina.

Está descansada, que eu hei de ser sempre o mesmo para ti...

— Já não és o mesmo, Vasco... Acho-te tanta diferença que... desde que estou contigo, a primeira vez que tenho vontade de chorar.., é agora.

E, proferida a última palavra, as glândulas lagrimais golfaram como se obedecessem à pressão de uma mola.

— Porque choras? — interrogou Vasco asperamente. — Querias que eu ficasse estagnado nesta aldeia?! Levas a

mal que eu me eleve sobre esses fidalgos lorpas que ensinam bestas e passam as noites a jogar à bisca?

— Quem te diz isso? Vai, vai para Lisboa, que eu ficarei aqui, ou onde tu quiseres.

E engolia as lágrimas, provando o primeiro trago amargo do seu cálix de expiação.

Ele ergueu-se sacudindo o resíduo do cachimbo, mandou pôr o selim no alazão e saiu sem olhar para a sacada onde ela costumava ir dar-lhe o adeus saudoso.

Neste dia pensou Tomásia muito e com tristeza no pai.

Ao anoitecer, Vasco voltou mais agraciado de rosto. Ela pensou que era o pesar da ter magoado, remorso que se dilui em carícias quando o coração acusa; confundiu este sentimento, misto de júbilo e dor, com o sentimento da compaixão. O que ele sentia era dó — uma piedade preventiva que se condói da mulher destinada ao abandono, piedade que não torna quando afinal soa a hora do tédio e do desamparo.

O candidato vinha de conversar com os influentes de dois concelhos. Revelou os primeiros entusiasmos de homem

público. Parecia andar-se já ensaiando retoricamente.

Explicava o que eram regeneradores, falou do herói de Almoster, desfez nos méritos do Sr. Ávila e João Elias, sarjou fundamente as carnes dos cabralistas, gesticulando e passeando, com as mãos no cós das calças como José Estêvão. Tomásia escutava-o, seguia-o com os olhos fascinados naquelas energias desconhecidas. Nunca lhe vira mímicas tão veementes, tamanhos assomos de cólera política, olhando às vezes fixamente para um ponto elevado. Tomásia não sabia que ele erguia os olhos para a cadeira da presidência, e às vezes para a galeria das senhoras, in petto. Era uma vocação que estoirara de súbito, imprevista e fatal. Ele mesmo, a sós com a sua transformação, espantava-se de ter tido na sua pessoa uma incubação surda e tanto tempo apática.

Nos dias seguintes, poucas horas passou em casa. Acompanhado dos homens notáveis de Basto, foi conferenciar com as autoridades a Braga. Opuseram-se-lhe grandes obstáculos — atritos, diziam os políticos no seu calão. Vasco, beliscado no orgulho, jurou ser eleito à sua custa, comprando a consciência aos eleitores. Naquele

tempo uma consciência de eleitor rural regulava entre dois pintos e quartinho, com jantar de cabrito guisado e vinho à discrição.

O abade de Pedraça disse-lhe que seguisse o conselho de Luís de Camões se queria vencer o candidato realista, o seu competidor; que o seguisse à letra, principalmente no artigo «regedores». E, como Vasco se risse do anacronismo de Camões com regedores no século XVI, o abade tirou da estante Os Lusíadas e no canto VI, estância LII, apontou-lhe os dois versos finais, que rezam assim:

Por manhas mais subtis e ardis melhores, Com peitas adquirindo os regedores.

— Adquira-me os regedores com peitas — acrescentou o abade de Pedraça, tocando-lhe com a lombada do poema no ombro. — Estes versos são de profética e perpétua serventia em Portugal. Tão preparados estamos hoje para o sistema representativo como em tempo de Camões. Que anda a vossa Excelência aí a desbaratar pérolas de eloquência por esses lameiros? Querer meter ideias sociais na cabeça destes lavradores é querer furar o badalo daquele sino com uma verruma (e apontava para a torre).

Isto aqui são varas de porcos que se movem para onde os puxa o instinto da bolota. Bolota, Sr. Vasco, bolota, e nada de palavras! Pois a vossa Excelência persuade-se que pode haver um deputado escolhido pela inteligência dos eleitores que não têm um mestre-escola?

Nós, os minhotos desta corda de Basto, demos fé de que não reinava D. Miguel quando os frades despiram os hábitos e os capitães-mores as fardas; porém, quando por aqui se alastraram os executores da fazenda, dissemos aos realistas que acendessem as luminárias, porque,

D. Miguel chegou à barra

Sua mãe deu-lhe a mão,

Anda cá, o meu querido filho,

Não queiras Constituição.

E cantarolava o folgazão abade de Pedraça, batendo o compasso na capa d'Os Lusíadas.

***

Vasco Pereira Marramaque saiu eleito... por novecentos mil-réis, trinta e nove cabritos e duas e meia pipas de vinho verde — vinho que devia ser um exagerado castigo daquelas consciências corrompidas dos cidadãos. Graças a Camões e ao abade de Pedraça, o fidalgo de Agilde foi proclamado contra os protestos de duas mesas eleitorais que estavam vendidas ao competidor.

Tomásia chorou em segredo para não aguar o contentamento do representante do povo. Redobrou de afagos a Vasco, pedindo-lhe, em nome do filhinho, que a não esquecesse. Sentia-se descaída e desnecessária na vida dele; fiava-se, ainda assim, nos maviosos enleios da porvindoura criança. O egoísmo não lhe dava lanço de recordar-se com angústia da causa que a fazia esperar tanto do amor paternal: devia ser o grande amor que o seu pai lhe tivera, o insano mimo com que ele a criara, acalentando-a nos braços, desde os quatro anos, em que ficara órfã de mãe. Era cedo. As disciplinas do remorso começam a macerar quando a alma não tem evasiva por onde lhes fuja, nem alegria que lhes verta bálsamo nos vergões.

Saiu Vasco Pereira para cores, estadeando um aparato condigno dos seus apelidos.

Como não ia bem seguro na transcendência dos seus discursos e na distinção exequível por esse meio, fez-se preceder de cavalos e lacaio, escudeiro e jóquei preto. Conhecia o Chiado e tinha sondado a índole de Lisboa. Conjeturou que dois cavalos o levariam mais depressa aos sonoros átrios dos palácios do que dois discursos a respeito das estradas concelhias de Gondiães e Painzela, para os quais levava apontamentos em que tencionava encravar Aristides, e citar, a propósito de estradas decretadas pelos Cabrais e Elias, o Timeo Danaos et dona ferentes. E, dizendo isto, tinha dito todo o latim que se sabia nas duas Câmaras e no jornalismo, excetuada a Revolução de Setembro, onde o Sr. António Rodrigues Sampaio motivava latinamente invejas apopléticas ao Sr. Conselheiro Viale.

Os fastos parlamentares deste deputado provincial não nos são mais conhecidos que os discursos de Hermágoras, retórico de Temnos. Ao entrar na sala de S. Bento, cada cabeça frisada dos seus colegas foi para ele uma cabeça de Medusa; petrificaram-no.

Conhecia-se interiormente grávido de patriotismo, cachoavam-lhe as ideias no cérebro; mas sentia-se sem gramática. Chegou, no delírio da sua alucinação, a imaginar que no Parlamento era necessário saber a língua portuguesa! Ouvia discursar alguns colegas, e não se convenceu que eles estavam ali autorizados pelo poema do abade Casti. Em casa repetia os dois sabidos discursos sobre estradas com ênfase e modulações um pouco demosténicas e talvez imitadas do Sr. Arrobas; porém, aberto a oportunidade de pedir a palavra, não sabia por onde começar este peditório. Dir-se-ia que o presidente era Perseu, que lhe mostrava no fundo do seu chapéu a cabeça da Górgona; ou, para melhor o compararmos a sabor cristão, o presidente impunha-lhe silêncio como o conhecido frade do Buçaco que perfila o dedo na ponta do nariz.

Desistiu de falar, reservando-se para as ocasiões imperiosas em que a Pátria necessitasse das explosões dos seus Brutos — aludia àquele Bruto I que estivera calado até ao momento em que Lucrécia foi violada; e mais, o deputado

por Braga estava já tão apestado dos miasmas do Café Marrare que não acreditava em Lucrécias.

Verdadeiramente corrompido — diga-se isto com a breve energia de Tácito nos formidáveis lanços da história —, Vasco Pereira Marramaque estava irremediavelmente corrompido pela convivência de uns leões que sacudiam as crinas ungidas das lágrimas das mulheres, nos seus divãs do Hotel de Itália. O conde da Taipa, o seu primo por Marramaques, Manuel Browne, José Vaz de Carvalho, D. Francisco Belas, José Estêvão, e outros que ainda vivem expiando o passado, eram os seus íntimos. Também era dos seus Almeida Garrett, que dourava o bordo do cálix por onde se bebiam aqueles venenos diluídos nas palestras de uns homens que se vingavam do tédio dos prazeres, desfolhando com sarcástica e gentilíssima nonchalance — era o termo — as flores em cujas pétalas havia lágrimas. O poeta das Folhas saldas relia e comentava ali os seus madrigais com umas facécias juvenis tão congeniais da sua alma sempre criança que os mais novos do grupo lhe invejavam as reflorescências do estilo e as mulheres que

ele perpetuou até nós de parçaria com os fluidos transmutativos.

Pasmado das proezas destes homens, olhou para si e achou-se miserável nos seus amores sertanejos para uma obscura filha de boticário. Não tinha façanha que contar quando lhe pediam casos da sua vida; via-se forçado a inventá-los para não ser ridículo, nem dar suspeitas que passara do seminário de D. Fr. Caetano Brandão para o Parlamento. Relatava então raptos e adultérios, pondo os maridos nas cenas grotescas das tragédias e caricaturando as desgraças para não desafinar do tom dos seus amigos.

Era um tartufo de patifarias — o que aí há de mais covarde e perverso no canalhismo das salas.

Entretanto, dava-se pressa em adquirir a certeza prática de que tinha direitos a contar aventuras menos fantásticas. Ser-lhe-ia mais custoso ser honesto se ensaiasse a fábula de Daniel na caverna dos leões, ali em Lisboa, onde mais tarde se perdeu outro deputado de melhor casta — aquele Calisto Elói de Silos Benevides de Barbuda que eu chorei n'A Queda de um Anjo.

Em breve prazo ombreou tom os mestres. Não direi, todavia, que Vasco baldeasse pelas trapeiras a desonra ao seio das famílias. Estavam já cheias disso. Ele, no seio dessas gentes, entrava impercetível como um regato no bojo do mar Morto, que esconde as relíquias de Sodoma. Algumas, com tal hóspede ainda não carmeado inteiramente de lã minhota, julgar-se-iam em via de regeneração. Vasco, na sua panóplia amorosa, tinha coroas de baronesas e condessas; mas Cunha Sotomaior dizia-lhe que os tais troféus pareciam arranjados na Feira da Ladra, ou roubados ao gabinete arqueológico do abade de Castro, Deus lhe perdoe.

***

Nem tanto.

O deputado escondia ao exame dos seus amigos uma luva branca de cinco pontos e a medalha de um retrato. Sagrava estes dois objetos um amor incontaminado, uma paixão que se urdira com duas fibras puras do coração de Vasco. A

menina amada era ilustre, formosa, inviolada na sua reputação e pobre. O seu pai era conde, representante de condes que já o eram no reinado de D. Manuel. Os seus irmãos eram dois fadistas, as melhores duas navalhas da Travessa dos Fiéis de Deus e arredores. Velaram as armas no sótão da Severa e remedavam o conde de Vimioso nas características farsolices do alto banzé. Mordia-os uma aspiração ardente: queriam ser boleeiros. Aquele grande batedor José Mulato, em domingo de tourada, jantava com eles no Penim ou no Colete Encarnado; abraçavam-no, beijavam-no, estudavam-lhe os trejeitos na bebedeira, e atemperavam-se tanto às suas gingações que ainda no estado normal pareciam ébrios.

O conde resvalava vagarosamente à sepultura, carregado com a ignominia dos dois filhos. Amparava-lhe a cabeça branca uma filha. Era esta a mulher que Vasco Pereira vira em Sexta-Feira de Paixão na capela do seu parente o conde de Redondo.

Aquela capela, naquele tempo e na Semana Santa, era o confluente das famílias de mais alta estirpe, que não reconheciam a soberania de D. Maria II. Vasco Pereira

Marramaque, o representante dos castelões e ricos-homens de Lanhoso, tinha ali parentes; e em contacto com eles sentia-se abalado pelas reações da raça e entorpecido por um magnetismo miguelista.

Sobejavam-lhe predicados agraciáveis, além da prosápia e fama de rico. Vestia com primoroso bom-tom. Era perfeito homem na corporatura e naturalmente esbelto nas atitudes. Trigueiro-pálido, bigode farto e negro, a cara sentimental dos romances. O sorriso sincero, sem os vincos labiais com que alguns artífices de chalaças se narcisavam ao espelho para se inculcarem medonhos frecheiros de sarcasmos. Era, enfim, a flor do Minho e o querido da sua prima em grau desconhecido, D. Leonor de Mascarenhas, filha do conde de Cabril.

O ideal, que o preocupava antes de se materializar nas lides eleitorais e na sensaboria das intimidades monótonas com Tomásia, reapareceu-lhe na angélica beleza de Leonor, na santidade do seu viver, na piedade filial com que lenimentava as acerbas dores do conde. Respeitou-a e adorou-a, como se a visse na candura dos dezoito anos, quando lia O Menino na Selva. Retraia-se acanhado, se lhe

cumpria ser um agradável conversador. Parecia ter perdido no comércio de amorios despejados a moeda do fino ouro — a frase sã, simples e afetiva de que as almas singelas se contentam.

Leonor sabia que era amada; e o conde, fiado na probidade da filha, consentia que o rico e ilustre Vasco Pereira a cortejasse, tirando a partido que o casamento se fizesse sem precedências de cartas, rendez-vous e outras frivolidades que deterioram a gravidade de tal ato. Sistema antigo e bom. O conde havia assim casado. Não constava que na sua família, muito mais antiga que a instrução primária, desde o seu trigésimo avô Leovigildo, rei visigodo na Lusitânia, alguém se matrimoniasse por cartas.

Nesta conjuntura recebeu Vasco a notícia de que era pai de um menino. Escrevera o feitor a carta que Tomásia ditara e num P. S. acrescentara pelo seu punho:

Há treze dias que não me escreves!!! Não te esqueças do leu filhinho.

O pai do menino achou exagerados os três pontos de admiração e não pôde sofrear a zanga que lhe fazia aquela

espécie de violência. Com que direito se admirava a filha do boticário? Cuidaria ela que era a baliza do destino de um Marramaque? Talvez se persuadisse que o filho era o remate da sua felicidade! Imaginava certamente que ele, o esperançado noivo de uma Mascarenhas, ia logo, a jornadas forçadas, para casa, doido das alegrias de progenitor, acocorar-se ao pé do berço e babar-se de risos paternalmente palermas!

Ele pensava isto pouco mais ou menos; mas não respondeu assim.

Dizia que ficara muito jubiloso com a notícia; arranjasse ama e mandasse criar fora o menino, porque a estação ia muito agreste; mandava que recomendava à mãe que se acautelasse do frio, que o batizasse em nome dela e lhe pusesse o nome que lhe agradasse; ordenava finalmente ao feitor e à mulher que fossem padrinhos. Era uma carta em que não ressumbrava sentimento amoroso de pai nem de amante, salvo a recomendação de que tivesse cuidado com as constipações.

Tomásia leu a carta por entre lágrimas e disse de si consigo:

«Está tudo acabado.» E, descobrindo o rosto da criança que aquecia sobre os seios, soluçou: «Quê será de nós?» Respondeu a Vasco, dizia que o menino seria batizado sem nome de pai e com os padrinhos indicados; quanto, porém, a mandá-lo criar, declarava que a ama do seu filho havia de ser ela; mas, se Vasco instasse pela criação fora, em tal caso teria ela de sair com o filho. E acrescentava com uma serenidade que a dor atabafada igualava para um raro heroísmo no infortúnio:

Recebo a tua carta na mesma hora em que recebi a notícia da morte do meu pai.

***

A notícia enviara-lhe o praticante e administrador da botica, perguntando se devia continuar a dirigir a farmácia da qual ela era a herdeira. E mandava-lhe inclusa uma recente carta de Macário Afonso em que aprovava as contas do caixeiro, agradecendo-lhe e louvando-o pela probidade com que fiscalizara a sua casa. Dizia mais que

tinha tido ameaças de apoplexia, a que o cirurgião chamava febre cerebral; e concluía:

Se eu morrer de repente, o meu testamento está feito. Aminha herdeira é essa filha que me matou. E herdeira da sua mãe, porque essa casa e tudo o que está nela era da minha defunta mulher Tudo lhe deixo; mas não posso perdoar-lhe a ingratidão com que me desamparou.

As angústias mais cerradas deixam sempre clareira iluminada por uma réstia de esperança. A alma opressa é engenhosa em achar fenda por onde se desafogue. Assim Tomásia, entre a carta de Vasco e a do pai, entre a desesperação de amante e o remorso de filha, amparava-se à certeza de ter uma agência bastante à sua independência.

O fidalgo não desgostou da expressão seca e altiva da resposta de Tomásia. Como receava lamúrias e queixumes que complicassem o inevitável desenlace, foi-lhe agradável supor que ela transigiria com a separação sem violência nem escândalo. Por outra parte, a sua vaidade sentiu-se da sobranceria de Tomásia, da hombridade com que ela o tratava como de igual para igual, com a fácil transigência da mulher enfastiada.

Como quer que fosse, Vasco, sacrificando o seu amor-próprio, antes queria ser aborrecido que importunado pelas lástimas.

Mas as lástimas apareceram na carta do correio imediato. Quebrantado o orgulho ferido e aplacado o despeito, afluíram as lágrimas ternas e suplicantes. Tomásia, com o filho no regaço, e ainda no leito, escreveu com eloquente paixão as suas saudades, as lembranças do que Vasco lhe dissera e lhe prometera naquelas noites em que ela, corajosa como a culpa sem pudor, descia ao quintal a recebe-lo nos braços, e a lançar-lhe aos pés a sua honra, e a honra e vida do seu pai. Implorava-lhe que não enjeitasse o seu filho, que o batizasse no seu nome, que o fosse ver, se queria ficar preso às asas daquele pequenino anjo.

A dor era sincera nesta carta; mas a leitura de novelas fornecera-lhe bastantes frases, não menos conhecidas do deputado.

Isto inquietou-o. Havia já pedido a mão da sua prima Leonor. Devia recebê-la passados dois meses. Preocupavam-no os presentes de noivado. Precisava ir a

casa buscar as joias da sua mãe para engastar os diamantes em adereços de feitios modernos.

Queria vender para um brasileiro uma quinta em Lanhoso e a outro brasileiro os seus foros de Felgueiras. Carecia de arredondar uma dúzia dê contos para estabelecer-se na corte com cocheira e salão, com parelhas e amigos. Calculava, feitas as vendas, oito contos de renda, afora umas presuntivas sucessões em vínculos e prazos. O futuro sorria-lhe como a todos os namorados e noivos com oito contos de renda; mas Tomásia era-lhe um estorvo irritante. Enquanto ela estivesse em Agilde, Vasco, se ali fosse, expunha-se a grandes sensaborias.

Nesta urgência, acudiu-lhe ao pensamento o seu velho amigo e mestre de Lógica, o já conhecido abade de Pedraça.

Sentou-se e escreveu compridamente.

***

Tomásia não recebera resposta à carta das lágrimas humildes. Sentia-se outra vez em reação de orgulho. Punha todo o seu coração nos lábios que beijavam a criança e pensava, outra vez, no contentamento de ter uma casa a sua com uma farmácia acreditada.

Pesava já sobre ela esta atmosfera crassa e brusca do positivismo moderno. Gostava de ter do seu. Não lhe metiam medo os senhorios, nem a carestia dos comestíveis, nem o desprezo sovina de parentes. Tinha seguro o pão do seu filho. Começava a odiar o pai dessa criança tão linda; mas de súbito marejavam-lhe as lágrimas, lembrando-se do prazer que sentiria Vasco se sentisse nas mãos o seu filhinho...

Em um destes lances, anunciou-se o abade de Pedraça, que queria falar à Sra. Tomazinha.

Ela estremeceu. Aquele padre nunca lhe falara nem a cumprimentara, tendo-a encontrado de passagem quando procurava o fidalgo. Era um clérigo severo, egresso da Ordem de S. Bento, liberal, mas de costumes austeros, e talvez acintemente exagerados para demonstrar que

liberdade não é licença e que somente o clero estúpido é desculpável de ser devasso.

Foi a trémula Tomásia à sala, onde o abade passeava com estrondosos passos e rijas pontuadas da bengala no tabuado.

— Viva, Sra. Tomásia — disse ele quando a viu erguer o reposteiro de baeta escarlate com armas.

— Sr. Abade... — murmurou ela. — Passou bem?

— Graças a Deus, bem; e como está a menina?

— Muito agradecida...

— Com licença — e sentou-se. — Faz favor de sentar-se, que temos que conversar.

Por aqui não está nenhuma curiosa que nos escute? Veja lá...

— Esteja a vossa Senhoria descansado que não está ninguém. — E foi fechar a porta por onde entrara, recomendando para dentro que a chamassem se o menino chorasse.

Esta recomendação sem rebuço escandalizou algum tanto o padre, severizando-lhe o aspeito.

— Ora, senhora — disse ele — Já que falou no menino, comecemos por aí. O Sr. Vasco Pereira não pode reconhecê-lo no ato do batismo, isto é, não quer, porque, reconhecendo-o, prepara complicações e dificuldades aos filhos legítimos, se os tiver. E é natural que os tenha, porque o Sr. Vasco é rapaz, é rico, é fidalgo, e, mais hoje mais amanhã, casa.

Rosou-se ligeiramente o rosto de Tomásia, e sentiu uma forte e súbita opressão no respirar.

O abade, que por falta de vista não dera tino da comoção, agourou favoravelmente da apatia de Tomásia e prosseguiu:

— Devo ser franco, senhora; com meias palavras não fazemos nada: o Sr. Vasco vai casar com uma a sua prima, filha do Sr. Conde de Cabril.

Tomásia ergueu-se soberanamente, admiravelmente, e disse:

— Não tem mais nada que me dizer? Dê-me licença, e queira esperar um pouco, enquanto eu vou buscar as chaves das gavetas do Sr. Vasco para lhas entregar.

— A mim?

— Pois a quem? Eu vou sair desta casa com o meu filho. O Sr. Abade vem despedir-me, e por tanto há de ser testemunha de que eu saio desta casa como entrei...

— Eu não venho despedi-la, senhora! — Volveu ele, sentindo-se apoucado diante daquele gentil e arrogante desprendimento. Faz favor de me ouvir. Sente-se...

Tomásia sentou-se, com os olhos entumecidos de borbotões de lágrimas, represadas pela força da vontade.

— O Sr. Vasco Pereira — continuou, pausando as palavras que proferia e acentuava com inflexões mais respeitosas — quer que a senhora e o seu filho tenham o necessário, e até mesmo o supérfluo à sua subsistência...

— Isso temos nós, Sr. Abade — interrompeu ela. — Tenho a minha casa e a minha botica.

— Não obstante, o Sr. Vasco Pereira quer fazer à Sra. Tomazinha doação do casal de Paços, que anda arrendado por dez carros de milho...

Levantou-se ela de golpe outra vez e exclamou atropeladamente:

— Não dou direito a vossa Senhoria nem mesmo ao Sr. Vasco a ofenderem-me. Eu não me aluguei nem me vendi a esse senhor. Também não entrei nesta casa como criada, e por isso não quero ordenado. Já lhe disse que tenho com que viver sem esmolas; e, se precisasse delas, não as pediria ao Sr. Vasco. Enfim, eu vou sair imediatamente daqui. Se a vossa Senhoria quer tomar conta dos objetos de valor que aí estão, receba as chaves; se não quer, vou entregar tudo com testemunhas ao feitor.

— A menina destempera! — redarguiu o abade. — Ora venha cá, menina! Que necessidade temos nós de levantar aí por essas aldeias uma poeira escandalosa que vai dar pasto aos dentes da calúnia? Lembre-se que tem um filho e que esse menino pode ser que ainda venha a ser considerado pelo seu pai. Não rejeite a doação, porque o casal de Paços é um bonito património para o seu filho, se o

quiser ordenar; e, quer ordene, quer não, é uma legitima que o habilita a casar-se vantajosamente... Pense, Sra. Tomásia, pense...

— Tenho pensado, Sr. Abade... Tenho pensado... Vou sair... Que sou eu aqui?... O meu Deus! Quem me diria há dois anos!... Como eu vivi enganada... Que ingratidão...

Estas palavras balbuciadas entre soluços romperam a represa das lágrimas.

Tomou-se de uma grande convulsão, arquejando, debatendo-se como em ânsias de estrangulada. Rasgava o decote do vestido, expedia gritos histéricos e resvalava da cadeira ao pavimento quando o abade a tomou nos braços, desmaiada, álgida, e a recostou no espaldar de uma poltrona. Acudiu aos brados uma criada com a criança no colo. Tomásia cravara os olhos pávidos no filho; mas parecia fitá-lo com o íris imóvel como na amaurose. A criada chegava-lhe a criança ao rosto e com alto choro perguntava se a senhora tinha morrido.

O abade, que só conhecia os ataques levemente nervosos de algumas confessadas, estava assustado, confuso e

compadecido.

— Mal hajam os vícios, mal hajam as paixões! — murmurava o egresso, tomando-lhe o pulso, com o receio de ter sido o portador da morte àquela pobre mulher que deixava orfanado um filho de quinze dias.

A mulher do feitor, que tinha sido criada da fidalga, mãe de Vasco, senhora histérica, disse que conhecia aquela doença que atacava a sua ama, quando se--afligia com o fidalgo por causa das fêmeas. (Em Basto — permitam o parênteses —, as mulheres que motivam desmaios nas damas casadas chamam-se fêmeas. Parece que a intenção é aviltá-las à baixa condição das espécies em que há machos.) — Vamos levá-la para a cama — disse ela —; é preciso desapertá-la e pôr-lhe a cabeça bem alta. Janelas todas abertas, e vinagre na testa com agua fria, e sinapismos bem fortes nos pés. Ajude-me a levá-la, Sra. Rosa.

— E o menino? — disse a criada.

— Dê cá o menino — acudiu o abade.

— Vossa Senhoria não o deixe cair — recomendou a Rosa.

— Você é tola, mulher! Eu deixo lá cair este passarico!

E, pegando nele sem jeito nenhum, sentou-se, enquanto as duas mulheres conduziam a desfalecida.

— Que é do meu pequerrucho? — dizia o abade com a criança de barriguinha ao ar nas palmas das mãos. O pequeno chorava franzindo a testa em refegos escarlates. — Que queres tu, o meu chorincas? Parece que tens mau génio? Psiu, psiu! Cala-te. Quem tem um nené? — E cantava-lhe um improviso, que o pequenito parecia patear rabeando com pés e mãos. — Ora esta! a minha missão acabou por ficar eu ama-seca do crianço do Sr. Vasco! Psiu, olha, engrimanço, pataratinha! Oh, oh, oh! — E acalentava-o, embalando-o nas mãos de cima para baixo, como quem padeja uma broa.

A criada veio buscar o pequeno e disse alegremente que a senhora já falava e perguntara logo pelo filho.

— Pois leve-lhe, que já não é sem tempo. Apre! Estou a suar! E — ouviu? — diga-lhe que eu quero ser o padrinho dele; e que brevemente cá volto.

***

O abade informou o fidalgo dos sucessos ocorridos; e, depois, acrescentava que no mesmo dia, ao anoitecer, recebera um molho de pequenas chaves de gavetas que Tomásia lhe remetera, oferecendo-lhe a humilde casa onde nascera e agradecendo-lhe o favor de lhe batizar o filho.

Meu amigo [ajuntava o padre], a vossa Senhoria não conhecia com certeza os elevados espíritos desta mulher. Este caso prova que as ações excelentes não são privilégio das castas fidalgas. Vi que ela tinha alma de mulher porque chorou; porém, quando esmagava o coração debaixo dos pés da sua dignidade, era sublime! E porque o era, Sr. Vasco, ouso dizer-lhe que a vossa Excelência foi cruel com esta malhes e lá pela vida fora, se não encontrar outra semelhante. há de recordar-se desta com pesar.

Com que desplante os homens atiram aos abismos da irreparável desgraça umas criaturas que levam consigo os escondidos tesouros de felicidade que lhes rejeitaram!

Quantos bens da vida íntima a vossa Excelência gozaria ligado honestamente a esta mulher e a esta criancinha! Veja que nobre coração! O que ela queria era que não a julgassem mulher vendida. O casal de Paços, que a vossa Excelência lhe doava, pareceu-lhe uma injúria sobre a ingratidão. O Sr. Vasco. Ou se enganou com ela, ou me quis enganar a mim. Devia dizer-me que esta mulher do povo tem brios que não são comuns; dissesse-mo, se o sabia, para eu me esquivar a mensagem tão alheia dos meus deveres de padre, e até de amigo que fui, e desejo continuar a ser, da vossa Excelência.

Mas, olhe, senhor o meu, se o mundo lhe não condena esta ruim ação, condeno-lha eu, que sou da religião de Jesus, que santificou Madalena. Escute o que lhe diz o eco da divina justiça, que nos repercute na consciência. O que eu lhe assevero é que a justiça está da parte desta infeliz mãe; e os que fazem iniquidades não são decerto os bem-aventurados...

Prosseguia neste estilo, algum tanto de sermonário, e concluía dizendo que ia ser padrinho do menino: porque o tivera cinco minutos nas mãos; e lhe parecia que, se a mãe

lho desse, o levaria consigo, aquecendo-o entre o seio e a batina, debaixo da qual só é permitido sentir pulsar no coração a piedade que Jesus Cristo sentira pelas criancinhas.

***

Esta cana não comoveu profundamente Vasco Pereira. Estranhou que o abade de Pedraça, nascido numa das mais nobres casas do Minho, filho de capitão-mor e neto de um chanceler, alvitrasse o casamento de um Marramaque com a filha do farmacêutico Macário! Os tópicos religiosos da epistola pareceram-lhe jesuíticos e incompatíveis com o espirito liberal do egresso, que fora o primeiro a abandonar o Mosteiro de Tibães.

Aborreceu-me a hipocrisia caturra do seu velho mestre de Filosofia Moral, que em assuntos de metafísica citava, sorrindo, uma frase de Protágoras: «A respeito de deuses, não sei se eles existem nem se não existem.» Quanto a Tomásia, sinto dizer, em desonra do meu sexo, que o noivo

de D. Leonor de Mascarenhas viu em tudo aquilo que maravilhara o padre uma simples reminiscência de certa Augusta — personagem de um mau romance que então se lia, chamado Onde Está a Felicidade, e até lhe quis parecer que o abade de Pedraça se metera nas romanescas veleidades de imitar o outro personagem piegas que lá se chama o poeta. Com esta interpretação das agonias de Tomásia e das austeridades equivocas do egresso, Vasco Pereira ficou satisfeito.

Escreveu entretanto ao abade agradecendo-lhe os conselhos e admirando-lhe o sentimentalismo — isto com uns períodos facetamente arredondados e umas agudezas de espírito fone que deram em resultado passar a carta feita pedaços das mãos do padre às asas do vento, Mas, como o fidalgo dizia vir na próxima semana a Basto, e ir por Pedraça receber as chaves, deu-se pressa o abade em avisá-lo que procurasse as chaves em casa do seu reitor. As graçolas não redarguiu. O egresso, como era de nobilíssima linhagem, olhava sem preconceito para fidalgos, e no de Agilde não achava ressalva que o estremasse do comum dos homens indignos da sua estima.

Do que ele curou foi de batizar o filho de Tomásia. Deu-lhe o seu nome, o sobrenome do seu avô boticário e o apelido da sua avô materna. Chamou-se o menino Álvaro Afonso da Granja.

A mãe assistiu à cerimónia, por instâncias do compadre, que a levou a casa em companhia da sua irmã, madrinha do menino. Dizia esta senhora que, enquanto se não demonstrasse que as mulheres seduziam os homens, havia de ser indulgente com as seduzidas. Tinha amado, tinha chorado e encanecido aos vinte e cinco anos. Cativou-se tanto da resignada paixão de Tomásia que a visitava a miúdo e a levava consigo para Pedraça.

***

O noivo queria as joias da mãe, queria vender a quinta de Lanhoso e os foros de Felgueiras. Era forçoso ir.

Entrou por uma noite feia em Agilde. Recebeu do reitor as chaves das cómodas e dos contadores. Encontrou o feitor no patamar da larga escadaria com uma lanterna de luz

mortiça; parecia uni vulto de granito a iluminar a porta de um jazigo enorme. Quando entrou na sala de espera sentiu-se incomodamente impressionado. Por aquela vasta quadra zuniam nos forros as correntes da ventania.

— Acendam velas! — exclamou ele com desabrimento. — Que é das ciladas?

— A minha mulher está doente...

— E as outras?

— Quando a senhora se foi embora, elas foram também — respondeu o feitor.

— Quem me há de servir?

— Se a vossa Excelência mandasse dizer que vinha, eu teria arranjado criadas; mas só já de noite o Sr. Vigário me mandou avisar. Amanhã se arranjará tudo.

Passando de sala em sala, chegou à saleta do seu quarto de dormir. A entrada, tropeçou num móvel.

— Que é isto? Alumie, António!

Era um berço de mogno, suspenso em colunatas com dossel e cortina de musselina. Este berço enviara-o ele de Lisboa,

logo que ali chegara, prometendo ser o primeiro que embalasse o seu filho. Deteve-se dois segundos a olhar para o berço.

Recordava-se; mas não saberia dizer o que recordava; talvez estivesse escutando o sibilar do vento, que parecia um concerto de gemidos.

Entrou no quarto, acendeu as velas dos castiçais e fechou a porta. Atirou-se para uma das camas. Sobre uma banqueta próxima do leito; em que se reclinara, estava papel, tinteiro e duas cartas abertas; uma era a última que ele escrevera a Tomásia; e a outra carta inclusa nas duas páginas era a primeira que Vasco lhe escrevera, jurando-lhe por alma da sua mãe ser ela o primeiro, o infinito amor da sua vida. Esteve alguns minutos como absorvido na contemplação da luz da vela, com as duas cartas entre os dedos. Parecia contrariado. Ergueu-se, fez um gesto de repugnância, sacudindo com a mão o que quer que era que lhe fazia pressão na testa. Abriu as gavetas de um contador preto com lavores metálicos. Tirou um cofre de joias, cuja tampa de prata dourada tinha brasão esculpido. No côncavo dos relevos do escudo estavam dois anéis de diamantes miúdos,

que ele dera a Tomásia. Examinou-os um momento, abriu o cofre e juntou-os às outras joias, que não examinou. Relançou os olhos em redor. Pendentes de cabides de pau estavam dois vestidos de Tomásia. O seu guarda-roupa era modestíssimo. Como não pusera pé fora daquela casa desde que entrara até que saíra para sempre, recusara-se a aceitar atavios inúteis. Levara consigo os vestidos que o ajudante da botica lhe remetera quando o pai se retirou.

Perguntam-me se Vasco Pereira Marramaque já enxugou três, ou ao menos duas lágrimas?

Quando chamou o escudeiro e lhe perguntou se estava pronta a ceia, tinha os olhos enxutos; mas isto nada prova contra as suas qualidades sensitivas, O querer cear também não demonstra insensibilidade nem mingua de aflição. D. Fernando, duque de Bragança, quando passou do oratório para o cadafalso, pediu figos e vinho. Comer é uma brutalidade fisiológica independente da alma. Deixar-se morrer de fome para extinguir os elementos da dor moral é hoje impossível. Só se morre de fome nas condições de Ugolino. A mitologia tem muitos casos como o do marido de Andrómeda; na história da Roma imperial há muitos como o

de Diocleciano e de Júlia, mãe de Caracala, e na história lendária alguns como Gabriela de Vergy. Ora Vasco era o nosso contemporâneo. Ceou, dormiu, e ao outro dia mandou avisar os brasileiros, com quem tratou os seus negócios, e, realizadas as vendas, foi para a cone.

***

Nos salões do conde de Cabril pesava desde 1833 o luto silencioso de uma sociedade extinta. Os estofos de damasco tinham desbotado debaixo das lonas apresilhadas de laços escarlates; o ouro dos tremós João V tinha a cor esmaiada dos velhos altares. O conde fugia daquelas salas onde se lhe representavam à pugentíssima saudade os fantasmas de tantas mulheres formosas que instantaneamente se sumiram na obscuridade e envelheceram na pobreza; de tantos homens ilustres que, num lance de desfortuna política, resvalaram da altura de sete séculos. D. Leonor lembrava-se dever ali, na cadeira de um trono móvel, D. Miguel, e de brincar entre os braços das sereníssimas

infantas que a beijavam. Os filhos do velho camarista de D. Carlota Joaquina, mais idosos que a irmã, memoravam a ida de D. Miguel à sua cavalariça, e estar encostado ao ombro do conde a ver marcar a ferro na anca um cavalo de Alter; lembravam-se também de ver jogar a barra com uma alavanca em Salvaterra, segurar um touro pela cauda, etc., e cheios de saudade do seu rei, exclamavam: «Era um grande pândego!» Contavam então as brincadeiras prediletas daquele senhor, e lá vinha o caso da sua Alteza Real em pequenino furar a barriga das galinhas com um saca-rolhas, facto restabelecido e autorizado pelo Sr. Dr. Bispo António Aires de Gouveia, no seu livro da Reforma das Prisões.

Destes casos e tempos felizes parecia estarem-se carpindo na vasta sala, eufonicamente chamada d'armas, os lugentes retratos, todos autênticos, como o de Leovigildo, primeiro rei visigodo na Lusitânia. Fitavam os seus olhos pávidos nos guadalmecins esflorados e puídos, onde a espaços se viam os heróis do assédio de Troia, Príamo e Aquiles, e os mais, com os olhos furados e as bocas rasgadas até às orelhas —

recreações infantis dos meninos do conde, quando se exercitavam no jogo da navalha.

Eis que, um dia, abertas de par em par todas as janelas e portas do vasto palácio, o sol, o ar, a alegria, as decorações modernas, entraram naquelas salas, com grande faina de estucadores, de estofadores e de marceneiros.

Dir-se-ia que tinha chegado à Ajuda o Sr. D. Miguel I e que o conde de Cabril levantara do cofre da Fazenda — que os liberais deixaram cheio, como era de esperar — os primeiros cem contos por indemnizações, autorizando-se com os ilustres exemplos dos seus primos Terceira e Saldanha.

A causa dessa transformação não pertencia ao número das calamidades sociais.

Tudo aquilo era obra do amor conjugal e de doze contos de réis.

Vasco Pereira Marramaque estava em Sintra com a sua esposa, com o seu sogro e com os seus cunhados, enquanto se preparava o palácio de Andaluz para os bailes de Inverno.

SEGUNDA PARTE

As aparências, que deixavam supor em Tomásia uma alma ou muito briosa ou muito despegada, eram fingimentos que secretamente lhe custavam ásperas pelejas.

Enquanto a saudade não cedesse ao ódio, qualquer ostentação de desprezo ou de submissa conformidade devia ser-lhe uma frecha, tanto mais entranhada no coração quanto a ofendida abafava em si o desafogo dos queixumes. Nas doenças de amor, a peçonha do ciúme supurando pelas palavras desabridas deixa muitas vezes a alma curada.

Tomásia velava as noites à beira do berço do filho. Aconchegava-se dele como se a criança lhe fosse alivio e defesa de uns pavores que a estremeciam naquele quarto onde, pela última vez, ouvira a voz aflita do pai que a chamava. O administrador da farmácia, que dormia por baixo, aplicava o ouvido e escutava soluços. Erguia-se de pé sobre o leito e ajustava a orelha à parede, por onde se lhe coavam os rumores do pavimento.

Esta curiosidade tresnoitava Dionísio José Braga.

Era um sujeito entre trinta e trinta e quatro anos. Praticava na botica do hospital de Braga e tinha o curso farmacêutico na escola do Polo. Sabia a preceito a sua arte e estava inventando pastilhas para moléstias incuráveis quando foi despedido do Hospital de S. Marcos por ter desencaminhado a filha da enfermeira, uma rapariga de bons costumes, como são todas as raparigas antes de terem maus costumes. Foi ser ajudante de botica no Porto, em casa do Januário da Rua Chã, que o despediu porque ele lhe seduzia epistolarmente uma a sua comadre e comensal. Passou para casa do Eusébio da Rua de Cedofeita, donde saiu por motivos igualmente eróticos. Era um frágil; mas o seu vicio não procedia do despotismo do temperamento, nem da materialidade irreligiosa.

Era, pelo contrário, muito espiritualista, constelava no azul as mulheres todas, e conversava-as licita e misteriosamente com a lua cheia por medianeira. Construía uns ideais ratões, e tinha nas alamedas da Lapa e Fontainhas, por noite morta, umas aparições alvas como a Dama Branca, de Walter Scott. Até certa altura, este boticário, posto que não

fosse bonito, era um anjo; mas decerto ponto para diante degenerava para homem trivial. Parece que as mulheres dos seus amores — quase todas formadas nas indelicadezas da cozinha — faziam-lhe às asas de anjo o que faziam às asas dos patos; e ele aí ficava o homem de Platão, «um animal implume que ri».

Quanto a rir, nem sempre. Passou por desgostos sérios. As mulheres amadas e os credores perseguiam-no. As farmácias fechavam-se-lhe, cortando-lhe a carreira da ciência e o êxito de várias pílulas inventadas. A mão gélida da pobreza amarrara-o ao caldo negro de Esparta, que chamam verde no Minho, em casa do seu pai, pequeno lavrador de Vilar de Frades. Aí mesmo, era sensível às noites perfumadas e serenas, ao murmúrio dos ribeiros e a todas as provocações da rica natureza de Maio. Aquele amor panteísta envolvia toda a criatura de merinaque de molas de aço, ou de saia de estopa com barra escarlate. As raparigas da sua terra consultavam-lhe a ciência médica; e ele, compondo-lhes o estômago, desarranjava-lhes o coração. Estas felicidades pagam-se caras. Chegou a levar pancada. O Sr. Guerra Junqueiro deu cabo do último D. João

com um poema; porem, os lavrador de Vilar de Frades começaram a obra com estadulho na pessoa de Dionísio José Braga. Sistema muito pior para os dom-joões.

Nesta conjuntura, propiciou-lhe a sorte a botica de Macário Afonso. Foi de ânimo feito a estrangular o ideal que lhe infernara a existência, enforcando-o na costela que levava fraturada.

Dois anos e meio de exemplar comportamento asseveravam uma reforma radical.

O arcanjo S. Miguel da balança não era mais sério que ele com as freguesas. Dir-se-ia que Dionísio pisava no almofariz o grão da mostarda e as próprias febras do coração.

Nem uma chalaça, nem um beliscão em polpa de mulher! Sentava-se na testada da botica num mocho, lendo e anotando a lápis a Farmacopeia Geral, do IX. Agostinho Albano. Se alguma rapariga o saudava passando, ele respondia sem erguer os olhos do livro, como se fosse o beato Pacómio a meditar os Santos Evangelhos. E nem por isso granjeara grandes simpatias no sexo feminino: é porque tinha ares de neutro.

— É um trombelas! — dizia a Rosa do Cruzeiro.

— Não olha direito para a gente, o casmurro! — invetivava a Josefa da Fonte.

— Aqui há tempos, a Maria do Moleiro quis-lhe mostrar uma nascida que tinha num joelho, e vai ele disse-lhe: «Menina, vá ao cirurgião; que eu avio remédios e não vejo pernas.» — Credo! O homem é tolo! Olha a santantoninho, que lhe não fosse dar volta o estômago! — acudiu a Rosa, cruzando os braços e balançando os seios sobre o largo decote do colete amarelo. E escarneciam-no com palavras desonestas e casquinadas de riso com lardo de equívocos torpes.

E como é o mundo, em cima e em baixo.

Vá de história. Havia em Roma dois santuários consagrados ao Pudor. num dava-se culto ao «pudor das senhoras» (pudicitia patricia); no outro ao «pudor do mulherio» (pudicitia plebea). Não sei qual dos dois pudores era menos envergonhado.

Hoje é difícil estremar duas coisas que não existem; porquanto ponho os óculos, tomo rapé e leio em Ovidío, e

n'A Teogonia, de Hesíodo, que a Pudicícia, assim que viu lavrar o cancro da corrupção no seio do género humano, fugiu para o Céu com a sua irmã a Justiça. Que fosse para o Céu, duvido; não me parece que seja lá necessária; mas em Celorico de Basto é que ela realmente não estava, quando aquelas raparigas, a meia voz, e com estridentes gargalhadas, comentavam o pudor do boticário, respetivamente ao joelho da Maria do Moleiro.

***

Oito dias estivera Tomásia na sua casa sem que Dionísio a visse.

Mandou-o chamar à saleta e agradeceu-lhe a probidade e zelo com que administrara os seus interesses. Pediu-lhe que a desculpasse de tão tarde cumprir aquele dever e a não julgasse grosseira.

Respondeu ele com a voz trémula que muito se honrava em ter correspondido à confiança que em si depositara o finado Sr. Macário; que sentia infinitamente os seus dissabores...

E engasgou-se.

Tomásia tinha-o encarado fita e penetrante como um tiro. A vaidade picou-se-lhe daquele ar de atrevida compaixão. O aspeto de Dionísio tinha uns tons de ternura equivoca, nos olhos principalmente, onde se transverberava a doçura de uma alma apaixonada. Esta expressão escandalizara Tomásia, por duas causas: primeira, ser olhada daquele feitio por um caixeiro de botica — ela que embalava nos braços um filho de Vasco Marramaque e cerrava ao coração o perpétuo luto do único homem que vingaria perdê-la! Por isso, o sensitivo amador das famílias dos Januários e Eusébios ficou entalado quando Tomásia, levantando o rosto, avincou a testa e lhe arremessou de flecha os olhos rutilantes.

Aquela mulher era então mais linda que no tempo em que as graças lustram mais no pudor que na plástica. Dois anos antes inspiraria Lamartine; dois anos depois teria o seu lugar de honra ou de desonra entre as mulheres refeitas e perfeitas dos poemas de Alfred de Musset. O boticário estava na compreensão das boas coisas e não era hóspede na matéria sujeita. Cinco anos de pousio deram-lhe ao

coração rebentos luxuriantes. O molosso da natureza sacudiu a mordaça e deu aqueles grandes latidos interiores que se chamam a paixão.

Tomásia evitava-o desde a primeira e curta conversação em que ele, aturdido pela arrogância daquele olhar, se retirara tartamudeando algumas palavras insignificantes; Dionísio José Braga, porém, ia ofendido no sentimento generoso e virgem que lhe entrara no peito à primeira vez que a vira. Pensara em casar-se com ela, assentar de vez, e arranjar-se, dizia ele no lirismo das suas meditações. Portanto ela possuía a botica bem afreguesada, posto que as drogas fossem revelhas e substitutas das que não havia; possuía a casa e o quintal, casa envidraçada, e quintal curioso com pomar, parreiral, hortas, mirante com trepadeiras de maracujá, bancos de cortiça numa gruta de madressilva à maneira de cubata As arcas estavam cheias de bragal, peças de linho e meadas antigas, tudo anterior à invasão dos romances naquele recinto de ignorância e bom senso. Estas concomitâncias cooperavam talvez no propósito honesto do farmacêutico; mas, descascada a ideia, lá está

dentro a cândida pevide como semente das ações nobres — a bonita ideia de casar-se e reabilitar aquela menina.

O seu amor medrou nas surdas raivas como as belas flores nos resíduos imundos.

Tomásia, todavia, não o estremava do jornaleiro que granjeava o quintal. No fim do mês, mandava-lhe entregar o seu ordenado e examinava a escrituração singela das linhaças, dos citratos e das mostardas.

Dionísio denotava profundas alterações orgânicas na parcimónia dos alimentos. O seu jantar voltava quase intato. Dizia a criada à ama que «o praticante estava escanifrado como um étego e não comia tanto como isto»; e, dizendo, mostrava a unha gretada das ulcerações de um panarício erisipelatoso.

Tomásia adivinhava-o, aborrecia-o e quase que o odiava. Algumas vezes por entre as cortinas da janela, quando contemplava cheia de lágrimas os sítios do quintal mais prediletos de Vasco, via o boticário reclinado no escabelo da gruta, com a face na palma da mão e os olhos na vidraça do seu quarto. Retraia-se como se ele a visse e dava um

estalo tirado com a língua do céu da boca — a trivial expressão com que se esconjura um estafador e se enxotam os cães.

A criada velha, que conhecia o ânimo da senhora, e sagazmente penetrara na causa do fastio de Dionísio, já quando o via no pomar, ia dizer à ama:

— Lá está o estupor.

Esta mesma criada foi inconscientemente a portadora de uma carta inclusa no rol mensal das drogas entradas e saldas.

— Que é isto? — exclamou Tomásia, vendo a carta fechada com três obreiras amarelas, simbólicas de desesperação. — Ele deu-lhe esta carta?! E você recebeu-a?...

— Ó menina, mal haja eu, se sabia que o diabo do homem...

E justificou-se plenamente.

Ao primeiro assomo de raiva, quis rasgar a carta; depois, resolveu devolver-lha fechada e despedi-lo; mas neste

conflito entrou o abade de Pedraça, que ia convidar a comadre para assistir ao jantar de anos da sua irmã.

A mãe de Álvaro, enquanto o padrinho acariciava o pequeno, referiu-lhe o caso. O padre sorriu-se, deu pouco peso à calamidade e aconselhou que, em bons termos, devolvesse a carta fechada com as seguintes palavras escritas no verso do sobrescrito:

«Enquanto lhe servir o emprego que honradamente ocupa na minha casa, peço-lhe que me respeite.» E, motivando esta conceituosa e lacónica intimação, o abade alegou que Dionísio era um ótimo farmacêutico, o único que sabia química e botânica naqueles sítios; que muita gente o preferia ao medico Ferreira — hoje famoso clinico do Porto e então médico de partido em Basto —, que as suas pastilhas das lombrigas estavam acreditadas em toda a província e que tinha curado as alporcas a várias pessoas. Disse mais o abade que sabia que um cirurgião da Ponte de Pé lhe oferecera duzentos mil-réis, cama, mesa e roupa lavada para lhe administrar a botica paterna, e além disso o quinto nos interesses, e metade nas invenções, obrigando-se o cirurgião a propagá-las. Posto isto, concluía que, se

Dionísio, untado pelo desabrimento de Tomásia, se despedisse, a botica se devia considerar perdida, por falta de tão hábil farmacêutico.

— Não me dá outras razões mais fortes, o meu compadre? — perguntou Tomásia.

— Ainda as quer mais fortes?...

Ela então chamou a criada e disse:

— Entregue esta carta a esse homem e diga-lhe que eu o despeço.

— Que faz, comadre! — atalhou o abade.

— Se eu não fizesse isto — respondeu ela moderadamente, sem atitudes —, devia ter aceitado o casal de Paços que me dava o pai do meu filho.

— Mas... — respondeu o compadre — a senhora tem a certeza de que essa carta lhe faz alguma afronta?

— Pois que é isto, senão uma afronta? À mulher, na minha posição, abandonada, com um filho, que dirá a carta de um homem?

— Pode ser, e é talvez certo, que ele queira ser o seu marido...

— Olha o estupor! — interrompeu a criada com o mais desdenhoso engulho.

O abade, surpreendido pela exclamação, abriu uma risada inoportuna, enquanto a criada continuava:

— Que procure forma do seu pé!... Sempre é muito asno! Um rapaz de botica atrever-se...

— Vá! — ordenou Tomásia com intimativa; e voltando-se para o compadre: — Não lhe dê preocupação a minha sorte, o meu amigo; mas peço-lhe que tenha em vista o meu filho. Confesso-lhe que sou mais fraca do que eu pensava. Olhe... Tenho chorado muito; passo aqui noites tão cruéis, tão atormentadas, que se não fosse esta criança... eu conheço os venenos... tinha descido à botica, e, a troco de uma agonia de poucos minutos, descansaria desta horrível batalha com que não posso... Não posso mais... E o amor e o remorso a despedaçarem-me. Vejo o pai deste infeliz, vejo a sombra do meu velho pai...

E, afogada pelos soluços, arquejava com o rosto apertado nas mãos.

***

O abade previra com juízo.

Dionísio José Braga, recebido o recado pela criada, que se excedeu — por estar ofendida na insidiosa recovagem da carta —, enfardelou a sua roupa num caixão de lata e exigiu uma declaração abonatória da sua honradez. Lavrou-a o abade e Tomásia assinou-a.

Depois, o padre desceu à botica e disse ao farmacêutico, por entre coisas agradáveis, que ele devera ter respeitado o melindroso infortúnio de uma senhora que inspirava mais compaixão que amor.

E então Dionísio, numa explosão de raiva irónica, perguntou ao abade:

— E que lhe inspira ela a vossa Senhoria?

— A mim? Amizade e respeito: o que pode inspirar para um sacerdote dos meus anos.

— Conte-me lérias, Sr. Abade — retorquiu o outro com sarcástica brutalidade.

O padrinho de Álvaro, que tinha cinquenta e sete anos fortes e sangue turdetano nas veias, sentiu na espinha dorsal um formigueiro extraordinário, e ainda olhou para a mão do almofariz; porém, sotopondo o brio do fidalgo à paciência de padre cristão, disse-lhe com violenta brandura:

— Vá com Deus; e... vá com Deus!

Dionísio, nos lances apertados da sua vida de amores perigosos, só levou pancada quando não pôde esquivar-se pela porta da prudência, e até pela janela, conforme a necessidade. O rosto do clérigo e o trejeito diagonal dos olhos ao almofariz tocaram-lhe na costela fraturada em Vilar de Frades; pelo que, abafando as cóleras, prometeu esvurmá-las com ressalva das costelas sãs.

Nesse mesmo dia funcionou na farmácia da Ponte de Pé e divulgou que saíra de Agilde em consequência dos ciúmes

do abade de Pedraça. Os cavalheiros da localidade, sequiosos de escândalos, propalaram a calúnia e confirmaram o boato de que ele, o hipócrita, já havia mandado para o Brasil um filho, que lá na Residência era conhecido pelo «Álvaro Enjeitado».

— Que eu conheço perfeitamente — disse um cavalheiro do Arco. — Esse rapazola esteve em Pedraça no ano passado, e ouvi dizer que casara muito rico no Rio de Janeiro; mas lá diziam que o padre era padrinho.

— E pai — confirmaram todos.

E cada qual fez o seu relatório de devassidões de padres. Um dos relatores era o já celebrado poeta de Refojos, que, na ausência de Vasco Pereira, pudera repatriar-se e reassumir as funções de Juvenal em Cabeceiras. Ele esfregava as mãos, arregaçava um sorriso cheio de ameaças e dentes cariados e dizia, trincando o charuto, que ia escrever uni romance fulminante contra os padres. Foi muito aplaudido e arranjou logo cinquenta assinaturas. Tecendo o enredo, explicou que o ex-frade de Pedraça seria protagonista e Tomásia a heroína.

Se os padres escrevessem romances contra os novelistas, quantas obras de execução prima e de primeira verdade nos não dariam! Faça-se o clero romancista e descreva os padres levados à desmoralização pelo exemplo das altas capacidades seculares que os arguem de ignorância. Quando vierem a medir-se nesse torneio de armas iguais, então saberemos quantos devassos verosímeis e não tonsurados correspondem para um PADRE AMARO que prende o filho para uma pedra e o afoga com as suas mãos. Enquanto, porém, o romance urdir crimes descomunais, sendo tantíssimos os vulgares, não se receia que a literatura amena faça grandes males.

***

Tomásia fechou a farmácia, enquanto o abade contratava no Porto quem a dirigisse, O boticário que veio não tinha mais habilitações que o comum dos praticantes analfabetos. A farmácia administrada por Dionísio era nova, fornecera-se de remédios franceses, tinha fundas de

camurça, seringas de bomba e frascos variegados na vitrina de pau-óleo. Os facultativos recomendavam-na. A botica de Agilde restavam só os fregueses da mostarda, das malvas e da flor de sabugueiro.

O praticante era imberbe e lorpa; e, como tinha tempo, fazia gaiolas para grilos, e também fazia ratoeiras, por não saber fazer colheres. A receita não dava para o ordenado do caixeiro..

Aconselhou o abade à comadre que trespassasse a botica, alugasse a casa e fosse para Pedraça. Anunciou-se o negócio nas gazetas do Porto. Dionísio dava gargalhadas na farmácia da Ponte de Pé, quando leu o anúncio, e disse que não queria a botica pelo carreto, asseverando que as drogas eram anteriores à invasão dos Franceses. Não mentiria muito.

O abade já sabia que o caluniavam e difamavam a pobre mulher à conta dele.

Queria socorrê-la, mas com delicadeza e cautela. Não sabia, porém, como tirar-se desta dificuldade.

Um dia, Tomásia resolveu-se: foi à Vila do Arco, onde tinha um parente. Alugou uma casinha e anunciou-se mestra de meninas. Quando o compadre o soube, já ela estava instalada e exercia o professorado com seis educandas. O abade, com os olhos húmidos de lágrimas, disse-lhe que ela era uma alma rara e que tinha virtudes tamanhas que até a sua fragilidade parecia um ato meritório, porque da queda procediam tão nobres procedimentos. O que ele fez, melhorando-lhe a vida, foi conseguir-lhe a nomeação de mestra régia.

Tinha muitas prendas de bastidor a filha de Macário, escrevia bem e ortograficamente, aprendera história nos compêndios de Vasco e nos romances. Deu-se zelosamente ao magistério, e chegou a tocar o sumo bem de uma vida conformada e serena. As famílias do Arco estimavam-na, recebiam-na e presenteavam-na liberalmente.

A mancha estava delida. Álvaro, o pequenino anjo, parecia pedir indulgência para a mãe. A calúnia de Dionísio sumiu-se na obscuridade das grandes infâmias. A miúdo, o abade e a irmã visitavam a comadre e a levavam consigo nas férias para Pedraça.

***

Neste tempo, Vasco Pereira Marramaque visitou com a esposa as quintas do Minho. Traziam consigo a primeira filha de poucos meses. O fidalgo soube em Agilde que Tomásia fechara a botica e, obrigada pela necessidade, abrira escola no Arco. Teve pena e más recordações. Lembrou-se da inocente alegria daquela rapariga; do bom Macário Afonso, que o recebia na sua casa e consentia que a filha lhe desse às mais raras flores; da docilidade e abnegação com que ela o amara; do júbilo com que lhe falava do filho; a morte do velho longe da filha e do seu leito, desterrado voluntariamente; o desinteresse da mulher sem reputação nem bens de fortuna; enfim, estas imaginações ali, naquela casa, onde Tomásia estivera, não lhe seriam muito aflitivas, mas eram incómodas. E, conquanto estivessem cortadas as relações com o abade, não se dedignou de lhe escrever, pedindo-lhe que convencesse Tomásia a receber uma mesada bastante à sua independência. E, feito isto, ficou contente consigo, como

quem diz: «Sempre sou um Marramaque! Dou-lhe alguns pintos que me não fazem falta, e honro o meu nome.» O ser fidalgo tem Isto de bom: quando a consciência não obriga, obriga o apelido. Pior é quando não há apelido nem consciência.

O abade respondeu com três palavras: «Tomásia está independente.» Casualmente encontrou Vasco o primo Abreu de S. Gens. Falou-se de mulheres conquistadas na mocidade de ambos.

— E a boticária? — perguntou o bacharel de Refojos. — Já sabes que está abadessa?

— Abadessa!

— Sim; passou da botica para a igreja, mas em melhores condições que muitas, que vão da botica para a cova.

— Não te entendo — respondeu o de Agilde.

— «Monsieur, ce n'est pas ma faute», dizia o Boileau a quem o não percebia. Então não sabes que a Tomásia é mestra de meninas e é menina do abade de Pedraça?

— Isso é calúnia! — acudiu Vasco.

— Olha o vaidoso!... Repugna-te querer que na herança de uma mulher educada pelo teu amor gentilíssimo sucedesse o velho frade de Tibães!... Pergunta por essa história ao boticário da Ponte de Pé...

E contou-lhe o que sabia, convencendo-o. Vasco riu-se muito, daquele rir que está todo no maquinismo dos queixos e da laringe. Lá por dentro mordia-o o despeito de ver que um homem de cãs e barriga proeminente vingara estancar as lágrimas de Tomásia, que não podia consolar-se do apartamento de Vasco.

— Fortes asnos somos nós, afinal! — dizia ele ao primo Abreu. — A gente a pensar que tem grande responsabilidade porque faz voar estas andorinhas de um telhado para o outro!...

— Ainda aí estás!... Eu é que me considero sempre o seduzido e me lastimo sinceramente porque ando a fazer saltar da cama as lebres que os outros abocam.

E, discorrendo largamente neste estilo metaforicamente venatório, concluíram que Tomásia, em remate de cantiga, era a filha do boticário pur sang.

***

A mestra régia ensinava o filho; e, à custa do esforço que faz prodígios, aprendeu quanto ignorava e Álvaro devia saber. Quanto à carreira do educando, estava destinada.

O padrinho deliberou enviá-lo para um afilhado que tinha rico no Brasil.

— Foi um enjeitado — contou o abade — que aqui me trouxe Maria Moisés para eu batizar. Com aquela lábia que ela tem, foi-mo metendo em casa, e cá ficou o rapazinho. Foi à escola, tinha muita habilidade, e queria ser doutor, o meu enjeitado.

Mandei-o para o Rio. O rapaz saiu tão honrado, que parecia querer começar em si briosamente a sua geração, visto que não tinha antepassados. O patrão deu-lhe a filha e grande dote. Infelizmente, morreu-lhe a esposa e um filho. Está rico, mas vive triste.

Queria que eu fosse para o Rio, e eu quero que ele venha para a minha companhia. A isto responde que tem medo à ociosidade; que precisa trabalhar e fatigar-se para dormir e esquecer-se. O meu Álvaro irá para o outro que também é Álvaro; eu direi a ambos que se amem como irmãos.

Tomásia escutava-o lagrimosa; mas não contrariava o alvitre do abade. Álvaro era pobre. A casa de Agilde nem inquilino tinha. A botica era um foco de cheiros maus e aziumados a vaporarem dos velhos frascos de louça amarela desvidrada. Nos gavetões medicavam-se impunemente os ratos roendo as ervas e olhando com o maior cinismo para o frasco do arsénico. O arcanjo S. Miguel, com as cores perdidas, envolvia-se em filigranas da teia de uma aranha de barriga preta, que prendia uma das orlas da telilha nas pontas do Diabo e a outra no capacete do anjo. Nos pratos da balança tinham-se passado fenómenos execráveis. As aranhas fêmeas, depois de acariciadas, comiam ali os maridos, consoante o seu mau costume: viam-se nas conchas de latão os restos mortais dos aranhões. A botica esquecera, exceto aos garotos que

enfiavam calhaus por uma fresta, e regalavam-se de ouvir lá dentro o tinir das pedras no bojo das garrafas.

Portanto, o filho de Vasco Pereira Marramaque era um menino pobríssimo, que o amor maternal não devia esquivar ao trabalho e ao destino que o padrinho lhe talhara.

Aos doze anos, o pequeno abraçava-se na mãe e pedia-lhe que não o deixasse ir para o Brasil. Dizia ele que ia morrer, porque era muito fraco. Na verdade, aquela criança bebera no leite da mãe as lágrimas que ela represara. Crescera tolhiço, magrinho e pálido, como os filhos das casas opulentas e velhas raças. Fatigavam-no os estudos, tinha escuridões súbitas de entendimento, e caia em sonolentas abstrações. Dizia então a mãe ao compadre:

— Este menino vai morrer.

O abade não fazia cabedal destas profecias, mas profetizava também:

— Álvaro, dentro em poucos anos, virá rico para a Pátria.

— Rico! Para quê?... Trouxesse ele o bastante para a sua subsistência... Com tão pouco se vive! E se lhe déssemos um ofício?

— Sapateiro? É natural que fosse o primeiro na geração dos Marramaques, posto que dizia o meu avô que conhecera a trisavó deste senhor de Agilde palmilhando chinelas em Lanhoso. Ainda assim, não se renove a vergôntea dos sapateiros neste ilustríssimo tronco. Bem bastam os que hão de vir quando os vínculos forem abolidos...

O abade de Pedraça, sobre ser genealógico de farpada língua, era discursivo em coisas sociais quando a comadre se mostrava complacente em ouvi-lo; mas, neste caso, a sua manha era distraí-la das lástimas e ir contemporizando com o amor de mãe.

Escrevera ele ao afilhado do Rio prevenindo-o de que estava educando um outro Álvaro para lho entregar, e contava-lhe sentimentalmente a história desta criança sem pai. O brasileiro não respondeu; veio pessoalmente buscar o seu prometido filho. «Sê tu pai dele», dissera-lhe o padrinho.

Tomásia ganhou ânimo quando viu o protetor do seu Álvaro. Era um homem de vinte e seis anos, com o rosto carregado das sombras de uma tristeza maviosa, dulcificando as palavras amargas com o sorriso da resignação.

— Sou muito doente — dizia ele —, mas, se eu morrer, o seu filho, a minha senhora, voltará para a sua mãe com bastantes recursos. Pode confiar-mo; amá-lo-emos todos três.

Imagine que eu, magoado com a abnegação do meu padrinho — que nunca me permitiu dar-lhe meio por mil dos meu haveres — quero vingar-me em beneficiar este o seu afilhado. Eu tenho no coração muito amor sem destino. Não amei pai nem mãe. Tive esposa e filho. Todo o amor que lhes consagrei está para ser dado para um ente que não seja esposa ou filho, porque essa felicidade não se repete.

***

Álvaro Afonso da Granja saiu do Arco para o Rio de Janeiro em 1863. Ia nos doze anos.

O brasileiro tinha propensões desacostumadas nos homens grávidos e pesados de dinheiro. Procurava atar os elos da realidade às comoções da vida idealizada nas novelas. Em Lisboa, quis ir ao Parlamento para ver o recentíssimo visconde de Agilde, o pai do seu pupilo. Entrou na galeria do povo com o menino. Perguntou para um vizinho:

— Faz favor de me dizer qual destes deputados é o visconde de Agilde?

— É aquela besta que acolá está falando com outra besta...

E citou o nome da outra, que eu delicadamente não repito, se bem que não receio que ela me leia.

Álvaro não tinha de memória a classificação zoológica daquelas espécies parlamentares. Veio, porém, a saber que o visconde de Agilde era um sujeito de bigode encerado, luneta de um vidro, calvo, de feições duras, trigueiras e descarnadas.

— Ele pediu a palavra — notou o informador, e continuou: —Quanto quer o senhor apostar que o visconde diz três asneiras em duas palavras?

— Não aposto, porque já ouvi dizer quatro — respondeu Álvaro.

— Então o senhor, por mais que me digam, é do Porto, e conversa com os janotas do Suíço? Espere, lá vai o javardo grunhir.

O visconde, desta feita, deixou desairado o crítico, que era da oposição. Ora este critico era o poeta de Refojos, que conseguira ser correspondente político de um jornal portuense.

O visconde pedia estradas no Minho. Disse com sofrível pronúncia inglesa que Braga era um dos nossos rotten-boroughs (burgos pobres) dos quais o Governo não fazia caso. Disse que Basto estava encravado entre serras intransitáveis. Perguntou ao presidente se estávamos na Idade Média.

— Vê o asneirão? — observou o de Refojos. — Pergunta se estamos na Idade Média.

— Deixe ouvir, se faz favor.

O orador observou que nas trevas da Idade Média o rico-homem dispensava estradas, porque vivia circunscrito no seu solar torreado, sem fazer parte do sistema arterioso da Nação.

— Que burro! — observou o correspondente do Nacional, tomando notas. — Que dois burros é aquele homem!

O discurso acabou de repente, quando começava a ter graça. O orador, perorando, repetiu que o Minho sem estradas era o melhor membro da Nação, mas gangrenado, pútrido, paraplégico.

— Onde mora o visconde, sabe dizer-me? — perguntou Álvaro.

— Em Andaluz, no palácio do conde de Cabril. O senhor é pretendente?

— Nada. Sou brasileiro.

— Ah! Quis-mo parecer no sotaque. Provavelmente é do Minho, e quer comprar ao visconde algumas das quintas

que lhe restam... Se é isso, vá, que eu sei que ele perdeu em casa do marquês de Nisa quinhentas libras a noite passada... Está ali, está sem nada.

Teve oito contos de renda há dez anos; hoje não tem três e tem seis filhos.

No dia seguinte, os dois Álvaros passeavam no Largo de Andaluz; e, quando viram sair de uma cocheira o cupé, que entrou no, vasto pórtico do conde de Cabril, avizinharam-se do pátio.

O filho, de Tomásia era de todo estranho às excentricidades do seu amigo, quando este lhe disse:

— Vais ver teu pai...

— O Sr. Vasco de Agilde? — perguntou o menino.

— Sim, o visconde...

— Ele não é visconde — emendou Álvaro.

— É visconde desde antes de ontem.

Entraram, quando o deputado reeleito descia a escada com um pretendente de cada lado e dois no coice. Ele vinha coberto, com o paletó alvadio no braço e um charuto

apertado entre os quatro dentes incisivos. Parecia vesgo por causa da luneta pênsil de um só vidro sem aro que v obrigava a convergir estrabicamente o olho esquerdo.

Resmoneava uns monossílabos e dava aos ombros, escutando com fastio um dos importunos.

Quando viu o desconhecido ao lado da carruagem, perguntou, gesticulando de modo que os pretendentes saíram:

— Que pretende o senhor?

— Cumprimentar a vossa Excelência pela energia do discurso que ontem tive a fortuna de escutar, pois que, tendo eu sido criado em Basto, muito me congratulo com os meus conterrâneos tão distintamente representados.

— Obrigado... Faço o meu dever — respondeu o visconde com agraciado aspeito.

— E ao mesmo tempo, Exmo. Senhor, na minha passagem para o Rio de Janeiro, onde resido, tenho a honra de deixar o meu nome lembrado a vossa Excelência, para que, se um dia se abrirem estradas em Basto, a vossa

Excelência me considere tributário de doze contos de réis para esse grande impulso civilizador.

— Oh! — exclamou o deputado. — E muito louvável patriotismo! Aperto-lhe a mão de patrício, e lamento que Portugal esteja tão escasso de homens da sua têmpera. Donde é?

— Fui criado em Pedraça, Sr. Visconde, sou afilhado do Sr. Frei Álvaro.

— Ah!... do abade... Como passa ele?

— Robusto ainda com os seus sessenta e quatro. Recordo-me de ver a vossa Excelência, quando em menino estudava Lógica com o meu padrinho.

— Sim?

— Perfeitamente me recordo; e a vossa Excelência talvez se lembre de um rapazito que lá chamavam o Enjeitado...

— Tenho uma ideia de um pequeno que subia às cerdeiras e nos deitava cerejas...

— Era eu.

— O senhor?... Então enriqueceu? Muito folgo... E este menino é o seu filho?

— Não, senhor — respondeu Álvaro a meia voz. — Este menino é filho da vossa Excelência.

O visconde fez dois gestos indecisos entre a surpresa desagradável e o receio de que os lacaios escutassem.

— Vai comigo para o Rio — prosseguiu o brasileiro — e, como a morte por lá é mais frequente, não quis eu que ele, tendo de morrer na flor dos anos, fosse deste mundo sem conhecer o seu pai. Eu aprecio muito este lance, porque fui enjeitado.

O menino fitava como assustado o rosto do visconde, que também o encarava atentamente.

Neste ponto, vinha descendo a viscondessa com três meninas, clamando com vozes argentinas que retiniam na amplidão do pátio:

— Ainda aí estás, Vasco? Leva-nos contigo até ao Chiado.

— Sim, filha — disse o marido; e, voltando-se para o brasileiro: — Procure-me em ocasião mais oportuna.

— Sr. Visconde, recebo as suas ordens agora — disse Álvaro, recuando com o menino pela mão. — Amanhã salmos no paquete, e não há razão para que torne, visto que o meu intento era simplesmente cumprimentar a vossa Excelência.

A viscondessa estava já ao lado do marido, olhando para o pequeno, quando Álvaro se despediu cortejando-a.

— Quem é? — perguntou ela.

— Um brasileiro de Basto.

— O pequeno é galante. Parece-se com o nosso Heitor. Não achas?

— Não reparei.

Daí a minutos, dizia-lhe Leonor:

— Vais tão calado e triste! Que tens tu, Vasco?

— Que hei de eu ter, filha?... É o demónio da política...

— Estavas tio alegre ao almoço... Ah!, uma coisa... Dá-se baile nos anos da Piedade?

— Responderei à tarde. Ainda não sei se o Banco de Portugal me reforma a letra dos cinco contos...

— Mas eu já escolhi o meu vestido e os das pequenas.

— Se escolheste os vestidos, nem por isso é obrigatório o baile.

— Sim... — redarguiu a viscondessa com disfarçado despeito. — Em todo o caso, não digo nada, por enquanto, à prima Penafiel, nem à prima Ponte, que mandaram saber...

— Sim, não digas nada.

— Mas é esquisito...

— O que é esquisito, Leonor?

— Que se falasse nisto na soirée do primo Caraira...

— Quem falou não fui eu.

— Consultei-te primeiro.

— Em suma, Leonor — concluiu o visconde com desabrimento —, pela vigésima vez te anuncio que estou

mal de fortuna, que, em vendendo cinco quintas que me restam, a casa do teu pai volte à miséria antiga.

— À miséria! Essa é boa! Eu nunca soube o que era miséria... Que delicadeza tão provinciana!... Pára! — bradou ela ao trintanário, à entrada da Rua do Ouro, e saltou do cupé com as filhas.

A mais velha, Maria da Piedade, perguntava baixinho à mãe:

— Ó mamã, o papá disse que nós estávamos na miséria?

— Não, tola.

***

Quem vira Leonor de Mascarenhas, no solitário e caduco palácio de Andaluz, dez anos antes, modesta, paciente, sem invejas, escusando-se com os achaques do pai quando a convidavam para a sala ou para o camarote; disfarçando com o amor filial a míngua do vestido, do chapéu e dos somenos atavios que as filhas das criadas do seus avós

esperdiçavam — quem prediria então que aquele anjo meigo do lar, assim que respirasse o esbraseado ambiente das salas, queimaria as asas, e em vez delas se faria uns voadouros de brilhantes farrapos para esvoaçar-se ao ponto culminante da elegância, do fino gosto, da bela extravagância, do renome de figurino?

Nos primeiros anos era o marido que a instigava, envaidecido da primazia que os localistas lhe decretavam, especialmente o Agapito; depois eram as amigas invejosas que a rivalizavam, apanhando de salto o segredo das modistas mais a ponto informadas do último baile do Louvre; por fim, quando Vasco Pereira, cheio de melindres, lhe disse a medo que os filhos eram já muitos e os rendimentos desfalcados com a exorbitância do luxo, Leonor já não podia entregar-se vencida às suas competidoras e consentir que a modéstia divulgasse que a rainha dos bailes abdicara por falta de quatrocentas libras anuais, em que o seu reino estava tributado no balcão da suserana Lavaillant.

No transcurso de dez anos, a grande casa dos Marramaques adelgaçara-se por maneira que não rendia o

lucro dos capitais levantados no Banco de Portugal e no Hipotecário. Os dois irmãos de Leonor exercitavam o comunismo em família e o conde de Cabril presenteava o príncipe proscrito com os dinheiros do genro, consentindo todavia que no palácio de Andaluz se pensasse liberrimamente em política. Os filhos tresandavam a cocheira e república, prometendo esfaquearem os burgueses com veemência tal de palavras iracundas que pareciam os dois Gracos; o genro bamboava-se na redouça de todas as seitas liberais à espera de cair uma vez sobre a pasta da Marinha; quanto ao conde, a Rússia movia-se, e não dizia mais nada. Estava idiota e fazia a corte às amas de leite dos netos.

O dinheiro de Vasco Pereira cicatrizara umas úlceras e fizera repercutir outras piores. Ele, pela sua parte, lançou-se no jogo como financeiro. Estreou-se com felicidade naquele sistema de suprimentos à quebra das rendas. Teve noites cheias na banca do conde de Farrobo, posto que lhe repugnasse concorrer àquela tavolagem com merceeiros e cómicos, como se no estalão das paixões infames não fossem iguais todos os homens. Depois, atraiçoado pela

fortuna, passou a emparceirar-se com o marques de Nisa, que esvaziava o estanque das torrentes de ouro que confluíram para ele, através de quatro séculos, desde Vasco da Gama, e, navegador audaz do revolto oceano dos vícios, afrontava o cabo da desesperação como o seu ínclito avô o cabo da Boa Esperança.

Releve-se o gongorismo para uma justa indignação!

***

O visconde de Agilde não melhorou com o falecimento do sogro em 1868, nem tom o estabelecimento dos cunhados em alquilarias e carros de transporte. Naquele ano, o Banco Hipotecário absorveu-lhe três quintas nas margens do Tâmega e reduziu-o a pouco mais de um conto de renda. Agilde era já propriedade de um brasileiro. Ele mesmo gelou de espanto quando assim, aos quarenta e quatro anos de idade, se viu desvalido com seis filhos, com a importância política perdida, desacreditado em todos os grupos, porque a nenhum era útil nem temível. Os seus

constituintes provincianos preferiram-no — ah!, crê-lo-eis, Pisões? —, preferiram-no àquele Juvenal de Cabeceiras, ao correspondente do Nacional, ao mordacíssimo informador de Álvaro, em suma, ao versista que começara a popularidade de Vasco por aqueles dois versos:

Ó bardo de Celorico, Quem te deu tamanho bico?

A viscondessa, à volta dos quarenta anos, caiu em si e praticou o heroísmo de vender as suas joias para pagar dividas ignoradas do marido. Dois filhos do visconde, Heitor e Rui, eram guardas-marinhas, devassos e caloteiros; o mais novo era pensionista no Colégio Militar. Havia três meninas: Maria da Piedade era a primogénita e orçava por dezasseis anos, quando o visconde deliberou transferir-se para uma quinta nos arrabaldes de Braga.

E partiram.

D. Leonor de Mascarenhas estremeceu quando por entre um carvalhal sem folha, numa tarde de vento glacial, em Novembro, viu a casa expiatória onde ia amarrá-la a corrente da pobreza. Era uma renque de quinze janelas de sacada com portadas vermelhas, peitoril de pau e caixilhos

de vidraças empenados pelo sol e podres da chuva. Por sobre o telhado erguia as suas ameias escuras um simulacro de torre de menagem varada por duas janelas sem portas, mas tapadas por dois molhos de palha pança, que, vistos de longe, pareciam homens de borco a precipitarem-se da torre.

Estava aberto um postigo do portão de carvalho; o vento sacudia-o contra o batente e fazia uma compassada e aspérrima toada de matraca. No grande terreiro interior corriam espirrando duas cabras espavoridas e estacavam às vezes voltando de esconso para os desconhecidos adventícios as narinas fumegantes. Por uma cancela tosca de passagem para a quinta entrava o caseiro carregado de erva; e, vendo os patrões, atirou o molho sobre um carro com o cabeçalho ao alto, desbarretou-se, coçou-se e disse:

— Isto por aqui é novidade!

O visconde, para não desdizer da desordem dos seus hábitos, nem avisou o caseiro, nem perguntou se a casa da quinta ainda estava de pé.

Entraram na sala de espera. E como quem entrava na casa da neve das Rodas do Marão. O coração tremia de frio. As três meninas olhavam espavoridas para a mãe, aconchegando os capuzes das capas ao rosto. O vento assobiava mugidos nas cavernas dos forros; dois enormes ratos atravessaram a vasta quadra, velozes e de focinho baixo, como dois vadios de boa família que passaram a noite em orgia, e foram surpreendidos pelo sol alto. Leonor sentou-se num escano de espaldar brasonado e não pôde ter as lágrimas. O marido, esquivando-se àquele espetáculo, passou para o interior da casa, ao passo que o caseiro ia abrindo as janelas.

Pouco depois, chegaram alguns carros de baús e mobília, com criados, que ajuizavam assim dos domínios senhoriais do patrão:

— Que diabo de casa é esta? Aqui há lobos!

O escudeiro dizia que não matara ninguém para se sujeitar a tal degredo. A cozinheira, vendo a primeira sala, exclamou:

— O que não será a cozinha!

Esta crise foi-se modificando a pouco e pouco. Parte da casa foi reparada e confortavelmente trastejada. Uma das salas tinha um fogão antigo com colunas de bronze, mandado vir de Itália por D. José de Meneses, arcebispo de Braga. A viscondessa e as filhas passaram ali quatro meses chorando sempre as lágrimas azedas que o fumo da lenha lhes estilava dos olhos. O visconde passava os dias na cama, lendo os jornais da oposição e fumando charutos de vintém com magnânima coragem. Seis meses depois embranquecera-lhe o bigode, refegaram-se-lhe as pálpebras, espamparam-se-lhe os músculos faciais.

Maria da Piedade era a sua filha adorada que o acariciava e de mãos postas lhe pedia que tivesse paciência. Imaginando que o pai envelhecia e definhava na soledade do seu quarto, pediu-lhe licença para lhe comprar, com o produto das suas poucas joias, um cavalo que o levasse a passeios.

— De que me servem estas pulseiras e estes broches que me deu a madrinha Lavradio! — dizia ela. — Mande-os vender, o meu papá, e compre um cavalo. Depois, se tornar a ser rico, dê-me outras joias, sim?

Ele estreitava-a febrilmente ao coração e murmurava:

— Como eu vos desgracei, os meus queridos filhos!

Maria da Piedade ameigava-o com pueris carinhos e dizia-lhe:

— Não tenha pena de nós, que ainda podemos ser muito ricos.

— De quem esperas tu a riqueza?

— A riqueza é não precisar dela, o meu papá; não sei onde li isto...

***

No ano seguinte, o visconde de Agilde foi a Basto a fim de demandar uns foreiros remissos de Chaves e terras de Barroso. Raposa aos grilos.

Hospedou-se na vila do Arco e lembrou-se que devia estar aí Tomásia, a mestra de meninas. Perguntou por ela ao seu procurador.

— Há seis anos que essa pessoa saiu de cá — esclareceu o procurador. — Não sei se a vossa Excelência sabe que ela mandou o filho para o Brasil...

— Sei.

— Levou-lho o Álvaro Enjeitado, um capitalista que...

— Bem sei.

— Depois, quando o abade de Pedraça morreu, a Tomásia, que era para ele como se fosse filha, apesar do que dizia o patife do boticário da Ponte de Pé — que já o levou o Diabo com um tiro que lhe deu o irmão da Ruça de Gandarela, uma linda rapariga que o malandro seduziu...

Como lhe faltasse a respiração e a gramática, o procurador tomou fôlego, e, começando oração nova, continuou:

— A Tomásia caiu doente, esteve a tocarem tísica, veio cá o filho, levou-a consigo para o Brasil e para lá foi, vai em seis anos. Já depois que lá está, mandou uma doação da casa de Agilde para uma criada velha e tem mandado esmolas a várias pessoas. Ouço dizer que o filho também está rico como um porco, porque é sécio do outro. É o que consta.

***

Temos que acrescentar a estas informações que Álvaro Ribeiro, sócio de Álvaro Afonso da Granja, faleceu em 1869. Um dos seus legatários e testamenteiros foi o filho de Tomásia. Liquidada a parte do sócio, que avultou a duzentos contos — cifra que ninguém hoje em dia reputa riqueza —, Álvaro Afonso começou a sentir a infinita tristeza da doença que fere todas as fibras e as vai matando uma para uma, minuto por minuto. Não tinha ainda vinte e dois anos. A mie perguntava a Deus se do fundo do seu cálix de expiação havia de beber ainda a última lágrima do filho moribundo.

A medicina mandou o enfermo a ares pátrios. Era uma esperança, que se afigurou à pobre mãe remédio seguro. Em Março de 1870 desembarcaram em Lisboa. Era Primavera, não a dos poetas, mas a Primavera em Portugal, fria e nublosa. Álvaro Afonso tiritava e aquecia o rosto com as palmas ardentes das mãos.

Alugou e mobilou casa em Lisboa. Tomásia não mostrava desejo de voltar ao Minho. Passeavam em carruagem. A mãe gostava do arvoredo do Campo Grande.

Lembrava-lhe Agilde, os castanheiros seculares da quinta de Vasco, as avenidas fechadas de álamos. Também o via a ele, no rosto do filho, quanto pode semelhar-se um rapaz alegre e saudável a outro de olhos mortiços orlados de manchas azuis que davam relevo aos ossos. E afastava-se de Álvaro, a fim de embeber as lágrimas.

Um dia desceram a pé a Travessa dos Carros. Álvaro, no Largo de Andaluz, parou em frente de um palácio. Reconhecera o pátio da casa em que vira o pai. Lá estava um cupé à porta, domo onze anos antes. Estremeceu. Ia ver, segunda vez, o pai. Passados minutos, viu entrar no trem um homem baixo, sobre o redondo, com óculos de ouro e duas grossas cadeias no colete de veludo azul-ferrete. A mãe sentara-se num banco assombrado por uma árvore enfezada que a flora fantasiosa dos Lisboetas chama o Jardim de Andaluz.

«Não morará ele aqui já?», pensou Álvaro Afonso.

O sujeito dos óculos disse ao cocheiro:

— Vamos em casa do Sr. Visconde de Gandarinha, hem? E passe você no Chiado, onde comprei o guarda-lama e pede ele, hem?

Era língua de brasileiro, sem dúvida nenhuma.

Ficou à porta o guarda-portão em mangas de camisa e colete de listas amarelas e escarlates. Álvaro perguntou-lhe:

— Quem mora nesta casa?

— E o Sr. Comendador Barcelos.

— É dele o palácio?

— É muito dele: comprou-o ao visconde.., visconde não sei de quê...

— De Agilde?

— Isso.

— Onde está esse visconde, sabe?

— O boleeiro que ali vai no nosso cupé foi dele. Acho que o visconde está lá para o Minho. Esta casa foi-lhe

penhorada e vendida em praça. Deu cabo de três milhões, o tal banabóia.

— Obrigado — disse Álvaro. Chamou a sege e foi buscar a mãe pelo braço.

— Que estavas tu a conversar com aquele criado? Pareces-me mais pálido!

— Não, a minha mãe; como me pareceu conhecer o homem que entrou no cupé, fui perguntar-lhe quem era.

Até aos dez anos, Álvaro lembrava-se de ter ouvido a sua mãe falar-lhe de Vasco, em conversação com o abade; mas nem no Brasil nem em Lisboa lhe ouvira proferir tal nome, nem lhe ocasionava modo a que ele satisfizesse uma dolorosa curiosidade.

Tomásia lia o Jornal do Comércio e sob a epígrafe «Má estrela» viu a notícia da prisão de D. Telo Mascarenhas, por ter anavalhado um fadista na taberna do Dafundo. O localista acrescentava:

Há fatalidades inexplicáveis. O conde de Cabril, egrégio fidalgo dos arraiais legitimistas, teve três filhos. Um, D. Nuno, morreu há dois anos da marrada de um touro no

Cartaxo; a filha, D. Leonor, que reinou nos salões do seu tempo, casou com um provinciano perdulário que esbanjou o seu e o alheio: escusamos nomeá-lo. O terceiro entrou hoje no Limoeiro, e ali esperará monção de passar à África entre matadores da sua têmpera. Os avós de D. Telo também iam para a África, mas na qualidade de governadores, como D. Fernão de Mascarenhas em 1480, D. Jorge Mascarenhas em 1562 e D. Fernando Mascarenhas em 1628.

Tomásia relia a notícia, com o rosto coberto de lágrimas.

— Que é, a minha mãe? — perguntou Álvaro, curvando-se sobre o ombro dela.

— Aí tens, lê!... Deus é severo com todos os culpados... Aí verás o que o mundo pensa... do teu pai.

E, levantando-se, foi a soluçar para o seu quarto.

Passados instantes, Álvaro entrou serenamente na alcova, pôs a mão amoravelmente no ombro da mãe e disse-lhe:

— Se houvesse um meio delicado de eu socorrer... O meu pai!

Ela apertou-o ao seio, beijou-lhe com arrebatamento as faces e balbuciou:

— Abençoado sejas tu, o meu anjo, o meu adorado filho!… Vinga, vinga a tua mãe.

***

Era Abril.

O visconde de Agilde assistia aos trabalhos de jardinagem da sua filha Piedade. A viscondessa, sempre a tremer de frio com as mãos forradas num regalo velho e esfumado, não sala do fogão. As outras meninas polcavam de chinelos numa grande sala, cantarolando a música, muito esbofadas e vermelhas. Paravam às vezes abraçadas e achavam-se ridículas.

O visconde e a filha viram apear de um garrano, ria testada do portão, um sujeito mal entrajado.

— Quem é aquele homem? — perguntou Piedade.

O pai entalou a luneta no olho direito e disse:

— Algum foreiro dos executados que vem pedir espera, talvez.

Aproximava-se o adventício com o velho chapéu de feltro na mão.

— Jesus! — exclamou Piedade. — Que parecenças ele tem com o mano Heitor!

— Quer alguma coisa? — perguntou Vasco Marramaque no tom usual e impertinente destes interrogatórios.

— Alguns minutos de atenção, se a vossa Excelência mos concede.

— É sobre negócios de foros?

— Não Sr. Visconde.

— Suba. Ficas, Piedade?, — Fico, papá — e não desfitava os olhos do rapaz que tinha o rosto e o timbre de voz do mano Heitor.

O visconde subiu as escadas que levava à saia de espera. Álvaro seguia-o. Passou o fidalgo para uma segunda sala e, entrando primeiro, disse:

— Entre.

Quando entrou, já Piedade, pé ante pé, atravessava o salão e cingia-se escutando.

— Escutar! Porquê? — pergunta a discreta e positiva leitora. —Pressentimento misterioso?

— Não, a minha senhora; simplesmente curiosidade, e curiosidade na aldeia que é capaz de nos fazer andar, para encher tempo, a escutar por portas o que dizem os vizinhos.

Eis o que ela escutou:

— Devo dizer a vossa Excelência o meu nome: chamo-me Álvaro Afonso da Granja; sou filho de Tomásia Afonso, de Agilde.

O visconde não se descompôs, não esbugalhou os olhos, nem expeliu os ahs aspirados dos grandes espantos.

— Bem... — disse ele. — E um pequeno que foi para o Brasil...

— Há onze anos. Tive então a honra de ser apresentado a vossa Excelência por Álvaro Ribeiro...

— Recordo-me.

— Fui infeliz. Uma doença pertinaz, resultante da constituição fraca, não me deixou trabalhar. Voltei pobre e doentíssimo. Disseram-me os médicos que talvez ares pátrios me restaurassem. Estou na Pátria, mas careço de meios com que possa tratar-me.

Venho, pois, pedir um favor a... O meu pai... Não sei se a vossa Excelência consente que eu lhe dê este nome...

— Não nego que sou o seu pai — respondeu o visconde com fina e plácida naturalidade. — Que posso eu fazer no seu beneficio?

— Permitir-me que eu convalesça ou morra na sua companhia — respondeu Álvaro sofreando o transporte de contentamento. — na minha companhia é impossível. Creio que sabe que sou casado e tenho filhos.

— Sei.

— Nesta casa não há a felicidade que chamam fortuna, nem sequer a outra que chamam paz. Sou infeliz, ter-lho-ão dito; infeliz em todos os sentidos. Desejo, porém, concorrer para o seu restabelecimento com os meios escassos de que disponho. Está em Braga?

— No Bom Jesus.

— Em hospedaria?

— Sim, senhor.

— Lembro-me que no Hospital de S. Marcos há quartos particulares com excelentes médicos e ótimo tratamento. Eu escrevo ao meu primo Magalhães, que é o provedor da Misericórdia, e responsabilizo-me pelo pagamento.

— Obrigado a vossa Excelência, mas não venço a repugnância que me fazem hospitais.

— Pois então, conserve-se onde está — respondeu secamente o visconde. — Em todo o caso, se eu fizer pouco no seu auxílio, creia que não posso fazer mais.

Álvaro não sentia os raptos que nos dramas desenlaçam situações análogas. A verdade é pouco dramática. Ele queria desfigurar-se subitamente, manifestar-se rico, sem frases arredondadas de antemão.

Premeditara o que quer que fosse na hipótese de ser bem ou mal recebido; mas o gélido sossego com que o pai lhe falava impunha-lhe moderação no artificio dos

arrebatamentos filiais. De mais a mais enganara-se, pensando que o sangue dos filhos, na presença dos pais, golfava aquelas tempestades que os dramaturgos levantam nas cenas do reconhecimento. Sentia-se a falar com aquele pai como com qualquer outro visconde. Se Álvaro fosse crendeiro até à parvoíce, duvidaria se com efeito Vasco Pereira era o seu progenitor, visto que a natureza não gritava.

O visconde, proferidas as últimas palavras, dera tento que era escutado. Suspeitou da viscondessa. Ergueu-se de ímpeto e foi à porta. Viu Maria da Piedade.

— Escutei, escutei, papá; peço-lhe perdão — disse ela, entrando. — o meu papá disse ainda agora que era infeliz em todos os sentidos. Não me queixo; mas esqueceu-se de mim... Já me tem dito que eu sou a sua consciência e a sua vontade... Pois então, se eu sou a sua vontade, deixe ficar o seu filho nesta casa...

— É impossível. Não conheces o génio da tua mãe?

— Não se diz à mãe quem este senhor é; diga-lhe que é filho de um o seu caseiro da quinta de Arnosa. Conhece-se

que está muito doente — dizia Piedade olhando compadecidamente para o irmão. — Quando o mano Heitor veio do Cruzeiro, vinha assim. Precisa de ser tratado com desvelo. Eu encarrego-me disso, que sou sempre a enfermeira nesta casa.

Estas palavras comoveram Álvaro. Sentia agora o coração que estivera atrofiado face a face do pai. Não era a irmã: era a mulher formosa. Nestes conflitos é que a natureza costuma fazer prodígios. Borbulharam-lhe as lágrimas, e disse balbuciando:

— A minha senhora, a sua compaixão e a compaixão da minha mãe ser-me-iam um divino amparo, se eu pudesse viver.

— Tem mãe? — perguntou Maria da Piedade.

— Sim, tenho, a minha senhora.

— Ah!, tem?! — e olhou para o pai, como a interrogar-lhe mudamente o coração. — E não pode estar com ela... porque são pobres?

Álvaro, abaixando os olhos, fez um gesto afirmativo.

— Deixe estar... — disse ela —, tudo se há de remediar... Está no Senhor do Monte, não está?

— Sim, a minha senhora.

— Deixa-me lá ir amanhã, papá? É um passeio... Vou visitar o meu mano Álvaro...

— E estendeu-lhe a mão, que ele levou aos lábios. — Tem febre!... Que mão tão quente!

Amanhã conversamos, sim?

— Mas que vais tu fazer ao Bom Jesus? — interveio o visconde. — Eu sei o que é; mas podes cumprir o teu desejo sem lá ir.

— Posso; mas se o papá consente, quero lá ir...

— Vai.

— Que caminho segue a vossa Excelência? — perguntou Álvaro Afonso.

— Ora a vossa excelência? «Que caminho segue a mana Piedade?» é como deve dizer. Vou daqui às primeiras capelas a cavalo na burrinha do caseiro; se me parece, dou a volta a cavalo; senão, subo as escadas.

— Eu virei esperá-la às primeiras capelas — disse Álvaro.

— Pois sim; mas veja lá que se não fatigue.

Ouviu-se então no interior da casa uma voz áspera, gritando:

— Não se almoça hoje nesta casa? Onde está metido o Sr. Visconde e a Piedade?

— Lá vamos, mamã! — respondeu Maria.

Álvaro, apertando a mão do pai, beijou-lha e disse-lhe:

— O ouro já não pode dar a felicidade a vossa Excelência. Quem tem esta filha perdeu o direito a esperar outra riqueza.

***

Quando Maria da Piedade avistou o pórtico do Santuário, viu parado um cupé com dois criados na almofada. Perguntou ao escudeiro se conhecia aquele trem.

— É de um brasileiro que está no Bom Jesus há oito dias. Ainda ontem à tarde o vi neste carro na Senhora à Branca. Parece-se muito com o mano da vossa Excelência.

— Com o mano Heitor?!

— Sim, a minha senhora, principalmente quando veio de África, há seis anos.

Maria, insensivelmente, sofreou as rédeas do jumento, que dou se a olhar para o escudeiro e a dizer pausadamente:

— Parece-se com o mano Heitor?

— E como um retrato. Há casos assim, a minha senhora.

Ia perturbada.

A pouca distância do cupé, viu abrir-se a portinhola por dentro e descer Álvaro.

Soltou uma exclamação e retraiu-se dos braços que lhe ofereciam amparo para apear-se.

— Vejo que a minha irmã somente aceita de bom rosto a mão dos seus irmãos pobremente vestidos! — dizia ele sorrindo. — Tem a bondade de continuar o seu passeio na minha sege?

Piedade desceu, aceitou-lhe o braço e entrou na carruagem. Na perturbação com que entrara, deixou cair no tapete de zibelinas um lenço branco que continha cuidadosamente atado pelas pontas um voluminho pesado.

Álvaro levantou-o, e, como ela se desse pressa no receber, negou-se a entregar-lho.

— Que é isto? Saibamos, mana Piedade; o que aqui está parece-me que é a prova real do seu sobrenome — é a piedade fraternal; é uma esmola que vai aqui para um irmão doente e pobre, não é?...

— Eu pensei que... — balbuciou Maria.

— Pensou que já se não faziam romances, principalmente de homens ricos a fingirem-se pobres? Tem razão, mana Piedade, eu sou um desmentido a todos os costumes. Agora, dê-me licença que eu examine todas estas coisas que são as minhas — e desatava as pontas do lenço.

— Não veja — acudiu ela —, não, veja.., peço-lhe...

— Não verei, mas guardo-as: isto é o meu, Se tenho alguma riqueza que me enche a alma, é isto. Olhe, Piedade, olhe para mim... Não lhe parece que estou melhor? Veja o

que é a felicidade! Não me dói o peito, não tenho febre, e até sinto — desculpe-me a prosaica franqueza —, sinto vontade de jantar... Tenho saúde! Quer que eu lhe diga tudo o que se vai formando na minha inteligência, na minha consciência e no meu coração?

Entrei aqui há oito dias sem fé, achava tudo isto uma irrisão da desgraça. Sinto-me agora religioso. Preciso de orar... Hei de ir ajoelhar-me diante da imagem de Jesus Cristo, há de ir comigo, sim? Peço-lhe que me dê saúde, que me deixe viver para poder amá-la, a minha querida irmã; peça-lho a chorar, como eu estou chorando...

E, soluçando, abafava o rosto no lenço que continha as joias de Maria da Piedade.

Quando apearam no terraço do Hotel da Boa Vista, uma senhora gravemente vestida de seda escura avizinhou-se da carruagem.

— É a minha mãe — disse Álvaro; e, descendo, beijou-lhe a mão.

***

As lágrimas da fé, se Deus não existisse, fariam comover o Nada.

Maria da Piedade e a mãe de Álvaro choraram prostradas à cruz de Jesus Cristo.

Pediram a saúde do filho e do irmão, abraçadas aos pés do Redentor.

Álvaro restabeleceu-se.

Foi a felicidade que o salvou? Foi aquele amor de irmão, amor indefinível e santíssimo, que o distraiu da morte e o encheu das forças vitais que a ciência nega ao milagre e concede ao mistério?

Eu, espírito apoucado, tenho a audácia de me erguer até Deus, e não faço grande conta das ciências médicas quando me não dizem porque processo fisiológico se salvou o enfermo que elas me asseveraram moribundo.

Álvaro Afonso da Granja deu pelas joias de Maria da Piedade as quintas do visconde de Agilde penhoradas pelo Banco Hipotecário. Piedade fez presente das quintas ao seu

pai, com a condição da deixar viver seis meses de cada ano em Lisboa com o seu mano Álvaro. Tomásia chama-lhe a sua filha; e D. Leonor de Mascarenhas, quando fala de Álvaro, chama-lhe o bastardo. O visconde de Agilde nunca mais viu a filha do boticário; mas, se um dia puder furtar-se à vigilância da esposa, há de ir ajoelhar-se-lhe aos pés, a confessar a saudade e aliviar o peso da vergonha e do remorso.

S. Miguel de Seide, 25 de Setembro de 1876.